

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE
DE LETRAS 2021**
Nº 66 - JAN/MAR

**REVISTA DA ACADEMIA
NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

Nº 66

NATAL, JANEIRO/MARÇO- 2021

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

Publicação trimestral

Diretor: Manoel Onofre Jr.

Editor: Thiago Gonzaga

Diagramação e capa: Diolene Machado/ CJA Edições.

Ficha Catalográfica



SUMÁRIO

REVISTA DA ANRL: 70 ANOS - Thiago Gonzaga.....	9
INTERAÇÃO ACADÊMICA: PROFESSORES INTEGRANTES DO NÚCLEO CÂMARA CASCU DO DE ESTUDOS NORTE-RIO-GRANDENSES DA UFRN, DISCORREM SOBRE ACADÊMICOS DA ANRL.	
17 ANOS DO NCCEN.	15
A COLEÇÃO “ESTUDOS NORTE-RIO-GRANDENSES”	
Humberto Hermenegildo de Araújo.....	17
JORGE FERNANDES E PALMYRA WANDERLEY: ASPECTOS DA CIDADE NA MODERNA POESIA POTIGUAR	
Alexandre Alves e Mateus Bezerra Fernandes	24
A POESIA FRATERNA DE JOÃO LINS CALDAS	
Cássia de Fátima Matos dos Santos.....	40
ENTRE POESIAS E CRÔNICAS: NARRATIVAS SOBRE A AVIAÇÃO POTIGUAR	
Izabel Cristina da Costa Bezerra Oliveir e Haddamis Hyago de Lima Barreto	54
A POÉTICA DO ESPAÇO NO ROMANCE MACAU, DE AURÉLIO PINHEIRO - Maria Aparecida de Almeida Rego.....	81
O DOENTE APRENDIZ E A ESCRITA TERAPÊUTICA: O QUE PODEMOS APRENDER COM LUÍS DA CÂMARA CASCU DO? - Regina Lúcia de Medeiros.....	96



OUTROS ARTIGOS E ENSAIOS

VIVI VIVE - Diogenes da Cunha Lima.....	117
UMA VIAGEM À RODA, EM VOLTA E AO REDOR DE XAVIER DE MAISTRE, DESDE O ANO DE 1888	
Vicente Serejo	119
VIAJANDO COM A AMIGA AGATHA CHRISTIE	
Marcelo Alves Dias de Souza	125
A MEDICINA E A HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE - Iaperi Araujo	140
DIOCLÉCIO DANTAS DUARTE - Eulália Duarte Barros ..	147
ANRL – 84 ANOS - Jurandyr Navarro	153
SOBRE UM EDITOR CAMARADA - Geraldo Queiroz.....	158
DOM EUGÊNIO DE ARAÚJO SALES - Francisco de Assis Câmara.....	163
IDEALISMO, DETERMINAÇÃO, COMPETÊNCIA	
Safira Bezerra Ammann	170
EM NOME DA PELE-POESIA - Maria Marcela Freire	175
Valdenides Cabral de Araújo Dias.....	175
UMA NOVA PERSPECTIVA PARA A HISTÓRIA: A TRILOGIA DE HONÓRIO DE MEDEIROS, CANGAÇO, PODER E CIÊNCIA - Gustavo Sobral	191
NEI LEANDRO DE CASTRO: 80 ANOS	
Chumbo Pinheiro	200
CARTA A NELSON PATRIOTA - Andreia Braz.....	202



CAÇADORES DE MICRÓBIOS

Daladier Pessoa Cunha Lima208

A MATURIDADE E O APURO DA ARTE DE FLÁVIO FREI-
TAS - Manoel Onofre de Souza Neto211

UMA VISITA À CASA DE PEDRA DO PIUM

Carlos Roberto de Miranda Gomes214

FEITURA DE CERCAS NA FAZENDA ARACATI

Benedito Vasconcelos Mendes220

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS ME- MÓRIA ACADÊMICA CURIOSIDADES QUE ANOTEI

Ricardo de Moura Sobral.....224

ENTREVISTA COM O ESCRITOR NELSON PATRIOTA

CONVERSA COM NELSON PATRIOTA - Lívio Oliveira .229

HUMOR NOSSO DE CADA DIA241

MEMÓRIA POPULAR VIII - Valério Mesquita243

CONTOS E CRÔNICAS247

ATÉ - Clauder Arcanjo.....249

INSUBMISSA - Josimey Costa da Silva251

MARIVI - Manoel Onofre Jr262

JILÓ - José Delfino264

CRÔNICAS da FLORESTA NEGRA 03 - Antonio Nahud..266



POEMAS

NOTURNO DAS ROCAS* - Nei Leandro de Castro	275
VOCATIONIS ITINERARUN - Diogenes da Cunha Lima..	277
DOIS SONETOS DE JARBAS MARTINS	278
O PIANO - Elder Heronildes.....	280
TRÊS POEMAS DE PABLO CAPRISTANO	283

NECROLÓGICO

MURILO MELO FILHO – Lívio Oliveira.....	287
---	-----

REVISTA DA ANRL: 70 ANOS

Thiago Gonzaga

A Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras está comemorando, neste ano de 2021, 70 anos de existência e uma fase de oito anos de atividades ininterruptas, chegando atualmente a sua 66ª edição. Fato inédito, em se tratando de periódico literário/cultural aqui no Estado.

A Academia Norte-rio-grandense de Letras, como é notório, foi fundada em 1936, por Luís da Câmara Cascudo, juntamente com Henrique Castriciano e outros intelectuais potiguares, como Aderbal de França e Palmyra Wanderley. Em 1951, após diversas tentativas, lançou-se a primeira edição da *Revista da Academia*, sob a direção do acadêmico Nestor Lima.

Os números iniciais voltaram-se, sobretudo, para os membros fundadores da Academia, escolhidos entre nomes expressivos, como Edgar Barbosa, Otto Guerra e Waldemar de Almeida.

O movimento literário local, ao longo da primeira metade do século XX, era fomentado com o surgimento de novos escritores e, conseqüentemente, a congregação dos poetas em associações e grêmios proporcionou uma maior circulação dos textos produzidos por esses grupos que se fixaram na capital, tendo alcance publicitário em todo o território norte-rio-grandense e até mesmo fora dele. A literatura de folhetins, então, foi de suma importância para a veiculação dos textos literários e de informações sobre seus autores.

Foi no contexto dessa efervescência cultural, de publicação de periódicos literários, que surgiu a *Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras*. No editorial da edição de estreia, em 1951, consta que a revista é “[...] um órgão de imprensa destinado a afirmar a sua existência nos domínios das letras potiguares”. E reforça que a mesma se propõe “a registrar as nossas letras e colaborar



no engrandecimento da cultura do estado, num simples desejo de servir às “manifestações intelectuais dos conterrâneos” (REVISTA, 1951, p. 08).

Já nessa edição de estreia foram publicados discursos de Edgar Barbosa, Juvenal Lamartine, Luís da Câmara Cascudo, Clementino Câmara, Nestor Lima, Palmyra Wanderley e Carolina Wanderley, além de outros textos variados, num volume de 220 páginas, o que faz da revista, na verdade, uma coletânea de escritos esparsos de diversos literatos potiguares. A publicação foi recebida com louvores por intelectuais do Estado e teve maciça participação dos escritores acadêmicos. Matéria no jornal *A Ordem*, de 30 de agosto de 1951, destaca justamente os “discursos de posse acadêmicos homenageando os patronos” (p.4). Mereceu realce a presença feminina, pioneira na instituição, como, por exemplo, no discurso da acadêmica Palmyra Wanderley sobre a patrona da sua cadeira: Auta de Souza.

Na fase atual, digamos assim, que começo precisamente em agosto de 2013, quando viemos a convite do Presidente da ANRL, Diogenes da Cunha Lima e do Diretor da Revista, Manoel Onofre Junior, colaborar como editor, dando início à publicação trimestral do periódico, que passou a circular regularmente de janeiro de 2014 até os dias atuais.

A primeira edição da Revista da ANRL, com foi visto, foi publicada em 1951, e teve como primeiro diretor o historiador Nestor Lima. Com o passar dos anos outros diretores foram assumindo - Luís da Câmara Cascudo, Aderbal de França, Antonio Soares, João Wilson Mendes Melo - todavia o periódico circulava com tiragens irregulares, devido às dificuldades que todos nós conhecemos em publicar livros no Estado. Às vezes, passavam-se anos sem sair uma edição sequer, e como bem falamos, a partir da edição janeiro/março de 2014, sob a direção do escritor e acadêmico Manoel Onofre Jr, (que já se tornou o diretor que passou mais tempo no cargo e produziu mais edições em sua gestão), a revista

renasceu com tiragens regulares, trimestralmente, superando, sob esse aspecto, qualquer outro periódico cultural do Estado ao longo dos anos. E vale ressaltar que, no momento, não existem, pelo menos de forma oficial, outros periódicos culturais em circulação regular, e impressa, no Rio Grande do Norte; isso só reforça a importância da Revista da ANRL para a nossa cultura literária, sobretudo registrando-se uma época muito fértil das nossas letras, com vários escritores publicando nos quatro cantos do Rio Grande do Norte, além de haver um forte crescimento na área de estudos e pesquisas sobre a literatura do RN no âmbito das universidades.

Comemorando sua fase mais prolífica e regular, a diretoria resolveu publicar nas capas da revista telas dos principais artistas plásticos do Estado. A estreia se deu com a edição de número 55, abril/junho, de 2018, com capa de Dorian Gray Caldas. Desde então vários outros artistas plásticos nascidos ou radicados no Rio Grande do Norte têm embelezado as capas como Newton Navarro, Leopoldo Nelson, Iaperi Araújo, Tulio Fernandes, Cláudio Emerenciano, Abraham Palatinik, Flávio Freitas, Alfredo Neves...

Uma das principais características da nova etapa da revista é a abertura para a comunidade literária, abrindo e ao mesmo tempo unindo a Academia com a intelectualidade potiguar, abertura esta praticamente inédita e também cedendo espaços para publicação de trabalhos de pesquisadores, estudantes e professores, da UFRN, UERN, IFRN, UNP, fazendo inclusive com que a revista, conseguisse obter o seu primeiro “Qualis” (sistema brasileiro de avaliação de periódicos), o primeiro do Estado para um periódico deste segmento.

No início de 2014, na edição que marcou a retomada do periódico, que estava sem circular desde 2011, fizemos uma parceria com a CJA Edições e a Offset Gráfica, comandada por Ivan Júnior, para tomarem conta da diagramação e impressão, e tivemos a capa criada pelo editor Cleudivan Janio, através de um esboço feito, anos antes, por Nei Leandro de Castro.

A partir da edição nº 43, uma nova proposta editorial, com a *designer* Diolene Machado dando-lhe outra roupagem, inclusive nova capa, inspirada na *pop art*. Com a ativa participação de acadêmicos e da comunidade literária, a revista foi ficando mais volumosa e ascendendo em conteúdo; afora textos literários, temas de história e cultura, pesquisas e estudos diversos ganhavam cada vez mais espaço. Vale ainda dizer que, nos bastidores, trabalhávamos com afinco na distribuição, para que a revista chegasse ao maior número de leitores possível. Devemos frisar que é gratuita, e pode ser retirada na Instituição diariamente por qualquer interessado.

Destacamos também a edição 44 em que foi feita grande homenagem ao recém-falecido acadêmico Ticiano Duarte e que trazia um conto praticamente desconhecido de Câmara Cascudo, publicado em 1928 na revista Feira Literária. Nas edições seguintes, as mulheres acadêmicas, sempre atuantes na revista, também mostraram voz e vez, por exemplo, a escritora e poeta Diva Cunha, com uma homenagem às mulheres de letras, Zila Mamede e Nisia Floresta, dentre outros temas e assuntos. Também abriu-se espaço para outras escritoras representativas da nossa literatura contemporânea, como Clotilde Tavares, Carmen Vasconcelos, Rizolente Fernandes, Anchella Monte, Cellina Muniz, Marize Castro... numa demonstração de que a revista está atenta ao que acontece na comunidade literária. E também acolheu, em suas páginas, alguns dos principais nomes da nossa literatura atual como Osair Vasconcelos, Racine Santos, Aldo Lopes de Araújo, Francisco Sobreira, Demétrio Diniz, Tarcísio Gurgel, e escritores de outros estados, como Sânzio de Azevedo, Marco Lucchesi, Enéas Athanázio e Hildeberto Barbosa Filho.

A partir da edição 47, nova capa, sempre com mais literatura, poesia, ensaios, contos e crônicas. Na edição nº 48 homenageou-se o escritor Hélio Galvão, sendo esta uma das edições que se esgotaram mais rapidamente, quase que no dia do lançamento, realizado na Academia. Essa edição também iria marcar uma série de quatro edições equivalentes a um ano de tiragem sob patrocínio

da lei municipal Djalma Maranhão, com apoio da Casa de Saúde São Lucas e Fundação Capitania das Artes, presidida pelo poeta e escritor Dácio Galvão.

Em novembro de 2016, a Academia Norte-rio-grandense de Letras completou 80 anos, e a revista trouxe vários textos de acadêmicos celebrando a data, além de textos outros com documentos da vanguarda natalense sobre os 50 anos do poema processo. Nota-se que já era visível no periódico a participação esporádica dos poetas dessa geração como Jarbas Martins, Anchieta Fernandes e Falves Silva, o primeiro, eleito para a cadeira nº 20 da Academia.

Mantendo uma nova tradição de mudar as capas anualmente, a edição número 50 trouxe dezenas de textos, em homenagem a Dorian Gray Caldas, um dos nossos maiores artistas, e trouxe também uma entrevista que ele nos concedeu, meses antes de falecer. Outras homenagens foram prestadas a acadêmicos do passado e do presente, como, por exemplo, Nestor Lima, Paulo Bezerra, Sanderson Negreiros, Dom Nivaldo Monte, afora dezenas de discursos de saudação e posse, numa fase em que foram eleitos para ANRL importantes intelectuais potiguares.

Em março de 2019, foi publicada uma edição especial (n 58) em homenagem ao dia internacional da mulher, com a participação de diversas escritoras tendo como foco os grandes nomes femininos do nosso Estado em destaque na área cultural, vários nomes fizeram presença, inclusive da nova geração, Iara Maria Carvalho, Jeanne Araújo...

Por fim, a Revista da ANRL, chega aos seus 70 anos e entrega ao leitor a edição número 66, destacando as homenagens aos vinte anos do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses (NCCEN), e ao escritor e jornalista Nelson Patriota, falecido no dia 06 de janeiro de 2021, além de comemorar os 80 anos de um dos nossos maiores escritores, Nei Leandro de Castro.

INTERAÇÃO ACADÊMICA:

PROFESSORES INTEGRANTES DO NÚCLEO CÂMARA
CASCU DO DE ESTUDOS NORTE-RIO-GRANDENSES DA
UFRN, DISCORREM SOBRE ACADÊMICOS DA ANRL.

17 ANOS DO NCCEN.

A COLEÇÃO “ESTUDOS NORTE-RIO-GRANDENSES”

Humberto Hermenegildo de Araújo

O Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-rio-grandenses, surgiu como resultado da iniciativa de pesquisadores interessados em sistematizar, produzir e difundir conhecimentos sobre o Rio Grande do Norte, em áreas afins, incluindo o estudo e a reflexão crítica sobre a obra de Câmara Cascudo.

Tal convergência de fatores positivos implica variáveis dignas de destaque, como é, em se tratando de Câmara Cascudo, a sensibilidade da família do homenageado no tocante às ações dos pesquisadores do Núcleo. O **Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo** representa de forma institucional uma experiência bem sucedida de acordo de cooperação com a UFRN. Enaltecemos tal sensibilidade como exemplo de uma consciência sobre a carência social em investimentos na cultura.

Trata-se, no caso da UFRN, de cumprir uma função social: a universidade **do Rio Grande do Norte** tem o dever de transformar e de promover o intercâmbio do conhecimento, especialmente daquele originado no lugar onde está inserida. Por causa dessa função, o Núcleo Câmara Cascudo propôs à Editora da UFRN a criação da coleção *Estudos Norte-Rio-Grandenses*, cujo critério de seleção de títulos se norteia pela acolhida a estudos de especialistas em aspectos da realidade potiguar, nos diversos campos do conhecimento. Até o presente momento, foram publicados dezoito livros com o selo da coleção. Dezesseis desses livros têm como editora a EDUFRN, conforme a seguinte lista, que inclui todos os títulos.

1. Livros de autoria de Luís da Câmara Cascudo [3]:

Crônicas de Origem: A cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20. Organização e estudo introdutório de Raimundo Arrais (2005);

No caminho do avião... notas de reportagem aérea (2007);

A casa de Cunhaú. Natal: Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo, 2017;

2. Livros sobre Câmara Cascudo [5]:

SOUZA, Ilza Matias de. *Câmara Cascudo: viajante da escrita e do pensamento nômade* (2005);

LIMA, Pedro de. *Luís da Câmara Cascudo e a questão urbana em Natal* (2006);

CASCUDO, Daliana (Org.). *Câmara Cascudo: 20 anos de encantamento* (2006);

MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice (Orgs.). *História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade - 1924 a 1944* (2012);

FERREIRA, José Luiz; ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de (Orgs.). *Interlocações latino-americanas: Câmara Cascudo e escritores estrangeiros*. João Pessoa: Ideia, 2018;

3. Livros sobre literatura local [8]:

FLORESTA, Nísia. *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Organizado por Constância Lima Duarte (2009);

CALDAS, João Lins. *Poeira do Céu e outros poemas*. Organizado por Cássia de Fátima Matos dos Santos (2009);

ITAJUBÁ, Ferreira. *Dispersos: poemas e prosas*. Organizado por Mayara Costa Pinheiro e Humberto Hermenegildo de Araújo (2009);

MAMEDE, Zila. *Exercícios de poesia: textos esparsos*. Organizado por Maria José Mamede Galvão, Marise A. Mamede Galvão e Humberto Hermenegildo de Araújo (2009);

SANTOS, Derivaldo dos; ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de (Orgs.). *Memórias de contiguidades: leituras sobre textos de autores potiguares em periódicos do século XX* (2013);

FERREIRA, José Luiz; ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de (Orgs.). *Arquivos de correspondências: carta e vida literária de escritores do Rio Grande do Norte* (2015);

PALHANO, João Maria Paiva; ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de (Orgs.). *Palmyra Wanderley entre trinta botões de uma roseira brava: estudo crítico e seleção de poemas* (2017);

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de (Org.). *Cartas de escritores: vida literária em epistolografia “modernista”* (2017);

4. Livros sobre temas diversos (História, Cultura, etc) [2]:

ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenuska; MARINHO, Márcia Marinho. *O corpo e a alma da cidade de Natal: entre 1900 e 1930* (2008);

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. *A questão do folclore no Brasil: do sincretismo à Xipofagia* (2009).

A publicação de alguns desses livros contou com a participação, direta ou indireta, de membros da Academia Norte-rio-grandense de Letras. A acadêmica Anna Maria Cascudo Barreto foi uma grande incentivadora das publicações da coleção, tendo sido a responsável pelo encaminhamento dos originais do título *No caminho do avião... notas de reportagem aérea* (2007) para edição. O material fora encontrado em arquivo da família do acadêmico Carlos Roberto de Miranda Gomes e encaminhado à família

Cascudo, tornando-se possível o surgimento de mais um título na bibliografia cascudiana (cf. “Prefácio” da obra, por Fernando Hippólito da Costa).

Em 2006, na comemoração dos 20 anos de “encantamento” de Câmara Cascudo, surgiu a coletânea *Câmara Cascudo: 20 anos de encantamento*, organizada por Daliana Cascudo, com o registro de discursos e artigos publicados em jornais e revistas. Como autores, colaboraram os acadêmicos Diogenes da Cunha Lima, Vicente Serejo, Anna Maria Cascudo Barreto, Enélio Lima Petrovich, e Murilo Melo Filho.

Já a publicação de *Poeira do Céu e outros poemas*, de João Lins Caldas, teve a colaboração do acadêmico Paulo de Tarso Correia de Melo (“O mistério do poeta e a decifração do poema” – 2009, p. 31-35), que era então Presidente do Conselho Estadual de Cultura, instituição responsável pela guarda dos manuscritos do autor. Anos mais tarde (em 2017), a acadêmica Diva Cunha prefaciou a obra *Palmyra Wanderley entre trinta botões de uma roseira brava: estudo crítico e seleção de poemas*, publicação que consolidava o olhar dos pesquisadores do NCCEN sobre os patronos e fundadores da ANRL: Nísia Floresta, Ferreira Itajubá e o próprio Câmara Cascudo já haviam sido contemplados com títulos da coleção em anos anteriores.

A relação do núcleo com a Academia Norte-rio-grandense de Letras, porém, ultrapassa os limites da coleção aqui apresentada. Em outras publicações sobre a literatura local, a memória dos acadêmicos é reconhecida de forma direta ou indireta (por alusão), a exemplo dos seguintes títulos que são resultados de pesquisas realizadas no âmbito do NCCEN:

ALVES, Alexandre. *Poesia submersa: poetas e poemas no Rio Grande do Norte 1900-1950*. Mossoró-RN: Queima-Bucha, 2014;

ALVES, Alexandre. *Poesia submersa: poetas e poemas no Rio Grande do Norte 1950-1970*, volume II. Mossoró-RN: Queima-Bucha, 2015;

GALVÃO, Dácio. *O poeta Câmara Cascudo: um livro no inferno da biblioteca*. Natal: SESC, 2018;

GONZAGA, Thiago. *Tempo, memória e poesia: um estudo das obras Corpo breve e Os pássaros da memória de Diogenes da Cunha Lima*. Natal: Offset, 2018;

GURGEL Tarcísio. *Belle Époque na esquina: o que se passou na República das Letras potiguar*. Natal: Ed. do autor, 2009;

LIMA, Maria Luzinete Dantas. *Memória por correspondência: relembrando a história do nascimento de Macaíba*. Macaíba-RN: Instituto Tavares de Lyra, 2018;

MEDEIROS, Regina Lúcia de. *Entre mortos e vivos: a escrita ensaística do Preludio e fuga do real*. Natal: EDUFRN, 2016

REGO, Maria Apararecida de Almeida. *Entre salinas e maledicências: uma leitura do romance Macau em contexto de ensino*. Natal: EDUFRN, 2018.

Não poderia faltar, nesta espécie de balanço, colaborações diversas e edições em suportes eletrônicos, como foi o caso dos documentários *Noite Auta, céu risonho*, sobre Auta de Souza, de autoria de Ana Laudelina Ferreira Gomes (2008); *Oswaldo Lamartine: um príncipe do sertão*, editado por Vilma Vítor Cruz, Humberto Hermenegildo e Agnaldo Tavares (2011) e *Tinta de pinhão bravo*, sobre Oswaldo Lamartine, editado por Vilma Vítor Cruz, Humberto Hermenegildo e Agnaldo Tavares (2015).

Finalmente, gostaria de destacar a participação de pesquisadores do NCCEN nos seguintes produtos e eventos, dada a sua

importância para a memória local:

Exposição itinerante *Ler/Sonhar: signos da busca da brasilidade no encontro Mário de Andrade e Câmara Cascudo* – dezembro de 2008, com curadoria de Daliana Cascudo e Humberto Hermenegildo –, parceria com **Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo**);

Aposição da logomarca NCCEN nos livros da coleção *Coleção Câmara Cascudo: memória* – EDUFRN (2010), apoio **COSEFN**;

Palestra na Universidade de Coimbra/Portugal – *Câmara Cascudo e o modernismo brasileiro*, por Humberto Hermenegildo de Araújo, na *Semana Cultural Brasileira* (23 a 27 de maio de 2011);

Elaboração de notas, revisão geral e traduções de vocábulos, expressões e citações de trechos de obras em língua estrangeira presentes no corpo dos capítulos de *Prelúdio e fuga do real*, de Luís da Câmara Cascudo (2. ed., São Paulo: Global, 2014).

Ao longo da existência do NCCEN como órgão da UFRN, a obra cascudiana tem se atualizado a cada pesquisa concluída, uma vez que as leituras efetivadas dão novos sentidos a ela. Uma parcela dessa atualização é decorrente do esforço interpretativo desenvolvido no âmbito de programas de pós-graduação da universidade. Desse esforço, aliado a ações desenvolvidas por pesquisadores, surgiu o Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses.

A experiência que relatamos demonstra que existe um conhecimento crítico acumulado sobre representações literárias e culturais acontecidas no Rio Grande do Norte, no contexto da moderna literatura brasileira do século XX, com participação decisiva do autor de *Alma patrícia*. Examina-se, através da leitura do texto cascudiano – seus livros e um conjunto de artigos esparsos, publicados na imprensa local, sobre livros, poetas e escritores potiguares –, a tentativa de Câmara Cascudo no sentido de sistematizar a produção literária local durante as primeiras décadas do século XX. O

resultado é um contraponto entre a perspectiva cascudiana como leitor de literatura e a perspectiva do conhecido historiador, folclorista e etnógrafo. Busca-se, neste sentido, uma compreensão do processo literário brasileiro nas suas manifestações regionais e nas suas implicações com o processo de modernização da sociedade.



Coleção Estudos Norte-rio-grandenses

HUMBERTO HERMENEGILDO DE ARAÚJO é poeta e escritor, professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de diversos livros, dentre eles, “Rastejo” (romance) e “Argueirinha” (poemas).

JORGE FERNANDES E PALMYRA WANDERLEY: ASPECTOS DA CIDADE NA MODERNA POESIA POTIGUAR

Alexandre Alves

Mateus Bezerra Fernandes

Paisagens naturais! Desta cidade,
Onde reina o prazer em confusão,
Eu transporto-me além à soledade
E devasso o porvir e a imensidade
“Paisagens”, José Leão (1877)

1. Introdução (ou os modernos potiguares nascem da cidade)

O Modernismo – seja ele literário, musical ou artístico, em seu sentido mais amplo – nasceu junto da expansão das cidades no lado ocidental do mundo e da modernização entre fins do século XIX e começo do século XX, cuja culminância na Primeira Guerra Mundial (1914-1917) chega a ser um marco divisório entre um passado recente e um futuro multifacetado, segundo autores como Hobsbawn (1995). No solo europeu, o Modernismo nas artes plásticas naquilo hoje chamado de “vanguardas europeias” (TELES, 1983) – em boa parte, uma arte também gerada diante do absurdo do conflito bélico europeu – chamou a atenção de figuras importantes no Modernismo brasileiro, caso de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, ambos testemunhando tudo nas incursões de ambos ao velho continente. Para desaguar na Semana de Arte Moderna de 1922, a história é vasta e já bem documentada.

Todavia, em Natal as figurações da poesia moderna que nasceriam com a Semana de Arte Moderna de 1922 não estavam presentes em *Alma patricia*, livro de estreia de Luís da Câmara Cascudo publicado em 1921, aliás, primeiro livro de crítica literária no



estado do Rio Grande do Norte. O mesmo foi percebido na primeira coletânea da poesia local, o volumoso *Poetas do Rio Grande do Norte*, de 1922, organizado por Ezequiel Wanderley. Em mais de cem nomes que integram a compilação, nenhum poema com traços ou vestígios do verso moderno, como assim era de praxe na lírica brasileira.

Ainda de acordo com Cascudo (1998), os poetas potiguaros do começo da década de 1920 ainda se encontravam todos com caracteres do século XIX, assim como significativa parte da produção lírica nacional, como atesta Hildeberto Barbosa Filho (2001, p. 173) ao tratar do cenário paraibano na década de 1920: “[...] a capital paraibana dos anos vinte mescla, entre assustada e temerosa, algo de provinciano, de atrasado com a atração pelas novidades que por aqui aportavam. A bem dizer, o conflito entre passado e presente, entre tradição e novidade, terminava se relativizando, pois, de alguma maneira, seus elementos se acomodavam”.

Na região Nordeste, a cidade de Recife seria o centro irradiador das novidades modernas, mas não sem antes também se relativizar a presença de seus autores no começo do século XX, como assim apontam estudos importantes, como o de Azevedo (1996, p. 28): “[...] não obstante o atraso em que se encontrava o Nordeste com relação ao Sul, Recife de qualquer modo era palco de um incipiente desenvolvimento urbano, industrial. Tal fato contribuía para gerar um estado de tensão, responsável, por sua vez, pela consciência de uma necessidade de mudança”.

Nas plagas potiguaras, já em sua segunda obra, Cascudo apontava a importância da figuração da cidade para os autores de várias eras, citando desde a civilização grega e Jesus Cristo até chegar a nomes como Baudelaire e Verlaine, não por acaso dois nomes de clara influência sobre os nascentes poetas modernos. Ele afirma em uma das páginas de *Joio* (1924, p.129) que “[...] fica o poeta entre o dilema de ser camponês ou cidadão. Entre ele (*sic*) os motivos semelham espiritualmente, mas entre o rio, as árvores,

o campo e a cidade drapejando ao vento as mil bandeiras da civilização, há o infinito”.

Imaginar Natal e seus arredores não poderia escapar ainda de uma imagem bucólica, num município no qual habitavam apenas cerca de 30.000 almas (SOUZA, 2008), mas uma população já quase com o dobro do anotado no censo do ano de 1900, no qual constavam pouco mais de 16.000 habitantes, todos ainda espalhados pela área das Rocas, Santos Reis e Ribeira, além da Cidade Alta. Somente na década de 1920 é que a conjuntura passaria a mudar de ares, segundo Araújo (1995, p. 27): “Assim, pode-se dizer que a Natal dos anos 20 era um misto de província atrasada e ‘deslumbrada’ e/ou assustada diante das novidades que se apresentavam na realidade”, situação que incluiria igualmente a produção poética.

Se hoje, em plenos anos 2000 e sua imensa gama de informações, a lírica potiguar ainda parece uma nobre desconhecida para significativa parcela de sua população – e também, vergonhosamente, de seus próprios poetas atuais –, tal conjunto se faz presente na lírica brasileira há muito tempo, como se fosse uma espécie de “lacuna informativa de mercado”, assim indicam opiniões como a de Barbosa Filho (2009, p. 145): “Entre os muitos fatores que impedem essa leitura [da poesia], fatores seculares sobre os quais não nos cabe tocar aqui, ressalte-se o monopólio editorial ainda atrelado aos interesses da produção no eixo Rio-São Paulo”. Sendo assim, o leitor de hoje pode imaginar o quanto foi conflituoso ser moderno na provinciana Natal e em outras cidades norte-rio-grandenses na década de 1920.

2. Bravos modernos nos trópicos potiguares: a década de 1920

O nascimento mesmo da poesia moderna potiguar se daria mesmo com o natalense Othoniel Menezes (1895-1969), que já havia publicado os românticos *Gérmén* (1918) e *Jardim tropical* (1923). Ele foi o primeiro a publicar no Rio Grande do Norte um texto poético com caracteres modernos, pois o poema “Atavismo”,



de longos versos de teor narrativo, foi publicado na edição de setembro de 1925 da revista *Letras Novas*, “porém não obteve quaisquer repercussões locais” (ALVES, 2014, p. 58). O pioneirismo de Menezes teve seu preço – o poeta só viraria moderno de vez na obra *A canção da montanha*, de 1955 – e até Cascudo se aventurou no verso moderno, enviando poemas em cartas a Mário de Andrade entre 1925 e 1926, inclusive com alguns sendo publicados em revistas como *Terra Roxa e Outras Terras*.

Em Natal, quem realmente chamou a atenção foi o já quarentão Jorge Fernandes (1887-1953), autor do *Livro de poemas de Jorge Fernandes*, de 1927, obra já com significativa fortuna crítica local, mas faltando ainda o reconhecimento em um patamar nacional. Outro que poderia ter ganhado destaque seria o assuense Francisco Amorim, que chegou a declamar alguns poemas de seu livro *Forrobodó* em 1929 numa tertúlia de sua cidade, mas somente veio a publicá-lo já bem tardiamente na década de 1980. No pequeno volume do poeta editado em 1984 aparecem dez poemas tratando de temas recentes na poesia, como o automóvel e a luz elétrica, mas ao lado destes surge também um temário regional, tratando do coronelismo e do carro de bois, por exemplo.

Sendo assim, quem ficou em destaque no cenário nacional foi a natalense Palmyra Wanderely. Pioneira por ter sido uma das editoras da revista *Via-Láctea* ainda em 1914, a autora publicou seu segundo livro nomeado *Roseira brava* em 1929 – antes havia saído o volume *Esmeraldas* em 1918 – e em 1931 o novo livro de Palmyra ganharia menção honrosa no “Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras”. Era o Modernismo potiguar marcando seu nascimento, de vez, na poesia.

3. Jorge Fernandes: o livro sem precedentes na lírica norte-rio-grandense

Em sua *Formação da literatura brasileira*, o renomado crítico Antonio Candido (2017) cita alguns pressupostos capazes de solidi-

ficar o sistema literário de um país, como a disposição de espírito, a integridade estética, e a representação do conteúdo. Segundo ele, esses pontos são capazes de “[...] descobrir a *coerência* das produções literárias, seja a interna, das obras, seja a externa, de uma fase, corrente ou grupo” (CANDIDO, 2017, p. 39, grifo do autor).

Partindo deste pressuposto, é possível verificar, no tocante às primeiras produções poéticas no Rio Grande do Norte, ora o mimetismo, como bem destaca Alves (2014), de escolas que serviram como modelos literários nesse período, destacadamente encontrado nos versos de poetas como o açuense José Leão (1850-1904), a macaibense Auta de Souza (1876-1901) e o natalense Lourival Açucena (1827-1907), nos quais “os traços de uma tradição relacionada ao Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo, aparecem com nitidez, revelando um conhecimento sobre as tendências literárias vigentes” (ALVES, 2014, p. 14-15).

Esse fato possibilitou a um pequeno número de poetas potiguares um fazer poético autêntico e inovador, que retratasse, conforme uma das proposições do “Manifesto Regionalista” apresentado pelo pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987) em 1926 – coincidentemente um ano antes da publicação do livro de estreia poética de Jorge Fernandes –, “a civilização regional do Nordeste como expressão de uma harmonia de valores” (FREYRE *apud* TELES, 1983, p. 345). Em sua única obra no gênero lírico, o *Livro de poemas de Jorge Fernandes* (1927) vai ao encontro com os ideais prescritos pelo “Manifesto Regionalista”, sendo constituído por poemas, a exemplo de “Rede” e “Té-téu”, “sem rima nem métrica e contendo experimentações visuais nada usuais para o período” (ALVES, 2014, p. 74). A temática da obra gira em torno do contraste entre o novo adentrando terras potiguares, simbolizado por carros e aviões, e o antigo, representado pela paisagem e costumes regionais. Além disso, ainda há aqueles poemas que satirizam as escolas literárias pregressas, como o Parnasianismo, versado em textos irônicos como “Meu poema parnasiano”.



Esse lirismo localista implementado pela lírica de Jorge Fernandes acentua, de acordo com Hugo Friedrich (1978, p. 153) analisando a lírica europeia – que muito influenciou o Modernismo brasileiro –, a “[...] originalidade em sua forma de expressão, que na maioria dos casos não é tanto a consequência quanto a causa de seu ver diferente”. Nesse sentido, o fascínio pela máquina ao mesmo tempo se mistura com o espanto de uma região que custa a se adaptar à nova era tecnológica, e disso emergem versos nos quais exprimem, com uma originalidade singularmente modernista (ALVES, 2014), a imagem desses dois lados: daquele que promove a alteração e daquele que sofre a transformação.

Esse constante entrelaçamento entre os movimentos de mudança que ocorrem no ambiente da região por conta da chegada do novo, segundo Kevin Lynch (2011, p. 02) discorrendo sobre a imagem da cidade ocidental, é resultado de uma percepção fragmentária da urbe, que, por um lado, “[...] pode ser estável por algum tempo, por outro lado está sempre se modificando nos detalhes”. Ou seja, a ocorrência desta percepção presente na obra de Jorge Fernandes se deve ao fato de uma “[...] integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia (que se apresentam como forma da expressão)” (CANDIDO, 2006a, p. 117).

São esses tópicos envolvendo o local e o universal em textos de Jorge Fernandes, como “Cantilena” e o “O bonde novo”, que surgem consoantes na presença de múltiplas relações (intimistas e sociais) entre a representação poética da cidade e o ser humano, entre a experiência do homem e o espaço da urbe, gerando subtemas em cada um dos poemas. Seria a prova viva de que o verso moderno já ampliava seu olhar sobre a (nova) realidade, seja versando sobre a mudança de espaço físico em decorrência da entrada do novo, seja retratando as consequências intimistas que essas alterações causam em seus moradores.



No final dos anos de 1920, o estado do Rio Grande do Norte assistia, sob o comando do então governador Juvenal Lamartine, a mudança paulatina de suas estruturas, tanto em nível social quanto urbano. Os resultados da crescente invasão das novas tecnologias atingiram em cheio a vida na urbe, exemplificados pela evolução dos sistemas aeroviário e portuário (estes para poucos devido ao alto custo) e ferroviário. Em um de seus icônicos poemas, o eu lírico jorgeano descreve a imagem de um dos bondes oriundos do sistema de via férrea na capital potiguar. Entretanto, ao mesmo tempo em que o eu lírico vislumbra a figura atual do bonde, ele eleva a paisagem praiana esquecida pela chegada desse novo e peculiar transporte na cidade em “O bonde novo” (FERNANDES, 2008, p. 62):

O bonde que inauguraram
É amarelo e muito claro...
Sua campa bate alegre e diferente das outras...
Os olhos vermelhos indicam Petrópolis...
Anda sempre cheio porque é novo...
Chega na balaustrada espia o mar...
E os passageiros todos nem olham p'ro mar...
Só veem o bonde novo...
Só ouvem a campa nova...

Aquele bonde só devia sair aos domingos
Pois ele é a roupa domingueira
Da Repartição dos Serviços Urbanos...

Os adjetivos que destacam o novo bonde (amarelo e muito claro... / Sua campa bate alegre e diferente das outras...) singularizam o olhar do eu lírico do poeta para com a novidade que acabara de observar. Além disso, o efeito desse fator novo justifica a lotação do veículo (Anda sempre cheio porque é novo...). Contudo, a verdadeira beleza, a natural, simbolizada pelo mar, que compreende também a macro ima-

gem da cidade, é relegada em detrimento dos efeitos da modernização, direcionados à figura do bonde (E os passageiros todos nem olham p'ro mar... / Só vêem o bonde novo... / Só ouvem a campã nova...).

Nos versos finais, o eu lírico opina em defesa da apreciação dessa paisagem regional renegada, denegando ao bonde suas saídas somente em dias de lazer social, haja vista que sua atual aparência entra em consonância ao que exige a sociedade em dias de distração e entretenimento: boa aparência (Aquele bonde só devia sair aos domingos / Pois ele é a roupa domingueira / Da Repartição dos Serviços Urbanos...).

A alienação causada pelo bonde novo exprime na lírica a intenção do poeta de que, segundo Candido (2006a, p. 83-84), por sua vez abordando a relação entre o escritor e o público, “a matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público”. Quer dizer, a observação do eu lírico para com o bonde novo e sua lotação revela a consciência do poeta no que diz respeito a dimensão das inovações oriundas da modernização e suas consequências nas pessoas em seu entorno. Para autores como Araújo (1997, p. 142), “deslumbrados pela novidade e esquecem a natureza que margeia a cidade. Assim, o bonde leva-os a essa natureza, mas eles aderem à natureza do próprio bonde que, de meio, transforma-se em um fim”.

Uma dessas consequências pode ser observada na imagem do mar, vilipendiado em nome do novo. Apenas o poeta percebe essa beleza natural, que, de tão rotineira, termina sendo um aspecto banal em meio ao ambiente da urbe contagiado pelo bonde novo. Dessa forma, a construção da imagem da cidade, nesse aspecto que polariza o velho e o novo, é resultado “[...] de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador – com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê” (LYNCH, 2011, p. 7)

Assim sendo, é dessa maneira que o eu lírico de Jorge Fernandes revela as discrepâncias existentes entre a cidade, o ambiente e as pessoas por meio dos detalhes que realçam, pouco a pouco, as mudanças que novos aspectos da modernização provocam naqueles que estão imersos nas áreas citadinas.

4. Palmyra Wanderley: voz feminina e crítica social

Sendo uma importante voz ativa no cenário artístico potiguar já na década de 1910 estando à frente da revista *Via-Láctea*, Palmyra Wanderley se destacou, consoante Silveira (2017, p. 32), “pela sua atuação nas letras e pela sua voz em favor das mulheres, da educação feminina e da gente pobre da cidade”. Enfrentando a resistência imposta às mulheres nessa década e nas anteriores em uma sociedade predominantemente patriarcal, a crítica em nome dos menos favorecidos na lírica de Palmyra – embora seja em menor extensão, mas não menos intensa – retrata a condição de exclusão que classes sociais inteiras enfrentavam. Em harmonia com Alves (2014), tal fator já se torna um prelúdio em Palmyra Wanderley no que diz respeito ao cruzamento de ideais que viriam a fazer parte em breve da “Geração de 30”, cuja tônica se pautava também na crítica social, notável em poemas como “Passo da Pátria”, presente em *Roseira brava* e contendo mais de uma centena de versos.

Quanto ao seu fazer artístico, Palmyra havia publicado *Esmeraldas* em 1918, obra caracterizada pela “índole tradicional e ainda sob a égide tardiamente romântica” (ALVES, 2014, p. 90), quase o oposto de seu livro de maior destaque, *Roseira brava* (de 1929), no qual podemos perceber “além da novidade polêmica do uso do verso livre, uma espécie de retrato da nova fisionomia da capital potiguar” (ALVES, 2014, p. 91). Esse retrato ora vê a cidade de Natal de modo intimista, como nos poemas “Barro Vermelho, ninho de poesia” e “Tirol é direitinho uma paisagem bíblica”, ora sente a capital do estado como reduto do crescente urbanismo, demonstrado em poemas como “Alecrim”. Corroborando com o exposto, discorrendo a respeito da poética de Palmyra, os autores Araújo e Palhano

(2017, p. 52) afirmam o seguinte: “[...] [ela] assume, pois, um perfil multifacetado ao incorporar essa profusão de possibilidades como material do fazer literário. Nem sempre trata-se de perfil tão moderno; nem sempre trata-se de perfil tão passadista”.

Ou seja, por meio dessas constantes variações presentes ao longo dos versos é perceptível que a natalense se adapta ao estilo adotado no poema com intuito de enfatizar o teor temático abordado. Ainda conforme esses autores existem quatro eixos primordiais que norteiam a leitura dos versos de Palmyra Wanderley (ARAÚJO; PALHANO, 2017): a força pictórica da cor local, a força do metro fixo, a força da emoção concentrada e a força avassaladora do devaneio romântico.

Neste primeiro eixo estaria a construção da visão da cidade de Natal, ressaltando “a cartografia geográfico-lírica do espaço urbano natalense” (CUNHA, 2017, p. 82). -Diante desta perspectiva sobre a poética de Palmyra emerge, primordialmente, a força pictórica por meio da qual a imagem da cidade de Natal se faz perceber através da retratação de localidades que marcam o cotidiano da capital potiguar – lar da poetisa – e há também o retrato da capital potiguar de modo crítico, tendo como temática um forte contexto social. É na acepção do contexto social que surge, em especial, no longo “Passo da Pátria”, cujas dezenas de versos de teor narrativo apresentam uma clara crítica sobre “uma das áreas mais tradicionais e pobres da Cidade Alta [...] sem deixar de implorar ao governo [...] a ajuda necessária para sobreviver” (SOUZA, 2008, p. 124).

A autora de *Roseira brava* utiliza sua lírica refletindo sobre personagens de um cenário decadente, parte quase esquecida da capital potiguar e cuja vida aparece marcada sob aspectos amplamente negativos, como se o eu lírico quisesse mirar um contraste com a beleza da cidade surgida em outros poemas da obra. Nas duas estrofes iniciais de “Passo da Pátria”, as imagens surgem desoladoras e em uma tonalidade beirando o narrativo (WANDERLEY, 1965, p. 41): “É um antro de miséria, / É um passo de dor! / [...] / Disputa a sorte no jogo de trinta e um, / dança a dança da

morte / No lamaçal, / [...] / Passo da Pátria é a tasca do vício, / Do pecador intermitente. / Tem um cheiro ruim de maresia”.

Certamente, toda esta atmosfera negativa contada em verso livre – por vezes aparecem rimas intercaladas – nada menos é do que a liberdade poética erguida junto com o Modernismo e em certos poemas de *Roseira brava* “Palmyra capta e denuncia os problemas sociais, que vão se acumulando no espaço urbano da capital e crescendo com ele” (CUNHA, 2017, p. 11). O espaço da urbe circundante ao Passo da Pátria – região até hoje existente e com uma problemática similar, mesmo passado quase um século do poema de Palmyra – aparece agora personificado, virando personagem ambulante, perdido entre as ruas pobres e cujas fotografias são nauseantes na terceira e quarta estrofes (WANDERLEY, 1965, p. 41-42):

Mendigo maltrapilho e esfaimado,
Quase a morrer de fome e abandono,
Aproveita migalhas, como sobejo,
Veste trapos, roupas velhas,
Teima no vício,
Fuma ponta de cigarro, já fumado,
De arrependimento, não há indício.
[...]
É bem ali, no fim da ladeira, esquecido
Pobre enfeitado!
Não é bairro, não é nada, é um refugio.

Se os versos da poetisa modernista se erguem em disposição livre, seu temário expõe uma crueza social talvez nunca antes vista na poesia potiguar, ainda alicerçada nos conceitos intimistas do século XIX. É chegada a hora de trazer a realidade urbana para a poesia, “fraturas expostas de uma sociedade que marginalizava

suas camadas inferiores, [...] excluídos de todos os bens e jogados à liberdade, sem condições mínimas de exercê-la” (CUNHA, 2017, p. 11). Se em plena luz do dia o cenário é socialmente catastrófico, a ambientação noturna alarga ainda mais a pobreza e a falta de recursos na área do Passo da Pátria. Criando uma oposição aos conceitos da poesia como romantizada e intimista, o eu lírico de Palmyra segue numa contramão despojada no mais claro verso livre (WANDERLEY, 1965, p. 42): “De noite é muito escuro, feio mesmo. / [...] / Raras casinhas alvas, apumadas, / No meio das ruínas mal se veem. / Palhoças esburacadas, / Choram lá dentro, com frio, fome e pecado”.

Perante um quadro anti-lírico desta grandeza, a força poética de Palmyra a desigualdade social e suas consequências urbanas, jogando os personagens do poema e o espaço citado a um espécie de esquecimento, porém trazidos à tona nos versos modernos que arremessam no leitor a face oculta da cidade, fazendo-se notar aquilo chamado muitas décadas depois de “distância intransponível”, segundo pensadores como Zygmunt Bauman (2009). Para o teórico, cenas como as presentes nos versos de Palmyra estariam a exhibir uma polarização social e o destino dos menos afortunados: “empurrando-as para esses espaços marginais, *off-limits*, nos quais não podem viver nem se fazer ver” (BAUMAN, 2009, p. 26).

Pouco antes do fim do poema, o eu lírico do poema sentença a dicotomia do cotidiano: “Nesse vaivém da sorte, / Um as encontram a vida, / Outras a morte” (WANDERLEY, 1965, p. 44). Logo depois, um breve sinal de esperança ocorre na citação de um dia na qual o local muda de ares, o sábado e sua renomada feira livre, criando nos derradeiros versos um contraste – aumentado pela paisagem ribeirinha do Rio Potengi, na qual se encontra o Passo da Pátria – como se tais cenas aliviassem as anteriores: “No sábado: que algazarra! / Que feira concorrida! Que gritaria! / [...] / Que contraste de vida! / A paisagem do Passo da Pátria / É tão linda! / [...] / Tanta beleza abandonada eu nunca vi!” (WANDERLEY, 1965, p. 44).

E assim Palmyra revelava um quadro pouco notório nas artes potiguanas, fazendo com que sua poesia constitua “uma experiência do humano, uma experiência singular, uma espécie de relação do homem com as realidades do mundo e da vida” (BARBOSA FILHO, 2006, p. 18), realidade esta não menos viva e dilacerante na periférica área do Passo da Pátria, aqui medido em verso livre e visão moderna, crítica e anti-lírica, mas não menos materializada nos versos de Palmyra Wanderley.

Considerações finais

O Modernismo na poesia produzida no Rio Grande do Norte nasceu de forma esparsa, porém bastante criativa, como se pode perceber na lírica de Jorge Fernandes e Palmyra Wanderley (estudos sobre os poemas isolados da década de 1920 de Othoniel Menezes e Câmara Cascudo merecem uma atenção à parte, fazendo parte igualmente deste contexto). Em comum entre os nomes citados estava a busca pela novidade poética e um estilo que até então ainda estava por se consolidar: a poesia moderna e seu verso livre.

Sem dúvida alguma, repousa sobre Jorge Fernandes e seu livro poético – nunca mais ele voltou a publicar uma obra, apenas poemas esparsos nas décadas seguintes – o começo do aventureiro verso moderno entre os potiguanos e mesmo sem uma ressonância maior de sua produção entre seus contemporâneos, desde a reedição de seu livro na década de 1970 que seu vulto se torna cada vez mais estudado e discutido, prova de que seus versos compuseram um misto de inventividade e atemporalidade que, em breve, completará um século de publicação.

Já sobre Palmyra Wanderley, convém ressaltar que nos versos de *Roseira brava* o lado moderno aparece apenas “parcialmente na segunda obra de Palmyra, uma vez que ela escreveu uma extensa obra conceitual, posta em seções divididas tematicamente e formalmente” (ALVES, 2014, p. 91), com os poemas dela conden-

sando um misto de permanência e ruptura. Portanto, ao traçar um panorama de sua lírica, Araújo e Palhano (2017, p. 84) enfatizam que nela “[...] temos a demonstração de uma poética que reflete o processo de formação da tradição local por meio de um estro crivado de tensões. [...] Nem tão passadista, nem tão modernista”. Assim sendo, de modo distinto ao de Jorge Fernandes, as singularidades que permeiam os versos de Palmyra serviram como protótipo para a poética local no tocante às variantes que poesia moderna proporciona ao fazer poético, encontrando uma das suas principais representantes femininas nos primórdios do Modernismo brasileiro, cuja presença da mulher foi rara em seus primeiros momentos.

Sobre Jorge Fernandes e Palmyra Wanderley repousam até os dias de hoje o embrionário Modernismo na poesia norte-rio-grandense, que alcançaria notoriedade somente bem mais adiante na geração de 1950, quando nomes como Zila Mamede, Antonio Pinto de Medeiros, Newton Navarro, Luiz Rabelo e Sanderson Negreiros aprenderam as lições dos pioneiros, partindo agora para outras dimensões de um Modernismo que se transmutava e influenciaria a própria poesia contemporânea dos anos 2000.

Referências bibliográficas

ALVES, Alexandre. *Poesia submersa: poetas e poemas no RN 1900-1950*. v. 1. Mossoró: Queima-Bucha, 2014.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *O lirismo nos quintais pobres: a poesia de Jorge Fernandes*. Natal: FJA, 1997.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa / Recife: UFPB / UFPE, 1996.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; PALHANO, João Maria Paiva (Orgs.). *Palmyra Wanderley entre trinta botões de uma roseira brava*. Natal: EDUFRN, 2017.

BARBOSA FILHO, Hildeberto. *A luz e o rigor*. João Pessoa: Manufatura, 2006.

_____. *Arrecifes e lajedos: breve itinerário da poesia na Paraíba*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

_____. *Os idiomas da esfinge*. João Pessoa: Ideia, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 16. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.

_____. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006a.

_____. *O estudo analítico do poema*. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2006b.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Alma patricia*. 2. Ed. Natal: Fundação José Augusto, 1998.

_____. *Joio*. Natal: A Imprensa, 1924.

CUNHA, Diva. Prefácio. In: ARAÚJO, Humberto H. de; PALHANO, João Maria P. (Orgs.). *Palmyra Wanderley entre trinta botões de uma roseira brava*. Natal: EDUFRRN, 2017.

DIAS, Márcio Roberto Soares. *Da cidade ao mundo: notas sobre o lirismo urbano de Carlos Drummond de Andrade*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2006.

FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas de Jorge Fernandes*. 5. ed. Natal: EDUFRRN, 2008.

GARCIA, Maria Lúcia de Amorim. O livro de poemas, documento da época moderna. In: FERNANDES, Jorge. *Livro de poemas de Jorge Fernandes*. 5. ed. Natal: EDUFRRN, 2008.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Tradução de Marise M. Curioni / Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. 3. ed. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: WMF / Martins Fontes, 2011.

MELO NETO, João Cabral de. *Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SILVEIRA, M. G. B. Palmyra Wanderley, uma roseira nas terras de Poti. *In*: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; PALHANO, João Maria Paiva (Orgs.). *Palmyra Wanderley entre trinta botões de uma roseira brava*. Natal: EDUFRN, 2017.

SOUZA, Itamar de. *Nova história de Natal*. 2. ed. Natal: Depto. Estadual de Imprensa, 2008.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

WANDERLEY, Palmyra. *Roseira brava e outros versos*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

Alexandre Alves é Professor de Literaturas na UERN. Publicou diversas obras, entre elas a trilogia *Poesia submersa: poetas e poemas no RN 1900-2000* (Queima-Bucha). Tradutor da obra *Rosa de pedra (The stone rose)*, de Zila Mamede, para a língua inglesa em 2013.

Mateus Bezerra Fernandes é aluno da graduação em Letras (Língua Portuguesa) na UERN. O artigo em questão faz parte do Projeto de Pesquisa PIBIC/UERN 2020-2021 denominado “Esquina dos trópicos: representações da cidade de Natal na poesia de norte-rio-grandenses”.

A POESIA FRATERNA DE JOÃO LINS CALDAS

Cássia de Fátima Matos dos Santos

João Lins Caldas nasceu no dia 1º de agosto de 1888, na cidade de Canguaretama, interior do estado do Rio Grande do Norte, conforme registro em sua certidão de óbito, embora a informação mais conhecida seja a de que ele tenha nascido em Goianinha/RN. Filho de João Lins Caldas e Josefa Leopoldina Lins Caldas, cedo migrou, junto com os pais, para a cidade de Assú, RN, onde passou a infância e a adolescência. Em 1908, migra para Natal, permanecendo até 1912, quando vai para o Rio de Janeiro e lá conhece homens ilustres do cenário das letras da época. Entre 1927 e 1930 viveu em Bauru, São Paulo, trabalhando nos escritórios da estrada de ferro Noroeste do Brasil. Retorna ao Rio em 1930, lá permanecendo até 1933, quando volta para Natal e, depois de um tempo, o poeta segue para viver em Assú. Lá, morava em uma casa simples situada à rua Ulisses Caldas. Adquiriu nas redondezas um sítio que nomeou de Frutilândia. Ali cultivava muitas plantas frutíferas e encontrava nesse espaço inspiração para bucólicos e líricos poemas. Não casou e não teve filhos. No dia 18 de maio de 1967, com quase 80 anos, o poeta é encontrado morto em sua residência, vítima de acidente vascular cerebral – hipertensão arterial.

Em 1975, a Fundação José Augusto publicou *Poética*, uma antologia reunindo poemas esparsos do autor. Em 2009, organizamos o livro *Poeira do Céu e outros poemas*, publicado pela Editora da UFRN – EDUFRN e, em 2010, defendemos, pelo Programa de Pós-graduação em estudos da Linguagem, PPGEL/UFRN, a Tese *Vaga-lume na treva: a poesia de João Lins Caldas*. A leitura poética aqui apresentada é uma pequena parte desse estudo.

1. Poesia tecida entre memória e afeto

A discussão aqui proposta insere-se na perspectiva teórico-crítica pensada por Alfredo Bosi em *O ser e o tempo da poesia* (2000). No capítulo “Poesia-resistência”, Bosi procura configurar, como o fez com a narrativa, o percurso dessa tendência na cultura:

A partir de Leopardi, de Hölderlin, de Poe, de Baudelaire, só se tem aguçado a consciência da contradição. A poesia há muito que não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade. Daí vêm as saídas difíceis: o símbolo fechado, o canto oposto à língua da tribo, antes brado ou sussurro que discurso pleno, a palavra-esgar, a auto-desarticulação, o silêncio. [...] (BOSI, 2000, p. 165)

De acordo com essa perspectiva, o modo de existir da poesia tende a não se conformar aos modos de ser do mundo. Se a arte sempre foi uma das formas modelares de o homem expressar a sua relação com a vida, a natureza e os outros homens, ela tem, historicamente, revelado quando essa relação entre o homem e o mundo se altera. Sendo assim, desde o advento da modernidade, a poesia tem se rebelado contra as formas atomizadas das relações humanas, promovidas pela urgência com que a técnica alcançou os seus intuitos. Para Bosi (2000, p. 173),

A lucidez nunca matou a arte. Como boa negatividade, é discreta, não obstrui ditatorialmente o espaço das imagens e dos afetos. Antes, combatendo hábitos mecanizados de pensar e dizer, ela dá à palavra um novo, intenso e puro modo de enfrentar-se com os objetos. Valéry,



Montale, Drummond e João Cabral de Melo Neto são mestres nesse discurso de recusa e invenção.

Qual seria então a centelha que despertaria no poeta a intuição para produzir uma poesia que se qualifica como resistente? Com Bosi, concordamos que um “*a priori* ético” funciona como um valor ou um conjunto de valores fundamentais sem os quais o artista não se encaixa nessa categoria. Arrematando, teríamos:

A escrita resistente (aquela operação que escolherá afinal temas, situações, personagens) decorre de um *a priori* ético, um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes (BOSI, 2002, p. 130).

Esse conceito mapeado por Bosi coaduna-se com o contexto da poesia estudada. Do ângulo expressivo-formal, a poesia de João Lins Caldas caracteriza-se por uma sintaxe arreesada, invertida, composta por figuras como paradoxo, oximoro, sinestésias. É nesse sentido, “enquanto escrita”, que o signo linguístico e sua arrumação difícil tornam-se resistência, “independentemente de qualquer cultura política militante”. Por sua forma invertida e jogo contraditório, a escrita acaba por gerar uma “tensão interna”, que se configura como resistência.

Em meio à amplitude do conceito, Bosi (2000, p. 167) propõe uma formulação capaz de circunscrever um campo de identificação, retomando aquilo que já fizera em *Literatura e Resistência*:

A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (*poesia mítica, poesia da natureza*); ora a melodia dos afetos em

plena defensiva (*Lirismo de confissão*, que data, pelo menos, da prosa ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da *sátira*, da *paródia*, do *epos revolucionário*, da *utopia*).

Essa divisão menos generalizante do conceito contribui para que possamos identificar, nos elementos que são matéria da poesia de João Lins Caldas, o modo particular com que essa resistência se configura: por intermédio do *lirismo intimista*, da *poesia da natureza*, da *biografia* e da própria *melancolia*, como posição negativa diante da realidade e renúncia em lutar em um mundo sem tréguas. Para os dois poemas selecionados e discutidos neste ensaio, cabem a perspectiva intimista e biográfica. Somando-se às reflexões de Bosi, ancoramo-nos no clássico estudo de Emil Staiger (1972) sobre a natureza da lírica, cuja discussão sustenta a *forma* do lirismo apresentada nos poemas.

Nessa direção, um dos fortes veios da poesia de João Lins Caldas é a evocação da memória, em que se pode observar uma poesia que segue um tom humanizador, com estrutura poética mais coesa e que envolve o leitor na atmosfera anímica própria da lírica (STAIGER, 1972). “A evocação é um movimento da alma que vai do presente do eu lírico para o pretérito, e daí retorna, presentificado, ao tempo de quem enuncia” (BOSI, 2000, p. 185). Vejamos como esse movimento se perfaz na lírica do poeta.

1.1 Meninos-irmãos: unidade

O irmão

Éramos dois, os filhos de meu pai, os filhos de minha mãe.

Percorridas escolas, caminhos andados.

As varas cortadas para o quintal.

Os frutos colhidos, alpestres e tenros.

Gaiolas e laços, armadilhas suspensas.
Anzóis para as águas no que era meu só.
O irmão sou.
O irmão era.
Um, outro.
O outro – ele dorme.
Não sei, talvez me lembrará.
A casa velará hoje os seus passos de sombra.
Assombro. Espectro? Fantasma?
Quem então para me falar?
Mas eu estou.
Certo, ele está.
Será outra sombra.
A sombra diferente nunca me assombrará.
Poeira do Céu e outros poemas (2009, p. 329)

“Oirmão” revela a afinidade e o afeto do poeta ao seu único irmão. O poema de métrica irregular, composto de 18 versos, pode ser dividido em duas partes, estabelecendo-se os 7º, 8º e 9º versos como o divisor delas. Na primeira parte, o sujeito lírico rememora lembranças da infância, que se estende desde a ida à escola e os diversos caminhos percorridos, às atividades e diversões da vida de meninos-irmãos vivendo juntos em um espaço possivelmente rural. O primeiro verso é definidor e apresenta a família: “Éramos dois, os filhos de meu pai, os filhos de minha mãe”. Sinaliza a identidade e o tamanho do núcleo familiar. Nos versos “O irmão sou./ O irmão era./ Um, outro.”, se estabelecem o presente do sujeito lírico e o passado do irmão morto. Separados pela vírgula, no verso, e pelo tempo, na vida, o outro que se foi serve de referência para a reflexão do eu que permanece vivo. A segunda parte desenvolve-se como um pensar sobre a morte: “ele dorme; talvez me lembrará; passos de sombra; assombro, espectro, fantasma”.



A tonalidade e o andamento do poema correspondem a certa melancolia e mistério do tema abordado mas também à atmosfera fluida da infância, recordada na primeira parte. Assim, os seis primeiros versos são dotados de longa extensão se comparados à maioria dos demais. Essa disposição evoca o tom narrativo que talvez exija o conteúdo lembrado. Entretanto, o lirismo é evidente, e a suposta narração é construída pelo leitor, uma vez que a vida pulsa no conteúdo poeticamente condensado. Do ponto de vista semântico, o sentido desses versos situa-se no universo da realidade objetiva:

Percorridas escolas, caminhos andados.
As varas cortadas para o quintal.
Os frutos colhidos, alpestres e tenros.
Gaiolas e laços, armadilhas suspensas.
Anzóis para as águas no que era meu só.

Ainda nesse sentido, ausentes, como o irmão, encontram-se esses elementos que, trazidos para a cena poética, evidenciam uma memória cultural representada pelo tempo da infância, que pode ser compreendida pelos momentos de brincadeira e lazer mas também de trabalho (“As varas cortadas para o quintal”). Araújo (1997, p. 118), analisando a poesia de Jorge Fernandes, em especial o poema “Arapucas”, afirma que a arapuça e os passarinhos evocados pelo poeta são “elementos de uma cultura regional e primitiva que dão vida, com suas cores e sons motivados, à língua tornada poética. Esse parece ser o mesmo efeito obtido por João Lins no poema dedicado ao irmão.

Inversões, elipses, substantivos, versos nominais deixam em suspensão a ordem direta, dando, por isso mesmo, a tonalidade lírica mais acentuada. A clareza das imagens surge pelo sentido próprio dos termos do poema, entretanto, a ausência de figuras não elimina o teor lírico dos versos, tendo em vista a forma como eles se encontram dispostos.



O teor lírico é reforçado pela recordação. Emil Staiger (1972, p. 51) afirma que na poesia lírica não há distanciamento. Ela é marcada pela

unidade entre a música das palavras e de sua significação; atuação imediata do lírico sem necessidade de compreensão; perigo de derramar-se, retido pelo refrão e repetição de outro tipo; renúncia à coerência gramatical, lógica e formal; poesia da solidão compartilhada apenas pelos poucos que se encontram na mesma “disposição anímica”.

Por essa ausência de distanciamento entre o eu lírico e o objeto, eles se tornam “um-no-outro lírico”. “Recordar deve ser o termo para a falta de distância entre sujeito e objeto”, destaca Staiger (1972, p. 59). No poema, os três curtíssimos versos

O irmão sou.
O irmão era.
Um, outro.

demonstram, em nível verbal, o que a teoria do poema lírico indica. Nesse caso, esse “um-no-outro”, cujo clima lírico torna um todo coeso e musical, simboliza a fraternidade entre os irmãos. A unidade e a coesão do clima lírico são fundamentais, afirma Staiger (1972, p. 39), pois a ausência de lógica gramatical é outra característica da composição lírica.

Os três pequeninos versos também funcionam para estabelecer uma espécie de divisão entre as partes, conforme já indicamos. Tal divisão, no entanto, reforça a unidade do poema. A primeira, a relação um-outro vivida na infância e rememorada no poema; a segunda, iniciada a partir do 10º verso: “O outro, ele dorme.”, indi-

ca o momento pós-morte do irmão. Ao contrário da primeira, essa segunda parte é composta de metáforas, todas refletindo a morte. O efeito metafórico a sublima, traduzindo-se em outra figura: o eufemismo. Primeiro a morte é equiparada ao sono: “O outro, ele dorme”; depois, à sombra; em seguida, ao espectro, ao fantasma. A gradação das imagens, da mais amena para a mais densa, resulta em interrogação, apontando um andamento duvidoso:

Assombro. Espectro? Fantasma?
Quem então para me falar?

Tal dúvida se esvai no retorno ao “um-outro”. O um sendo o eu; e o outro sendo ele, levando o sujeito lírico a se expressar sem medo e sem assombro: “Mas eu estou./Certo, ele está.” Os versos expostos no tempo presente reforçam a convicção desse sujeito, sendo esse tempo também uma das marcas da poesia lírica. Logo, a recordação é trazida ao presente a fim de fazer o sujeito lírico despertar a “disposição anímica”, que é uma das suas características do lirismo, conforme nos ensina Staiger (1972).

O verso “Mas eu estou”, iniciado com a conjunção adverbativa, responde afirmativamente a uma pergunta que ninguém responde senão o próprio eu lírico em seu devaneio consciente. O verso seguinte, iniciado pelo advérbio “certo” (certamente), deixa soar qualquer dúvida, que não se esclarece somente pelo aspecto semântico mas também pela atmosfera de inquietação instaurada no poema, revelada, sobretudo, pela elipse dos elementos coesivos. Trata-se de um poema que vai se condensando e eclipsando até chegar aos dois versos finais, expressos no futuro:

Será outra sombra.
A sombra diferente nunca me assombrará.

Nesses versos, a sombra diferente não amedronta. O advérbio, “nunca”, determina a relação pacificada do sujeito poético com esse outro, “sombra” que o acompanha desde sempre.

Tendo visto as partes, cabe agora buscar unificar e ver o todo do poema, procurando sintetizar qual a chave que explica a atração e a comoção que sentimos ao lê-lo. Em que consiste a força lírica desses versos? No poema “O irmão” os diversos níveis: fônico, sintático, semântico e figurativo se coadunam em uma cadência equilibrada. Entramos no clima lírico instaurado pela musicalidade dos versos e pelo sentimento do sujeito poético. “O poeta lírico dilui-se no que sente”, realça Staiger (1972, p. 63). Tendo vivido uma infância feliz com o irmão, ela é agora transfigurada em poesia. A doçura com que a vida feliz na infância é descrita revela força, frescor, vigor, saúde, enfim, harmonia. A aproximação com a realidade experienciada, com seres de carne e osso, com atividades tipicamente humanas, normalmente desenvolvidas por crianças do universo rural e muito comum na época da infância do poeta, torna a poesia viva e vibrante. Trata-se da experiência (BENJAMIN, 1985), enquanto condição contrária às exigências apressadas do mundo moderno. As reminiscências afloram a partir do que a memória guardou como experiência vivida. Comprova-se, portanto, a validade da experiência, pois, ao modo poético, o sujeito conta o seu passado, mas não como mera rememoração saudosista, antes, como elemento vivificador do seu presente, pois se trata de uma experiência cumulativa, que em um grau significativo importou na constituição do sujeito lírico.

Por outro lado, a elaboração emocional diante da perda do irmão, desenvolvida pelo sujeito lírico, resulta sensível e denota a aceitação da morte, revelando o lugar afetivo e insubstituível ocupado pelo irmão. Desse modo, o tema da morte e da perda não resulta em lamentação. Antes, vê-se nele a reafirmação da vida: “Mas eu estou./ Certo, ele está”. Elemento reflexivo, o poema revela-se como uma unidade coesa, em que passado – a relação dos irmãos na infância – torna-se presente por meio da *recordação*, a essência da lírica; o presente – o defrontar-se com a morte e, portanto, com a perda do irmão; e o futuro – a certeza da ausência mas também da presença que se perpetua pela extensão do afeto e da memória,

se eternizam na representação lírica condensada. Assim, o aparentemente disperso em versos livres, resulta em função estruturante. A forma poema organiza a emoção do sujeito poético e traduz a realidade biográfica em lirismo sensível.

1.2 “A tia”: **cerzindo lembrança**

A tia

A tia velhinha,
Se eu tenho essa tia,
Se viva ela mora,
Se canta baixinho;

Rezando cantiga,
Cerzindo lembrança,
As mãos enrugadas,
A pele sem brilho;

A tia distante,
Seu ar de bondade,
Carícia na boca,
Carícia nos olhos;

A tia lembrada
Terá na memória,
Lembrando comigo,
Que eu lembro com ela,
O passo, o conselho
Da irmã recordada.

Poeira do Céu e outros poemas (2009, p.191)

O poema “A tia”, composto de quatro estrofes em redondilha menor, ou seja, versos de cinco sílabas poéticas, apresenta-se



como mais uma composição a somar-se no quadro da poesia-biografia. A forma redondilha (maior e menor) é também conhecida como “medidas velhas” e foi utilizada em grande monta pelos repentistas e cantadores, bem como em cantigas de roda. No poema sobre a tia, o ritmo cadenciado dos versos metricamente iguais dá o tom de canção, a despeito da ausência das rimas, elemento sonoro essencial à ideia musical que perpassa o poema. Essa ideia se define explicitamente a partir do último verso da 1ª e do 2º verso da 2ª estrofe: “Se canta baixinho;/ rezando cantiga” e logo sentimos os sons se repetindo, realçando a sonoridade traduzida em afetos com que se organiza o poema. Segundo Staiger (1972, p.30), “Somente a repetição impede a poesia lírica de desfazer-se”. Essa é uma das formas de reiteração do lirismo e que auxilia na construção do sentido, na maioria das vezes não explicitado por ordens gramaticais lógicas.

Nesse sentido, na 1ª estrofe destaca-se a repetição da condicional “se” nos três últimos versos, e os verbos no presente:

Se eu tenho essa tia,
Se viva ela mora,
Se canta baixinho;

O fonema /s/ é lembrado ainda pelos termos “essa” e “baixinho”, sendo este último outro som, mas que ajuda a realçar a sonoridade. Os dois versos “Rezando cantiga,/ cerzindo lembrança,” na estrofe seguinte, acentuam a continuidade do tempo presente pelo uso do gerúndio, mas a associação rezar cantiga - cerzir lembrança provoca o deslocamento do sentido próprio para o metafórico, causando estranhamento, realçando o aspecto lírico. Ainda, os segmentos sonoros dos dois verbos dão continuidade ao mesmo som dos três versos anteriores, realçando o clima musical em que se apoia o poema. Os dois versos seguintes, “As mãos enrugadas,/ a pele sem brilho” focalizam o corpo da tia, mudando, com isso, o enfoque da ação para detalhes do corpo que realçam a velhice.

Tal alteração, no entanto, não quebra a coesão do clima lírico, pois sujeito e objeto continuam absolutamente próximos.

A 3ª estrofe identifica a distância física entre o eu lírico e a tia, mas, paradoxalmente, intensifica a descrição desse ser, como se próximo dela estivesse, sobrelevando as características psicológicas de amor e bondade, tornando a estrofe leve, pois composta basicamente de substantivos e adjetivos, o que a faz mais poética, na medida em que nos força a realizar as operações de coesão entre os nomes, seja subentendendo verbos, pronomes, etc.

A tia distante,
Seu ar de bondade,
Carícia na boca,
Carícia nos olhos;

Por outro lado, a presença de partes do corpo como “boca” e “olhos” nos ajuda a desenhar mais nitidamente a imagem construída. Não é demais afirmar que a repetição do termo “carícia” intensifica o sentimento de apreço representado. Partindo da forma prosaica com que normalmente lidamos com o termo, quer dizer, fazemos carícia em alguém ou permitimos que alguém nos acaricie ou ainda acariciamos algo, a forma como está disposto nos versos, associado aos adjuntos adverbiais, sem sujeito ou predicado, deixa em suspenso a expressão nominal, cujas elipses criam a força poética da imagem.

Por fim, a última estrofe evoca a memória da tia, para, por intermédio dela, recordar a mãe, de forma indireta. Nesse caso, o conselho da mãe, o passo indicado, possivelmente reforçado pela tia, é lembrado pelo sujeito lírico que com ela se lembra das advertências daquela:

A tia lembrada
Terá na memória,
Lembrando comigo,

Que eu lembro com ela,
O passo, o conselho
Da irmã recordada.

O poema “A tia”, cuja forma poética evoca uma canção, compõe o repositório afetivo do poeta, reforçando a função estruturante da família em sua constituição psíquico-emotiva. Sobressai-se o tom melódico, ritmo cantante, sequência alternada entre descrição física e psicológica. Todos esses elementos proporcionam um resultado harmônico na composição poética, em que o entrelaçamento dos seus diversos níveis expressivos define a força lírica que faz a imagem perdurar. Neste ponto, reafirma-se uma noção de memória como uma categoria que não implica necessariamente a recordação nostálgica de um passado irrecuperável. A última estrofe do poema fornece-nos essa noção de memória: presentificar resíduos com função ativa na construção da experiência.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *O lirismo nos quintais pobres: a poesia de Jorge Fernandes*. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In:_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CALDAS, João Lins. *Poética*. Natal: Fundação José Augusto, 1975.



CALDAS, João Lins. *Poeira do Céu e outros poemas*. Organização, introdução e notas de Cássia de Fátima Matos dos Santos. Natal: EDUFRN: NCCEN, 2009.

CALDAS, João Lins. *Manuscritos autógrafos digitalizados*. Digitalização e organização de Cássia de Fátima Matos dos Santos. Arquivo Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte/ NCCEN/UFRN: Natal, 2009.

SANTOS, Cássia de Fátima Matos dos. *Vaga-lume na treva: a poesia de João Lins Caldas*. Natal, 2010. 291 p. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

CÁSSIA DE FÁTIMA MATOS DOS SANTOS. Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. membro e pesquisadora do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte Rio-Grandenses – NCCEN/UFRN. Professora do IFRN/PROFLETRAS-UERN. E-mail: cassiafmsantos@gmail.com

ENTRE POESIAS E CRÔNICAS: NARRATIVAS SOBRE A AVIAÇÃO POTIGUAR

Izabel Cristina da Costa Bezerra Oliveira

Haddamis Hyago de Lima Barreto

RESUMO

Esse artigo é resultado do projeto de pesquisa *O tom da modernidade nas crônicas de Pery Lamartine*, desenvolvido nos anos de 2019 e 2020, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Analisamos as crônicas “O Aeroplano”, “O Solo: Parnamirim Field”, “O PT-19” e “O Pousado Forçado”, de Pery Lamartine, como espaços reveladores de elementos da modernidade. O cenário mais representativo desse processo aparece de forma diferenciada em cada texto, expondo personagens que protagonizam os efeitos vividos a partir das mudanças na vida social, na vivência de novas experiências e na compreensão que o ser humano passa a conviver com o tradicional e o moderno, às vezes, de forma harmônica e outras reveladas com certo grau de preocupação. Observou-se um olhar peculiar e sensível do aluno bolsista, Haddamis Hyago, nas leituras e análises das crônicas e a necessidade de conhecer e pesquisar um pouco mais sobre a literatura que trata das questões da modernidade e o viés histórico e literário seguido pelo autor estudado. Assim, para compreender de forma mais expressiva a temática da aviação em textos da literatura potiguar, introduzimos os poemas “Aviador”, de Palmyra Wanderley e “Aviões 1”, de Jorge Fernandes. Buscamos a análise crítica de Araújo (1997) sobre a expressão da modernidade local e a contribuição de Marshall Berman nos estudos que refletem o surgimento da modernidade no extrato social (1986).

(Palavras-chave: Literatura, crônica, tradição, regionalismo, modernidade)

Entre poesias: um breve olhar sobre a temática da aviação

Palmyra Wanderley (...). A poetisa é de mentalidade alta e com licença da palavra, a primeira inteligência feminina no campo litterário de meu estado. (CASCUDO, **A Imprensa**, Natal, 21 ago 1927).

O solo potiguar já motivou muitos apaixonados a sonhar e executar seus projetos em torno de um dos mais desafiadores e emblemáticos produtos que o homem já criou – o avião. Em volta desse projeto, podemos dizer que tanto a História quanto à Literatura já se ocupou em registrar e celebrar as ações desenvolvidas por homens e personagens participantes. No Século XIX, surgem os primeiros modelos que serviram de base para o aprimoramento no século seguinte e aí sim o avião passa a ser considerado um meio de transporte seguro e, até os dias atuais, continua sendo um dos grandes feitos para a modernidade de todos os tempos.

Na Literatura, grandes nomes do cenário local se dedicaram em verso e prosa a registrar e enaltecer em seus textos assuntos em torno da aviação. A poetisa Palmyra Wanderley foi uma das precursoras a anunciar o tema da aviação na cidade do Natal, quando em 18 de junho 1922, publicou o poema “Aviador” no *Jornal A República*. A escritora queria homenagear dois pilotos portugueses que pilotavam um aeroplano monomotor e tinham como objetivo cruzar pela primeira vez a parte sul do Oceano Atlântico. Os portugueses que entrariam para a história da aviação lusa foram os pilotos Artur Sacadura Freire Cabral e Carlos Viegas Gago Coutinho. Era desejo de Palmyra Wanderley e de todos os natalenses que o voo do hidroavião Fairey F III-D Mk2 passasse pela cidade. Todo o anseio criado para ver a aeronave aconteceu porque os jornais da época não falavam em outro assunto, somando-se a isso, a aeronave-

ve apresentou problema próximo ao Arquipélago de São Pedro e São Paulo e precisou que o governo português a substituísse. A essa altura, aumentava a expectativa dos potiguares após a necessidade de os pilotos passarem por Fernando de Noronha, nutrindo assim, a esperança de que a aeronave sobrevoaria a capital do Rio Grande do Norte. Porém, essa ação não se concretizou, pois os aviadores seguiram para Recife onde foram recebidos com uma grande festa.

No entanto, a festa que aconteceu na capital pernambucana não ofuscou o presente que os natalenses ganharam: um poema de Palmyra Wanderley celebrando a *viagem aérea dos oficiais Sacadura e Coutinho, de Portugal ao Brasil*. Partindo do observar de cada ação que descreve o ato de voar, Palmyra homenageou os pilotos com versos fortes, musicais e expressivos sobre um dos projetos que o homem pensou e executou para encurtar distâncias, sonhos e desafios – o ato de voar. Eis o texto da poetisa:

AVIADOR

*Alonga o vôo. A imensidão recorta.
Domina assim o espaço, o Azul domina,
Já que o seio da terra não comporta,
O grandioso ideal que te fascina.*

*Sonha! teu próprio sonho te transporta.
Acima de ti mesmo – Azas empina! ...
És quasi um deus! Ser homem, pouco importa.
*Si a conquista do céu, faz-se divina.**

*Sê como as águias. Vôa nas alturas.
Transpõe o ethereo, as sideraes planuras,
Da via láctea a celica mansão.*



Sobe ainda mais, num fremito inaudito.

-Percorre as cordilheiras do infinito.

Heroico bandeirante da amplidão.

O texto de Palmyra se apresenta em sintonia com a forma adotada em sua produção literária, quando elegeu o soneto para compor seus textos. De imediato, a proposta da poetisa é um convite ao aviador para refletir sobre o seu grande sonho de voar, algo que a própria terra não dá conta de atender “o grandioso ideal que te fascina”. Na escrita poética, encontram-se traços grandiosos como o próprio ato de voar, igualando o homem a um respectivo Deus. De forma singular, esse sentimento é expresso nos versos “Acima de ti mesmo – Azas empina!.., És quase um deus! Ser homem, pouco importa”. Assim, o poema vai se alternando com imagens que sinalizam o projeto de voar, planejado por homens que acreditaram em seus sonhos, ideias e ações.

Pode-se dizer, de certo modo, que o texto poético de Palmyra fica no campo da contemplação, se empenha em apresentar versos caprichosos que só enaltecem a ação de voar. Não há, portanto, nenhum questionamento sobre o que as mudanças ocorridas na sociedade da época representavam ou o que a modernidade podia trazer de forma negativa às pessoas que se encontravam eufóricas em torno da vinda do avião português. É fácil perceber a visão positiva da autora sobre o acontecimento que mexeu com ideias e comportamentos do homem de outrora. Com efeito, em seu poema, conservou a estrutura verbal do modo subjuntivo, levando o leitor a pensar que a poetisa desejava e ordenava demasiadamente ao aviador: “Alonga”, “Domina”, “Sonha”, “Sê”, “Transpõe”, “Sobe” e “Percorre as cordilheiras do infinito”.

A aviação no viés poético de Jorge Fernandes: uma síntese

Jorge Fernandes (...) o poeta natalense/sertanejo singulariza o objeto mais representativo da modernidade de então, os aviões em quatro poemas (...). (Araújo, **O lirismo nos quintais pobres**, 1997).

Na mesma linha de anunciar e celebrar as ações e os acontecimentos da terra natal, outro poeta de renomado reconhecimento local e nacional segue com um olhar atento a questões relacionadas à modernidade – Jorge Fernandes. O poeta, também na década de 1920 começa a anunciar textos sobre uma Natal que convive com uma nova ordem social. Assim como a poética de Palmyra Wanderley, os textos de Jorge Fernandes transitam na experiência entre o rural e urbano, e nos apontam imagens representativas da modernidade como os bondes, automóveis e aviões. Em seu **Livro de poemas**, o poeta destina quatro textos sobre a temática da aviação e, em todos, a capital do Rio Grande do Norte aparece como o espaço tempo definido e enaltecido nos versos que celebram esse elemento, símbolo da modernidade de outrora. Vejamos algumas imagens no espaço descrito em:

AVIÕES 1

Novencentos e cinquenta cavalos suspensos nos ares...

– Besouro roncando: zum... zum... umumum...

Aonde irá aquele Rola-Titica parar?

E os olhos dos cabocos querem ver os Marinheiros

Os peitados vermelhos das Oropas... E a marmota vai: ron... ron...–
ce-
vando o vento –

Por cima dos coqueiros, varando as nuvens...

Depois desce no Rio Grande numa pirueta danisca

Desembestado, espalhando a água...

E fica batendo o papo, cansado de voar...

É sabido que as poesias de Palmyra e de Jorge Fernandes estabelecem um diálogo entre relatos sobre a aviação no espaço aéreo potiguar, ficando o texto da poetisa com essência definida no âmbito da contemplação e o do poeta no contexto da realização. Ambos os textos transitam por um momento social que começava a ter seus primeiros traços de modernização. Em seu estudo *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, Berman (1986) considera que a modernidade está no centro e ao mesmo tempo simboliza o intervalo do diálogo entre modernismo e modernização. Segundo o crítico, a modernidade suprime toda e qualquer fronteira, seja de ideia, posicionamento ou espaço. Sobre a questão do espaço ambiente, Berman afirma “a experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana!” (p.34).

Ao mesmo tempo em que a modernidade une as pessoas, ela propicia uma nova compreensão sobre a mudança social que atinge o homem. Ao fazer uma leitura do poema “*Aviões I*”, o leitor se depara como é peculiar o registro que o poeta faz em seu texto acerca das impressões sentidas pelos potiguares ao vivenciar um pouso da aeronave. Para tanto, o autor assinala a diversidade dos seres presentes, apresentando o cidadão comum com “os olhos dos cabocos querem ver os Marinheiros”, pessoas simples que não imaginam ver homens de outro continente que não fosse o seu, explicitamente descritos pelo poeta “Os peitados vermelhos das Oropas...”. Em relação a esses e outros termos mencionados na poética de Jorge Fernandes, é salutar saber que o professor Humberto Araújo apresenta em **Velhos escritos de Jorge Fernandes** (2008) uma pesquisa sobre algumas cartas trocadas pelo poeta

local com expoentes da literatura nacional, poemas e, sobretudo, um expressivo dicionário, próprio do potiguar, o “Vocabulário do Criatório Norte Rio-Grandense – o VCN” que muito contribuem para o leitor compreender melhor os textos do poeta.

Na verdade, esse aspecto do uso da união de uma linguagem mista, abriga no texto a expressiva linguagem popular com a linguagem erudita, aproximando falares do homem rural com o falar do homem urbano, mantendo assim o viés de um autor que carrega essa marca regional em sua obra. Apenas para se ter uma pequena amostra da posição em que trilhava o espírito moderno de Jorge Fernandes, o estudioso Humberto Hermenegildo de Araújo assim pontua:

Longe das grandes cidades e como representante da descentralização modernista, Jorge Fernandes perseguia o cânone moderno por outra via, qual seja, pelo desejo de uma solução de língua brasileira, solução que acaba tropeçando na dicção nordestina e caindo, portanto, no Regionalismo... antes como uma expressão de um excesso de nacionalismo do que como expressão do tradicionalismo nordestino centrado no Recife. (ARAÚJO, 1997, p. 106-107).

Dentro dessa discussão, é preciso registrar ainda a crítica de Mário de Andrade ao poeta potiguar, “(...) na solução de língua brasileira que emprega, prefere registrar diretamente a dicção nordestina, em vez de procurar pra ela uma universalização possível de se normalizar” (ANDRADE, 1928, p. 11). Diferentemente do texto de Palmyra, o poema de Jorge Fernandes nos revela um texto crítico que não fica apenas na exaltação do feito da modernidade, como a concretização da chegada do voo, a própria máquina de

voar e os homens que realizaram a proeza. Ao analisar os versos do poeta, o leitor pode fazer várias leituras e observações, dentre elas, perceber que há um olhar desconfiado para entender e aceitar o novo, pois é preciso tempo para processar as mudanças que a modernidade traz. Desse ângulo, o verso “Aonde irá aquele Rolatitica parar?”, com ressalvas, pode imprimir a compreensão até onde poderão ir o homem e a modernidade? O poeta se apropria de um tom leve e linguagem diferenciada, marcada essencialmente por sinais gráficos, interrogações e exclamações que muito têm a nos dizer, como os questionamentos e reflexões sobre o novo mundo que se apresenta nos revelando cenas muito próximas do nosso dia a dia. Neste sentido, Araújo (1997, p. 180) nos adverte indicando como se dá esse aspecto na poética de Jorge Fernandes: “O cotidiano é representado em quadros prosaicos que, no entanto, situam-se longe do automatismo característico do mundo, por exemplo, do trabalho. Neste sentido, o leitor se depara, em cada poema, com imagens de cenas que o poeta seleciona e apresenta-as em flagrantes que têm como eixo central o lúdico”.

Por fim, os poemas de Palmyra Wanderley e Jorge Fernandes se entrelaçam pela temática e exaltação à aviação em solo potiguar. Vimos, portanto, em determinado momento, que o mundo da aviação pode ser compreendido com um olhar mais crítico em torno das mudanças ocorridas no seio social apresentado nos versos de Jorge Fernandes.

Entre crônicas: a aviação na prosa de Pery Lamartine

Pery Lamartine é um desses sertanejos de estirpe euclidiana que “antes de tudo” é um bom. Para ele, o mundo que o circunda, isto é, o seu universo vivencial, é a dimensão de sua alma (...).

As primeiras peripécias e olhar atento para o mundo da aviação do menino Hypérides Lamartine, conhecido no meio social e literário como Pery, desabrocharam na pequena Serra Negra, cidade eleita pelo autor e responsável ao declarado gosto à terra, à fazenda, à vida simples do campo e ao vaqueiro aguerrido que se tornara pelas suas ações e prosas nesse ambiente rico de saber popular. Natural de Caicó, região do Seridó potiguar, o cronista dedicou-se a viver em duas áreas distintas, a da aviação e a de vaqueiro, chegando a fazer uma análise apresentando os vários laços que aproximam esses espaços. Nas palavras do autor,

Qualquer jovem que tenha nascido e vivido toda a sua infância numa comunidade de vaqueiros, certamente, no futuro será um deles. Os filhos dos aviadores também não fogem à regra. Ambas as atividades têm muito em comum: a liberdade, as emoções fortes, a auto-confiança, o vedetismo e especialmente o contato direto com a natureza — é tudo que um jovem gosta de fazer. São atividades tão aproximadas que entre o vaqueiro e o aviador só muda o instrumento de trabalho. As duas funções podem ser encontradas numa mesma pessoa sem conflito. Ao montar um potro brabo, pela primeira vez, é como se fosse, para o jovem, o mesmo que realizar um vôo “Solo”. (p. 77).

Dessa forma, para compreender o papel determinante que a região do Seridó e, mais precisamente, a cidade de Serra Negra ocupou na vida do escritor, basta o leitor conhecer o conjunto



de sua obra em que as referências a esse espaço físico são uma constante em seus textos. Serra Negra também foi o lugar que propiciou o primeiro contato do menino Pery com a aviação. Em “*O Aeroplano*”, crônica que carrega o título de sua segunda obra, revela os passos iniciais da vivência de um menino fascinado pela arte de voar. No que se refere às crônicas, é essencial ressaltar que o leitor vai se deparar com um escritor atuando em muitos momentos como personagem e narrador, ocupando funções e ações que se aproximam e, às vezes, se distanciam dentro de cada prosa e experiências vividas. No prefácio de **O Aeroplano**, Franco Maria Jasiello adverte ao leitor que essa obra de Pery “não é um livro de contos, nem de crônicas. Não é o registro histórico de grandes ou pequenos acontecimentos. É o documento de identidade do Sr. Hipérides Lamartine, com todos os dados essenciais”. Contudo, fica evidente que o poeta potiguar Franco Jasiello prefaciou a obra de Pery negando que seus textos pertencem ao gênero crônica. E um fato curioso é que o próprio Pery também adotou essa postura ao longo de sua escrita e, particularmente, na obra citada. Abrindo o livro com nota intitulada “Uma Explicação”, anuncia:

Os fatos apresentados, neste trabalho, assim como os nomes de pessoas e lugares são verdadeiros. Neles, o autor teve uma maior ou menor participação. Desde quando ocorreram ficaram gravadas na memória do autor, sem nenhum registro, sendo agora recriados. Alguns deles já contam com mais de cinquenta anos, tempo suficiente para apagar da memória os detalhes e criar fantasias. (...)

Quanto ao título, “O AEROPLANO”, que se encontra também no primeiro capítulo, é uma homenagem do autor



à aviação que ele conheceu, cheia de romantismo e heróis anônimos, a qual era feita com essas simpáticas e caprichosas máquinas voadoras, hoje só encontradas em Museus. (p. 06).

No entanto, o leitor atento verá que o gênero predominante é a crônica, transitando, sobretudo, de acordo com a tipologia desse gênero, entre crônicas descritivas e memorialistas. De um modo geral, a produção de Pery Lamartine abriga características pontuais, próprias da crônica que se fez presente na Literatura, História e no Jornalismo, desde os primórdios de nossa história social e literária até a contemporaneidade.

As singularidades do escritor Pery e o amadurecimento em torno do gênero textual que o consagraria ficaram registrados naquela que foi uma de suas últimas entrevistas, não menos poética, forte e motivante sobre a literatura potiguar. O cronista foi entrevistado pelo pesquisador e também escritor Thiago Gonzaga dos Santos, em maio 2013, e ao ser questionado como se dava a construção dos seus textos e o que mais o motivava a escolher os temas das obras, Pery assim afirmou: “Tenho duas vertentes principais que me norteiam: Seridó e Aviação. Porém, de vez em quando saio delas e escrevo crônicas relativas a “causos” vividos por mim” (SANTOS, 2013, pergunta n.12), ratificando assim o gênero textual definido em nossas análises. Com um olhar clínico e sereno de quem atua e pesquisa a literatura do Rio Grande do Norte há bastante tempo, Santos segue a entrevista com questões de suma importância a quem deseja conhecer o discreto homem e escritor Pery Lamartine. Perguntado sobre quem o influenciou em termos de literatura e quais os autores potiguares que lia, o cronista assim se pronunciou:

Na verdade, Lamartine (*Juvenal Lamartine, o avô*) não teve nenhuma influência na minha formação pessoal. O meu envolvimento com a literatura,

acho que meu tio Oswaldo Lamartine foi quem me deu alguma inspiração. (SANTOS, *grifos nossos*, 2013, pergunta n.03).

Costumava ler ACTA DIURNA de Cascudo e as crônicas de Veríssimo de Melo. – Manoel Onofre Jr. foi o primeiro autor potiguar que me interessou. . (SANTOS, 2013, pergunta n.04).

E o que falar da influência recebida pelo iniciante pesquisador, Haddamis Hyago, o aluno bolsista que contribuiu com essa pesquisa? Já em nossos primeiros encontros, ficou claro que o seu conhecimento sobre a literatura potiguar não escapou da típica compreensão que apresenta a maioria dos estudantes, alternando-se sobre algumas obras de Luís da Câmara Cascudo, Nísia Floresta, Zila Mamede, entre outros autores estudados para o ENEM. No entanto, como todo aluno que recebe estímulos para ingressar em projetos de iniciação científica, Hyago logo se sentiu motivado a ler e pesquisar os textos de Pery Lamartine e os de natureza teórica para uma melhor compreensão, leitura e análise dos textos literários. Nesse sentido, é preciso mencionar que o discente analisou textos com temáticas variadas. Todavia, pensando na objetividade desse artigo, fizemos um recorte e consideramos nesse texto apenas as crônicas que abrigam o tema sobre a aviação. Não podemos deixar de registrar que as análises realizadas pelo aluno demonstram um olhar sensível e peculiar na compreensão de cada texto. Não obstante, algumas análises foram pautadas com certa subjetividade sobre a teoria da modernidade, talvez pelo pouco contato com a literatura, estudo de crônicas, carência de uma praticidade que envolvesse o estudo desse gênero e o processo de sua formação, pois cursa Turismo, que abriga algumas afinidades com a cultura e a literatura, mas não aprofunda a discussão acerca dessa última área. As análises e reflexões realizadas

por Haddamis Hyago estão diretamente relacionadas às crônicas “O Aeroplano” e “O pouso forçado”.

Em “*O Aeroplano*”, vimos o imbricamento entre ficção e realidade, como quem anuncia o início de uma história com a aviação. Nesse texto, Pery Lamartine faz a ponte necessária entre memória e realidade vivida. A crônica “*O Aeroplano*” pode ser compreendida como sendo descritiva e memorialista. Notadamente, uma das preocupações do aluno bolsista se deu em torno da dicotomia tradição e modernidade. Assim, os aspectos elencados sobre as mudanças ocorridas nos espaços urbano e rural foram revelados a partir de um olhar ímpar, expresso a partir de uma análise simples, mas com o cuidado de não extrapolar o texto literário. Para Hyago, o contexto analisado nos revela os seguintes aspectos da tradição:

Neste texto, o autor citou as vestimentas da época, a contemplação de uma novidade (à época), que era o avião, a precaução das pessoas na hora do pouso da aeronave devido ao desconhecimento de como funcionava o procedimento. O fato de o governador ter ido visitar a cidade e as pessoas tornarem isso um evento, comparecendo, bem vestidos, para estar na presença de uma figura ilustre, que foi recebido com um banquete, demonstra ato típico de receptividade muito comum da época.

Considerando as atitudes, ações, objetos e costumes sob o viés da modernidade, eis a observação de Hyago: “À época, a aviação era uma modernidade, como ainda é nos dias atuais. A indústria está sempre inovando e atualizando. O avião naquele dia era o grande objeto de curiosidade da população”. Outrossim, “*O Aeroplano*”, texto escrito em 1930, na Ribeira das Espinharas, em Serra Negra, situa o leitor sobre a importância do dia de São José

para o nordestino. A descrição se dá de forma tão precisa que as imagens sobre o espaço tempo do mundo rural se manifestam à mente do leitor. A isso, nos remetemos às palavras de Pery:

Naquele ano, o dia 19 de março, dia de São José, passou sem nenhum sinal de inverno. Nada de “torre” no nascente ou relâmpagos “pra cima”. O caboré continuava calado e o Fura Barreira não tinha mudado o seu ninho mais para o lato. Anoiteceu céu limpo e estrelado. Para o sertanejo tinha-se a última esperança de bom inverno. Mesmo assim não havia tristeza naquela gente acostuada a essas frustrações. Na filosofia do sertanejo era mais um ano ruim e “seja lá o que Deus quiser...” (p. 09).

No entanto, não só da expectativa em torno da esperança de chuvas anunciada no dia do Santo festeiro viveu o nordestino de Serra Negra. A notícia de que o governador Juvenal Lamartine, avô do menino Pery, inauguraria um campo de aviação em Ribeira das Espinharas, no dia 20 de maio de 1930, desencadeou um turbilhão de emoções e mexeu com a rotina do mundo rural. Assim, “essa notícia correu de boca em boca e alastrou-se mais rápido que fogo em pasto seco, por toda aquela ribeira” (p. 10). A ansiedade das pessoas fez com que tarefas cotidianas deixassem de ser realizadas para que todos vissem o Aeroplano. Nas palavras do cronista:

Naquela noite na Fazenda Cacimbas, não se conseguia dormir com tanta ansiedade. Quando a estrela da madrugada surgiu, há muito que se tirava o leite das vacas, os cavalos comiam a ração de milho em suas mochilas e os botadores água encerravam as suas tarefas. O



queijo não foi feito, a coalhada ficou pendurada nos sacos escorrendo para o dia seguinte. Era a pressa de terminar para se ir ver o Aeroplano. Ao quebrar da barra, as estradas, os caminhos, as veredas, as trilhas e os atalhos ficaram inundados de gente convergindo para o pé da Serra. (p. 10).

Nesse processo, a modernidade se apresentava ratificando a convivência pacífica e experimentando a sensação de estranhamento entre o elemento moderno, o aeroplano, com os meios de transporte tradicionais. Tal processo é apresentado pelo cronista na passagem: “Chegavam a pé, montados a cavalo, burros, jericos e até carros de bois. Parecia mais uma romaria das missões de Frei Damião. Todos queriam chegar cedo para se colocar bem e ver o Aeroplano de perto” (p.10). Apenas para se ter uma pequena amostra do apreço pela aviação, o cronista e também personagem Pery nos narra como foi seu contato inicial com esse meio de transporte, símbolo da modernidade que chegou ao espaço social de Serra Negra. Em suas palavras, “sendo ainda uma criança, compareci acompanhado de minha mãe, uma irmã e Maria Preta, uma auxiliar da casa. Tomamos posição próxima à cancela de entrada, junto à cerca lateral, quase no final do campo para não perder nada do espetáculo” (p. 11). A fala do narrador personagem também registra o momento em que acontece e sucede o pouso do Aeroplano. A extrema ansiedade da população é sintomática. Não à toa, depois de horas esperando a chegada do avião que trazia o filho mais ilustre da terra, o governador do estado, as pessoas apresentavam reações diferentes de acordo com o trecho narrado poeticamente pelo cronista:

A expectativa era grande, a tensão aumentava a cada instante e o povo esperava. O sol brilhoso, quente ia se levantando no céu e o calor ficava in-

suportável. O povo não arredava o pé. Sobre o Grande Talhado da Serra voava placidamente um gavião “tourona” que foi momentaneamente confundido com o Aeroplano, causando grande alvoroço. Já 10 horas, todo mundo suado pelo calor e pela tensão de espera, quando se ouviu um ronco grave, ensurdecedor, que mais parecia um urubu flexando em carniça ou um redemoinho num roçado de milho seco. Nesse instante, surgiu no céu pelo lado nascente aquele bicho voador em forma de cruz, roncador, de cor metálica, fazendo evoluções graciosas que nem um gavião peneira podia fazer. O povo voltado para o céu, de boca aberta e garganta seca de emoção, presenciando aquele extraordinário fenômeno de o homem voar, numa máquina diabólica, coisa até pouco tempo só admitida aos pássaros. Houve explosão de espanto e aplausos; pessoas assustadas correndo para todo lado. O Aeroplano fez uma bolandeira no céu e foi descendo, descendo, em direção ao campo até tocar no chão com as rodas, levantando uma nuvem de poeira numa corrida sem fim. Nesse momento, deu-se uma reação em cadeia nas pessoas onde nos encontrávamos; tivemos a impressão que o Aeroplano se dirigia a grande velocidade em nossa direção; foi uma verdadeira debandada para dentro do mato, saltando moitas, pedras e touceiras de xiquexique. Quando nos voltamos para olhar, o Aeroplano já se encontrava pa-



rado e arrodado de pessoas da Comissão de Recepção. (p.12).

Na crônica, não há uma visão nostálgica, mas sim o olhar de um ser atento à questão social que avaliou como positiva a viagem do aeroplano à Serra Negra. Ainda assim, outro olhar aflora o cronista, agora, a preocupação acerca dos problemas de ordem política e econômica que o município ia encarar. Finaliza o texto, afirmando que essa experiência vivida na infância foi decisiva para ele pensar sob o rumo que ia dar a sua vida. Nesse sentido, eis a compreensão do autor, “Essa visita nunca mais repetida, deixou marcas positivas naquela comunidade isolada do Seridó” e mais ainda “Foi, também, para mim, um fator de grande influência decisiva nos caminhos, que eu iria trilhar no futuro” (p.12).

E como não poderia deixar de ser, no texto “O Solo: Parnamirim Field”, Pery retoma o assunto que lhe foi rico, encheu de coragem, esperança e o motivou a buscar cada vez mais conhecimentos em torno da aviação. No ano de 1943, o Aeroclube do estado foi reativado e cuidava de formar sua terceira turma de pilotos. Quando do apreço e a influência recebida para trilhar suas ações e projetos na área da aviação, assim expressou-se o narrador personagem: “Eu mesmo não sei como surgiu a ideia de participar daquela turma. Acho que a motivação latente decorrente do envolvimento familiar com a aviação desde os tempos de Juvenal Lamartine, junto com o entusiasmo do jovem influenciado pela propaganda da guerra na Europa, terminou me levando àquele curso de pilotagem”. (p. 49).

É sabido que toda época social apresenta sua modernidade e se manifesta de forma diferente no espaço tempo. Na verdade, queremos registrar que mesmo vivendo uma época de descobertas em várias áreas do conhecimento, o homem também convivia com limitações atreladas ao progresso. Na crônica de Pery, essa ideia é reforçada pela observação que o narrador personagem faz, como na passagem em que revela a escassez de teoria sobre a aviação e

as aulas ministradas a pilotos brasileiros e americanos. O seguinte trecho corresponde à observação do cronista:

O curso não tinha quase teoria pois não havia livros ou manuais sobre o assunto. Os instrutores improvisavam aulas teóricas ali mesmo no hangar ao lado dos aviões e, logo a seguir, voavam com os alunos para mostrarem a aula na prática.

As primeiras aulas foram realmente desanimadoras pela falta de informações e identidade entre os alunos e o avião. Os instrutores também variavam muito prejudicando o sequenciamento e padronização das aulas. Os meus colegas, Dante de Melo Lima, Fernando Hostílio, João Morais, Paulo Sobral e Xavier e mais dois americanos mecânicos da USAF também sofriam as mesmas conseqüências. .(p. 50).

No entanto, nada se compara a sensação que viveu na estreia para executar o primeiro voo. A vibrante tentativa causou no jovem piloto sensações variadas, indo da conhecida expressão “nó na garganta” à tão esperada “liberdade”. Eis o registro:

Senti um nó na garganta e agi como autômato. Alinhei o avião na pista, ataquei o motor moderadamente, mantive bem a reta; com um ligeiro toque no manche tirei o avião do chão suavemente. O comportamento do avião agora era outro; Por estar mais leve tinha a tendência de subir mais rápido. Fiz as correções necessárias e fui ganhando altura

normalmente. Uma sensação de liberdade invadiu o meu corpo e apesar da turbulência decorrente do dia quente, sentia-me seguro e tranquilo. (p. 51).

A visão positiva do então piloto Pery Lamartine foi sentida no Campo de Parnamirim, como o próprio título da crônica nos indica “O Solo: Parnamirim Field”. Dentre as várias questões de dificuldades elencadas pelo autor no texto, há uma questão maior que é a necessidade profunda de o escritor, o cronista, o homem Pery, de anunciar a construção da imagem do piloto, necessidade essa que fica bem definida no final da crônica quando o autor descreve a forma do seu batismo na aviação potiguar. Enquanto toma consciência do nascimento do Pery piloto, a modernidade no espaço tempo do Rio Grande do Norte assim é revelada:

Foi uma das maiores emoções sentidas em toda a minha vida. Tinha dominado aquela caprichosa máquina voadora com consciência e toda segurança. Os meus colegas me aplaudiram e prepararam o ritual do batismo que consistia num banho de óleo queimado terrivelmente incômodo. Era o início da minha carreira de aviador naquela tão mundialmente conhecida Base Área americana de “Parnamirim Field”, por onde transitaram as mais altas personalidades mundiais da época. (p. 51).

No texto “O PT-19”, a temática central da crônica transita entre as dificuldades e os progressos que a área da aviação vivenciava. Não é difícil perceber a riqueza de detalhes que o cronista utiliza para descrever os momentos de realização no campo pessoal e profissional em torno desse assunto fascinante. O desejo do narrador personagem é o de pertencimento à nova classe, a dos aviadores e a

expressiva admiração em mais um curso formativo sobre a modernização que ia se instalando em cada novo avião apresentado aos pilotos. Para imprimir o estado de felicidade e contemplação pelo novo modelo da aeronave, assim nos revela o cronista:

Este extraordinário avião de treinamento, de asa baixa, motor Range em linha de 195 HP, com dois lugares em tandem, duplo comando, foi criado pela “Fairchild” para instrução de pilotos no primeiro estágio. Por isso mesmo é que ele tem estrutura robusta, e um trem de pouso largo e forte como um cavalo “Pecheron”. Foi nele que a USAF preparou a maioria de seus pilotos da Segunda Guerra, a FAB usou por muito tempo na Escola dos Afonsos, e ainda hoje voa por aí em algum Aero Clube. (p. 65).

Os pilotos da minha geração adoravam voar o PT-19; as suas linhas aerodinâmicas davam-lhe uma estabilidade incomparável no vôo; mesmo em turbulência, o avião se comportava tão bem que na maioria das vezes ele mesmo se corria. Os comandos de uma sensibilidade que o piloto bem treinado, usando as pontas dos dedos podia transformar aquela máquina voadora de 1.200 quilos em dócil instrumento de vôo, dando “asas à imaginação”. (p.66).

Junto às recordações do narrador personagem em seu tempo de piloto vem à clareza que o mundo da aviação lhe dava momentos de glória com o aprendizado adquirido e renovado pelos vários cursos que fez ao longo dessa trajetória. Na passagem: “Tive momentos extraordinários comandando esta aeronave. Um deles foi entre Ilhéus e Salvador num dia de mau tempo, quando trasladava um PT -19 do Aero Clube do Rio Grande do Norte em companhia do Piloto Quincola, numa tarde tempestuosa de abril” (p.66),

o leitor se depara com o zelo do Pery piloto com tamanha satisfação em poder voar mesmo em situação de tempo adverso para a aviação. É importante assinalar que muitas dificuldades compuseram o dia a dia dos pilotos em alguns voos e estas foram relatadas pelo cronista, como nas passagens: “Aceitei correr o risco da decolagem naquelas condições pela grande experiência que tinha no avião e a confiança que depositava nele (...)” e ainda quando nos revela as cenas de medo: “Não foi mais que cinco minutos o tempo que duraram aqueles momentos de grande perigo e tensão. Eu e o avião havíamos sido submetidos a um verdadeiro massacre de nossa capacidade de resistir atingindo ao ponto de quase rotura. Vencemos aquele desafio com um esforço sobrehumano (p. 67 -68).

A postura do piloto Pery é sempre de agradecimento individual a aqueles que lhe repassaram conhecimentos em torno da aviação bem como aos homens que construíram aeronaves modernas, proporcionando voos mais seguros e confortáveis. Os dias passam e o ato de voar vai somando experiências e ganhando cada vez mais o respeito e a credibilidade dos que trabalham e pertencem à área da aviação e ainda daqueles que precisam usar o avião como um meio de transporte rápido, seguro e moderno. Assim, o narrador personagem exprime o seu olhar:

Já na tranquilidade do vôo de cruzeiro, o avião bem ajustado, o tempo dando uma chance, soltei os nervos; esparramado na minha poltrona de comando, pude concluir como eram merecedores de nosso respeito aqueles homens sisudos, calvos, manipuladores de régua de cálculo que, com a sua sabedoria, construíam máquinas maravilhosas como aquela. Dei graças a Deus estar naquele dia pilotando um PT-19. (p. 68).

Em nosso recorte, finalizamos nossa análise com um olhar sobre o texto “O Pouso forçado” que tem como espaço físico a “Baixa-Verde — Ribeira do Ceará-Mirim”, no ano de 1948. Nes-

sa crônica, conferindo os elementos da modernidade, Haddamis Hyago observou como o autor dá visibilidade à questão da aviação, pois acaba sendo um tema recorrente em seus textos. Assim descreve o aluno pesquisador: “Mais uma vez, aqui, a figura do avião se fez presente, desta vez com Pery já como piloto e exercendo suas funções a serviço de um deputado que precisou fazer uma viagem de Assu até Macau e depois até Natal”. Em “O Pousso forçado”, as ações também giram em torno do Aero clube de Natal quando este espaço viveu momentos de glória com atividades diversificadas, recebendo personalidades ilustres da sociedade potiguar. Nas palavras do cronista:

O Aero Clube do Rio Grande do Norte vivia momentos de grande atividade aerodesportiva. Pessoas como Ernani da Silveira, Aldo Martins, José Elísio, Augusto Severo Neto, João Pinheiro, Raimundo Lustosa estavam constantemente no hangar fazendo funcionar a escola de vôo. Por esse tempo eu havia retornado de uma temporada fora, aperfeiçoando os meus conhecimentos técnicos de pilotagem. Havia me reintegrado àquele grupo com entusiasmo. (p. 69).

A inquietação em relação ao espaço tempo faz parte da vida do aviador, pois um dia está em uma cidade/estado/país e, em outro momento, se encontra em novo espaço físico. Nesse sentido, Pery Lamartine, enquanto piloto, se identificou muito com essa realidade ao longo de sua vida. Em “O Pousso forçado”, a fala do narrador personagem demonstra extensivamente o registro desse deslocar presente no cotidiano de quem vive da aviação, “Num certo dia, recebemos, por telegrama, um pedido do Deputado Olavo Montenegro, para ir buscá-lo no Açú. Vivíamos o tempo em que uma viagem por terra Açú-Natal era quase uma aventura. Oito horas de boléia de caminhão até Angicos e doze de trem até Natal”. (p. 69).

Nessa perspectiva, percebemos o elemento da modernidade, representado pelo avião, convivendo harmonicamente com o elemento da tradição, “a boléia de caminhão”, experiência vivida na cidade de Açu, conhecida como a “terra dos poetas”. Sobre esse texto, além de elencar os aspectos da tradição, o aluno Haddamis Hyago cita também um aspecto relevante sobre a linguagem usada nas crônicas de Pery Lamartine:

Aqui, podemos observar o uso do telegrama para comunicação direta entre canais de longa distância. As viagens por terra também ainda eram muito longas. Do interior do estado, Assu (que na época era mais tratado como Açu), por exemplo, para Natal duravam quase 24 horas.

Em todos os textos, observei uma linguagem de simples entendimento, mas com termos que hoje caíram em desuso na nossa língua. Precisei consultar o dicionário algumas vezes para ter certeza do significado de algumas palavras e termos.

Além de apresentar uma linguagem simples, seguindo às normas gramaticais vigentes à época de sua produção, os textos do cronista apresentam uma prosa leve e propiciam ao leitor vários encontros com belíssimas paisagens, como as descritas sobre o Vale do Açu, no momento de ida, quando da viagem que pegaria o deputado rumo à capital do estado:

Decolei sozinho e aproveitei para apreciar a beleza da paisagem sertaneja naquela hora da manhã. Um dia claro e sem nuvens. A ausência quase total do verde permitiu o azul do céu invadir o horizonte, tornando a paisagem extremamente bela. Até o pico do Cabugy,

com sua chaminé calcionada e majestosa presença, parecia ter sido mergulhado com tinteiro. Fiquei tão empolgado em contemplar a beleza ao redor que nem percebi quando o Vale do Açu passou lá embaixo, aumentando em 10 minutos o meu tempo de vôo. (p. 70).

Entretanto, na volta de mais um compromisso profissional, o narrador personagem narra sérias dificuldades que teve de enfrentar com a aeronave. Mesmo com todo o conhecimento adquirido nos cursos de formação e a experiência em horas de voos, o piloto viveu momentos de muita tensão, “escondeu” a preocupação o máximo que pode, mas foi preciso compartilhar a angústia com o contratante da viagem, o político que solicitou a viagem. Nas palavras do narrador personagem: “Nesse momento avisei ao Deputado Olavo Montenegro o que estava se passando e fui logo dando instruções de pouso de emergência. Cheque de cabine, cintos apertados, tirar óculos, verifiquei extintores etc e parti para o pouso”(p.71).

Assim, apesar do imprevisto que aconteceu, foi possível tirar um aprendizado da situação vivida, o piloto e o deputado só chegaram a Natal à noite, seguiram a viagem de carro. Diante dessa constatação, fica evidente que uma das grandes virtudes do homem é saber que não se pode acertar sempre na vida e na profissão. É preciso buscar os acertos, corrigir e aprender com o que não deu certo e, nesse sentido, o Pery piloto trilhou suas ações e soube como ninguém expressá-las em suas obras. Na última crônica que encerra a obra **O Aeroplano**, o autor apresenta o texto “Epílogo”, que não fez parte de nosso recorte, mas o mencionamos por que há algumas passagens reveladoras sobre o pensamento do cronista antenado ao seu espaço tempo, revelando-nos sua consciência crítica como se estivesse analisando a experiência vivida no voo que fez com o deputado açuense: “(...) Mas a vida é cheia de coisas reais. Os pés um dia terão que se firmarem no chão; viver não a “vida-poesia” porém a “vida-guerra” do dia a dia que somos obrigados a travar para conseguirmos nosso lugar ao sol” (p. 78).

Conclusões finais

Nessa pesquisa, fez-se necessário acolher o esforço empreendido pelo aluno Haddamis Hyago ao extrair as singularidades da tradição e da modernidade representativas em crônicas de Pery Lamartine, em especial, as que tematizam sobre a aviação e que nos revelaram o embelezamento das relações entre o velho e o novo. É preciso levar em conta que as análises apresentadas pelo aluno bolsista nos reportam a considerar cada vez mais sobre a importância de incentivar os discentes para participar de projetos de pesquisa. Em nosso estudo, o discente percebeu que o moderno e o tradicional estão presentes nas crônicas de Pery Lamartine, revelando-nos aspectos dinâmicos sobre a cidade e meio rural. Um olhar poético foi posto pelo autor das crônicas e um olhar cuidadoso foi percebido pelo aluno pesquisador em que ressaltou os elementos da modernidade se contrapondo aos aspectos da tradição.

Por fim, evidencia-se que os vários espaços descritos pelos poetas e o cronista nos possibilitaram compreender como se deu o processo da aviação em solo potiguar e como a Literatura Norte Rio-Grandense se comportou ao longo do tempo, revelando-nos suas descobertas, dificuldades e avanços. Em síntese, podemos afirmar que tanto a poesia de Palmyra Wanderley quanto a de Jorge Fernandes e, em especial, a prosa de Pery Lamartine, simbolizam um convite ao leitor para refletir sobre o tema da aviação em nosso estado, assim como a análise aqui apresentada poderá suscitar um impulso para que novos pesquisadores deem continuidade ao tema estudado, abrigando uma nova leitura sobre a fascinante relação entre a tradição e a modernidade no espaço social.



Referências:

ANDRADE, Mário de. **Aspectos da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1997.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. **Velhos escritos de Jorge Fernandes**. Natal: Offset, 2008.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5 ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 2v.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20**. Raimundo Arrais (Org.). Natal: EDUFRN, 2005.

CASCUDO, Luiz da Câmara. Poesia d'aqui mesmo. **A Imprensa**, Natal, 21 ago 1927.

CASTELO, José Aderaldo. **Modernismo e regionalismo**. São Paulo: Edart, 1961.

FERNANDES, Jorge. **Livro de poemas**. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

LAMARTINE, Pery. **O Aeroplano**. Estórias vividas. Natal: Edições CLIMA, 1983.

_____. **Epopéia nos ares**. Natal: Fundação José Augusto, 1995.

- _____. **Serra Negra, anos 1930**. Natal: Sebo Vermelho, 2000.
- _____. **Coronéis do Seridó**. Natal: Sebo Vermelho, 2005;
- _____. **Saint-Exupery na América do Sul**. Natal: Sebo Vermelho, 2008.
- _____. **Velhas Oiticasas**. Natal: Sebo Vermelho, 2011.
- SANTOS, Thiago Gonzaga dos. **Impressões digitais – Escritores potiguares**. Natal: Offset, 2013. Vol. 1.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro**. 8 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.
- WANDERLEY, Palmyra. “Aviador”. **A República**: Natal, 18 de jun. 1922.

IZABEL CRISTINA DA COSTA BEZERRA OLIVEIRA. Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, membro e pesquisadora do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte Rio-Grandenses – NCCEN/UFRN. (izabelcristina@uern.br).

HADDAMIS HYAGO DE LIMA BARRETO. Discente que participou do PIBIC, na época em 2019, cursando o 6º período do Curso de Turismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus de Natal. (haddamisbarreto@alun.uern.br).



A POÉTICA DO ESPAÇO NO ROMANCE MACAU, DE AURÉLIO PINHEIRO

Maria Aparecida de Almeida Rego

Introdução:

A toponímia seria então o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima.

Gaston Bachelard (1978)

Muitos romancistas apresentam o espaço como elemento importante e de destaque em suas ficções, alguns desde o título, a exemplo de *O Cortiço* (1890) e *Casa de Pensão* (1884), de Aluísio Azevedo, *O Atheneu* (1888), de Raul Pompeia. Podemos incluir nesse rol o romance *Macau* (1934), de Aurélio Pinheiro (1882-1938), como uma das obras em que o espaço contribui fortemente para as ações das personagens. Este artigo apresenta uma leitura sobre algumas moradias presentes em *Macau*. Tal estudo contribui para uma melhor compreensão sobre os aspectos culturais da cidade romançada e, porque não dizer, uma compreensão crítica do romance.

Várias áreas do conhecimento se debruçam para definir e estudar o espaço: a geografia, a arquitetura, a história, a sociologia, a filosofia, o teatro, abrindo-se uma perspectiva de estudos multifacetado e transdisciplinar. Em alguns momentos, os conceitos se aproximam, em outros, se distanciam. No campo ficcional, o espaço se torna um elemento muito caro ao ficcionista, pois é nele que as personagens atuam e as cenas se desenrolam. Para Brandão (2013) estudar o espaço no campo da ficção é um caminho investigativo promissor. Assim, o estudioso nos afirma que “o espaço passa a ser tratado não apenas como categoria identificável em obras, mas como sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação

epistemológica” (BRANDÃO, 2013, p. 25). Isso leva o analista literário a ver o espaço, na ficção, como um elemento de construção da narrativa a partir do qual o escritor traz, literariamente, para a trama de sua obra, registros culturais, históricos, sociológicos etc.

No que diz respeito ao estudo do espaço literário, como um dos componentes configuradores do romance *Macau*, adotamos aqui a perspectiva da topoanálise. Para Borges Filho (2007, p. 33) “[...] o topoanalista busca desvendar os mais diversos efeitos de sentido criados no espaço pelo narrador”. Nesse entendimento, as questões psicológicas, sociais ou particulares podem ser analisadas com base no espaço em que as personagens se encontram.

Já o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2013, p. 1) afirma que “o espaço social é definido pela exclusão mútua (ou distinção) das posições que o constituem; isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais”. Em uma narrativa, as personagens podem ser caracterizadas segundo o espaço que ocupam. Por exemplo, em *Macau*, o espaço de moradia ajuda a definir a posição de classe social das personagens.

Assim, nosso olhar se deterá em apresentar, alicerçado na teia narrativa, os espaços de moradia descritos na *Macau* romaneada por Aurélio Pinheiro tentando relacioná-los às experiências vivenciados pelas personagens.

A *Macau* do romance tem ligações diretas com a cidade geográfica localizada na região litorânea do estado do Rio Grande do Norte. O que sustenta essa afirmação é o fato de o ficcionista ter residido nessa cidade durante os anos de 1907 a 1910, exercendo ali a profissão de médico e, ainda, o romance apresenta nomes de ruas, bairros e outras localizações presentes na cidade *Macau*.

É possível que a visão do clínico tenha se estendido para além das enfermidades, e tenha observado as relações sociais, políticas, econômicas e culturais presentes na cidade, o que possibilitou a escrita do romance 24 anos após sua estadia em *Macau*, estando

naquele momento (1934) no Rio de Janeiro. Mesmo com esse distanciamento temporal e espacial, podemos afirmar que o romance *Macau* representa o que a memória do médico/ficcionista conseguiu guardar e lapidar para transpor aos leitores, através da natureza ficcional, a geografia e a fisionomia da cidade aludida. Tais pressupostos amparam a afirmação do crítico literário Tarcísio Gurgel (2001), ao defender que a própria cidade seria a personagem principal do romance.

Breve apresentação do romance

O romance *Macau* (1934) teve a primeira edição publicada pela editora Adersen, no Rio de Janeiro. A década de 1930, na ficção brasileira, é um período em que as particularidades de todas as regiões do país ganhavam espaço. Cinco décadas depois, em 1984, surge uma segunda edição publicada pela Presença Edições/Rio de Janeiro, em parceria com a Fundação José Augusto/Natal. Em 2000, a Editora da UFRN elabora uma terceira edição, inserindo-a na Coleção Nordestina.

O romance apresenta a cidade de Macau/RN e a rotina de seus habitantes, por meio de um narrador que relata os fatos sem participar da história. Em princípio, a ficção delinea a viagem do jovem macauense Aluísio, de volta à sua terra natal, onde exercerá a profissão de Promotor. Inicialmente, submetendo-se aos jogos políticos do sistema vigente na tentativa de reerguer a família diante da falência financeira e doença mental que afeta a irmã.

O enredo é todo marcado por intrigas pessoais e políticas, interesses e favoritismo, fruto do coronelismo sob o qual vivem as principais personalidades da cidade. A narrativa, em alguns momentos, dá uma pausa no enredo principal para que o leitor tome conhecimento da trajetória de algumas personagens, motivos das ações apresentadas na cena maior.

As principais ações são: um julgamento que marca um duelo entre o promotor e o rábula e torna-se motivo de grande agitação

na cidade; maledicências criadas por D. Angelina contra o bacharel e que envolvem também outras pessoas, inclusive o próprio marido da intrigante; tramas políticas entre o chefe político Oliveira e o rábula Teotônio para destruir a carreira de Aluísio; dedicação do químico Dr. Moreira às pesquisas.

Nesse sentido, o leitor acompanha histórias internas à principal, pequenas narrativas capazes de esclarecer a trajetória de algumas personagens. Nem mesmo as personagens ditas secundárias escapam da trama montada pelo ficcionista. À medida que o enredo se desdobra, o narrador descreve as paisagens, os lugares da cidade, as regiões salineiras, a instalação de empresas e do laboratório químico, alguns aspectos de desenvolvimento urbano e das questões sociais, a exemplo: escândalos pessoais em que as personagens estão envolvidas, queda do rábula, desmascaramento de D. Angelina, ruptura do promotor com o chefe político, queda do chefe político, nova ordem política em Macau, entre outros.

Espaços de proteção em *Macau*

A concepção de casa, simbolicamente, vista como algo privado e familiar nem sempre é universal. A casa é tida, geralmente, como um espaço habitacional que representa morada, reduto, lugar seguro de abrigo, descanso, dentre outros atributos associados a ideia de um lugar físico. Ela pode ser estudada pelo geógrafo, etnógrafo, antropólogo, engenheiro, dentre outras áreas do conhecimento, seja das ciências humanas, seja das ciências exatas. Na literatura e na filosofia, esse espaço ultrapassa todas essas objetividades. Em *A poética do espaço*, (1978), Bachelard dedica atenção a alguns espaços considerados louvados, os espaços de intimidade; dentre eles, há um destaque para a casa. Segundo Bachelard, esses espaços louvados não são necessariamente espaços físicos; podem ter valores imaginativos e se caracterizam por atrair o sujeito por ele “ser um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (BACHELARD, 1978, p. 208).



Muitos poetas deram atenção a esse espaço em seus versos. Citamos aqui Álvaro de Campos, Vinícius de Mores, Adélia Prado, Zila Mamede etc porque “a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela” (BACHELARD, 1978, p. 200).

No romance em estudo, nos deparamos com a presença de inúmeras casas, porém nossa lente de análise focará três casas que envolvem a presença do bacharel: a sua própria casa, a casa do primo Mariano Monteiro e a casa do Velho Sousa. Não se trata de apresentarmos descritivamente esses ambientes, até porque apenas a casa de Aluísio há descrições objetivas, as demais a narrativa nos leva a imaginá-las como espaços felizes pela maneira harmônica que são apresentados a partir do narrador ou das subjetividades do personagem.

A apresentação da casa de Aluísio se dá a partir de seu regresso para Macau. Com a chegada do bacharel, a dinâmica da cidade é alterada e a casa do coronel Edmundo, de espaço privado, torna-se público em virtude dos preparativos para o banquete, conforme observamos no fragmento a seguir:

A casa [...], edificada na mais importante rua da cidade, era, apesar do fausto e da vaidade dos seus habitantes, do mesmo tipo, vulgar e inestético, das moradias do Nordeste. Apenas a sala de visitas e um pequeno gabinete, na frente, exibiam o luxo do soalho e do forro. Todos os outros aposentos obedeciam ao velho sistema de telha-vã e dos pisos de cimento ou ladrilho. [...]

Na sala de jantar, sítio ruidoso de maior concentração, o movimento tomava

proporções de feira, e gritos, ordens, rajadas ameaçadoras, ralhos, alaridos de discussões voavam de todos os lados, enquanto o enorme compartimento se ia ornando de bandeirolas de papel pelo teto, flores de papel em jarras sobre colunas, enfeites de papel em cima dos móveis e dos doces.

[...] Às nove horas da manhã a casa do Coronel Edmundo transbordava de amigos, preparados para a recepção do Dr. Aluísio (p. 65-66)

As adjetivações presentes na citação acima apontam uma localização privilegiada “na mais importante rua da cidade”, apresentando ares de prosperidade e ao mesmo tempo aspectos arquitetônicos inexpressíveis. A narrativa nos revela que a falência financeira da família, a princípio, não interferiu nas representações e posições sociais que ocupavam, uma vez que a localização física da casa, mesmo com ares de precariedade, está em um espaço social privilegiado da cidade.

Agora, seguiremos para a casa de Mariano Monteiro, primo de Aluísio, comerciante e redator de *O Mensageiro*. Veremos um espaço de sociabilidade dentro da narrativa, uma vez que o anfitrião promove dois bailes. O primeiro, para solenizar “a vitória da ciência sobre o charlatismo!”, pelo sucesso do primo na ocasião do julgamento contra o rábula. O segundo, para comemorar a vitória das eleições em que o primo também estava envolvido e, talvez, para comemorar em “Macau a primeira queda de um chefe político” (p. 208). Essa transformação, na cidade, se dá a partir da presença do bacharel. Esses personagens transformam o espaço de sua vivência íntima (e coletiva), conferindo a cada lugar uma identidade, um modo particular de cumplicidade entre o eu e sua morada.

Nessa direção, sendo Aluísio um bacharel que não se submete mais aos interesses do chefe político, participa do processo eleitoral em oposição a quem está no poder. Essa alteração afeta diretamente a dinâmica da cidade, rendendo-lhe alguns momentos festivos. Então, o que se interpõe aos olhos do leitor não é apenas uma relação íntima do personagem com o espaço, tendo em vista que a vivência afetiva se transmuda em eventos coletivos.

Na ocasião da vitória de Aluísio no julgamento, Mariano Monteiro oferece sua casa para a comemoração e o entorno desse espaço nos é apresentado assim:

Quase ao fim da rua se via a casa toda aberta, iluminada a acetileno, derramando uma luz coruscante na escura tristeza da rua. Lâmpioes de petróleo, distanciados, espalhavam na noite negra focos avermelhados. O nordeste largo e solto varria o solo e erguia altas nuvens de poeira. Garotos brincavam sob as amendoeiras, em algazaras e correias, e no alto as estrelas rutilavam num deslumbramento palpitante (p. 108).

Vemos, no fragmento, a casa “iluminada a acetileno”, lâmpioes espalhados clareando a rua e a noite, além de crianças brincando em algazaras. Ou seja, a casa associada a espaço de felicidade. Assim, “nessas condições, a topoanálise tem a marca de uma topofilia” (BACHELARD, 1978, p. 205), pois a partir dos predicativos que são apresentados ao leitor, sem, necessariamente, descrever a casa, o momento é de alegria.

No interior da casa, estava uma mesa farta de doces, as pessoas iam chegando com trajes de grande gala e os convidados eram apresentados a Aluísio “que [...] roendo melancolicamente um começo de tédio e a dor de cabeça. Ali repousou, observando, conversando e sentindo a admiração daquela gente que o exami-

nava como a um surpreendente fenômeno” (p. 108). Aqui, já observamos uma relação de topofobia por não haver correspondência entre o clima festivo do espaço e os sentimentos de Aluísio que, mesmo contra sua vontade, era o centro das atenções e algumas mães apresentavam as filhas ao novo promotor da cidade na tentativa de ganhar um genro. Porém, Aluísio mostra-se um pouco introspectivo, pois seus momentos prediletos de lazer não eram as aglomerações, e sim as caminhadas pela cidade, ocasiões que aproveitava para refletir sobre a vida.

No percurso da narrativa, em outro momento, o narrador apresenta o protagonista caminhando melancolicamente pela cidade:

Na Praça da Igreja havia o *silêncio e a desolação de um mundo morto*. O Dr. Aluísio parava, fitava o Cruzeiro que se erguia escuro e pétreo em frente à Igreja; as altas amendoeiras de folhas verdes e rubras, deitando a sombra escassa das suas frentes circulares; o trecho do cais onde habitualmente *passeava ao crepúsculo*; a rua que se estendia, *deserta e clara*, até os mangues do Valadão (p. 182 – grifo nosso).

Neste excerto, conforme expressões destacadas, há um observador que contempla a natureza em um ritual cotidiano e noturno. Esses passeios marcam a subjetividade de Aluísio em relação à cidade e ultrapassam uma visão geral do espaço geográfico. Observamos uma certa homologia entre os sentimentos melancólicos de Aluísio e a descrição noturna do espaço. Ao final das caminhadas, o protagonista encontra refúgio na casa do Velho Sousa, espaço privilegiado de repouso e memórias:

Voltava, então, à cidade, *refugiava-se* na sala de jantar das Sousas [...] Ali, repousado na sua cadeira, cercado pelas

solteironas que costuravam e bordavam, ora ouvia as críticas aos fatos passados e presentes, ora *escutava as histórias pitorescas do velho Sousa*, que iniciara a sua vida no convés dos antigos veleiros, conhecia todos os mares e todos os povos, *e tinha sempre, nas noites amáveis de verão, um episódio das suas viagens através dos continentes e das raças. E muitas vezes, quando a palestra ia morrendo, o velho marinheiro enchia o cachimbo, acendia-o, falava, abrandando a voz rolante e grossa:*

– Ora, Aluísio... Um dia em Numeia, na Nova Caledônia...

E todos o olhavam, e *havia um silêncio religioso na sala de jantar, como se todos fossem crianças e ouvissem embevecidos algum doce conto de fadas* (p. 132 – grifo nosso).

Embora o interior da casa do Velho Sousa não seja apresentado na narrativa, o ambiente é marca de repouso para o bacharel porque “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (BACHELARD, 1978, p. 201). De alguma forma, observando o interior da casa do Velho Sousa, o leitor percebe uma relação de intimidade entre a interioridade do espaço e a interioridade do Velho, e nesse sentido a moradia se eleva à condição afetiva, de abrigo e proteção, conforme Bachelard (1978).

O espaço da casa aparece como um dos poucos de evasão para o protagonista que “refugiava-se na sala de jantar”. Aluísio mostra-se necessitado desses momentos, cuja tranquilidade e proteção somente a casa do velho amigo proporciona, ou seja, espaço de tranquilidade que não encontrava em nenhum outro lugar da cidade.

A relação de Aluísio com essa casa nos expõe a própria necessidade humana de ter momentos sossegados em meio às tensões da rotina, segundo nos assegura o filósofo Gaston Bachelard:

Todos os abrigos, todos os refúgios, todos os aposentos têm valores oníricos consoantes. Já não é em sua positividade que a casa é verdadeiramente “vívida”, não é somente no momento presente que reconhecemos seus benefícios. Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova. [...] E o devaneio se aprofunda de tal modo que, para o sonhador do lar, um âmbito imemorial se abre para além da mais antiga memória (BACHELARD, 1978, p. 200).

Nesse caminho, a morada do Velho Sousa é tida como lugar de proteção e de lembranças imateriais; vista, subjetivamente, como espaço de memórias e um dos raros lugares em que o Dr. Aluísio se socializa. O bacharel é o único na narrativa, além das filhas do Sousa, que dá atenção às histórias contadas pelo velho “que tinha sempre, nas noites amáveis de serão, um episódio das suas viagens” e “todos o olhavam [...] como se todos fossem crianças” (p. 132). Aqui observamos uma relação de topofilia entre Aluísio e a casa do velho marinheiro, pois essa relação acontece quando “a personagem sente-se bem no espaço em que se encontra, ele é benéfico, construtivo” (BORGES FILHO, 2007, p. 158). Desse modo, podemos pensar, nessa relação, como o ser e o espaço se tornam um só. Nesse sentido, o espaço habitado também habita a alma do personagem.

Sobre a figura do velho, na cultura moderna, é vista como improdutiva, sem funcionalidade, levando em consideração os valores vigentes numa sociedade industrial, em que não há espaço para a ve-

lhice. No caso do romance *Macau*, acontece o contrário, o Velho Sousa aparece como sujeito importante por ser um contador de histórias; reflexo de experiências que ressuscitam lugares de sua memória e que estão relacionados ao tempo de trabalho enquanto marinheiro.

Na situação apresentada, recorreremos aos estudos de Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, ao ressaltar que

[há] correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar que são resquícios de outras épocas (BOSI, 1994, p. 75).

Nessa lógica, o Velho Sousa, cheio de espontaneidade, detém a faculdade de intercambiar experiências, apresentada por Benjamin (1985) no ensaio “O Narrador”, em que aborda dois tipos de narradores: os camponeses e os marujos.

O vínculo com outras épocas e espaços traz ao velho a alegria em resgatá-los a partir das lembranças que ganham respaldo nos ouvintes comprometidos. O Velho também ganha respaldo em repassar experiências de outrora que transformaram a própria dor em sabedoria e dignidade para recontar. Essas experiências são transferidas, muitas vezes, em forma de conselho, mesmo considerando que o hábito de aconselhar e contar histórias já não tem tanta força nas sociedades atuais, exatamente pela ausência comunicável da experiência repassada. Nessa perspectiva, Walter Benjamin esclarece:

[a] arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um “sintoma de decadência” ou uma característica “mo-

terna”. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (BENJAMIN, 1985, p. 200-1).

Isso acontece porque, em uma sociedade de consumo, narrativas orais são descartadas da memória com a mesma facilidade com que se descartam os bens materiais. Esse processo está ligado ao desenvolvimento industrial, que tem pressa em apresentar resultados e não tem tempo para conversar, contar ou ouvir histórias, tornando visível a desintegração humanística e cultural na formação do sujeito.

Nessa perspectiva, a velhice ganha representatividade, no romance, do velho contador de histórias tradicionais, para lembrarmos de Benjamin (1985), e como tal sugere a ideia de resistência e a permanência da tradição oral, porque a arte de narrar tem existência anterior aos livros.

Retornando ao espaço da casa do Velho Sousa, apesar das poucas descrições objetivas, o que há de mais valor são as histórias contadas nesse local, uma vez que, para Bachelard (1978, p. 205), “[...] as verdadeiras casas da lembrança, as casas aonde os nossos sonhos nos conduzem, as casas ricas de um fiel onirismo, rejeitam qualquer descrição”. Isso justifica a ausência de descrições da casa do ex-marinheiro, se comparada a outros espaços descritos na narrativa em análise.

Aluísio e as Sousas são privilegiados por terem oportunidades de ouvir frequentemente o “doce conto de fadas”, ou seja, as vivências do Velho Sousa, que são transformadas em “[...] diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia” (BOSI, 1994,

p. 81). Tal diamante está presente na voz do velho Sousa, em outro momento de lembrança do mar, quase no final da narrativa:

– *Nunca se esquece o bom tempo; o tempo da mocidade, das aventuras, da vida larga e descuidada. Nunca se esquece! O mar foi o meu maior amigo, o meu companheiro durante trinta anos. É impossível esquecê-lo!* (p. 251 – grifo nosso).

Na fala do Velho há um sentimento de gratidão para com o mar, seu maior amigo, bem como é perceptível uma relação de corpo e alma, além da forte presença da memória com a repetição da expressão “nunca se esquece”. O mar foi amigo e também moradia para este homem rico em experiências, refúgio efêmero e abrigo ocasional. Mas sua significação ultrapassa as questões profissionais de marinheiro. E é justamente por isso que “as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios, que as moradias do passado são em nós imperecíveis” (BACHELARD, 1978, p. 201).

Sobre isso, Bosi (1994, p. 74) assegura que “não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias”. Cabe ao ouvinte a tarefa de refletir, de dar sentido ao “doce conto de fadas” que o romance nos faz pensar, conservar e repassar – essa é o vínculo entre narrador e ouvinte; esse é o vínculo entre narrativa e leitor.

Considerações finais

Na tentativa de apresentar as moradias louvadas na Macau romanceada, de Aurélio Pinheiro, indiretamente, foram apresentados elementos que compõem a rotina da cidade, seja a partir do narrador ou de suas personagens principais. Os lugares citados, no percurso do enredo, os movimentos das personagens, os cenários, dentre outros aspectos, formam um álbum abrangente desses espaços físicos e subjetivos. Esses elementos, ora revelam uma cidade pacata, ora revelam uma cidade dinâmica, uma vez que as moradias são apre-

sentadas em momentos festivos (a casa de Aluísio em sua recepção e a casa de Mariano durante os bailes). Com isso, foi possível observar a relação do espaço com a vida íntima de alguns personagens.

De acordo com a análise, aqui pretendida, tendo como categoria analítica questões espaciais e suas implicações psicológicas, íntimas e de sociabilidade, podemos dizer que se trata de um romance com predominância do espaço realista, considerando que a obra apresenta semelhança “à realidade cotidiana da vida real [...]”. Tal estratégia narrativa confere ao enredo maior verossimilhança” (BORGES FILHO, 2008, sem paginação).

Em *Macau*, algumas casas apresentam uma atmosfera de devaneio, enraizada nos personagens, instaurando-se como moradia do passado como algo imperecível (BACHELARD, 1978). Assim, neste artigo, pontuamos essas casas vistas como habitares festivos e harmônicos, principalmente os momentos desfrutados por Aluísio, seja em sua própria casa, seja na casa do primo Mariano Monteiro, seja na casa do contador de história – Velho Sousa, como lugar de integração humanística para os ouvintes.

Lembramos também que esses espaços de moradias não são os únicos presentes na história. O romance apresenta outros espaços que merecem um enfoque social, diante das tensões da modernidade visualizadas na trama. Essa temática foi objeto de outro estudo.

Possivelmente, as descrições referentes aos espaços estão associadas às lembranças e experiências vividas pelo escritor durante o período que clinicou em Macau e Areia Branca, o que se confirma com os nomes das ruas, bairros, praças e repartições que correspondem aos nomes da cidade real, como, por exemplo, o Largo da Conceição, que até hoje é um lugar de referência na cidade.

Nesse sentido, Aurélio Pinheiro, com a escrita do romance, contribuiu para colocar *Macau* na cena literária brasileira, uma vez que a cidade Macau já se encontrava na cena econômica como uma das maiores produtoras de sal do país.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Scipione, 1995.
- BACHELARD, Gaston. *Os pensadores: A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Trad. Joaquim José Moura Ramos (et al). São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, c1985. v.1.
- BRANDÃO, Luis Alberto. *Teorias do espaço literário*. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG, 2013.
- BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise*. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.
- _____. *Espaço e literatura: introdução à topoanálise. Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo, 2008.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço apropriado. In: *Estudos Avançados* 27 (79), 2013, p. 133-144. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v27n79/v27n79a10.pdf> (acesso em 05 de outubro de 2019).
- GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.
- PINHEIRO, Aurélio. *Macau*. Natal: EDUFRN, 2000.
- Maria Aparecida de Almeida Rego** é Doutoranda em Literatura Comparada (PPGEL/UFRN). Professora do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy e da Rede Municipal de Natal. Membro e pesquisadora do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte Rio-Grandenses – NCCEN/UFRN.

O DOENTE APRENDIZ E A ESCRITA TERAPÊUTICA: O QUE PODEMOS APRENDER COM LUÍS DA CÂMARA CASCUDO?

Regina Lúcia de Medeiros

Há cerca de um ano, convivemos de perto com a ameaça constante do coronavírus – sentimos ansiedade, medo, solidão. Devido à contagem crescente de mortos, a pandemia tornou-se a pauta do dia e modificou nosso cotidiano, impondo máscaras em nossos rostos e atrapalhando o calendário. A fim de conter o número alarmante de contágios e a consequente superlotação das unidades hospitalares, o isolamento social foi experimentado por meses, em todos os continentes do globo. Durante o longo e difícil ano de 2020, o ser humano viu-se obrigado a permanecer em casa, alterando sua rotina e cultivando novos hábitos.

Um passeio rápido pelas manchetes jornalísticas brasileiras revela a busca por novos *hobbies* e o cultivo de costumes que respeitem os limites impostos pelo contexto. Aprendemos rapidamente a suprir, durante esse período de retiro, a falta de efetivo convívio social com lazeres domésticos, momentos reflexivos e participação nas redes sociais. Ao longo desse período, visualizamos um aumento considerável de intelectuais motivados a compartilhar suas leituras e angústias em *lives* transmitidas pelo *YouTube*, roda de debates em *podcasts*, assim como publicações de coletivos poéticos em *e-books* e perfis do *Instagram*. A criação poética e o convívio artístico precisaram de novas roupagens para, a exemplo da flor drummondiana, romper o asfalto e o tédio.

A escrita terapêutica ganhou adeptos durante a quarentena e proporcionou registros interessantes desse momento histórico. A manutenção de diários, por sua vez, voltou a ser divulgada como ferramenta poderosa no processo de autoconhecimento e no resgate de memórias. Na esfera literária, cadernos de apontamentos e



registros do cotidiano são considerados objetos de estudo por críticos da estirpe do francês Maurice Blanchot, que, ao lado de temas clássicos dos estudos literários e filosóficos, considerou as compulsões do escritor sem ignorar a obra em si, relacionando estrutura textual e suas interações com os movimentos da vida.

No contexto literário norte-rio-grandense, é importante lembrar, temos a rica produção de Luís da Câmara Cascudo, cujos diários e cadernos de apontamentos merecem ser lidos por guardar ensinamentos e reflexões oriundas de uma vida dedicada à leitura do cânone ocidental e ao registro dos saberes populares. *Na ronda do tempo, Ontem: maginações e notas e um professor de província e Pequeno manual do doente aprendiz* **são escritos da maturidade cascudiana que dialogam entre si, apesar de possuírem** estruturas diversas e objetivos distintos. Esses escritos da intimidade guardam observações registradas ao sabor dos dias, revelando o olhar ensaístico do escritor e documentando sua vida nos anos de velhice.

Neste momento, partimos da motivação atual, da busca crescente por uma escrita terapêutica no cenário de crise mundial de saúde, para ressaltarmos a importância do *Pequeno manual do doente aprendiz* na obra cascudiana, assim como indagamos: o que podemos aprender com o isolamento de Luís da Câmara Cascudo?

O *Pequeno manual* organiza-se a partir da experiência de seu autor no espaço hospitalar, convertido por ele em espaço literário durante o período em que esteve internado no Hospital das Clínicas, na cidade de Natal. Concebido e praticado como escrita terapêutica, esse “manual” foi realizado em momentos distintos, correspondentes a dois períodos de internação. Definido por seu autor como “diário de cura”, o livrinho reúne descobertas e ensinamentos sobre a doença e a velhice. Em suas “instruções” (trata-se, afinal de contas, de um manual), o Mestre procura racionalizar sua experiência de convalescente, valendo-se da escrita para povoar a solidão dos dias vividos naquele hospital natalense, entre a Janela, a Poltrona e a Cama do apartamento 203.

A dedicatória ao médico Onofre Lopes é explicada logo no prefácio do livro. Aos cuidados do célebre amigo, Cascudo foi internado no hospital em agosto de 1967 para a realização de uma série de exames rotineiros e tratamento de uma erisipela. O retorno ao hospital aconteceria meses depois, em abril de 1968, em razão de um acidente ocorrido durante um almoço no restaurante do Hotel Reis Magos. O episódio é relatado na última anotação do diário, onde é explicitada a justificativa do diário, e o título dado à versão publicada é motivo de comentário: “Recomeça o curso do Doente Aprendiz, porque ninguém quer ser profissional na espécie” (CASCUDO, 2010c, p. 107)

Espécie de “diário da cura”, esse livro de registros ganha um título que dá margem a algumas considerações. Em primeiro lugar, percebemos em seu subtítulo um diálogo explícito com o subtítulo de *Ontem*. A expressão “notas e maginações”, retomada no livro seguinte, denota o hábito de escrever, de tomar notas sobre as situações mais banais do cotidiano, e manifesta a intenção do seu autor de se apresentar como narrador da sua cidade. Em segundo lugar, um leitor atento perceberá o sutil diálogo paratextual entre o *Pequeno manual do doente aprendiz* e *O turista aprendiz*, compilação dos registros etnográficos de Mário de Andrade em suas andanças, entre 1927 e 1929, pelas regiões Norte e Nordeste do país. Assim como o poeta paulistano, Cascudo se assume como sujeito de uma aprendizagem e observador atento das diferentes situações com as quais se depara e da sua própria experiência de vida. Além disso, o termo “pequeno manual”, que tem valor de indicação genérica, reforça a ideia de uma escrita a seu modo didática, senão terapêutica – trata-se de um manual que reúne ensinamentos e descobertas sobre a doença e a velhice.

É interessante lembrar que, em nota datada de 21 de março de 1969, presente em *Na ronda do tempo*, Cascudo registra o lançamento desse livro por ocasião das comemorações do décimo aniversário da Universidade, cujo reitor, naquele momento, era o médico Onofre Lopes. Em nota de 31 de dezembro, Cascudo registra

a informação de que o *Pequeno manual do doente aprendiz* seria estudado na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Poitiers, na França (CASCUDO, 2010b, p.196). Essas anotações nos permitem dimensionar de algum modo o alcance da produção cascudiana num tempo em que era difícil fazer circular o conhecimento.

Dividido em três partes, o *Pequeno manual do doente aprendiz* organiza-se a partir dos três “espaços literários” do apartamento hospitalar ocupado por Luís da Câmara Cascudo: Janela, Poltrona, Cama. Pontos de observação e reflexão, esses espaços, contidos entre quatro paredes, retomam um posicionamento ensaístico do escritor potiguar. No prefácio do livro, esse conjunto de registros é apresentado como “ensaio de bom humor, terapêutico e meditativo”. Além disso, é explicitado ali o diálogo evidente com uma obra sempre citada por Cascudo:

As temporadas no Hospital das Clínicas provocaram o *Pequeno Manual do Doente Aprendiz*. Consta de imagens, sugeridas pelo cenário deslumbrante, reminiscências cujo processo associativo é um mistério psicológico. Frutos velhos da memória, teimando aproveitar o abril, ardente e luminoso. Imagens distantes da dedução melancólica de Horácio, *Velut aegri somnia*, “como os sonhos de um doente...”

Os limites dimensionais da minha mobilidade equacionavam-se na simples triangulação funcional: Janela, Poltrona e Cama! Denominam as três estações nessa *Voyage autour de ma chambre* (CASCUDO, 2010c, p. 24-25).

Desse modo, percebemos o interesse de seu autor em se caracterizar como sujeito reflexivo, memorialista e filosófico, traços

coerentes e condizentes com o perfil do “velho professor de província aposentado” que Luís da Câmara Cascudo deseja criar para os seus anos de velhice. A essa escrita da intimidade, assimilada por seu autor ao famoso livro de Xavier de Maistre, soma-se a experiência ensaística de Cascudo, que se volta para a observação e o registro do cotidiano hospitalar, assim como para a história das ruas que circundam o Hospital das Clínicas.

É importante observar que o *Pequeno manual do doente aprendiz* revela um “percurso de reconhecimento” vivido por seu autor. Ao longo dessas páginas, o narrador cascudiano torna-se cada vez mais intimista, detendo-se sobre si mesmo à medida que explora suas memórias pessoais e aprofunda, ao sabor da circunstância em que o próprio livro tem origem, suas reflexões acerca da velhice e da morte.

Na primeira parte do *Manual*, intitulada “Janela”, Luís da Câmara Cascudo registra trinta e seis notas recheadas de pensamentos e máximas inspiradas no movimento das ruas, que ele acompanha pela janela. Seguindo os versos populares usados como epígrafe desse primeiro conjunto de notas – “Da janela desta vida/ Eu vejo o Mundo passar...” –, Cascudo, do alto do seu mirante particular, contempla a cidade para refletir sobre sua história e o cotidiano das suas ruas. Doente, observa os moleques que passam correndo, os homens vagarosos, as mocinhas de biquíni, os casais enamorados, os automóveis que lotam a praça diante do hospital, o Farol de Mãe Luiza. Aprendiz, registra suas observações, relembra acontecimentos, anota as leituras realizadas durante a internação, escreve simultaneamente a sua história e a história da cidade.

Nesses registros, Cascudo exercita sua curiosidade e aguça seu olhar, aproximando-se, assim, do artista moderno descrito por Baudelaire (2002, p. 17). No seu célebre ensaio *O pintor da vida moderna*, o poeta francês comenta a obra de Constantin Guys, enaltecendo o caráter eminentemente moderno da sua arte. Para Charles Baudelaire, a pintura do seu amigo revela uma *novidade*

do olhar característica da criança, ser guiado pela imaginação e pela curiosidade, e do convalescente. O poeta parte de uma cena de “O homem das multidões”, conto de Edgar Allan Poe, no qual o personagem, convalescente, contempla prazerosamente a multidão através da vidraça de um café, para descrever o olhar inebriado que seria representativo da atitude da criança e do artista moderno.

É movido por uma semelhante *danação* do olhar que Luís da Câmara Cascudo observa, pela janela do seu quarto, o vivo cotidiano das ruas adjacentes ao Hospital das Clínicas e da Praia do Meio. Uma das suas preocupações é que a descrição respeite a multiplicidade de cores, ritmos e sentimentos da vida natalense:

Esse bairro está pedindo o seu romancista. É triste, tranqüilo, feliz. [...] Que motivos tecem as horas amenas desse convívio aglutinante? Meu pavor é que o romancista adoça de eritropsia, vendo tudo vermelho, nada enxergando do que existe, e pinte sangue e desgraça imaginária num livro de convenção e tragédia, que essas casinhas sempre ignoraram... [...] Onde anda o romancista? Sei muito que nada mais difícil do que um assunto fácil... (CASCUDO, 2010c, p. 29 – 30)

Nesse trecho, a inquietação é explícita: Cascudo preocupa-se com a construção de uma narrativa e, assim podemos inferir, de uma História da vida potiguar. Seriam seus trechos descritivos, sua observação etnográfica e seu posicionamento ensaístico reveladores, de sua parte, de uma pretensão à prosa literária? Seria apropriado pensar esses registros diários cascudianos como ensaios para uma futura narrativa ficcional? É o que pretendemos discutir ao longo do presente estudo. O certo é que Luís da Câmara Cascudo, como pesquisador e historiador, procurou criar uma narrativa para

a cidade de Natal e, conforme sustentou Araújo (1998, p. 80), buscou, com o seu projeto de trabalho, construir uma tradição que respeitasse as tradições populares dos becos, em diálogo com a modernidade que se afirmava, avassaladora, ganhando terreno.

É no sentido de enriquecer esse debate e compreender o projeto intelectual de Cascudo que se justifica uma leitura atenta dos seus diários. Esses registros da maturidade não somente trazem consigo as tensões íntimas acentuadas pela idade, visíveis numa primeira leitura, mas também exibem o percurso do autoconhecimento e a trajetória intelectual desse sujeito que nunca deixou de estar à procura de si.

Em meio a esse registro do cotidiano natalense, Cascudo comenta ainda o funcionamento do hospital, lembra as visitas recebidas e reflete sobre as leituras realizadas – algumas dessas leituras, inclusive, são sugestões dos visitantes, ou inspiradas por sua própria condição física. Entregue às suas memórias, Cascudo recorda também sua experiência como aluno de medicina no início da sua vida universitária e retoma, por sugestão do Dr. Onofre Lopes Júnior, leituras da área médica, que ficam anotadas em muitas das páginas do seu diário. Essas leituras filosóficas e científicas ratificam a imagem exemplar do doente aprendiz e alimentam seu pensamento erudito – “Ninguém está sozinho quando pensa...” (CASCUDO, 2010c, p. 45.) –, conferindo à companhia literária a capacidade de povoar a solidão.

O registro das visitas recebidas intensifica-se na segunda parte do livro, intitulada “Poltrona”. Nessas quatorze notas, Luís da Câmara Cascudo dá conta das visitas que recebe no apartamento 203 e do movimento do ambiente hospitalar. Desse modo, escreve notas em que classifica os visitantes, registra a visita de amigos, reflete sobre os momentos vivenciados e categoriza os médicos. Lembrando-se da antiga sugestão do poeta Antonio Damasceno Bezerra, citada na epígrafe, Cascudo senta-se na poltrona do seu quarto e passa a relatar a sua experiência da doença. Sem qualquer

pessimismo, Cascudo enfatiza o carinho que recebe dos amigos: “Prolongam aqui a atmosfera da minha casa, com inteligência tranquila e cativante. Um encanto natural e discreto, nessa assistência diária, dedicada e carinhosa...” (CASCUDO, 2010c, p. 64).

Figura pública, respeitado em sua cidade, o professor é bem tratado na sua condição de enfermo, a ponto de reconhecer, no ambiente frio, asséptico e silencioso do hospital, parte do aconchego da sua própria casa. A impressão otimista certamente decorre das atenções associadas ao trigésimo nono aniversário do seu casamento. Momento de descontração durante a rotina de um tratamento, a comemoração ocorre com a presença da família e de amigos íntimos, e com a surpreendente presença do charuto e do champanhe.

No entanto, uma nota triste destoa da alegria registrada nessa parte do livro. Apesar do carinho recebido, a própria condição em que Cascudo se encontra o coloca em postura meditativa. Ao longo das páginas do seu diário, encontramos notas e pensamentos sobre as temáticas da velhice e da morte. Observemos duas dessas anotações. Numa delas, intitulada “A fuga para morrer”, Cascudo comenta o suicídio de um doente, que se enforcou na goiabeira do pátio externo do hospital. O acontecimento foi-lhe comunicado durante um café da manhã pelo Padre Tenório, capelão do hospital. Surpreendente, o acontecimento certamente avivou a curiosidade de Cascudo pela temática da Morte, recorrente no livro e retomada nas últimas notas do diário. Ao registro da tragédia, o diarista acrescenta um breve e sugestivo comentário: “*Tout um roman enseveli*, diria Sainte-Beuve” (CASCUDO, 2010c, p. 59). Ao lamentar naquela morte o sepultamento de um romance, Cascudo sugere que a vida humana, por mais obscura ou banal, é uma narrativa que merece ser construída, e as ações do seu protagonista, divulgadas – pensamento, aliás, coerente com sua prática autobiográfica.

Na última parte do livro, os apontamentos, que parecem se tornar mais intimistas, gravitam em torno da Cama. Ali, Cas-

cudo comenta sua doença, reflete sobre o uso dos remédios, relaciona o doente ao artista e compõe aforismos sobre a morte. Ao contrário das epígrafes anteriores, que são de natureza oral e introduzem uma escrita voltada para a observação, a epígrafe dessa parte é uma citação de Fernão Lopes, na qual o grande cronista português descreve D. Pedro XIV, insone, jazendo em sua cama.

Submetido a uma rotina de exames periódicos e remédios destinados a combater as inflamações da pele, Cascudo divaga sobre o caráter “penitencial” dos medicamentos que ele foi obrigado (ou convencido, mediante promessa de recompensa) a tomar em seus tempos de menino:

Evoco os remédios do meu Tempo-Menino, engolidos sob ameaça de chinelas ou promessa de brinquedos. Tomar remédio era uma antevisão apavorante! Laxantes, purgativos, fortificantes eram formas penitenciais com que Higeia cobrava seus benefícios. Remédio ruim é o bom! Amargos, acres, mau-odor, de aspectos repulsivos, eram garantias de eficácia.” (CASCUDO, 2010c, p.78).

A lembrança chega de repente, e a anotação se estende de acordo com a condução típica da narrativa cascudiana, que desenvolve, em tom de conversa amável, variações em torno do tema. Assuntos como os avanços da medicina e os remédios de antigamente, motivados por uma citação de Machado de Assis, juntam-se à contação de um caso natalense, no qual o Dr. Januário Cicco foge da cadeira do cirurgião-dentista, e às publicidades antigas de preparados farmacêuticos. A nota encerra-se com novo retorno à infância, agora lembrada por suas brincadeiras e por sua imaginação criativa.

Wagner desenrolava peças de seda colorida por uma mera euforia visual. Dá-me vontade derramar os meus remédios na colcha da cama e brincar com eles, como fazia, na fase juvenil, com botões. Não juro que sejam úteis, mas garanto que são bonitos. Muito deve ter andado a indústria farmacêutica apresentando seus produtos em formas amáveis e graciosas (CASCUDO, 2010c, p. 81).

Nessa primeira nota, intitulada “Remédio de hoje”, percebemos o tom ensaístico próprio de Luís da Câmara Cascudo e uma expressão delicada das suas impressões da velhice. Para reconsiderar sob novo enfoque os dias insípidos e cansativos de tratamento, Cascudo lança mão das suas leituras, do seu conhecimento de mundo e das lembranças da infância. Usando uma metáfora habitual, e adequada ao contexto do livro, podemos dizer que a escrita do *Pequeno manual do doente aprendiz* “doura a pílula” do cotidiano e dá o suporte necessário ao seu escritor nesse momento de fragilidade. As recordações do seu *Tempo-Menino* chegam num momento oportuno e fazem com que o paciente esqueça, por um instante, as queimações, as febres e os incômodos causados pela erisipela. Esses registros representam, como lembra Beauvoir (1990, p. 456), o doce privilégio do homem que envelhece: o retorno fácil às impressões encantadoras dos primeiros anos.

A segunda nota relaciona a doença à criação artística e ao pensamento filosófico. Iniciada e encerrada pelo dito proverbial “quem não adocece, não se conhece”, essa reflexão vê a doença como promessa ou prenúncio de viagem interior, momento propício para o autoconhecimento:

No domínio cultural devemos menos
à Saúde que a Enfermidade à vida das

obras-primas. A Saúde raramente consente a introspecção, natural em Montaigne, Nietzsche, Machado de Assis, Marcel Proust, perenemente mordidos de achaques, mal-estar, sofrimentos. A moléstia determina a autocontemplação, minuciosa, demorada, tenaz. [...] A doença é uma recapitulação memorial, tão útil e avivadora de nossa humildade que a vida disfarça, enfeitando-a de guizos. Um processo de catarse espiritual, como a Oração, a Confissão, a Penitência. O orgulho é antítese da doença (CASCUDO, 2010c, p. 81-83).

Com um pensamento que se aproxima do pensamento estoico, Luís da Câmara Cascudo procura racionalizar a sua condição física. Vendo a “Enfermidade” como um meio supremo de acesso à sabedoria e à criação estética, Cascudo se esforça para apreender o mundo com um novo olhar a partir da sua experiência pessoal de internação. A doença, “recapitulação memorial” que ensina ao paciente a humildade, propicia uma catarse espiritual. Aproveitando o momento da doença como período de redescoberta, o pesquisador aproxima-se da ideia romântica de “inspiração” retomada, na modernidade, por Baudelaire. Voltemos ao ensaio, já citado anteriormente, do poeta francês:

Ora, a convalescença é como uma volta à infância. O convalescente goza, no mais alto grau, como a criança, da faculdade de se interessar intensamente pelas coisas, mesmo por aquelas que aparentemente se mostram as mais triviais. Retornemos, se possível, através de um esforço retrospectivo da imaginação, às mais jovens, às mais matinais

de nossas impressões, e constataremos que elas possuem um singular parentesco com as impressões tão vivamente coloridas que recebemos ulteriormente, depois de uma doença, desde que esta tenha deixado puras e intactas nossas faculdades espirituais. A criança vê tudo como *novidade*; ela sempre está *inebriada* (BAUDELAIRE, 2002, p. 18).

Cascudo explora, portanto, a agudeza do olhar proporcionada pela experiência do *inebriamento* que se segue à doença como manifestação da convalescença. Os aforismos que compõem o *Pequeno manual do doente aprendiz* materializam essa busca do conhecimento pela observação e pela reflexão filosófica. Católico e leitor do cânone ocidental, o Mestre da Junqueira Aires justifica seu posicionamento perante o momento enaltecendo a atitude de filósofos e escritores de trajetórias reconhecidas, objeto de sua preferência.

Nessa última parte do livro, de escrita cerrada e intimista, Cascudo reflete sobre a morte. Essa temática está presente em todos os momentos do diário, mas o pensamento que elege a morte como objeto preferencial parece apurar-se nessas últimas páginas do livro, nas quais são enunciados quatro aforismos:

IV A Morte é uma libertação. Mas existem servidões jubilosas...

V Morto não é sinônimo de cadáver. Os mortos dormem. Os cadáveres apodrecem.

VI O relógio da Morte não é acertado pelo nosso...

VII Quando a morte convoca, não há in-
submissos! (CASCUDO, 2010c, p. 86).

Essas reflexões sobre a morte são importantes, pois nos fornecem elementos para compreendermos o pensamento de Luís da Câmara Cascudo acerca de uma das temáticas mais frequentes na literatura e nas artes em geral, assim como nos permitem considerar o uso que o escritor natalense faz da linguagem. É válido ressaltar que Cascudo, para se expressar, recorre à forma literária do aforismo, que se caracteriza principalmente pela agudeza, concisão e subjetividade. A escrita do aforismo, que remonta à sabedoria antiga, foi praticada por Hipócrates e está nos livros sagrados da Índia e da Bíblia, encerrando em si fagulhas de vida.

Segundo Moisés (2004, p. 13), o aforismo, na Grécia Antiga, foi usado por Hipócrates para registrar um saber medicinal baseado na experiência e na observação. Ao longo dos séculos, afirma o estudioso, o poder de concisão dessas linhas reflexivas conquistou outras áreas do conhecimento, e o termo passou a ser usado como sinônimo de “máxima”. Empregada por juristas, poetas e filósofos, essa modalidade de escrita explora o afeto e a intuição – o *esprit de finesse*, em oposição ao *esprit de géométrie*, no dizer de Pascal.

No tocante à linguagem dessas proposições, Gurgel (2011) lembra que à brevidade da expressão soma-se o aprofundamento do tema, numa espécie de abismo que denuncia a banalização da linguagem e estimula a nossa inteligência. Ao resenhar a tradução brasileira dos aforismos de Sébastien-Roch-Nicolas de Chamfort e de Karl Kraus, o crítico observa ainda que essas pequenas formulações suprimem o enredo e possibilitam uma reflexão sobre a realidade e a existência do ser humano – reflexão essa que extrapola o tempo e o espaço próprios da sua produção.

Como podemos perceber, o aforismo é forma expressiva condizente com o projeto literário de Cascudo, na medida em que ele permite explorar a subjetividade e valorizar a aprendizagem adquirida por meio da experiência pessoal, enriquecendo sua escrita

ensaística e diarista – gêneros textuais praticados pelo escritor norte-rio-grandense ao longo da sua vida.

Voltando aos quatro aforismos presentes no *Pequeno manual do doente aprendiz*, notamos que se trata de constatações expressas, em sua maioria, pela negativa – a Morte **não** deve ser vista como sinônimo de apodrecimento do corpo; o seu “relógio” **não** é acertado pelo nosso; **não** podemos ignorar o seu chamado. Além disso, a morte – e isso ocorre ao longo de todo o diário – nem sempre é personificada, grafada com a inicial maiúscula.

Sobre o tema desses aforismos, é importante lembrar a sua coerência com a fase da senescência vivenciada por Cascudo e com a sua experiência de doente hospitalizado. Ora, sabemos que a ideia da morte povoa, por vezes de modo obsessivo, o pensamento do sujeito senescente, que, como frisa Simone de Beauvoir, possui um passado mais extenso do que o seu futuro:

A idade modifica nossa relação com o tempo: ao longo dos anos, nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado. Pode-se definir o velho como um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada (BEAUVOIR, 1990, p. 445).

Por um lado, Cascudo sente, septuagenário, o encolhimento do seu futuro; por outro, ele aproveita a prática da escrita para antever o final dos seus dias, posicionar-se do modo mais positivo e sábio diante da morte. Observamos que, ao dissociar a morte do desgaste biológico do corpo, Cascudo sugere a existência de uma vida *post mortem* garantida principalmente pela escrita – a ideia, como estudamos na nossa dissertação, é recorrente na sua obra e relaciona-se com a sua visão dialógica de cultura e de literatura. Lembremos que nesse mesmo período ele escreveu *Gente viva*, livro publicado em 1970, no qual regis-

tra a história de seus “companheiros de jornada”, e cujo prefácio inicia-se com as seguintes palavras: “A Morte existe; os mortos, não! Prolongo-lhes a companhia nesses vestígios de convivência. Impressões pessoais, frases, pequeninas anedotas, sugestões de contatos, quando perceptíveis aos sentidos humanos” (CASCUDO, 2010a, p.19).

Luís da Câmara Cascudo esforça-se, portanto, para compreender a morte como uma etapa natural da vida que traz consigo a libertação de certas obrigações. Além disso, percebe a morte como um acontecimento que não interrompe, por inteiro, a participação do homem no mundo, uma vez que ele permanece vivo na sua obra, como efeito de leitura, e na memória dos seus entes queridos. No entanto, a conjunção adversativa presente no primeiro aforismo revela ironicamente o apego de Cascudo à vida, permitindo-nos inferir que o sujeito da escrita, assim como todo ser humano, encontra grandes alegrias no ato de viver – ao qual é forçado a renunciar, como sujeito, no instante da sua morte.

Reconhecidamente leitor da obra de Michel de Montaigne, Cascudo nos faz lembrar, com seus aforismos, o ensaio “De como filosofar é aprender a morrer”, presente no livro I dos *Essais*. Nesse célebre ensaio, o pensador francês adverte seus leitores para o real significado da morte:

Não sabemos onde a morte nos aguarda, esperemo-la em toda parte. Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade; quem aprendeu a morrer, desaprendeu de servir; nenhum mal atingirá quem na existência compreendeu que a privação da vida não é um mal; saber morrer nos exime de toda sujeição e constrangimento (MONTAIGNE, 1980, p. 47).

Para Michel de Montaigne, devemos usar a sabedoria para aprender a pensar na morte e aceitá-la prontamente como uma das etapas necessárias à vida. Temê-la ou antecipá-la seriam, segundo o filósofo francês, atitudes medíocres que devem ser combatidas. Inspirando-se na filosofia antiga, o ensaísta vê na morte uma libertação dos nossos afazeres cotidianos, assim como defende uma atitude de tranquilidade diante do final da nossa existência, já que os atos de viver e morrer nos são igualmente indiferentes, isto é, independentes da nossa vontade. Meditando sobre a morte, Montaigne escreve, na verdade, sobre a vida, pois seus argumentos reforçam a defesa do ponto de vista epicurista expresso no preceito do *Carpe diem* e sugerem que aproveitemos a vida da forma mais prazerosa possível, ou seja, realizando nossos desejos e cumprindo nossa tarefa sem nos preocuparmos e sofrermos com a ideia da morte: “vamos agir portanto e prolonguemos os trabalhos da existência quanto pudermos, e que a morte nos encontre a plantar as nossas couves, mas indiferentes à sua chegada e mais ainda ante as nossas hortas inacabadas” (MONTAIGNE, 1980, p. 48).

Há, portanto, um evidente parentesco entre os aforismos de Luís da Câmara Cascudo e o ensaio referido de Michel de Montaigne. Pensar na morte não os assombra – suas reflexões são diretas, claramente enunciadas, e a morte não é evocada por meio de eufemismos. Além disso, o conhecimento é visto como um processo de aprendizagem do qual resultará a resignação diante do veredito final da vida. Em relação a Cascudo, seu pensamento é sugerido na forma concisa do aforismo, que, por sua vez, parece retomar uma anotação da primeira parte do livro.

Em nota intitulada “A súbita tranquilidade”, Luís da Câmara Cascudo recorda um trecho da sua viagem em solo africano. O registro narra brevemente um voo bastante turbulento, realizado num avião bimotor, de Cabinda para Luanda. Durante a turbulência, o medo inicial de Cascudo, conta ele em seu relato, deu lugar a uma repentina e “estranha” tranquilidade: “Inexplicável essa súbita apatia, resignada, doce, superior, eliminando a onda inicial de as-

sombro. Não haverá, semelhantemente, para as derradeiras horas de Vida?” (CASCUDO, 2010c, p.40). Inserido em seu “diário da doença”, esse relato de viagem é transposto para o contexto da hora presente por um paciente que procura alcançar, mediante a reflexão, a desejável serenidade diante da morte.

O pequeno manual do doente aprendiz foi escrito em contexto diverso do atual, porém trata de questões recentes, vivenciadas, em certa medida, por todos nós neste período de isolamento e de convívio próximo com a morte. Ao longo de suas anotações, percebemos a importância da leitura e da escrita no processo da cura; a possibilidade da ressignificação dos espaços por meio da escrita; a percepção da literatura como maneira de povoar a solidão; o valor do registro cotidiano; a postura filosófica diante da morte. Apesar de experimentarmos um cenário bastante complexo e inusitado, podemos aprender com Cascudo o poder da subjetividade do olhar na adoção de posturas filosóficas em meio às dificuldades.

Referências

ARAÚJO, H. H. **Asas de Sófia**: ensaios cascudianos. Natal: FIERN; SESI, 1998.

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**. 3. ed. Org. de Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura).

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CASCUDO, L. da C. **Gente viva**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2010a. (Coleção Câmara Cascudo: memória).

_____. **Na ronda do tempo**. 3. ed. Natal: EDUFRN, 2010b. (Coleção Câmara Cascudo: memória).

_____. **Pequeno manual do doente aprendiz**. 3. ed. Natal: EDUFRN, 2010c. (Coleção Câmara Cascudo: memória).

GURGEL, R. Centelhas de verdade. **Rascunho**, Curitiba, n. 130, fev. 2011. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/centelhas-de-verdade/>>. Acesso: 20 maio 2016.

MOISÉS, M. Aforismo. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e ampli. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONTAIGNE, M. E. de. De como filosofar é aprender a morrer. In: MONTAIGNE, M. E. de. **Ensaio**. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 44-51. (Os pensadores).

REGINA LÚCIA DE MEDEIROS é escritora e professora. Doutora em literatura comparada pela UFRN. Membro e pesquisadora do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte Rio-Grandenses – NCCEN/UFRN.

OUTROS ARTIGOS E ENSAIOS



VIVI VIVE

Diogenes da Cunha Lima

O centenário de nascimento de Veríssimo de Melo, em 2021, será marcado por celebrações e por projetos de pesquisadores, notadamente universitários. Afinal, as histórias que ele contou continuam na boca do povo.

Segundo Oswaldo Lamartine, ele tinha nome de passarinho: Vivi. Professor de Antropologia Cultural e de Etnografia, jornalista assíduo, exerceu funções do Direito como advogado e juiz. Legou à vida intelectual obra lúcida e variada.

O motivo condutor de sua ação cultural foi o de buscar um novo conhecimento, dar diversa interpretação, desvendar novos caminhos. Sempre de bom humor, gostava de afirmar que era *superficial*. Para ele, profundo era Nietzsche e Albert Einstein. Nietzsche acabou no hospício e Albert Einstein, gênio, mandava aos amigos que descreiam na ciência seu retrato com a língua estirada.

Veríssimo era curioso, buliçoso. Quando se esperava o aprofundamento de suas pesquisas, ele já se dedicava a novo tema. O antropólogo cultural já se revelava desde as primeiras obras publicadas: “Adivinhas”, “Acalantos”, “Parlendas”.

Preferia dar sabor local, como “Xarias” e “Canguleiros”. É fruto do seu amor à terra. Recolhia cantos de violeiros, singulares de cordéis nordestinos. Eram glosados os acontecimentos notáveis pelos poetas populares. De Tancredo Neves à visita do Papa ao Brasil.

“Folclore Infantil” é, até hoje, o melhor estudo sobre língua portuguesa. Os ensaios sobre folclore brasileiro tiveram guarida em revistas especializadas de Portugal, Espanha e Alemanha.

“Faça-se a Luz”, livro sobre a história da energia no Rio Grande do Norte, é único e inovador. A partir do título. Nele

aborda o nosso grande potencial energético. Registra o pioneirismo da energia eólica nas salinas manuais. Prevê a expansão de novas técnicas de energia solar, especialmente no Nordeste. Adverte para o potencial energético potiguar com a utilização do mar e de plantas nativas como o avelóz.

Foi um dos mais fiéis discípulos de Câmara Cascudo. O nosso Mestre gostava de brincar sobre a magreza e sagacidade de Vivi: “Ele é capaz de passar, sem se molhar entre dois pingos de chuva. Vivi imita a letra i”. Dava entonação especial ao *nomen juris* de sua função judicante: “Você é um Juiz Ordinário...”

Apaixonado por música, principalmente a Bossa Nova, Veríssimo de Melo mereceu escolha de suas melodias por grandes intérpretes nacionais. Quando criava nova música, desafiava amigos: “Se você for capaz, ponha letra hoje *mesmo*. Várias vezes aceitei o desafio. Alegrei-o com “Assunto Pessoal” e “Brinco de Amor”. Sobre outras letras comentou apenas: “É o jeito!”

Vivi continua vivendo, enquanto houver memória do que tivemos de bom.

DIOGENES DA CUNHA LIMA é poeta, escritor e advogado, autor de “Os Pássaros da Memória”, “Câmara Cascudo – Um Brasileiro Feliz” e outros livros. Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

UMA VIAGEM À RODA, EM VOLTA E AO REDOR DE XAVIER DE MAISTRE, DESDE O ANO DE 1888

Vicente Serejo

*... sua paródia das viagens há de significar
um salto mental, um ponto de vista inédito, que
permitirá a leitores futuros, sem sair de casa, o assombro
de ver as portas do caos e a simultaneidade do universo.*

O assombro, para dizer tudo, de ver mais.

Enrique Vila-Matas

Os clichês da marcenaria literária, mesmo tão evitados, com aquele dar de ombros dos críticos e estilistas exigentes, encontram sempre um lugar movidos pela força motriz do mercado editorial que é o leitor.

Antes, as indicações de leitura nasciam da crítica de rodapé dos jornais e seus cadernos literários. Hoje, de um marketing dito cultural que olha o livro como um produto à venda, embora revestido de uma nobreza inegável.

Ontem e hoje, os clássicos não envelhecem.

Um livro atravessa um arco de 227 anos. Como um cometa luminoso que sempre volta, veio outra vez gravitar em torno da terra, e ressurgir diante dos olhos do mundo-leitor como se fosse impossível evitar o clichê. É um clássico. Daí ser sempre novo. Portanto, nunca envelhece.

Voltou como um território-metáfora. Na forma das casas e dos apartamentos de cada leitor. Estamos todos no quarto de

Xavier de Maistre, cercados das mesmas metáforas da narrativa daquele quarto célebre, a prisão na qual viajou durante 42 dias. Somos, os leitores de agora, multiplicados em milhares de prisioneiros do medo da peste invisível que há um ano anda pelas ruas, assombrando a todos. Vivos e mortos.

Desde 1795

Viagem ao Redor do meu Quarto, para usar a forma adotada na sua mais recente tradução no Brasil (Editora 34, SP, 2020), foi lançada originalmente em 1795, embora com data de 1794, em Lausanne, Suíça. Joseph, o irmão mais velho de Xavier de Maistre, promoveu a edição e o lançamento. Segundo informam seus biógrafos, o autor ainda viveu para revisar duas edições seguintes, 1811 e 1825, fazendo pequenas alterações, mas mantendo a integridade da sua concepção e o uso de travessões.

Os seus mais atentos estudiosos, principalmente na França, e também no Brasil, são convictos de que Xavier de Maistre foi fortemente influenciado por Laurence Sterne e seu *Tristan Shandy* (1759), mas, principalmente, *Viagem Sentimental à França e à Itália* (1768). Para eles, o travessão na narrativa de Maistre não apenas um sinal gráfico incidental, mas uma forma de introduzir ênfase retórica e marcação rítmica ou para o autor *introduzir o discurso direto* quando assume a voz narradora.

Os 42 capítulos correspondem aos 42 dias de prisão, quando o autor ficou confinado no quarto de uma casa, em Turim.

Brás Cubas

No Brasil, um detalhe daria um relevo singular à *Viagem* de Xavier de Mestre. Machado de Assis, logo nas primeiras linhas de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, adverte:

Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo.

Esse detalhe, se para os críticos é a impressão digital que atesta a influência claramente assumida, e basta, para estudiosos da história editorial da *Viagem ao Redor do Meu Quarto* é instigante a partir de uma indagação que não é fácil responder: “Qual teria sido a leitura de Machado de Assis do livro de Xavier de Maistre?”.

Qualquer trilha tem um ponto de partida, mas sem um destino certo. Machado de Assis faleceu em setembro de 1908, exatos dez anos depois da primeira edição - sem que se tenha certeza absoluta - de *Viagem ao Redor do Meu Quarto* em língua portuguesa. É provável que o acesso dos leitores portugueses e brasileiros tenha tido só a partir de 1888 com a edição da *Casa Editora David Corazzi*, com o título *Viagem à Roda do Meu Quarto seguido da Expedição Nocturna à roda do Meu Quarto por Xavier de Maistre*. Com tradução de Fernandes da Costa *com uma notícia biográfica do autor*.

A possibilidade acaba plausível na medida em que na própria folha de rosto do pequeno livro consta o endereço das filiais da Casa Editora David Corazzi: *Porto, 127, Praça de D. Pedro, 1º andar - Brazil: 38, Rua da Quitanda, Rio de Janeiro*. No pé da folha de rosto, a data: 1888, um ano antes da proclamação da república. Antes do texto de Maistre, uma nota da casa editora titulada como Prefácio Geral que a rigor não cumpre a tarefa. É, sim, uma nota sobre a coleção que abrigou o livro de Maistre – Biblioteca Universal Antiga e Moderna e logo abaixo: “Idéia e fins da publicação”, ocupando frente e verso da página, com o rol das publicações que classifica como uma “coleção preciosa de verdadeiras obras primas”.

A *Viagem* de Maistre foi lançada em 1795, embora datada de 1794, e teve mais duas edições revisadas pelo autor, além de outras edições que circularam na França. Machado de Assis lia obras literárias em francês e inglês, o que revela ser possível ter feito a

viagem de mestre bem antes da edição portuguesa. Basta notar que o *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, como o próprio Machado assinala no seu *Prólogo da Terceira Edição*, foi feita aos pedaços na *Revista Brasileira*, pelos anos de 1880. Postas mais tarde em livro, corrigi o texto em vários lugares. Portanto, oito anos antes da edição portuguesa da Casa Editora David Corazzi, de 1888, com filial no Rio de Janeiro.

No Brasil

Também não parece muito fácil fixar com segurança a trajetória editorial da *Viagem ao Redor do Meu Quarto* na história editorial brasileira, principalmente a partir de pequenos acervos, quase sempre incompletos, de bibliotecas particulares e diante da crônica falta de informação do que se traduz e é publicado no Brasil.

Nesta biblioteca, de apenas alguns poucos milhares de títulos, a edição mais antiga é da *Record Emp. Editora Lda*, datada de 1934, sem registro de tradutor, com título assim: *Uma viagem a roda do meu quarto*. Sem qualquer informação adicional ao leitor, a não ser, na contracapa, o anúncio de sus próximas edições, como *A Menina dos Olhos de Ouro*, de Balzac, *Cândido*, de Voltaire; *Viagem aos Países Misteriosos*, de Luiz Jacolliot; e *O Homem da Orelha Quebrada*, de Edmond About.

A edição seguinte é de 1946, mantém o título *Viagem à Roda do Meu Quarto* (com o a agora acentuado), sem registro de tradutor e com o selo do *Clube do Livro*, São Paulo. Mas, tem uma longa e detalhada *Nota Explicativa*.

No texto, um pouco da história de François-Xavier de Maistre, de Saboya, Chambéry, onde nasceu em 1763, a San Petersburgo, Rússia, onde está sepultado, morto aos 89 anos. Registra, inclusive, a sua reação quando da anexação da Saboya à França: não aceitou a filiação francesa, preferindo continuar um cidadão russo. Contraditoriamente, até por escolha, produziu

toda sua obra em francês e por isso pertence à literatura francesa. Parece ser a mesma tradução de 1934, apenas com o selo do Clube do Livro de São Paulo.

A tradução mais citada no Brasil a partir de 1989 tudo indica ter sido a do escritor e romancista Marques Rebelo, lançada em 1989 pela Estação Liberdade, São Paulo, com um longo posfácio crítico de Valentim Facioli. Rebelo manteve o título das velhas traduções - *Viagem à roda do Meu Quarto* - com capa, projeto de Ricardo Redishc, sem especificação do desenho da capa e ilustrações internas. A editora Estação Liberdade relança a mesma tradução numa nova edição, em 2008, projeto gráfico, desenho da capa e as novas ilustrações de Natanael Longo de Oliveira.

Em 1998, antes da segunda edição da Estação Liberdade, sai uma nova e mais moderna tradução, agora de Armindo Trevisan, com um bem formulado e erudito prefácio de Marcelo Backes e como título integrante da Coleção Clássicos Mercado Aberto, com a relação de quatro outros títulos de Maistre, de *O Leproso da Cidade de Aosta às suas Poesias Diversas*.

Depois de um silêncio editorial de dezoito anos, e esgotada, a *Viagem*, de Maistre ganha uma nova tradução, agora de Sandra Stroparo, na antologia 'Os Franceses' (Hedra, SP, 2015), um ano depois, 2016, publicada em edição autônoma da Coleção de Bolso da mesma editora Hedra. Nesta, na capa, a reprodução do célebre quadro *Quarto em Arles*, de Vincent van Gogh, numa tradução que os críticos consideraram refinada.

A tradução mais recente (Editora 34, SP, 2020), nasce com uma singularidade: foi produzida de forma inteiramente virtual, sem qualquer encontro presencial de sua nova tradutora, Veresa Moraes, confinada em Rennes, na França; com a preparação dos originais, no Canadá; a impressão em São Paulo; e posfácio exclusivo do grande e premiado escritor espanhol Enrique Vila-Matas, traduzido por Samuel Titan Júnior, ele que visitou o quarto, em Turim, no qual Maistre viveu os 42 dias de sua *Viagem*.

Março, no ano sem graça de 2021, aos 227 anos de lançamento da *Viagem ao redor do Meu Quarto*, de François-Xavier de Maistre, no Brasil confinado no território metafórico da peste que veio de longe.

VICENTE SEREJO é escritor, jornalista e professor aposentado da UFRN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autor de “Cena Urbana”, “Cartas da Redinha” e “Canção da Noite Lilás”.

VIAJANDO COM A AMIGA AGATHA CHRISTIE

Marcelo Alves Dias de Souza

1 – Uma questão de ambiente. 2 – A Devon natal de Christie. 3 – Ilhas na Ilha. 4 – Outras paragens na Terra da Rainha. 5 – Londres. 6 – *Ganhando o mundo*. 7 – *Turistando com a amiga*. 8 – *Lendo e imaginando*.

1 – Uma questão de ambiente

É fato: nos romances da minha amiga Agatha Christie (1890-1976), nós somos “convidados” a desvendar um crime. Seguimos os passos e o raciocínio do seu Hercule Poirot ou da sua Miss Marple, através de um jogo de pistas e charadas, para chegarmos a um final, quase sempre, surpreendente. O mistério por detrás do crime é, com certeza, o mais importante para o sucesso da estória.

É algo bem diferente do que se dá com os policiais *noir* americanos, de gente como Raymond Chandler (1888-1959) e Dashiell Hammett (1894-1961), que nos apresentam um mundo estranho de dinheiro farto, casamentos falidos, destruição pelo álcool, fêmeas fatais e assassinatos, misturado a um aparelho policial e judicial corrupto, que é enfrentado pelos seus detetives durões. Nos policiais *noir*, para o sucesso da coisa, o ambiente no qual estão inseridas as personagens é tão ou mais importante do que a trama/mistério em si.

Entretanto, por mais paradoxal que seja – já que o ambiente onde se passa a estória, em Agatha Christie, é bem menos importante que o mistério por detrás do crime –, para mim, uma das coisas mais gostosas de se fazer, na companhia da Rainha do Crime, é “viajar” nos seus romances.

Explico: em regra, o ambiente das histórias de Agatha Christie é muito “saudável” e turístico. São casas de campo em cidadezinhas da Inglaterra, balneários na sua “Riviera”, a alta sociedade londrina ou mesmo o outrora pitoresco Oriente Médio. E o turista, literário ou não, pelo menos aquele “bom da bola”, gosta de viajar para lugares pitorescos, mas que sejam também saudáveis e razoavelmente seguros.

2 – A Devon natal de Christie

É o que também pensam os autores de “*Agatha Christie: Shocking Real Murders behind her Classic Mysteries*” (publicado pela HarperCollins Publishers/Índia em 2017), que, mandando esquecer o Nilo ou o Expresso do Oriente (aqui eu discordo), recomendam vários sítios para se visitar, a partir das histórias da Rainha do Crime, no sul do belo condado inglês de Devon ou mesmo na chamada Riviera inglesa.

De fato, muitas das cidadezinhas inglesas retratadas por Agatha Christie são visivelmente inspiradas na sua cidade natal, Torquay, que, às margens do Canal da Mancha, em Devonshire, com seu clima ameno, é um destino certo para os fãs da nossa amiga. O exemplo mais visível disso é St. Mary Mead, a pequena vila fictícia criada por Christie como lar da sua famosa detetive, uma senhorinha solteirona, batizada de Miss Marple. St. Mary Mead aparece já em “*The Murder at the Vicarage*” (“Assassinato na casa do pastor”, 1930), o primeiro caso da querida Miss Marple, assim como em “*The Body in the Library*” (“Um Corpo na Biblioteca”, 1942), também protagonizado pela detetive e que, de tão bom, eu recomendo sem pestanejar. O mesmo se dá em “*The Mirror Crack'd from Side to Side*” (“A maldição do espelho”, 1962), sem dúvida um dos maiores sucessos de Agatha Christie. Neste romance, não coincidentemente, o crime a ser desvendado é praticado em Goslington Hall, antiga residência de Dolly Bantry, amiga de Miss Marple, a mesma mansão em St. Mary Mead onde, alguns anos antes, foi encontrado o cadáver no já citado “*The Body in the Library*”. Desde já eu asseguro: a trama de “*The Mirror Crack'd from*

Side to Side”, parcialmente inspirada na trágica história da atriz americana Gene Tierney (1920-1991), é simplesmente fantástica. Por fim, na fictícia St. Mary Mead também se passa “*Sleeping Murder*” (“Um crime adormecido”, 1976), o último romance publicado por Christie com Miss Marple “no comando” das investigações. E aqui, para se ter uma ideia, o Hotel Imperial da trama não é outro senão o famoso Hotel Imperial de Torquay, no qual, um dia, se Deus quiser, fã da Rainha da Crime, eu de fato me hospedarei.

Mas não foi só Miss Marple que andou xeretando por Devon e pela Riviera inglesa. Também ali ambientados, mas com Hercule Poirot no comando das investigações, os autores de “*Agatha Christie: Shocking Real Murders behind her Classic Mysteries*” citam, entre outros, o excelente “*The ABC Murders*” (“Os Crimes ABC”, 1936). Aqui, por exemplo, Poirot e Hastings viajam, de trem, da gigante estação londrina de *Paddington* para a “*Churston Railway Station*”, no sul de Devon, que fica não muito longe de onde morou a Rainha do Crime. Dali dão ensejo às suas investigações. Por aquelas bandas ainda se passa outro excelente romance de Christie, também protagonizado por Poirot, “*Five Little Pigs*” (Os cinco porquinhos”, 1942). É seguro dizer que o local em que é assassinado o pintor e hedonista Amyas Crale não é outro senão a famosa Greenway House, a casa adquirida por Christie em 1938, perto de Dartmouth e às margens do rio Dart, onde ela viveu idilicamente até o explodir da Segunda Guerra Mundial. Greenway House, aliás, aparece representada em pelo menos dois outros títulos de Christie: “*Dead Man’s Folly*” (“A extravagância do morto”, 1956) e “*Ordeal by Innocence*” (“Punição para a inocência”, 1958).

3 – Ilhas na Ilha

Para além das cidadezinhas do tipo St. Mary Mead (a vila fictícia criada para ser o lar de Miss Marple), Christie ambientou seus romances em balneários ou mesmo ilhas “macabras”, que são misturas de sua imaginação fértil com lugares identificáveis na diversificada geografia britânica.

Para exemplificar o que eu estou dizendo, cito um dos melhores títulos da Rainha do Crime: “*Evil under the Sun*” (“Morte na praia”, 1941). A coisa se passa em um hotel situado entre os condados vizinhos de Devon e da Cornualha, no sudoeste da Grã-Bretanha. Entre os hóspedes está a bela Arlena Marshall, que, um dia, aparece morta em uma enseada da região. Lá também se acha Hercule Poirot, que se dispõe, claro, a desvendar o caso. E, como registra Mark Campbell, em “*The Pocket Essential Agatha Christie*” (publicado pela Pocket Essential em 2005), “vários lugares de Devon aparecem neste livro. Torquay é chamada St. Loo, a ficcional Smuggler’s Island é a Bigbury-on-sea’s Burgh Island (referida de novo em *Ten Little Niggers*, 1939)” e por aí vai.

E outro exemplo maravilhoso é “*Ten Little Niggers*” (“O caso dos dez negrinhos”, 1939). O enredo de “*Ten Little Niggers*” é mais do que excelente, pelos personagens estereotipados e, sobretudo, pela localização sinistra. Dez pessoas são convidadas para uma estada em uma mansão na ilhota chamada *Nigger Island*. Os convidados chegam, entusiasmados, em uma tarde de verão. Mas todos têm algo a esconder. “Crimes” que a Justiça dos homens não foi capaz de punir. E logo tudo muda, a começar pela vinda de uma tempestade que os deixa isolados na pequena ilha. Os especialistas não têm dúvida: a ilha de “*Ten Little Niggers*” não é outra senão a tal Burgh Island, de fato localizada na costa de Devon. De minha parte, pensando bem, acho que não quero conhecer Burgh Island.

4 – Outras paragens na Terra da Rainha

Apesar da “campanha” dos autores de “*Agatha Christie: Shocking Real Murders behind her Classic Mysteries*” em prol de Devon e da Riviera Inglesa, os mistérios de Agatha Christie não se resumiram a essas paragens. A Rainha do Crime viajou por outras partes da Inglaterra. Esteve frequentemente em Londres. Na verdade, como veremos, ela foi até muito – e ponha muito nisso – mais longe.

Na obra de Christie, tem-se cidadezinhas que simplesmente estão localizadas em um lugar qualquer da Inglaterra. Como exemplo, peguemos o caso de King's Abbott, a cidadezinha retratada por Agatha Christie em *"The Murder of Roger Ackroyd"* ("O Assassinato de Roger Ackroyd", 1926), livro que por muitos é considerado o melhor da autora. O final desta trama, de tão engenhosa para com o leitor, é até controversa. Mas claro que não vou contá-lo aqui. Apenas registro que King's Abbott, não identificada sua localização no livro, pode ser qualquer daquelas pequenas vilas inglesas, onde a vida passa devagar e a fofoca corre rápido.

Aliás, a quantidade de pequenas cidades "criadas" por Agatha Christie é enorme. James Hobbs, no seu blog *"Hercule Poirot Central"* (www.poirot.us), cita, entre outras: Chipping Cleghorn (*"A Murder is Announced"*, 1950), Lymstock (*"The Moving Finger"*, 1942), Much Benham (em várias histórias de Miss Marple), St. Loo (*"Peril at End House"*, 1932), Woodleigh Common (*"Hallowe'en Party"*, 1969), Warmsley Vale (*"Taken at the Flood"*, 1948), Market Basing (em várias histórias de Poirot), Wynchwood (*"Murder is Easy"*, 1939), Much Deeping (*"The Pale Horse"*, 1961) e Deering Vale (*"The Mysterious Mr. Quin"*, 1930). Onde elas estariam localizadas? Confesso a vocês que não tive condições de pesquisar.

5 – Londres

Por óbvio, a gigante Londres, com seus incontáveis atrativos, figura em vários títulos da Rainha do Crime. Por exemplo, a estação de trens londrina de *Paddington que, de cabeça recordo logo, aparece em ao menos dois excelentes romances de Christie: "The ABC Murders"* ("Os Crimes ABC", 1936) e, claro, até pelo sugestivo título, *"4.50 from Paddington"* (1957). De cabeça ainda, posso dar um outro típico exemplo de "policial londrino" de Christie com *"Lord Edgware Dies"* (*"A morte de Lorde Edgware"* ou *"Treze à mesa"*, 1933). Nesse que é considerado um dos melhores romances escritos por minha amiga, com *Hercule Poirot, o Capitão Hastings e o Inspetor Japp à frente das investigações, aparecem vários cenários fa-*

mosos da capital inglesa, tais como Piccadilly, Covent Garden, Sloane Square, Regent's Park, Grosvenor Square e o luxuoso Claridge's Hotel, para ficar, aleatoriamente, em uns poucos exemplos. E, especialmente para os amantes do direito, posso mesmo lembrar uma das peças mais famosas de Christie, "Witness for the Prosecution" ("Testemunha de Acusação", 1953), em que boa parte dos atos se passa na mítica "Old Bailey", que é, para quem não sabe, a sede das cortes criminais (centrais) de Londres. Tudo ali bem pertinho da famosa Fleet Street (outrora "a rua" dos jornais londrinos e hoje sinônimo, em forma de metonímia, de "imprensa" na Inglaterra) e da ainda mais famosa St. Paul's Cathedral, obra-prima de Sir Christopher Wren (1632-1723).

Na verdade, as andanças de Christie por Londres, especialmente em companhia de seu Hercule Poirot, são muitíssimas. Incontáveis mesmo. Afinal, diferentemente de Miss Marple, que é uma senhorinha "local" e detetive amadora, o pequenino e arrogante detetive belga Hercule Poirot é um profissional, com contatos na Scotland Yard e popular em várias tribos da cidade de Londres. E certamente por essa razão, Miss Marple e Poirot, curiosamente, nunca se encontraram em qualquer das muitíssimas estórias imaginadas por minha amiga Agatha Christie.

6 – Ganhando o mundo

Agatha Christie (1890-1976) ganhou o mundo. Com suas estórias, traduzidas para um sem-número de línguas, chegando a todas as partes do planeta. E, também, para o nosso deleite, em suas estórias. Se sua Miss Marple, mais provinciana, esteve uma vez de férias no Caribe, o seu Hercule Poirot, com meios e recursos para tanto, andou muito mais longe: nos Bálcãs, em Istambul, na Mesopotâmia, no Egito e por aí vai.

Na verdade, a própria vida de Agatha Christie sob esse aspecto é bastante peculiar. Se hoje, com os preços mais acessíveis das passagens aéreas, estamos acostumados com a ideia de visitarmos outras culturas, no tempo de Christie, sobretudo nos seus anos de formação, não era as-

sim. A futura Rainha do Crime, entretanto, desde cedo, viajou muito. E para bem longe.

Como bem relata Martin Fido, em “The World of Agatha Christie: the Facts and Fiction behind the Word’s of Greatest Crime Writer” (Editora SevenOaks, 2010), “a variedade de experiências de viagem de Agatha Christie era realmente incompreensível para a sua geração. França, Alemanha, Cairo. Ainda antes de se casar, ela já tinha viajado aquilo que seus contemporâneos só teriam alcançado em uma vida inteira. Aos Pirineus com Archie [Archibald Christie, 1889-1962, seu primeiro marido]. Pelas colônias e pelos domínios onde o sol nunca se punha com o Major Belcher [1871-1949, líder do ‘Grand Tour’ realizado para promover a ‘British Empire Exhibition’ nos anos 1920]. A inesquecível viagem no Expresso do Oriente, a partir da qual o Oriente Médio tornou-se um território familiar. Lua de mel com Max Mallowan [1904-1978, o grande arqueólogo e seu segundo marido] em Veneza, na Iugoslávia e na Grécia. Férias na Alemanha, na Áustria, na Suíça. Visitas à Índia, ao Paquistão e ao Ceilão. No fim da vida, a muito almejada e tanto adiada viagem às Índias Ocidentais”.

Muitíssimo disso, claro, foi transposto para os seus romances.

De minha parte, de uma variada lista, destaco três títulos nos quais essas “andanças” da minha amiga por outras culturas nos encantam quase tanto quanto a trama detetivesca em si: “Murder on the Orient Express” (“Assassinato no Expresso do Oriente”, 1934), “Murder in Mesopotamia” (“Morte na Mesopotâmia”, 1936) e “Death on the Nile” (“Morte no Nilo”, 1937). Os três títulos, não coincidentemente, são protagonizados pelo inconfundível Hercule Poirot. E esses títulos, também não coincidentemente, estão relacionados, com algumas alusões recíprocas, como veremos a seguir.

Por exemplo, em “Murder on the Orient Express” (1934) a estória começa com Poirot na (hoje) triste Aleppo, na Síria, para depois chegarmos à maravilhosa Istambul, na Turquia. É dali – da outrora Bizâncio e, depois, Constantinopla – que o nosso detetive toma o fa-

moso *Expresso do Oriente*. Aliás, nessa jornada, ele está precisamente voltando da sua aventura em “Murder in Mesopotamia”, muito embora, curiosamente, esse título só tenha sido publicado posteriormente, em 1936. O resto da história, como sabemos, se passa na Europa do leste. O famoso trem, devido a uma nevasca noturna, para no meio dos Bálcãs. Na manhã seguinte, um dos passageiros é encontrado morto. O crime, aliás, está relacionado com um sequestro e assassinato acontecido ainda mais longe, nos EUA. O resto da trama, claro, eu não vou contar. Mas já dá para ver quão interessantes eram as viagens da minha amiga.

Já em “Murder in Mesopotamia” (1936), o título já diz tudo. Mais uma vez com Hercule Poirot no comando, a trama é ambientada no Iraque, em meio a uma escavação arqueológica. Aqui, os especialistas não têm dúvida: a inspiração para a ambientação e para as personagens da trama veio da experiência de Christie na escavação da necrópole da antiquíssima (e bote antiga nisso) cidade de Ur, no que hoje é o Iraque. Aliás, foi nessa expedição que a minha amiga conheceu, em meio a outros arqueólogos britânicos, Sir Max Mallowan, que viria a ser o seu segundo marido. Bendita escavação, para ela e para nós. Sim, aqui a trama gira em torno do assassinato da misteriosa (e um tanto paranoica) Louise Leidner, esposa do arqueólogo chefe da expedição. Já ia me esquecendo desse “pequeno” detalhe.

Por derradeiro, temos “Death on the Nile” (1937). O Nilo, não preciso dizer, é o famoso rio que corre pelas terras dos faraós. E aqui, mais uma vez, temos prova da relação entre os três títulos citados, quando Poirot afirma haver aprendido uma das técnicas do seu método de investigação – a remoção de toda matéria estranha para que se possa enxergar a verdade – em uma expedição arqueológica na qual esteve profissionalmente (ou seja, em “Murder in Mesopotamia”). Para mim, “Death on the Nile” é muito mais que excelente. Aliás, não canso de assistir à versão cinematográfica deste romance, de 1978, com direção de John Guillermin (1925-2015). O elenco é simplesmente fantástico: Peter Ustinov, David Niven, Lois Chiles, Jane Birkin, Maggie Smith, Angela Lansbury, Bette Davis, Mia Farrow,

George Kennedy e Jack Warden, entre outros. Adoro Peter Ustinov (1921-2004) no papel de Poirot. Não canso de olhar para a beleza bem nascida de Lois Chiles (1947-) no papel da jovem assassinada, a muito invejada Linnet Ridgeway. Afinal, ela tinha tudo: juventude, beleza, dinheiro e até inteligência. Mas talvez isso não seja uma mistura boa. Talvez seja demais para qualquer pessoa.

Definitivamente, a minha Agatha Christie não era uma parouquiana. Nem muito menos uma escritora que “cantou” apenas a sua aldeia. Ela era até uma cosmopolita, muito embora, como descreve o já citado Martin Fido, “numa forma anglocêntrica de ser, que hoje é provavelmente apenas encontrada entre aqueles da carreira diplomática”. Ademais, sem dúvida, suas viagens lhe deram um razoável cabedal de conhecimento em áreas como arqueologia, geografia, histórias clássica e contemporânea e por aí vai, que foi, para o nosso prazer, utilizado em seus inúmeros livros.

7 – Turistando com a amiga

Mas como podemos nos aproveitar das andanças de Agatha Christie? Como podemos viajar, por tão diferentes culturas, com a Rainha do Crime?

Eu conheço duas formas.

Uma delas – mais tradicional, posso dizer – é simplesmente fazer um turismo literário baseado na obra ou na vida de Agatha Christie.

Aliás, nesse sentido, temos um brasileiro, Tito Prates, que empreendeu esse turismo, digamos, “profissionalmente”. O resultado foi o livro “Viagem à Terra da Rainha do Crime” (Chiado Editora, 2013). Mais que excelente. Recomendo deveras.

Como sugestão, poderíamos seguir a “literary trail” (ou seja, a “trilha literária”) dos autores de “Agatha Christie: Shocking Real Murders behind her Classic Mysteries”, que, mandando esquecer o Nilo ou o Expresso do Oriente, recomendam vários sítios para se

visitar, a partir das estórias da Rainha do Crime, na Riviera inglesa e no sul do pitoresco condado inglês de Devon. Eles sugerem pelo menos uma dezena desses lugares ligados à obra ou à vida de Christie. Um dia, podem ter certeza, vocês me acharão escrevendo daquelas bandas.

Uma outra excelente opção é seguir os passos da Rainha do Crime por Londres, onde ela, em companhia do seu Hercule Poirot, perambulou bastante. Isso eu posso dizer que já fiz. E muito.

Por exemplo, na última vez que estive em Londres, hospedei-me num pequeno e adorável hotel (o Norfolk Towers) nas imediações da estação de trens de Paddington, tantas vezes citada na obra de Christie (como, mais que sugestivamente, em “4.50 from Paddington”, de 1957). Toda vez que passava pela estação, que também serve ao metrô, lembrava da minha amiga.

No passado, quando da minha estada em Londres para realização de doutorado no King’s College London, corri muito atrás de Agatha Christie. Por exemplo, daqueles lugares citados em “Lord Edgware Dies” (“A morte de Lorde Edgware” ou “Treze à mesa”, 1933), típico policial londrino, com Hercule Poirot, o Capitão Hastings e o Inspetor Japp à frente das investigações, estive em quase todos: Piccadilly, Covent Garden, Sloane Square, Regent’s Park, Grosvenor Square e por aí vai. Ao Hotel Claridge, eu fui exclusivamente porque ele é citado nesse que é um dos meus títulos preferidos da Rainha do Crime. Infelizmente, pude apenas dar uma xeretada.

À mítica Old Bailey, sede das cortes criminais (centrais) da capital do Reino Unido, que fica na City londrina, pertinho da famosa Fleet Street e da ainda mais famosa St. Paul’s Cathedral, fui, digamos, profissionalmente. Uma visita de estudos organizada pela minha universidade. Não entendi bulhufas do que estava sendo julgado. Mas valeu a pena. Senti-me como que figurante em “Witness for the Prosecution” (“Testemunha de Acusação”). Não na peça da minha amiga, de 1953, mas no filme, adaptação do grande diretor Billy Wilder (1906-2002), de 1957, que considero um dos melhores filmes de tribunal ou “courtroom dramas” até hoje produzidos.

Por falar em teatro, vi mais de uma vez “The Mousetrap” (“A ratoeira”), também da minha Agatha Christie, que é, segundo o Guinness Book, a peça há mais tempo em cartaz na história dos palcos mundiais. Mais de seis décadas de apresentações, desde a sua première, em outubro de 1952, com um Richard Attenborough (1923-2014) no papel do protagonista Detective Sergeant Trotter. Em tom de brincadeira, por lá dizem que “The Mousetrap” só pode sair de cartaz por ordem do Parlamento. De toda sorte, como no Reino Unido o Parlamento é supremo, desviei meu caminho inúmeras vezes só para passar em frente ao St. Martin Theatre, no coração da “West End” londrina, para conferir se a apresentação daquele dia ia acontecer mesmo.

Aliás, também ali pertinho, nas imediações da estação de metrô de Leicester Square (mais precisamente entre as pequeninas Great Newport Street e Cranbourn Street), algumas vezes rendi homenagem à minha amiga, no memorial a ela especialmente dedicado: uma escultura de bronze, com mais de dois metros de altura, em forma de livro, mas vazado por um busto da escritora. Era fácil porque morei e perambulei naquela vizinhança por alguns anos, desde a minha chegada a Londres, noviço no doutorado, quando fui morar na saudosa Great Queen Street.

Por falar em perambular, bati todos os sebos de Charing Cross, a antiga rua de livrarias e sebos de Londres, em busca de uma edição de “Ten Little Niggers” (“O caso dos dez negrinhos”, 1939), uma das melhores estórias da minha amiga. E quase não a achava, pois, em virtude do tal politicamente correto, essa obra teve o título finalmente mudado para “And Then There Were None” (tendo sido ainda adotados os títulos “Ten Little Indians” e “The Nursery Rhyme Murders”). Do meu exemplar – de “Ten Little Niggers”, ressalto –, tão dificilmente encontrado, eu não me aparto de jeito algum.

Na verdade, atrás de Agatha Christie fui até bem mais longe. Até Istambul e ao seu Expresso do Oriente, glamorosamente retratados por minha amiga no seu “Murder on the Orient Express” (“Assassinato no Expresso do Oriente”, 1934). E entre os sítios ali

relacionados à minha amiga, adorei sobretudo o Pera Palas Hotel, que, inaugurado em 1982 para servir aos passageiros do famoso trem, restaurado em seu grande esplendor, ganhou o status de lenda da hotelaria mundial. Foi uma volta ao passado. Ao tempo das viagens de Agatha Christie.

Tudo isso foi ótimo. Eu até gostaria de ter viajado mais – fisicamente falando – na companhia ou em busca de Agatha Christie.

8 – Lendo e imaginando

Mas, se não pude fazer como queria, também aproveitei das andanças da minha amiga de uma outra forma, até bem mais poética, que considero uma invenção minha, num tempo em que, estudante de PhD numa fria Londres, alternava dias muitos felizes com uma vontade imensa de voltar a Natal e rever meus entes queridos nas esquinas da minha infância.

Foi com essa mistura de sentimentos que descobri uma forma de ter como fundamental – imperiosa, posso dizer – aquela minha estada em Londres. E não era a necessidade de assistir às aulas e aos seminários no King’s College London – KCL, onde fazia o doutorado. Na verdade, descobri que, somente por me achar no Reino Unido, eu teria a oportunidade de ler os muitos romances da minha amiga Agatha Christie, que tanto me encantaram na adolescência, estando, no momento da leitura mesmo, nos locais onde se passam as suas histórias, saboreando, em tempo real e deveras encantado, a atmosfera dos lugares descritos por minha amiga.

Recordo-me de haver descoberto isso em Russell Square, mesmo no coração do bairro universitário (e alegadamente intelectual) de Bloomsbury. A vizinhança estava sendo citada em um dos romances de Agatha Christie, que ali eu lia numa tarde de verão. Curiosamente, já não me lembro qual deles. Mas é uma recordação que sempre me volta, gostosa, quando penso em Christie e em Londres. Não sei precisar a razão disso. Talvez seja porque morei muitíssimo perto dali, numa residência estudantil na vizinha Woburn Place. Talvez porque eu tenha

estudado, dias e mais dias, na Biblioteca do Instituto de Estudos Jurídicos Avançados (“Institute of Advanced Legal Studies Library”) da Universidade de Londres, que fica no número 17 da tal Russell Square. Talvez porque, em dias de sol, o que eu mais adorava era ler sentado nos seus bancos, vendo a vida passar. Talvez seja simplesmente porque foi ali que eu tive essa minha epifania.

O fato é que descobri simplesmente algo maravilhoso para fazer.

E, a partir daí, rodei muito por Londres levando a minha amiga *Agatha Christie* a tiracolo. Juntos vinham *Hercule Poirot* e *Miss Marple* (esta, confesso, bem menos). Assim como, sempre que podia, viajei de trem, pelo interior da Inglaterra, com as mesmas companhias. No meu matulão tinha sempre algo como “*The Mysterious Affair at Styles*” (1920), “*The Murder of Roger Ackroyd*” (1926), “*Lord Edgware Dies*” (1933), “*Murder on the Orient Express*” (1934), “*The ABC Murders*” (1936), “*Murder in Mesopotamia*” (1936), “*Death on the Nile*” (1937), “*Hercule Poirot’s Christmas*” (1938), “*Evil under the Sun*” (1941), “*The Mirror Crack’d from Side to Side*” (1962) e por aí vai.

Lembro-me, por exemplo, de ter transitado e corrido entre locais como *Piccadilly*, *Covent Garden*, *Sloane Square*, *Regent’s Park* e *Grosvenor Square*, apenas por antever, quando da leitura de “*Lord Edgware Dies*” (“*A morte de Lorde Edgware*” ou “*Treze à mesa*”), que essas paragens seriam cenários desse típico policial “agathiano” londrino. E continuava a deliciosa leitura do romance “in loco”.

Lembro-me, também, de ter ido algumas vezes ler em frente aos prédios da *Scotland Yard* – especialmente aquele mais antigo, hoje conhecido como “*The Norman Shaw Buildings*” e usado pelo Parlamento britânico, onde ficava a *Polícia Metropolitana de Londres* no tempo de *Christie* –, toda vez essa famosíssima força policial era citada nos romances de minha amiga, como, por exemplo, estou certo, em “*The ABC Murders*” (“*Os crimes ABC*”).

E se não pude fazer isso com todos os romances de Agatha Christie – “*Murder in Mesopotamia*” (1936) e “*Death on the Nile*” (1937), obviamente, são dois exemplos característicos –, descobri uma forma de remediar essa minha impossibilidade de estar, ao lado do meu amigo Hercule Poirot, no Iraque ou no Egito, quando ele desvendava, para mim, os mistérios dessas histórias. Simplesmente, eu fui ler esses romances em pleno British Museum, tomando um café e me protegendo do frio. Me punha ali a admirar as estátuas gigantes do palácio de um tal Sargão II, mesmo sem saber se a Mesopotâmia de Agatha Christie era a mesma do grande rei assírio. Sem qualquer preocupação em compreendê-la, dava uma olhada na Pedra da Roseta, espiava também os muitos sarcófagos vazios e imaginava-me descendo o grande rio Nilo. Mas voltava sempre para o enorme salão principal do Museu, cheio e iluminado, onde o gosto do café com leite, ao lado da minha amiga, adormecia os (poucos) demônios da minha alma.

Pensando bem, tudo isso era mais que uma viagem, em um tempo e por um tempo que não voltam mais.

MARCELO ALVES DIAS DE SOUZA é escritor e Procurador Regional da República. Doutor em Direito (PhD in Law) pelo King’s College London – KCL. Mestre em Direito pela PUC/SP. Membro da Academia da Academia Norte-rio-grandense de Letras, e de outras instituições culturais.

A MEDICINA E A HISTORIA DO RN (ILUSTRAÇÕES)



**LUIS CARLOS LINS
WANDERLEI (1831- 1890)**



**PEDRO VELHO DE A.
MARANHÃO (1856-1907)**



**VICENTE INACIO PEREIRA
(1833-1888)**



JANUARIO CICCO (1881-1952)



**ONOFRE LOPES DA SILVA
(1907-1984)**

A MEDICINA E A HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO NORTE

Japeri Araújo

A primeira notícia sobre a Capitania do Rio Grande não foi um ato médico, até por não existirem físicos naqueles tempos do final do século XVI, mas da epidemia de varíola que atacou as tropas de Jeronimo de Albuquerque que em 1597 seguiu para a barra do rio grande instalar um forte, fundar uma cidade, expulsar os franceses que se abacaram na foz do rio grande e pacificar os índios. O restante das tropas portuguesas, seguiu pelo mar sob o comando de Dom Mascarenhas Homem e Feliciano Coelho capitão-mor da Paraíba. A tropa que seguiu por terra, engrossada por mais de 500 frecheiros da nação dos caetés, enfrentou na baía da Traição um surto de varíola tão forte que quase dizimou toda a expedição, restando insepultos mais de 600 mortos.

A tropa de Mascarenhas Homem e Feliciano Coelho que vieram pelo mar, chegaram à barra do rio grande em 25 de dezembro de 1597. Jeronimo de Albuquerque conseguiu juntar os integrantes da tropa que escapou da varíola e continuou a viagem chegando à capitania do rio grande no começo de janeiro de 1598. Aí, iniciaram a construção da fortaleza dos Reis Magos, por ter sido começada em 6 de janeiro a partir de um cercado de varas de mangues, entaipada com barro e pedras, de uma forma tão eficiente que em 25 de junho daquele ano estava em “estado de defesa”, ou seja, terminada. No ano seguinte, provavelmente Jeronimo de Albuquerque subindo o rio Potengi a partir da foz, escolheu um lugar para a construção da cidade e que por ser 25 de dezembro de 1599 foi chamada Natal.

A cidade não prosperou muito. Mesmo com a paz entre os índios, os familiares da guarnição preferiam ficar numa aldeia improvisada diante da fortaleza, onde séculos depois foi construído o Círculo Militar na praia do Forte, por ser mais seguro. A primeira

notícia de um cirurgião que atendia a guarnição da fortaleza foi do século XVIII, com soldo e botica mandada de Portugal pela duquesa de Mantua.

No século XIX físicos, boticários e poucos cirurgiões ocuparam cargos públicos ligados à prática da Medicina na guarnição da fortaleza. Em 1811 quando Henry Koster, um viajante inglês passou pela capital da província, a cidade ainda era um pequeno povoado decadente com uma igreja caindo aos pedaços, sem teto. Herança deixada pela dominação holandesa.

Em 1857, forma-se em Medicina na Bahia o potiguar Luís Carlos Lins Wanderley. Seria o primeiro a obter o grau hipocrático. Luís Carlos nasceu em 30 de agosto de 1831 no Assu e seria o primeiro romancista do Estado. Publicou textos para o teatro e poesias. Exerceu a Medicina e a política, tendo chegado a Presidente da Província. Foi jornalista, professor do Atheneu, médico do Hospital de Caridade que fôra mandado construir pelo Presidente Passos em 1856. Diretor da Instrução e Inspetor da Saúde Pública. Foi deputado provincial (1858-1883) sendo condecorado pelo governo imperial com a Ordem da Rosa em gratidão pelo seu trabalho no combate a cólera morbus que grassou na província. Faleceu em Natal em 10 de fevereiro de 1890.

Vicente Inácio Pereira, nascido em 1833 foi o primeiro natalense a se formar em Medicina (Bahia, 1859), voltando para sua cidade Natal, logo depois. Em 14 de novembro de 1863 se casou com Isabel Duarte Varela, filha do barão de Ceará Mirim, ligado politicamente a Moreira Brandão, chefe do Partido Liberal, logo entrando na política. Foi deputado estadual em duas legislaturas (1864-1865 e 1866-1867), tendo uma passagem meteórica pelo governo provincial de 14 de fevereiro a 13 de março de 1879. Quando deixou o governo, doou todos seus vencimentos ganhos no Hospital de Caridade (Salgadeira), em benefício dos pobres, retornando ao seu engenho Guaporé no Ceará Mirim onde faleceu aos 55 anos de idade na manhã de 22 de novembro de 1888.

Outro médico importante para a História do Rio Grande do Norte, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão nasceu em Macaíba em 27 de novembro de 1856. Formou-se na Faculdade Nacional no Rio de Janeiro em 1880, defendendo a tese “Condições patogênicas das palpitações do coração e dos meios de combatê-las”. Formado veio para Natal depois de clinicar por um tempo em São José de Mipibu, onde inclusive montou uma farmácia. Montou consultório na capital, mas almejava mesmo, a política. Adiantando-se aos adversários, proclamou a república no Estado em 1889, instalando o Governo provisório, esperando torná-lo definitivo. O Governo central, não reconhecendo seu gesto, nomeou como Presidente do Estado Adolfo Gordo, frustrando-o. Foi Governador em 1890 e em outro período de 1892 a 1896. O dr. Pedro Velho instalou uma oligarquia no RN que durou de 1890 até 1918, mesmo depois de sua morte que ocorreu em 9 de dezembro de 1907 a bordo do vapor “Brasil” no porto do Recife, por conta da ruptura de um aneurisma da aorta.

O médico Januário Cicco nasceu no lugar Boa Saúde, em São José de Mipibu em 30 de abril de 1881. Kursou as primeiras letras no lugar onde nasceu e na Paraíba. Fez Humanidades no Atheneu e o Curso de Medicina na Bahia onde recebeu o grau de médico em 1906 defendendo a tese “Do destino dos cadáveres” onde defendia a cremação para a solução da necessidade futura de grandes espaços para o sepultamento das pessoas. Nesse mesmo ano voltou a Natal, montando seu consultório na atual Duque de Caxias na Ribeira com casa de morada no andar superior e nos fundos da casa dos seus pais. No mesmo ano do seu retorno à Natal, os médicos do Hospital de Caridade Pedro Soares, Afonso Barata e Segundo Wanderley haviam solicitado ao Presidente do Estado o fechamento daquele hospital por total impossibilidade de ser prestado um serviço digno à população. O hospital foi fechado após 50 anos de funcionamento pela precariedade de sua estrutura e pela falta de materiais e pessoal. Inconformado com a falta de um Hospital público na capital do Estado o dr. Januário Cicco pro-

curou o governador Alberto Maranhão para que fosse criado um novo hospital. Procurando um local com boa localização, numa área propícia para o tratamento dos doentes, dr. Januário Cicco deparou-se com as dunas bem acima da linha do mar na chamada praia do Meio, onde coincidentemente havia uma casa de veraneio do Governador. Com a aquiescência do chefe do Estado, foi idealizada uma operação em que o comerciante Aureliano Medeiros compraria a casa de Alberto Maranhão por 17 contos de réis e a venderia ao Estado para ser adaptada como Hospital. Em 1909 o hospital estava concluído e foi denominado Hospital de Caridade Juvino Barreto em homenagem ao benemérito comerciante Juvino Barreto que não medira esforços para ajudar com doações para a construção do hospital. Em setembro daquele ano foi inaugurado e colocado para funcionar imediatamente sob direção do dr. Januário Cicco que até 1917 foi o único médico a trabalhar no hospital, sendo administrador, cirurgião e clínico. Em 1917 foi nomeado o dr. Ernesto Fonseca para auxiliá-lo e a partir daí, novos médicos vieram para compor seu quadro clínico.

Em 1926 o dr. Januário Cicco criou uma Sociedade de Assistência Hospitalar com a finalidade de administrar o hospital, contornando a burocracia que tornava difícil a agilização da compra de medicamentos, equipamentos e alimentos para seu funcionamento. Em 1927, enfrentando graves problemas financeiros, o dr. Januário Cicco procurou o Governador José Augusto propondo a terceirização do Hospital que aceitou, concedendo ainda um subsídio de 100 contos de réis para financiar o atendimento de indigentes.

Em 1928 dr. Januário Cicco fundou a Maternidade de Natal em terreno doado pelo prefeito Omar O'Grady, anexo ao terreno do Hospital. A fundação da Maternidade foi ato solene no Teatro Carlos Gomes em 18 de março e já em 1932 a obra foi começada. Comerciantes e empresários foram solicitados a colaborar com a construção e não raro o médico passava mais tempo no comércio pedindo ajuda do que administrando o complexo hospitalar da Capital. O dr. Januário Cicco em 1934, mudou o nome do

hospital para Miguel Couto, um clínico professor da Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro. Em 1945 criou Pronto Socorro e uma Escola de Enfermagem. Em 1943 estando pronta a Maternidade, negociou com o Ministério da Guerra seu aluguel para Hospital de Campanha e Quartel General das forças brasileiras em Natal, no valor de 8 contos mensais. Em 1947, já dois anos do término da Guerra e por insistentes solicitações do dr. Januário Cicco, o prédio da Maternidade de Natal foi devolvido. Como as instalações estivessem bastante deterioradas, entrou com um processo de indenização para restaurá-la, conseguindo após muita espera e afinal, em 2 de fevereiro de 1950 a Maternidade de Natal foi inaugurada e seu nome modificado pela plateia que assistiu as solenidades, para Maternidade Januário Cicco.

Em 1 de novembro de 1952, o dr. Januário Cicco sente-se mal e pressentindo o desfecho fatal, manda chamar à sua casa na Ribeira o governador Silvío Pedroza para solicitar dele a doação do terreno onde se erguia o hospital. Na missa de 7º dia de falecimento, o governador assinou o decreto fazendo a doação solicitada à Sociedade de Assistência Hospitalar. Seu substituto foi o médico Onofre Lopes das Silva que assumiu a direção da Sociedade de Assistência Hospitalar, Maternidade Januário Cicco e Hospital Miguel Couto. Além de médico e empreendedor o dr. Januário Cicco foi um intelectual, membro da Academia Norte-riograndense de Letras, havendo publicado um romance “Eutanásia” em 1937, um ensaio sobre o saneamento da capital “Como se higienizaria Natal”, um ensaio sobre o padre João Maria e um conjunto de crônicas “Memórias de um médico de província” e “Puericultura em 1999”. Deixou ideias de um abrigo para órfãos e idosos, um seguro maternidade e a criação de uma Faculdade de Medicina.

Onofre Lopes da Silva nasceu no lugar Comum, município de São José de Mipibu em 13 de julho de 1907. Veio para Natal estudar, concluindo o Curso de Humanidades em 1926 quando com ajuda financeira do Estado, foi estudar Medicina no Recife. Para se manter na capital pernambucana foi alfabetizar carvoei-

ros. Como sua situação financeira era grave, resolveu seguir para o Rio em 1928 com uma ajuda financeira de um potiguar morando no Recife, para continuar seus estudos na Faculdade Nacional de Medicina. Por um golpe de sorte, conseguiu ser aprovado para ser estudante/residente do Hospital da Marinha na ilha das Cobras, com uma bolsa mensal de residência, superior ao que ganhava em um ano como representante de medicamentos visitando consultórios médicos. Após sua formatura em 1932 veio para Natal e conheceu o dr. Januário Cicco quando participava de uma perícia na Saúde dos Portos, que o convidou para trabalhar no Hospital Miguel Couto como cirurgião e assistente da Clínica Urológica com o dr. Aderbal Figueiredo. Foi diretor da Colonia São Francisco de Leprosos, legista da Segurança Pública e professor da Escola Doméstica. Casou-se em dezembro de 1934 com Selva Capistrano com quem teve quatro filhos. Fez curso de Saúde Pública no Rio de Janeiro em 1936 e em 1948 viajou aos Estados Unidos onde permaneceu por seis estagiando em importantes serviços de cirurgia torácica e administração hospitalar. Em 1954 voltou aos Estados Unidos para continuar sua especialização em cirurgia torácica na Clínica Mayo em Rochester. Criou a Faculdade de Medicina em 29 de janeiro de 1955 e fez todos os esforços para sua autorização de funcionamento (1955) e reconhecimento (1959). Foi Presidente do Conselho Regional de Medicina e criador da Universidade do Rio Grande do Norte em 1958. Dr. Onofre foi Reitor (o primeiro) da Universidade estadual, depois federalizada em 1960. Consolidou a Universidade, criando departamento, Institutos, Escola de Música, Nucleo de Biologia Marinha. Seu mais importante feito foi a criação do CRUTAC, campi avançado da UFRN no interior, notadamente na região do Trairi para o treinamento dos concluintes dos cursos da UFRN. Presidiu a Academia Norte-rio-grandense de Letras e o Conselho Estadual de Cultura. Faleceu no dia 13 de julho de 1984, no dia em que completava 77 anos, no hospital das Clínicas que nesse mesmo ano recebeu o seu nome.

Mesmo não sendo político, o dr. Onofre sempre foi um professor e Reitor respeitado por toda a classe política, havendo sido inclusive cotado para ser Governador na época das eleições indiretas.

A Medicina sempre foi um atrativo para os jovens em todo o mundo. A política, por ser um meio de fazer algo pelo povo, foi um caminho seguido por muitos. Além dos precursores já citados, foram governadores do Estado os médicos José Varela, Tarcisio Maia, Lavoisier Maia Sobrinho e Rosalba Ciarlini Rosado. Foram senadores médicos os drs. Manoel Vilaça, Lavoisier Maia, Rosalba Cirlini, Paulo Davim e Zenaide Maia. Muitos foram vice-governadores como Vivaldo Costa e Genivaldo Barros. Mais ainda foram deputados estaduais e um pouco menos, deputados federais. Porém, todos, sem exceção, foram homens probos que na política exerceram mandatos sempre voltados para a melhoria das condições de saúde, saneamento, educação, habitação e bem estar. A Medicina os forjou para tanto num caminho em busca do bem estar da humanidade.

IAPERI ARAUJO é médico escritor e artista plástico. Professor aposentado da UFRN. Ex -Presidente da Fundação José Augusto. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Atual Presidente do Conselho Estadual de Cultura

DIOCLÉCIO DANTAS DUARTE

Eulália Duarte Barros

“Encontramo-nos às vésperas de uma revolução. As classes políticas dominam e as classes desfavorecidas não podem suportar por muito tempo as pressões do poder econômico.

Fez-se uma Constituição para restringir esta influência nefasta. Mas o que amargamente presenciamos em todos os setores desta sociedade em decomposição rápida? O domínio absoluto do poder econômico. O capital, que deveria contribuir para elevação do nível existencial do proletariado, mediante aplicação de indústrias produtivas, desenvolvimento da agricultura, construção de escolas, bibliotecas, hospitais, maternidades e estradas, é desviado para atender à satisfação de vaidades políticas. Os homens sobem ao governo, mas o povo continua miserável.

Enquanto pleiteiam favores, desmancham-se em promessas e logo sem a menor explicação esquecem os compromissos assumidos com os seus compatriotas.

A maioria dos políticos perde a noção exata da realidade, da moralidade ou do dever cívico, por amor ao luxo, à vaidade, ao sibaritismo de uma existência inútil.

Os prazeres terminam e apenas restará a triste lembrança de uma época de injustiça social, de corrupção, de ingratidão, de mentiras e deslealdades.

Não deixarei entretanto de protestar, e as vozes hão de ser ouvidas por aqueles que ainda não perderam a sensibilidade e a fé.”

Estas palavras foram proferidas pelo Dr. Dioclécio Dantas Duarte, em seu discurso de posse, na Academia Norte-rio-grandense de Letras, no dia 23 de outubro de 1954.

Esse homem Dioclécio Dantas Duarte nasceu no dia 16 de outubro de 1894, filho de Dioclécio Duarte e Isabel Estela Dantas Duarte.

Homem simples, acolhedor, sensível, olhando o mundo e a vida com a mesma serenidade e destemor de altivez.

Atravessou batalhas e anos tumultuosos com a mesma imperturbável boa educação, mas que não exclui os seus arrebatados e arrancos de lança em riste sobre os monstros do seu tempo ou sobre os moinhos de vento, como dizia Câmara Cascudo.

Parte de sua meninice é vivida em São José de Mipibu, que era a terceira cidade da província, sendo Açú, a segunda cidade, por apenas uma questão de datas (1845).

SÃO JOSÉ DE MIPIBU: TERRA DE SEU NASCIMENTO

Durante o governo monárquico, a cidade de São José de Mipibu era um centro de extraordinária atividade política. Três famílias predominavam, não somente na política como na economia rural. Eram os Ribeiros Dantas, os Duartes e os Sales. Havia íntimo entrelaçamento. Nada se resolvia sem o concurso dos representantes dessas três famílias. Desde o século XVII, procedentes de Portugal, se enraizaram na gleba antiga. Foram os organizadores da administração local e até o último ano da monarquia exerceram influência decisiva, quando, em 1889, com o advento da República, o Coronel Antônio Basílio Ribeiro Dantas – então na presidência da província – mandou convidar Pedro Velho de Albuquerque Maranhão e, pacificamente, lhe entregou o governo, retirando-se para o engenho Sapé, de sua propriedade. Foi sobre esse signo de lealdade que Dioclécio formou a sua mentalidade partidária. Apesar da insistência de Júlio de Castilho, chefe republicano do Rio Grande do Sul, o Coronel Antônio Basílio Ribeiro Dantas não quis aderir ao novo regime, respondendo que sua lealdade o impedia de assim proceder. Fora cinco vezes Presidente da Província e jamais se deixara seduzir pelo poder. A República, que tivera em

seu pai ardoroso partidário, signatário do manifesto redigido em 1872, pelo Dr. Cisneiros, residente em Goianinha, não o obrigaria a esquecer os compromissos assumidos. Outros o poderiam fazer, e o fizeram. A um Ribeiro Dantas, da estirpe de São José de Mipibu, não seria permitido tal comportamento.

Em 17 de julho de 1855, propunha-se na Assembleia Legislativa, a transferência da capital da Província para a vila de São José de Mipibu. Diz Câmara Cascudo que São José era cidade linda: “A paisagem é inesquecível: coroa o cimo da colina e em qualquer ângulo do horizonte a imensidão do vale verde, onde ondulam os canaviais. As duas torres da Matriz de São Joaquim e Sant’Ana sacodem para o alto as linhas esguias e atrevidas da sua elegância senhorial. E o canavial derrama a sua frescura sussurrante, ondas que se encrespam ao vento, ao derredor das chaminés fumegantes, pastores gigantes do imóvel rebanho vestido de verde.”

As casas grandes eram o centro da vida social. Era a escola das boas maneiras do saber conviver, conversar e respeitar. Dioclécio, menino da geração republicana, ainda conviveu e olhou as velhas figuras de senhores de engenho que tinham dirigido a Liberais e Conservadores no Império.

Dioclécio era um homem culto, falava, bem como escrevia, quatro idiomas: alemão, inglês, francês e italiano. Faz jornal, escreve críticas, discute letras. Traduziu Edgard Allan Poe.

Dirigiu o jornal *A República* e a Imprensa Oficial de Pernambuco.

É desse tempo os seus primeiros livros: *Para os que ficam* (1918) e *Uma página do Brasil* (1919).

Em 1918, ele regressa a Natal e elege-se deputado estadual e assume a liderança da bancada do Partido Republicano, na Assembleia Legislativa, com apenas 24 anos de idade.

De 1920 a 1921, secretariou e assessorou o governador Ferreira Chaves.

Em 1922, Dioclécio foi transferido para o Ministério das Relações Exteriores, sendo designado para servir como cônsul, em BREMEN, na Alemanha. Representou o Brasil na Conferência Interparlamentar de Comércio, em Berlim.

Recebeu a condecoração honorífica francesa *Legion d'Honneur*, das mãos do presidente da França, Vincent Auriol, no Salão Champs Elysées.

Seus escritos e seus projetos são muitos e variados. Talvez um dos mais importantes foi o que ele chamou de “Batalhões Agrícolas”, visando fixar o jovem nordestino, especialmente os potiguares em sua terra, em seu chão. Evitava assim o êxodo de 20 mil jovens que iam para o prometido e sonhado Sul.

Outro projeto foi o aproveitamento das águas-mães das salinas do Rio Grande do Norte, mostrando como se poderia obter o adubo necessário para a recuperação econômica do solo.

Antes de 1930, Dioclécio Dantas sugeriu a criação do Ministério do Ar, o aparelhamento nacional dos campos de pouso e a criação da Escola Técnica da Aeronáutica, em Parnamirim.

Foi o primeiro político cidadão que durante a Constituinte de 1946, ao regressar dos Estados Unidos, onde examinara a capacidade e influência econômica hidráulica do Niagara Falls, sugerindo ao nosso Estado o plano de aproveitamento da força hidráulica de Paulo Afonso, baseado nas observações do engenheiro Otávio Tavares.

Câmara Cascudo diz: “Não faço a estatística dos projetos como demonstração de operosidade. Essencial é apenas indicar como o seu espírito atende aos campos mais diversos da atividade econômica e cultural, estudando as reformas educacionais, os problemas navais e aeronáuticos, no tocante ao desenvolvimento dos serviços, discursando sobre os nossos homens maiores e interessando-se por todas as solicitações, ideias e planos.”

Dioclécio foi presidente do Instituto Nacional do Sal, presidente do Banco Aliança do Rio de Janeiro e do Banco Central Mercantil e membro da *Association International de Prensa*. Diretor fundador da *Revista de Crítica Literária Leitora*. Redator e colaborador dos jornais cariocas *Diário de Notícias*, *Diário da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *A Manhã*, *Rio Jornal* e outros.

Foi um dos fundadores da Academia Norte-rio-grandense de Letras e escolheu o seu primo, o jurista Francisco de Souza Ribeiro Dantas, como patrono, cuja cadeira é hoje ocupada dignamente pelo confrade escritor, professor, o Doutor Ivan Maciel de Andrade.

Na Academia de Letras Jurídicas do Rio Grande do Norte-ALEJURN, o Doutor Adilson Gurgel ocupa a Cadeira nº 13, cujo patrono é o Doutor Dioclécio Dantas Duarte.

Na bibliografia de Dioclécio constam:

- 1 – *Para os que ficam* (1918)
- 2 – *Uma página do Brasil* (1919)
- 3 – *Problemas contemporâneos* (1921)
- 4 – *Estudos da economia brasileira* (1929)
- 5 – *A indústria extrativa do sal na economia do Brasil* (1942)
- 6 – *O cooperativismo*
- 7 – *Como exerci meu mandato*
- 8 – *A função social das universidades*

Essas informações me foram dadas pelo Doutor Adilson Gurgel de Castro, em seu discurso de posse na ALEJURN.

Dioclécio pertenceu a várias instituições voltadas para a cultura, como: Instituto Brasileiro de Cultura, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco, Associação Brasileira de Imprensa,

Associação Internacional de Prensa, Sociedade Brasileira de Agricultura, Instituto de Cultura Hispânica, Associação Brasileira de Municípios e Liga de Defesa Nacional.

Recebeu condecorações da Venezuela, em um estudo sobre Simon Bolívar. Do governo do Paraguai, Dioclécio recebeu a Ordem do Mérito e Legião de Honra.

Só num estudo minucioso sobre esse homem é que poderão ser conhecidas as suas inúmeras obras. Foi político, homem público na verdadeira acepção da palavra, diplomata e apaixonado, ora “sereno, ora febril”, de palavra fácil, homem culto e inteligente, como diz o acadêmico Jurandyr Navarro.

Dioclécio faleceu no dia 22 de dezembro de 1975, no Rio de Janeiro.

Pena que o Rio Grande do Norte não valorize sua biografia nem reverencie a sua memória.

Hoje, eu me sinto feliz em relembra-lo e lembrá-lo sempre como um homem de letras, culto, homem público, um homem honrado, homem de bem, um grande homem.

Natal, 9 de fevereiro de 2021

EULÁLIA DUARTE BARROS é escritora e professora aposentada da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais. Autora de “Verdes Vales, Verdes Campos” e outros livros.

ANRL – 84 ANOS

Jurandyr Navarro

A instituição criada por Luís da Câmara Cascudo completou, aos quatorze de novembro vigente, oitenta e quatro anos de existência. Foram anos de luta e dedicação daqueles que nessa sequência cronológica, se empenharam pela sua grandeza cultural. Ela tem recebido, da sociedade potiguar, aplausos nessa jornada quase secular.

Câmara Cascudo, o seu idealizador. Padre Luiz Monte, o autor do seu Lema: **Ad Lucem Versus – Rumo à Luz!** Manoel Rodrigues de Melo, o dirigente responsável pela construção de sua sede, majestosa para a época. Henrique Castriciano, seu primeiro presidente, o responsável pela sua implantação. Diógenes da Cunha Lima, atual dirigente, o incansável continuador da sua grandeza histórica e cultural.

Outros Acadêmicos, formadores de sua plêiade laboriosa, deram seu contributo valioso no plano intelectual e material por causa tão elevada.

Dela guardo, do seu passado, algumas recordações, por pertencer ao seu quadro. Desde quarenta anos atrás, calendário de mil novecentos e oitenta, presidência de Onofre Lopes, primeiro Reitor da nossa Universidade.

Admirado ficava com os discursos de Paulo Viveiros, as conferências de Nilo Pereira, os escritos do estilista Edgar Barbosa!

Encantavam-me as conversações de Alvamar Furtado, Américo de Oliveira Costa e Veríssimo de Melo, em assuntos os mais variados. Adicione-se as aulas recebidas, na prosa oral, de Manoel Rodrigues de Melo, os ensinamentos sentenciosos de Mário Moacir Porto e as exclamações interrogativas de Antônio Soares Filho!

Este passado tráz, à lembrança, outros vultos veneráveis, mestres da Literatura, tais Antônio Fagundes, Esmeraldo Siqueira e Ascendino de Almeida.

A memória, um tanto fugidia, ressalta folcloristas, tais Câmara Cascudo, Oswaldo de Souza e Gumercindo Saraiva, estes últimos, enamorados da música, como seus confrades, maestro Waldemar de Almeida e seu parente, Oriano, pianista de fama internacional.

A Academia Norte Riograndense de Letras já possui um legado Cultural elogiável!

Amparado em fontes consultadas, enumeramos, a seguir, títulos de obras de Acadêmicos de outrora, pertencentes ao quadro, simplificadamente: Veríssimo de Melo – “Patronos e Acadêmicos”; Edgar Barbosa – “Imagens do Tempo”; Nilo Pereira – “Rosa Verde”; Januário Cicco – “Eutanásia”; Diógenes da Cunha Lima – “Bibliografia de Luís da Câmara Cascudo”; Antônio Fagundes – “Dom Joaquim Antônio de Almeida”; Cônego Jorge O’Grady – “Verdade e Vida”; Américo de Oliveira Costa – “A Biblioteca e seus habitantes”; Padre Luiz Monte – Lexiologia e Sematologia”; Waldemar de Almeida – “Cartas de Paris”; Adauto Câmara – “História de Nísia Floresta”; José Melquiades – “Francisco Brito Guerra – “Um Senador da República”; Oswaldo de Souza – “Música Folclórica do São Francisco”: Esmeraldo Siqueira – “Poemas do Bem e do Mal”; Manoel Rodrigues de Melo – “Dicionário da Imprensa do Rio Grande do Norte – 1909-1987”; Maria Eugênia Montenegro – “Saudade, teu nome é menina”; Nísia Floresta – “Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens”; Hélio Galvão – “Cartas da Praia”; Henrique Castriçano – “Vibrações”; Isabel Gondim – “Reflexões às minhas alunas”; Jaime Wanderley – “Fogo Sagrado”; João Batista Cascudo Rodrigues – “A mulher brasileira”; Auta de Souza – “Hôrto”; Palmira Wanderley – “Roseira Brava”; Eloy de Souza – “O Calvário das Secas”; Ascendino de Almeida – “Pensamentos em férias”; Dom Adelino Dantas – “Homens e fatos do Seridó Antigo”; Peregrino Júnior – “Interpretações biotipológicas das Artes Plásticas”; Luís Rabelo – “Antologia poética”; Gilberto Avelino – “O

Navegador e o Sextante”; Gumercindo Saraiva – “Adagiário Musical brasileiro”; Mariano Coelho – “Fumaça”; Newton Navarro – “O Caminho da Cruz”; Othoniel Menezes – “Sertão de Espinho e de Flor”; Otto Guerra – “Divórcio e reajustamento familiar”; Lourival Açucena – “Versos”; Moreira Brandão – “Belliza”; Luiz Carlos Wanderley – “Almas em Versos”; Antônio Soares – “Lira de Poty”; Almino Afonso – “Cantos rústicos”; Elias Souto – “Hino da Imprensa Potiguar”; Juvenal Lamartine – “Análise de uma época”; Luís Fernandes - “A imprensa periódica do Rio Grande do Norte – 1832 – 1908”; Luís da Câmara Cascudo – “Alma Patrícia”; Ferreira Itajubá – “Terra Natal”; Segundo Wanderley – “Amor e Ciúme”; Sebastião Fernandes – “Alma deserta”; Francisco Palma – “Santelmos”; Walter Wanderley – “As palavras, a amizade e o Tempo”; Antônio Glicério – “Cantilenas”; Gotardo Neto – “Folhas Mortas”; Ponciano Barbosa – “Ave Maria”; Aderbal de França – “Vida Profana”; Aurélio Pinheiro – “Em busca do ouro”; Paulo Viveiros – “História da Aviação no Rio Grande do Norte”; Armando Seabra – “Ensaio de crítica e literatura”; Tércio Rosado – “Dez temas de Folclore”; Juvenal Antunes – “Cisma”; Jorge Fernandes – “Livro de Poemas e Outras Poesias”; Alvarado Furtado – “José da Penha, um romântico da República”; Raimundo Nonato da Silva – “Bacharéis de Olinda e Recife”; Floriano Cavalcanti – “Rui Barbosa e a necessidade do culto cívico”; Dom Adelino Dantas – “Artes e Letras - /**Ad Lucem Versus**, o sentido de um lema”; João Manoel de Carvalho – “Abaixo a Monarquia e Viva a República”; Aderbal de França – “Ponciano Barbosa, a vida e a obra”; e Aduino da Câmara – “Henrique Castriciano”.

Constata-se, desta tela, o interesse pela Literatura, em geral, dos Acadêmicos, na passagem do tempo. Triunfal tem sido a trajetória da nossa Academia de Letras. O legado cultural, por ela acumulado, representa valioso patrimônio. Vozes de seus benfeitores ecoam pelos seus salões. Imagens, nas paredes gravadas, refletem as imortais faces saudosas. Tais recordações imprimem, nos espíritos dos atuais confrades, o ardor condizente a perseguir os seus rastros luminosos.

Os de ontem deixaram o seu legado, atestado pelo exemplo e por suas obras. Cada um registrou a marca indelével do seu entendimento.

Cabe aos de hoje, imitá-los, nesse procedimento altruístico, para dar continuidade aos bons propósitos e servir de exemplo aos de amanhã.

A antiga Grécia foi o berço da chamada cultura acadêmica, com Platão, ministrando ensino e palestras, nos chamados “Jardins de Akademos”, impulsionado pelo elevado saber de Sócrates, seu mestre genial.

Desse exemplo, pode-se dizer, surgiram as Academias, espalhadas pelo mundo, em variados moldes culturais. Para tal concretização, séculos foram decorridos.

Citemos as associações mais recentes após o imperador Justiniano, no ano 529, ter fechado a última de estilo grego, inaugurada pelo mestre de Aristóteles. Para tal finalidade, sirvo-me de anotações colhidas da enciclopédia “Larousse Cultural”, 1995, Plural Editora e Gráfica, SP.

O termo “Academia” foi inaugurado na Itália, em meados do século XV e começo do século seguinte, na França. Conhecida como uma sociedade de amantes das letras, artistas e sábios de artes de feição singular ou plural.

No calendário de 1635, o Cardeal Richelieu, político inteligente e astuto, espécie de Ministro plenipotenciário, do reinado de Luís XIII, teve a brilhante ideia de criar a famosa Academia Francesa. Ela foi fechada em 1793, pela Revolução Francesa e reaberta por Napoleão Bonaparte, no ano de 1803.

Anteriormente à Academia Francesa, já existia a Academia de Crusca, em Roma, fundada em 1582, cuja finalidade era editar o dicionário, depurando o idioma italiano.

Outras deram sequência a esse florescimento cultural, noutros países. Daí, a criação da Academia Brasileira de Letras, fundada em 1896, “segundo o modelo da Academia Francesa”. Tal ideia original, da sua formação, foi de Medeiros e Albuquerque, intelectual da época, que entusiasmou Lúcio Eugênio Furtado de Mendonça, es-

critor e poeta, pelo projeto, mas que só se concretizou pela intervenção de Machado de Assis, vulto consagrado da literatura brasileira e universal, que liderou o movimento, tendo sido aclamado seu primeiro Presidente, tendo Joaquim Nabuco, como Secretário-Geral.

Poucos anos decorridos, houve o falecimento de Machado de Assis, cujo necrológio foi proferido pelo imortal Rui Barbosa, que o considerou em sua oração de despedida, em síntese, tratar-se de “um modelo de pureza, correção, temperança e doçura(...) convertendo em santuário sua carreira pública, extremada pela fidelidade e pela honra, no sentimento da língua pátria, em que prosava como Luís de Sousa e cantava como Luís de Camões(...) na convivência de seus colegas, os seus amigos, e que nunca se afastou da modéstia, do recato, da tolerância, da gentileza(...)”.

Aconselhado pela eloquência desses exemplos, acima expostos, serviu-se o ilustre e ilustrado, Luís da Câmara Cascudo, para conceber a ideia da criação da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, aos 14 de novembro de mil novecentos e trinta e seis, tendo Henrique Castriciano de Souza, como seu primeiro mandatário.

As Academias marcaram nomes imortalizados: Platão, Riche-lieu. Machado de Assis e Câmara Cascudo. O tempo jamais apagará os seus nomes do pedestal da universal cultura. São conquistas imortalizadas porque não serão, pelo passar dos dias, envelhecidas. Semelhantes, são elas, à Fênix mitológica, que renascia das próprias cinzas...

O seu anoitecer será sempre saudado pelo clarão de uma nova aurora, qual o proclamado pelo belo Lema da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras: ***Ad Lucem Versus* – Rumo à Luz!**

JURANDYR NAVARRO é escritor e professor aposentado da UFRN. Ex-presidente da Fundação José Augusto, Ex-presidente do IHGRN, Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Páginas de Verão” e outros livros; organizou a antologia do Padre Monte.

SOBRE UM EDITOR CAMARADA

Geraldo Queiroz

Partilho com os leitores da Revista da ANRL, atendendo convite de seu Diretor, Manoel Onofre Júnior Jr., o último capítulo do livro UM EDITOR CAMARADA. Concluído em 2020, mas não publicado ainda, o livro conta a história de Carlos Lima (1941-1997), colega de curso no primeiro ano de existência da Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, depois como docentes na mesma escola e vizinhos por mais de 20 anos no Conjunto Roselândia, onde construímos com outros vizinhos (dentre os quais, Sanderson Negreiros e Cláudio Emerenciano, da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras) e nossas famílias uma comunidade verdadeiramente fraterna, na Rua Desembargador João Dantas Sales.

Com satisfação, recebi em 2017 o chamado para contar sua história. Chegou-me pelo sobrinho Ivan de Carvalho Júnior, que com ele aprendeu, no antigo universo da CLIMA Artes Gráficas, as várias nuances do ofício editorial, dando sequência ao trabalho do tio, através de sua Offset Gráfica. Na ocasião a empresa lançava alguns ensaios biográficos sobre autores norte-rio-grandenses e pessoas que se consolidaram no fazer profissional ou artístico, deixando marcas na história do nosso estado. É nesse contexto que surge a ideia e toma corpo o planejamento da pesquisa e o levantamento memorialístico que me conduziram na elaboração de UM EDITOR CAMARADA. E na descoberta de imagens e documentos valiosos que, com certeza, valorizam a confecção de um livro.

Concluído o trabalho redacional, e na expectativa de bons tempos para volta à normalidade da humanidade, com aplicação extensiva de um antídoto vacinal que lhe permita vencer o inimigo invisível que tem caracterizado os anos 2020, aguardo a versão impressa para poder dividir com o leitor toda a narração construída. Agora, segue a última parte anunciada, em tom de carta ao amigo:

MEU CARO AMIGO

Detentores que fomos durante duas décadas e meia dos números 85 e 86 da Rua João Dantas Sales na Roselândia, consolidando a amizade construída dez anos antes na Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, devo dizer, para início de conversa, da minha satisfação ao receber de Ivan Júnior o convite para contar sua história. Antes já me ocorrera essa vontade, pois ainda o via com as marcas de uma injustiça inaceitável: ser preso, passar dez meses trancafiado, acusado de subversão, somente por pensar diferente dos que arrebataram da nação o caminho democrático. A temida falta de dados que permitisse consultar amplamente o que foi construído em sua trajetória me fez desanimar no primeiro momento.

Agora, três anos depois do convite, posso lhe dizer. O invisível apareceu fortemente em todos os lugares onde andei. Quando dizia do meu propósito, a satisfação sempre se manifestava com a melhor acolhida. Surpreendeu-me a quantidade de documentos recebidos, de livros consultados, de informações coletadas, de depoimentos espontaneamente ditos. Mais uma vez, amigo, senti a admiração ao homem solidário que você soube ser e a disposição de todos em retribuir-lhe com o mesmo atributo.

Espantei-me quando vi num documento oficial que a Divisão de Informações do Ministério da Educação e Cultura desaconselhara “sua indicação para ocupar o cargo de Auxiliar de Ensino na UFRN”, quando do processo de integração dos docentes da Faculdade de Jornalismo à instituição. Terrível coincidência, meu caro. Anos antes, mesmo aprovado em primeiro lugar para a mesma função (hoje extinta) em disciplina da antiga Faculdade de Educação, fui preterido de ser nomeado. Pelo simples fato de haver exercido um mandato de Deputado Estadual pelo antigo MDB (Movimento Democrático Brasileiro). Era época de bipartidarismo e o partido, mesmo consentido, representava oposição ao regime. A firme reação do Reitor Onofre Lopes à ordem militar livrou-me do impedimento da contratação, possibilitando-me seguir a carreira que construí como professor.

Vibrei ao encontrar declarações de pessoas de inquestionável histórico acadêmico, como Américo de Oliveira Costa, Cláudio José Freire Emerenciano, Crisan Siminéa e Otto de Brito Guerra, alicerçar seu requerimento para o reparo devido da instituição pelo benefício da anistia. Como eu já estava no final do mandato de Reitor, não houve tempo para acompanhar todo o desfecho de reconhecimento e aprovação pelas diversas instâncias onde tramitou o processo.

Fico perplexo ao enxergar nos dias atuais, em especial nas novas gerações, significativo desconhecimento da nossa História do Brasil. Soma-se a isso uma onda de extremismos, que nega a repressão vivida pelo país naquela época, faz apologia do Ato Institucional nº 5 como alternativa a ser restaurada, evoca a tortura em louvações, desqualifica prescrições da ciência, da educação, da cultura, além de outros desastros. Inclusive a tentativa frustrada (graças ao poder vigilante da imprensa) de proibir livros e autores da literatura universal e até clássicos da literatura brasileira em bibliotecas de escolas nacionais. Tudo isso, companheiro, faz-me lembrar do Chico Buarque que você admirava e comentou na primeira coluna sobre discos, publicada em 1977 (Tribuna do Norte): “a coisa aqui tá preta”.

Ainda bem que o jornalismo sobrevive e cumpre a sua vigilância. Sei que os tempos são outros; o papel praticamente descartado, substituído por redes digitais. E nessas nem sempre predomina a ética e a grande preocupação que exercitávamos na Faculdade: a rigorosa apuração dos fatos, para uma transmissão correta da informação. Hoje, o falseamento da notícia – em grande escala e tecnicamente planejado; ou oriundo de neófitos comunicadores que, imaginando-se jornalistas, repassam informações sem checar procedência e veracidade – tem marcado o universo da comunicação. E não raras vezes o menosprezo ao exercício profissional do jornalismo. Fico a imaginar sua reação, como professor de Técnica de Jornal e Periódico, ao nome com que batizaram o fenômeno global mantendo-se aqui a designação macaqueada de “fake”.

Na Faculdade, quando discutíamos a previsão de uma aldeia global ainda distante, imaginávamos os ganhos para a comunicação, com novos meios e técnicas disponíveis para fortalecimento do diálogo. Renovaram-se os meios, mas a essência do diálogo perdeu-se num emaranhado de agressividades virtuais de interlocutores em rede. A mensagem, parece, ficou adormecida no próprio meio. Pena, amigo. Talvez estejamos vivendo neste exato momento um arrefecimento desse impulso daninho face ao surto pandêmico que de forma avassaladora atingiu toda a aldeia. Com enormes prejuízos. De vidas, acima de tudo. Por extensão, frágeis se tornaram os vários setores do caminhar humano.

Esperamos que a solidariedade prevaleça e que se possa vislumbrar, a partir da normalidade que há de vir, uma sociedade mais fraterna e um mundo mais equilibrado, tanto na esfera ambiental quanto no combate a desigualdades tão gritantes. Como você sempre almejou.

Devo externar também o alcance de muitas informações que me surpreenderam ao visitar sua biblioteca e me deter no exame dos livros que o fizeram entregar-se de corpo inteiro ao trabalho que conseguiu construir. Particularidades encontradas nas dedicatórias, nos recortes de jornais bem guardados em páginas amareladas trouxeram subsídios ao meu trabalho. Admirável o zelo com que Gelza preservou-a. A ela agradeço o acesso à imensa maioria dos livros editados por CLIMA, que me levou a percorrer outros caminhos e descobertas com mais segurança.

Por fim, vale a pena dizer-lhe do cuidadoso exemplo encontrado na Biblioteca Central Zila Mamede, no Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O objetivo inicial de localizar exemplares da revista *Cadernos do Rio Grande do Norte* ampliou-se ao conversar no Setor de Coleções Especiais e me deter na coleção de autores do estado, chegando até ao setor de obras raras, onde também encontrei seus vestígios. Vi o que jamais esperava: a sua memória preservada, disponível ao público.

Ajudado pela tecnologia e a boa organização do sistema, tive acesso à grande mostra de livros editados por CLIMA sob a guarda de Zila, completando praticamente com o zelo de Gelza o universo dos livros publicados.

É isto, amigo. Valeu o esforço.

Natal, set. 2020

GERALDO QUEIROZ é jornalista e escritor. Ex-reitor da UFRN. Membro da Academia-norte-riograndense de Letras. Autor de xxx

DOM EUGÊNIO DE ARAÚJO SALES

Francisco de Assis Câmara

MARÇO DE 1964 — UM DIÁLOGO EM FICÇÃO

Na varanda do Centro de Treinamento de Ponta Negra, no intervalo vespertino de um seminário sobre a “doutrina social da Igreja” conversam, Dom Eugênio, Administrador Apostólico de Natal, e Monsenhor Expedito, Vigário da Paróquia de São Paulo do Potengi. Ambos parceiros, e agentes, da promoção social, conscientes de que o reino de Deus nesta Terra é construído pelo próprio homem, para seu usufruto.

Naquela varanda, em Ponta Negra, a brisa do mar captou o seguinte diálogo:

Monsenhor Expedito — (Sorrindo) Eugênio, você é um gênio!

Dom Eugênio — Eu, gênio? Expedito, não me faça rir... você e suas “tiradas”, sempre cheias de humor. Terá sido com Dom Marcolino que você aprendeu a elogiar com trocadilhos?

Monsenhor Expedito — Pode ser, mas aprendi, desde cedo, que alegria e bom-humor conquistam amigos. Você sabe disso e tem feito muito bom uso desse estado de espírito. Chamei-o de gênio, sim, porque sou testemunha de sua vida sacerdotal e episcopal. Você ultrapassou o conceito de uma vida passiva, bem compreendida entre os ascetas, os místicos e aqueles que, ainda hoje, isolam-se na redoma do “si-mesmo”, enquanto o mundo, ainda com fé e esperança, amplia sua carência de fraternidade. Recordo sua afirmação, segundo a qual “é somente através da participação na vida social que a Igreja realiza sua obra missionária”.

Dom Eugênio — Assim, você me emociona...

Monsenhor Expedito — Não faz mal; nosso humanismo é universal e não poderia ser diferente com relação a sentimentos. Por metáfora, fomos, todos, criados com a mesma argila. Por crença, a vida nos chega através do sopro divino, do espírito, do Espírito Santo. Diante de um Deus criador de todas as coisas, é-nos ensinado que somos Sua imagem e semelhança. Como? Sendo criadores, partícipes da criação. E você, Eugênio, tem marcado sua vida como incentivador da criação, com tal grandeza, que nos induz a admitir que o “espírito” soprou bem mais forte em você.

Dom Eugênio — Observo que a amizade comete exageros.

Monsenhor Expedito — Nada disso. Vou usar o *data venia* dos advogados e comprovar que não há exagero algum. Vamos lá:

Parto da premissa, por você tão proclamada, segundo a qual a promoção social somente é alcançada através da educação. O conhecimento — você costuma repetir — abre portas, restaura a dignidade e favorece o bem-estar da sociedade.

Você, meu caro Eugênio, ao assumir o bispado, incorporou a missão pastoral de buscar a salvação das almas; mas, imbricada nessa missionária convicção, você compreendeu que, antes, ou em concomitância, deveria agir na direção da salvação do homem, a partir dos esquecidos, dos miseráveis, dos injustiçados.

Instrumento de Deus para ajudar a construir um mundo melhor, você trouxe o Concílio à realidade, gerando o sadio entusiasmo em seus liderados, convencidos de que “A paz é fruto da justiça”.

Dom Eugênio — Sim, o ecumenismo nos faz viver e compartilhar a “terra dos homens”, onde percorremos o caminho sagrado do nosso destino.

Monsenhor Expedito — Como um sopro divino, suas iniciativas e decisões, quase ousadas, reverberaram. Você sempre acreditou que não faltaria apoio, cooperação entre seus *pares inter paribus*. Grandes projetos exigem sólida confiança. Daí a recepti-

vidade que você vem merecendo da comunidade católica, no Brasil e no exterior.

Mesmo diante de uma “guerra fria”, no cenário político internacional, e de algumas fogueiras acesas na cúpula do governo brasileiro (suicídio de Getúlio, renúncia de Jânio Quadros, tentativa de golpes, frustração de um regime parlamentarista), a “política das reformas”, durante o atual governo (mandato de João Goulart), vem empolgando as organizações sociais e mobilizando o espírito de mudança tão latente na sociedade brasileira.

Dom Eugênio — Você faz parte desse processo.

Monsenhor Expedito — Tenho orgulho de viver esse momento. Ao ideário da classe trabalhadora juntou-se o movimento estudantil. Idealismo e voluntariado participam do mesmo sonho: uma pátria onde a justiça social possa ser “construída” sob a bandeira da dignidade humana. Para cada sonho, uma bandeira. A Ação Católica ampliou o leque de participação dos cristãos nesses nobres objetivos. É relevante o papel da Juventude Estudantil, da Juventude Universitária, da Juventude Agrária e da Juventude Operária. Afinal, “todos os caminhos não levam a Roma”?

Veja o que vem ocorrendo com a educação: em um Estado, pequeno, como o Rio Grande do Norte, quatro exemplos destacam o esforço comum pela integração do homem na sociedade, através da educação. Assinalo, como registro histórico, os seguintes:

a) o “Método Paulo Freire” — alfabetização de adultos em quarenta horas — testado em Angicos, sob a responsabilidade do Governo do Estado (mandato de Aluízio Alves);

b) a campanha, “De pé no chão também se aprende a ler”, restrita à Cidade de Natal, iniciativa do Prefeito Djalma Maranhão;

c) a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, voltada ao ensino médio, gratuito, em intercâmbio com o governo estadual e municípios. Essa brilhante iniciativa nasceu do idealismo de um professor da Cidade de Picos, Felipe Thiago Gomes;

d) as “Escolas Radiofônicas”, uma criatividade que ultrapassa os métodos convencionais, situando o Rio Grande do Norte na linha de frente da chamada “educação à distância”. Aparelhos de rádio, fabricados para esse exclusivo fim, marcam o ineditismo pedagógico em que uma única professora, pelas ondas do rádio (Emissora de Educação Rural), orienta seus alunos-ouvintes, atentos com suas cartilhas, a realizar as tarefas que lhes são indicadas, diariamente. Repousa sobre você, Eugênio, o grande mérito dessa iniciativa.

Dom Eugênio — Credito seu elogio à minha curiosidade em aprender. Observar, aprender e avaliar o grau de importância de outras experiências. Foi assim que, na cidade de Sutatenza, na Colômbia, ouvi a descrição de uma experiência de educação pelo rádio, coordenada pelo padre Salcedo. Não perdi tempo: cuidei, como você bem sabe, da infraestrutura tecnológica, fazendo instalar, em 1958, a Emissora de Educação Rural. Nesse mesmo ano teve início o programa de educação pelo rádio, tendo o MEB — Movimento de Educação de Base como apoio pedagógico, enquanto a Professora Carmem Pedroza, diante do microfone, transmitia as aulas para toda a rede de escolas radiofônicas.

Monsenhor Expedito — Sua integração com Dom José Távora, bispo de Aracaju, fez surgir a “Rede Nacional de Emissoras Católicas”. A repercussão dessa iniciativa chegou ao então Presidente Jânio Quadros, que reconheceu a existência do “Movimento de Educação de Base” (Decreto nº 50.370, de 21/03/61). Dois anos depois um outro Decreto (52.267, de 17/07/1963), firmado pelo Presidente João Goulart, ampliou o apoio governamental a esse “Movimento” cujos frutos já eram percebidos. Também nesses episódios entrou em cena sua performance diplomática.

Dom Eugênio — Os governos demonstraram sensibilidade.

Monsenhor Expedito — Então, Eugênio! Não terá sido sua genialidade o motor desse fenômeno educacional? Essa conversa, porém, casual e despreziosa, não pode limitar-se a esse grande feito. A filosofia que alimenta seus propósitos leva-nos a compreender, à

luz dos ensinamentos de Leão XIII (Encíclica *Rerum Novarum*) e das decisões conciliares (João XXIII e Paulo VI), quão relevante é o papel da Igreja no mundo moderno.

Seu notório poder de observação e o conhecimento da realidade do campo, onde os direitos trabalhistas ainda são inalcançáveis, vem mobilizando a esperança de uma transformação. Sob sua firme liderança, o Serviço de Assistência Rural abriu espaço a um grupo de jovens idealistas, alguns com formação jurídica. Justiça seja feita à areia-branquense Julieta Calazans, Assistente Social com sólida formação e profunda conhecedora dos problemas que ainda desafiam as relações de trabalho no meio rural.

Alguns episódios devem ser lembrados, em nome da História. Os primeiros sindicatos rurais reconhecidos pelo Ministério do Trabalho no Rio Grande do Norte foram suficientes para a criação de uma Federação, sob a liderança desse jovem agricultor José Rodrigues Sobrinho. Recentemente, com a participação de outras federações, foi assinada a “carta de reconhecimento” da Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais — CONTAG. É bastante significativo e honroso que esse acontecimento tenha recebido o prestígio do próprio Presidente da República, em ato solene no Palácio do Campo das Princesas, sede do governo do Estado, em Recife.

Outro especial momento, engendrado por sua criatividade, foi a realização, aqui em Natal, em julho do ano passado (1963), da “Primeira Convenção Brasileira de Sindicatos Rurais”. Dezesete Estados enviaram representações. O governo federal se fez representar pelo Ministro do Trabalho, Almino Afonso. Veja que não faltou apoio logístico (hospedagem, alimentação, transporte) do governo do Estado, da Prefeitura Municipal, de algumas escolas e de unidades militares. A pauta desse grande acontecimento contemplava: a) Reforma Agrária; b) um Estatuto para o trabalhador rural, a exemplo do que já se atribuía ao trabalhador urbano; c) extensão da Previdência Social para o trabalhador rural e, finalmente, o reconhecimento da Confederação Nacional.

É impressionante, Eugênio, tudo isso ter sido fruto do trabalho realizado durante o curto espaço de quatro anos...

Dom Eugênio — Certamente, Expedito. A fé não remove montanhas? Nossa esperança nos levará ainda mais longe. Ainda temos um “mar vermelho” a atravessar. Se “o futuro a Deus pertence”, como diz o povo, nós somos operários dessa construção; você não acha?

Monsenhor Expedito — Sem dúvida, meu bispo. Gostaria que o tempo nos permitisse prolongar esse “papo”, pois nem falamos de cooperativismo, de educação política, da influência do jornal “A Ordem”, da assistência social em suas especificidades, da construção da nova Catedral, do que tudo isso representa, a ponto de alcançar um múltiplo e significativo conceito, um movimento — Movimento de Natal.

A campanha já tocou. Restam-nos, pois, dez minutos. A última palavra é sua.

Dom Eugênio — Ora, meu caro irmão Expedito, o que tenho mais a dizer? Fico muito à vontade diante de alguém como você, a quem devolvo tantos elogios, pois você tem sido determinante em todas essas ações. Também sinto orgulho de viver esse tempo, em que a Igreja, mãe e mestra (*Mater et Magistra*), espalha alegria e esperança (*Gaudium et Spes*). A Igreja que se preocupa com um mundo de paz duradoura (*Pacem in Terris*), com o progresso dos povos (*Populorum Progressio*) e nos ensina ser a paz o mais valioso fruto da justiça.

Nós não precisamos de nenhuma outra “cartilha” além daquela que o Papa Leão XIII, na encíclica *Rerum Novarum*, nos ofereceu. Naquele momento histórico, de profunda exploração do trabalho humano, a chamada Revolução Industrial gerou o colonialismo e mudou o rumo do mundo. Marx e Engels apontavam o caminho do socialismo revolucionário, que levaria à ditadura do proletariado. O capitalismo, dito “burguês”, bebia na

fonte de David Ricardo, Malthus e Adam Smith. Estava posta a “questão social”.

Leão XIII, em seu pragmatismo, fez de sua encíclica um guia de orientação para a Igreja, incentivando o associativismo: criação de sindicatos, previdência social, fundos de reserva para acidentes do trabalho... tudo isso ainda em 1891.

Thomas Merton já alertava, em obra que marcou época: “Homem algum é uma ilha”. Transformações duradoras não se fazem apenas com boa liderança e grandes causas; elas dependem de liderados entusiasmados. Felizmente os temos, sempre motivados. Não deixam para amanhã o que podem fazer agora. Ajudam a construir, hoje, um futuro melhor.

Veja, Expedito, Leão XIII viveu seu momento e projetou a missão, a ação cristã para o futuro. Você e eu absorvemos e encarnamos esses ensinamentos. Muito obrigado pela provocação.

FRANCISO DE ASSIS CAMARA é poeta e escritor. Autor de “Asas e Voo” e outros livros.

IDEALISMO, DETERMINAÇÃO, COMPETÊNCIA

Safira Bezerra Ammann

As serras que abraçam Acari perceberam que naquele 21 de novembro 1920 vinha ao mundo um seridoense muito especial. Era o menino Eugênio, primeiro filho de Josefa de Araújo Sales e Celso Dantas Sales. Aos 16 anos faz opção pela vida religiosa, ordenando-se sacerdote aos 23 anos. Aos 34 é nomeado Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Natal.

Sensibilizado com os problemas estruturais do campesinato, ele cria, em 1948, o Serviço de Assistência Rural (SAR), do qual passa a ser Presidente. Seu braço direito é a Assistente Social Maria de Lourdes Santos, que conhecia minha atuação junto à Juventude Estudantil Católica (JEC), tanto no Colégio da Imaculada Conceição (CIC), como na Escola Doméstica (ED).

Entre 1965-2001 Dom Eugênio foi Arcebispo de Salvador e do Rio de Janeiro. Nesta última cidade residiu até o final de sua vida.

Conheci-o ainda padre, enquanto eu cursava o ginásio do Colégio da Imaculada Conceição (1945-1948).

Em 1952, com as boas referências de Lourdes Santos a meu respeito, Dom Eugênio comunica a meu pai que gostaria de contar comigo para compor o quadro de professores do Centro de Treinamento de Líderes Rurais (CTLR) que funcionava em Ponta Negra. Com a anuência paterna, começo a trabalhar a partir do segundo semestre daquele mesmo ano, tendo como colegas de equipe Célia Vale Xavier e Cleomar de Araújo Sales, irmã de Dom Eugênio.

A formação de lideranças oferecida pelo SAR — com duração que variava entre algumas semanas e até seis meses — realizava-se em regime de internato no Centro de Treinamento.

Em prédio separado, Dom Eugênio contava com seu apartamento, onde dormia e passava os fins de semana. Durante a tarde trabalhava em Natal, na sede do SAR, primeiro andar do prédio 335, à Praça Pio X.

Suas refeições eram servidas no mesmo refeitório e idêntico horário dos alunos e professores de cada curso, a fim de possibilitar a interação dos diversos níveis de pessoas envolvidas naquele projeto. Se havia convidados especiais — governadores, deputados, representantes de Ministérios ou autoridades eclesiásticas — eles usufruíam desse convívio.

Dia após dia Dom Eugênio ganhava mais notoriedade e prestígio, sobretudo após a criação da Emissora de Educação Rural, pioneira na área de alfabetização de adultos no Brasil.

Homem de largos horizontes e grandes ideais, aquele pastor primava pelo aperfeiçoamento de seu rebanho. Não apenas nos motivava aos estudos, bem como conseguia o financiamento imprescindível aos projetos que desenvolvia, inclusive de aperfeiçoamento do seu quadro técnico.

Foi o caso de vários cursos e estágios aos quais tive acesso no Brasil e no exterior.

O primeiro foi o Curso Pestalozzi, de dois meses, no Rio de Janeiro. Hospedada em uma pequena pensão de Botafogo, pude conviver com colegas do Pestalozzi de variadas partes do Brasil. Concluído o curso, eu e mais três amigas tratamos de melhor conhecer o Rio de Janeiro e de viajar por capitais dos estados mais próximos e mais acessíveis ao nosso poder aquisitivo.

Posteriormente, Dom Eugênio conseguiu — para mim e Cleomar — curso e estágio nos Estados Unidos. Éramos um grupo de vários representantes do Brasil, a maioria originária do centro e do sul de nosso país.

A introdução do curso teve lugar em Washington, objetivando adquirir um melhor conhecimento daquele país, seus costu-

mes, sistema nacional de governo e sua assistência social. A ênfase incidiu sobre programas de formação de lideranças rurais, área em que Cleomar e eu atuávamos no Rio Grande do Norte.

Tanto Dom Eugênio como nós estávamos conscientes do abismo existente entre a realidade sócio-econômica brasileira e o mundo americano. Contudo, o conhecimento de homens e de mulheres do campo marcados por problemas diversos mas igualmente sérios, chegava a nos comover.

Chocava-nos, profundamente, a sutil atitude americana dominadora em relação aos povos do chamado Terceiro Mundo. Atrevida desde jovem, eu respondia com um sorriso ambíguo, difícil de traduzir o que existia por trás dessa expressão.

Após visitarmos experiências desenvolvidas em oito Estados — de Washington ao Arizona — voltamos para Natal e reasumimos as mútuas tarefas no SAR, conscientes de que o povo nordestino deveria constituir-se nosso maior mestre, com suas características e valores históricos.

Dom Eugênio possuía clara consciência da realidade brasileira, ainda hoje sem mudanças satisfatórias. Infelizmente.

Solicitado a indicar a causa das nossas desigualdades, ele enfatizou, entre outras :

- a) elevada mortalidade infantil;
- b) precário sistema de transportes;
- c) ausência de indústria;
- d) predomínio de uma população jovem, com 65% de pessoas abaixo de 20 anos;
- e) esperança de vida em torno de 30 anos;
- f) analfabetismo generalizado.

A partir de 1964, com a tomada do poder nacional pelos militares, «dezenas de líderes ligados à Igreja foram presos. Os

programas de rádio censurados. Os espões infiltrados em todos os ambientes, frustrando reuniões e celebrações. Um escárnio à cidadania, pois usurparam todo poder, em detrimento dos interesses do povo e a serviço das elites». SANTANA, Otto Euphrásio de «70 anos do SAR : O que vivi e aprendi» (2019). Em fevereiro de 1964 a Polícia do Rio de Janeiro apreendera o livro básico de leitura do MEB, «*Viver é lutar*», adotado pelas Escolas Radiofônicas, inclusive as do Rio Grande do Norte.

«Aqui em Natal, poucos dias após o golpe, eu estava emitindo minha aula, quando o Exército chegou à Emissora de Educação Rural e à Sede do MEB, que ficavam em prédios vizinhos. Caminhões com soldados armados de metralhadoras, fuzis e baionetas pararam no quarteirão. Alguns militares entraram e a ordem era tirar do ar a Emissora e levar quem estivesse emitindo a aula». *

A partir de 1964 o MEB passa a enfrentar riscos de intervenção do governo militar ou boicote dos seus programas. A Equipe Nacional empreende análise da conjuntura política, pondo em relevo a missão da Igreja, o amadurecimento do laicato, o processo de conscientização das camadas populares, bem como a importância e singularidade da educação pelo rádio. Priorizava, em tal conjuntura, a manutenção da unidade nacional e evocava o compromisso absoluto com as classes oprimidas.

Este era o aspecto que mais me seduzia na filosofia inspiradora de nosso trabalho.**

A maior concentração de atividades do Centro de Treinamento registrou-se entre 1952-1964, quando foram formados 757 adultos de ambos os sexos. Com públicos variados (professores, líderes sindicais, jovens e adultos de ambos os sexos), todos residimos no Centro de Treinamento, pelo tempo que durasse o evento.

Inspirados nas reflexões de Paulo Freire — a partir dos anos 50 — os cursos passaram a questionar as estruturas de exploração

do camponês, bem como a defender a Reforma Agrária, enquanto medida fundamental e inadiável.

Acredito que a verdadeira e justa Reforma Agrária, deveria continuar sendo meta prioritária em todos os programas sociais.

*CARVALHO, Maria Araújo Duarte. Escolas Radiofônicas de Natal. Brasília : Liber Livro Editora, 2009, pag. 133.

** AMMANN, Safira Bezerra. Assim vivi, assim amei. Memórias. Natal (RN). Ed. do Autor, 2015, 196 pag.

SAFIRA BEZERRA AMMANN e escritora e professora. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte(1959, além de outros títulos acadêmicos, possui mestrado em Sociologia pela Universidade de Brasília(1976), doutorado em SERVIÇO SOCIAL pela Universidade Federal Fluminense(1979) e pós-doutorado pela BostUniversity(1984).

EM NOME DA PELE-POESIA

Maria Marcela Freire

Valdenides Cabral de Araújo Dias

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como principal objetivo apresentar uma breve análise da obra *Em nome da pele* (2008), da poeta seridoense Ana de Santana, sob a perspectiva da escrita poética de autoria feminina potiguar, dando ênfase ao erotismo e à intertextualidade aí apresentados.

A expressão “coisa de pele” se aplica em resposta às nossas análises, não no que diz respeito às questões raciais, mas, sobretudo, às questões sensoriais, às sensibilidades eroticizantes do corpo e da alma que os poemas de *Em nome da pele* suscitam em seu leitor. É, através do maior órgão do corpo humano que a poetisa Ana de Santana consegue metaforizar a profundidade e a plasticidade da sua poesia. Revestida dela, Santana se emancipa enquanto mulher, enquanto sujeito feminino, ao falar de seus desejos, enquanto ser vivente, dotado de um desejo de escrita, enquanto mulher, corpo e mente.

Ana de Santana Souza nasceu em Caicó – RN. Inaugurada na vida aos 10 de fevereiro de 1962, esta seridoense é professora e pesquisadora, poetisa, escritora, Mestre e Doutora em Literatura Comparada pela UFRN. É autora do ensaio crítico *Adélia Prado e a poética do falanjo* (2009) e, em 2006, defendeu na UFRN a tese *A nação Guesa de Sousândrade*, a qual foi publicada em livro no ano de 2009, e que em 2010 lhe rendeu uma cadeira na Academia Maranhense de Letras. Estreou no cenário poético do Rio Grande do Norte com o livro *Danaïdes* (2005). Seu segundo livro de poesia é o *Em Nome da Pele* (2008), do qual nos servimos como objeto de pesquisa e análise para este artigo.

Na Literatura potiguar contemporânea, de expressão feminina, Ana apresenta uma escrita poética vigorosa e reflexiva. Uma mulher e sua produção intelectual refletidos por meio de poemas, por meio da pele-poesia. Poesia cuja atualidade e universalidade temática tem aroma e sabor de amor, nostalgia, de quintal de areia, de ares semi-secos e também de maresia.

A OBRA

*Me chamo Alcândoral
A que não tem medo
de altura* (SANTANA, 2008, p.18)

A obra é constituída por 53 poemas divididos em 5 partes. Cada uma traz um sugestivo título e abaixo, um fragmento de poema ou pensamento de grandes poetas e escritores como Diva Cunha, Emily Dickinson, Octavio Paz, Drummond e William Carlos Williams. Evidenciando, portanto, algumas de suas influências literárias. Além desses grandes nomes do passado e do presente, também podemos encontrar outras pérolas poéticas nesta obra, como as de Miguel Cirilo, Alberto Caeiro, Guimarães Rosa e Moacy Cirne, agindo como uma espécie de epígrafe de cada poema em específico.

A obra foi prefaciada por Nei Leandro de Castro, o qual assinalou que “os valores poéticos, os cântaros de cânticos, a poesia apaixonada de Ana de Santana estão preservados neste *Em nome da pele*, onde os poemas parecem, muitas vezes, um surto de paixão, um minimalismo da alma”. (p.11). Acrescentaríamos que o livro é também constituído de versos curtos, cujo mundo, amor e erotismo são os temas que estão mais em evidência. A vida, em si, é uma das formas de minimalismo mais pujante. Mas o que não é quando o que falamos é tão cosmopolita, tão plural? Nem somos nós mesmos, tão veloz é tudo o que nos cerca. E ainda temos que

ser, conforme diz Walt Whitman, “the other I am” (O outro sou eu ou Eu sou o outro). Sendo eu o Outro, falo por ele. O poeta, portanto, fala em nome do outro ao universalizar seus sentimentos por meio da poesia.

Acerca dos versos livres dos ritmos e das rimas fortes, inesperadas, temos uma poesia de impacto, de ação dirigida ao leitor: é preciso, como Alcândora, não temer as alturas, voar rumo aos sonhos, deixar livre a imaginação. Temos, pois, mais uma poetisa que se destaca no quintal poético do Rio Grande do Norte por não ter medo de altura e não possuir medo de içar altos voos no céu das letras brasileiras, no paraíso das palavras universais.

O MAIS PROFUNDO É A PELE

Se “o mais profundo é a pele”, Paul Valery, de que se vale a autora, como epígrafe da obra, que mecanismos ou ferramentas o poeta deve se munir para tentar tateá-la e ultrapassá-la? De acordo com Gouvêa (2007),

a pele é o nosso espelho, um campo fértil para a manifestação de sentimentos, arquétipos, desejos e repulsas. Esse território circular, num desenho que nos contorna por inteiro, cobre nossa superfície com textura específica e nos confere uma identidade genética, a impressão digital que nos diferencia, nos individualiza e nos denuncia. Permite-nos experiências afetivas das mais profundas e memoriza nossos desejos (GOUVÊA, 2007, p. 64)

Em se tratando dos poetas, a ferramenta ideal de manifestação desse espelho se chama poesia. E Ana de Santana deixa isso implícito. A poeta é mesmo esse ser extremamente à flor da pele que, em nome desta, faz da poesia, seu espelho-pele, entrevendo o limite alma/homem (enquanto corpo), ou seja, vendo a pele como fronteira entre dois mundos: o profundo e o superficial. A pele é, portanto, a junção desses dois mundos: é o superficial no profundo, o individual, por onde se reconhece e o coletivo, por onde percebe fazer parte de uma coletividade. Como podemos inferir a partir da leitura do fragmento abaixo do poema “Limites”:

Sonhos, planos, desejos
não são apenas isto
E são apenas isto.
Porque não podem ser mais
São apenas versos (SANTANA, 2008, p.28)

Vejamos, portanto, que versos são esses que a diferenciam, que tornam sua escrita poética e feminina, superficial e profunda ao mesmo tempo, erótica e recatada, cheia de sensualidade e sensibilidade. O ser e o não ser representa as oscilações dubitativas do eu poético feminino que só se mostra verdadeiramente pelo verso, embora o advérbio “apenas”, insista em demonstrar quão embrumados são os sonhos, os planos e os desejos da mulher.

O escritor, filósofo e poeta norte-americano, Ralph Waldo Emerson, ao falar sobre o que é o poeta, disse: “The man is only half himself, the other half is his expression”. E de que maneira mais permissiva de se expressar que não *Em nome da pele?* Metade eu lírico, a outra metade, a autora. Dessa conjunção temos pele-palavra, pele-poesia. Nesse sentido, no poema “Flores da pele”, a poeta tenta expressar sua outra metade, sua expressão poética por meio do recurso metalinguístico. Neste vemos que as flores da

pele são nada mais nada menos que os poemas, por onde a poesia brota e corre à força do vento feito barco de papel, e evidencia a necessidade que o corpo enquanto pele tem de arremessar-se rumo à leveza das palavras:

(...)

Brotam da pele,
feito flores de primavera,
meus barquinhos de papel
O céu contido desaba
e versos descabidos
deságuam
apenas pela necessidade
que o corpo tem de arremessar-se
(SANTANA, 2008, p. 37)

As imagens que se formam na leitura do poema requer que pensemos no processo sinestésico que envolve a visão e o tato. Ganesht Sali (2009, p.14) diz que “toda imagem, toque, gosto, cheiro e som se constitui como um estímulo erótico”. A poeta consegue explorar sinteticamente os sentidos no poema. Para representar a gustação, ela personifica o silêncio como um bicho que devora; no olfato, o cheiro é puro erotismo, algo que antecipa, serve como aperitivo ao ato final: no tato, o toque é linguagem universal, é pele, é forma concreta, é por onde vislumbramos a criação; por fim, na visão, a autora utiliza a lei da sobrevivência à meia luz da consciência e ternura humanas, como vemos no poema *Verbívoro*: “nessa língua vegetal/o comedor de verbo/é doário de si”. (SANTANA, 2008, p. 29), ou ainda, como expressa no poema “Sentidos” (p. 50), distribuindo em quatro partes as sensações auditivas, gustativas, olfativas, táteis e visuais

“Todo início é noturno”, segundo Gilberto Mendonça Telles, no poema “Origem” (2002, p.481). E o silêncio que paira sobre essa noturnidade está perpassado por imprevistos, deuses e demônios. O mesmo silêncio que subjaz nesse início do poema de Ana, que é carnívoro porque devora pouco a pouco ou rapidamente toda a expectativa, toda ânsia e espera que o acompanha, sem fazer muito ruído. É agressivo, mordaz, amigo e inimigo da querência humana, como podemos perceber o aguçado sentido do olfato no trecho do poema, subtítulo, **Rudá**: Erótico é o cheiro/O corpo é amuleto (SANTANA, 2008, p. 50)

No fragmento **Rudá**, a poeta invoca o deus do amor da mitologia tupi e erotiza o corpo de modo que este se torne sagrado, poderoso, objeto que dá sorte que traz em si a capacidade de livrar de todo e qualquer mal. Corpo aí é objeto de desejo e incensório, posto que exala o aroma do amor. É por esse amor que o conhecimento do outro se tatiliza no terceiro trecho, **Braile**: “O que sei de ti/Foram minhas mãos que contaram”. (idem, p. 50)

O eu-lírico fala da experiência de conhecer o outro de olhos fechados. Fazer do corpo do outro mapa por onde explora o conhecimento de si. Observar suas coordenadas. Conhecer o outro com a palma das mãos, com a ponta dos dedos. Ler esse outro com a ponta dos dedos, decifrá-lo linguisticamente na escrita da fome amorosa: “Olho por olho/Dente por dente/E meia luz por complemento” (ibidem, p.50)

No ato do amor, basta a luz dos olhos do amante ou a luz refletida no suor de seus corpos. Que ilusoriamente vença o vencedor; e que ilusoriamente, perca o vencido. Por meio, pois, de tais versos percebemos a carga erótica impressa em cada palavra e em cada efeito semântico atingido. A meia luz que complementa o ato dos sentidos, dando o tom erótico da fome. Este poema nos remete ao que Paz (1994) nos fala em relação aos sentidos eróticos manifestos e latentes na poesia:

A poesia nos faz tocar o impalpável e escutar a maré do silêncio cobrindo uma paisagem devastada pela insônia. O testemunho poético nos revela outro mundo dentro deste, o mundo outro que é este mundo. Os sentidos, sem perder seus poderes, convertem-se em servidores da imaginação e nos fazem ouvir o inaudito e ver o imperceptível. Não é isso, afinal, o que acontece no sonho e no encontro erótico? (PAZ, 1994, p. 11)

A escrita erótica pode ser, nesse sentido, uma forma de testemunho poético, de emancipação enquanto mulher que pode sonhar, deixando marcas de si na poesia, construindo sua identidade literária. Já não há por que ter medo, receio de dizer o que quer, de demonstrar desejo. Esse é um direito que as mulheres conquistaram, porém poucas se permitem desfrutá-lo também verbalmente. De modo que Ana atravessa a sua palavra poética em nome de sua liberdade de expressão de sentimento amoroso e dá ao eu lírico as chaves que irão decifrar o enigma do amor no poema “Cerimônia de posse” de maneira envolvente e singular. Narra a poética do coito, o milagre, o instante em que o amor, seus aromas e resinas, rezas feitas por meio de beijos e sussurros e doces ais tornam-se antídotos, cura da “carne adoecida de amar”:

Sobre o lençol,
o corpo estendido
cedilha-se ao toque
das folhas da benzedeira
pelos vasos frêmitos
entranham unguentos
e escapam perfumes
De rezas, beijos e ais
A boca não se desafaz

No limite dos atabaques
Etéreas veias explodem
Lactealagando de curas
A carne adoecida de amar (SANTANA, 2008, p. 52)

Para expressar a grandiosidade do ato, o eu lírico se utiliza de um neologismo, ‘lactealagando’, para mostrar o fluxo da movimentação amorosa. No poema que segue, “Amém”, a poeta meio que sacraliza o ato de amar ao invocar anjos e santos numa espécie de ritual feito em noite de São João onde se escolhe madrinhas e padrinhos para darem sua proteção e aval às suas atitudes futuras:

Pelos anjos e santos
Bem-vindo amor da carne
Bem-trapilho amor de chão
Bem-calado amor da fala
Consignado amor zangão (SANTANA, 2008, p. 53)

Reza poderosa direcionada aos anjos e ao Santo da noite, sob ordem de Diotima, sacerdotisa versada nas questões do amor e personagem de *O Banquete*, de Platão, o eu lírico feminino diz amar o amor de qualquer maneira, inclusive o “amor zangão”, aquele destinado apenas à reprodução, ou seja, evoca o sagrado para ter o profano. O Divino e o profano nunca estiveram tão claro como está no poema “Contrição” (p.58). Neste os sinos que tocam dentro de si, são sinais de um amor não curado e que se multiplicam numa urgência de proclamar, avisar o amor que ali bate um coração e badala uma alma sedenta de oração; neste, o corpo torna-se igreja, templo divino despido e aromatizado com alfazema. Faz do ato confessional, declaração, revelação do desejo. E da dobra de joelhos, necessidade de comunhão de corpos, rendição consentida:

Os sinos tocam dentro de mim
(...)
Sou uma igrejinha
Enfeitada de nudez alfazemada
Desejando confissão
(...)
Os sinos se multiplicam dentro de mim
Cada vez que dobra os joelhos
Mais e mais necessitado de comunhão

No poema “Descobrimento” o eu-lírico revela-se cheio de malícia. *A priori* expõe historicamente a gênese do amendoim no Brasil e suas propriedades nutricionais. Mas, para surpresa do leitor, ele não dá muita importância a seu óleo, proteína, carboidratos, sais minerais e vitaminas. Causa expectativa em seu leitor ao dizer que sua “fonte energética” encontra-se na casca quebrada que vez ou outra deixava escapar um amendoim entre os seios da amada e, assim, o convite à navegação entre os montes estava feito! E, a exemplo das grandes navegações, o ato de quebrar a casca, deixar-se descobrir era o grande prêmio.

Lembra dos amendoins no meu colo?
Nem sei o nome do filme
Mas sei quantas vezes você catou,
entre as cascas quebradas,
um que sobrou
Dos índios para o mundo,
o amendoim expandiu
em óleo e proteína,
carboidratos, sais minerais
e vitaminas
Para mim, energética é a casca

que no meu colo sugere
navegação à bolina (SANTANA, 2008, p. 49)

Por fim, o eu poético faz uma “Prestação de contas” do desejo sentido ao utilizar momentos do dia como manhã, tarde, sesta, tardezinha e madrugada a fim de ilustrar os instantes em que o amor se faz urgente e o desejo, um eterno querente. “Respectivamente temos o “desjejum farto e quente” servido na pele. Mais tarde, na cozinha, homem e mulher agem como “aperitivos”; na sesta o descanso será numa compota de seios”; tardezinha há o oferecimento “ao ângelus nu”. Por fim, na madrugada, por ironia a amada é deixada em estado ímpar nas noites “em que o cio espumou todo o dia”.

Queres as contas do dia?
Cedo pensei em ti
Em como me acordas faminto
Querendo o desjejum
Farto e quente
Servido na pele da gente

Mais tarde pensei em ti
Em como do nada
Ficas aerado
E me rendes na cozinha
Ainda somos aperitivo
E já recitas receitas de pudim

Na sesta pensei em ti
Em como descansas
Numa compota de seios

Depois do cochilo
Precisarás de doces, eu sei

Tardezinha pensei em ti
Ajoelhado e púbere
Farejando penugens
Cheia de graça
Ofereço-me ao ângelus nu

Madrugada penso em ti
Em como pecas
Deixando-me ímpar
Nestas noites
Em que o cio espumou todo o dia (SANTANA, 2008, p. 60)

O ato de pensar no seu objeto de desejo em tempo corrido, do passado que se presentifica no momento em que se encontra desemparelhada e saudosa, onde o pecado é não pecar, em função da ausência sentida.

Em nome de Deus, em nome do Pai, em nome da palavra, em nome da poesia é que os poetas escrevem e inscrevem suas vivências e maneira de enxergar o mundo poeticamente. *Em nome da pele* parece-nos indicar algo, paradoxalmente, mais concreto, palpável, tangente, sinestésico. Algo que ultrapassa as barreiras do subjacente, do subentendido, em direção a algo palpável. É um atendimento às exigências, a uma proposição carnal, corporal, essencial, antes existencial. *Em nome da pele* fala isso e escreve aquilo, solta o verbo, reflete, permanece entre o carnal e o espiritual. Em nome da palavra-poesia, maior expressão linguística e comunicativa do homem, o eu lírico se expressa, comunica, liberta-se, antecipa-se.

No poema “Filiação Guesa Rosa” a poetisa diz a que veio neste mundo das letras pela intertextualidade presente. Quem a

lê, verdadeiramente, saberá que espécie de “leite”, “resina”, brota e jorra de suas raízes: “Desde cedo sei:/das veredas/melhor se/espreitada o mundo”. (SANTANA, 2008, p. 14)

Veredas, caminhos ariscos, agudos, estreitos. Margens inseridas em um cruzamento de mundos onde a lei da sobrevivência dá os louros da vitória àqueles que melhor sabem “espreitar”, “enxergar”, observar de uma perspectiva diferenciada o mundo que o cerca; olhar “ocultamente”, “sorratamente” o mundo que o rodeia. Enxergar no sentido de ver profundamente, com os olhos de poesia o mundo como se visse pela primeira vez, o mundo inaugural, conforme nos diz Carlos Felipe Moisés: “a poesia nos ensina a ver como se víssemos pela primeira vez.” (MOISÉS, 2007, p. 14). Espreitar, portanto, espionar, analisar minuciosamente.

Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa já dizia, em outras palavras, quando se está doente dos olhos é porque pensa. Então, nada melhor que a poesia para a cura dos olhos e de qualquer mal que venha acometer a alma humana. Curar os olhos, no caso da poesia, não significa que não necessitemos pensar, mas enxergar metaforicamente, evoluindo para o viver, para o experimentar o mundo, ver o novo. Espreitar o mundo poético seria, pois, percebê-lo, mesmo que de um insólito espaço, uma vereda. A promessa de vastidão está na verticalidade e sinuosidade das estradas, das veredas; está no grão, na semente, no cerne da natureza humana. Analogicamente, está na relva, planta que nasce e cresce sorratamente – está no silêncio e na espera efervescentes que ela traz. Está no incipiente ser que acaba de ser concebido e na promessa que o seu nascimento subjaz, como compreendemos no trecho abaixo: “o que me atrai na estrada e no grão/é a promessa de vastidão”. (SANTANA, 2008, p.14)

Inegavelmente poderíamos encontrar nestes curtos versos, traços de *Folhas de Relva* (1855) do poeta norte-americano, conhecido como o poeta da liberdade, Walt Whitman. Segundo este, *Folhas de Relva* foi um projeto amadurecido com o tempo. Extre-

mamente orgânico e, por isso, nasceu e cresceu a seu tempo. Com o tempo necessário para se enraizar profundamente na mente daqueles que o leram e que até hoje, após 150 anos de sua publicação, ainda o leem, já com a certeza dessa “promessa de vastidão”.

Nos versos seguintes, o eu-lírico é bastante categórico. A expressão “ou nove ou noventa” aqui não lhe satisfaz. Ele prefere o excesso, pois este lhe traz um leque de possibilidades, sugere diversidade, expansão. O excesso lhe traz opções, alternativas, ao passo que se contradiz linguisticamente, é claro, ao fornecer a seu leitor a síntese de um excesso de palavras inúteis quando o assunto é poesia. Talvez esta surdez seja justamente a procura pela concisão, a síntese da palavra-poesia que poderia soar como um excesso de palavras necessárias: “Se não o excesso/muito menos a síntese”. (SANTANA, 2008, p.16). no meio termo, portanto, o encontro se faz. A pele seria esse meio termo que nos separa internamente do exterior.

A poeta prefere o meio termo, o interdito, o que se encontra dentro de certas circularidades que nos torna femininas. Se as pessoas não se encantam com o movimento cíclico, circular e simbólico que as argolas, adornos da orelha feminina, o eu-lírico alerta: desiste. Pois, a tranca de uma porta também podemos subentender circular. E se não entende de seus movimentos circulares para se poder adentrar rumo ao inesperado, como dar a primeira volta? Percorrer caminhos curvilíneos porque nada é definido e é preciso recuar ou adentrar:

Se não te encantam
minhas argolas,
desiste
de bater à tranca da minha porta.
(SANTANA, 2008, p. 17)

E o navegar no ser humano é fazer um mergulho profundo no cerne de sua alma, neste caso específico, abrir as trancas da alma

feminina, espiralada, ao lembrar de sua complexidade, de seus mistérios e obscuridades. Aldravas servem para abrir-se ao desconhecido mundo feminino que se faz adorno para disfarçar sua complexidade ou para atizar o desejo da descoberta pelo outro. A acessibilidade feminina está trancada por fora para facilitar a entrada.

O conceito lúdico de poema sugerido pela poetisa no poema “Quipos”, feito por meio da metalinguagem, é considerado como tal, dado a sua complexidade imanente, inerente à natureza do discurso linguístico-poético que individualiza cada poema, tornando-o único, carregando em si particularidades que o diferencia dos demais e, acima de tudo, a sua capacidade de nos proporcionar prazer, como uma paleta de cores, ao pintor:

O poema é um nó colorido
Na corda
Cada cor uma sabedoria,
Um corpo, uma alma,
Uma matemática (SANTANA, 2008, p.24)

O poema “Lembrete”, com traços rosianos explícitos, traz perceptiva a impressão da ideia de que a escrita é a única saída, chave para o crescimento espiritual, emocional; para o crescimento e ampliação do ser, escrever é a terceira margem da sabedoria. Temos aí a escrita, por meio da literatura, como um mecanismo libertador, uma ponte de ligação e comunicação com vários mundos.

Quem tem senso
Cresce
Quem não tem
Escreve
Mas, o de repente

Nasce noutro mundo
Ou morre de vida presente (
SANTANA, 2008, p.30)

Nesse entramado de intertextos, Santana vai construindo a sua pele-poesia em outro nível metafórico, onde o ser subentendido nos versos é o poeta, reconhecido como um ser à parte, sem senso lógico, descentrado. Por isso, escreve. Capta os ecos da sua sociedade; reflete e refrata o que dela observa, extrai, do passado e do presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje e há já algum tempo atrás não vemos mais a mulher tão somente “passando” seu tempo sentada numa cadeira ou num banco, apenas apreciando o final da tarde, recolhida no íntimo de seu ser, fazendo tricô ou crochê, vendo o cotidiano em sua trivialidade. A mulher de hoje “passa” seu tempo ou confere um instante de seu dia a atividades muito mais engenhosas, cheias de tranças e de teias. Hoje a mulher tece e entrança palavras, faz mantas de poesia. Corroborando com isso, Nei Leandro de Castro fala sobre a poesia da Ana de Santana da seguinte maneira: “Lirismo e rebeldia, sensualidade e recato, eis as marcas que Ana de Santana vai imprimindo em seu canto, em cada canto”. É pensando nessa sensualidade e recato que perpassam os poemas da poeta, que vamos encontrar o erótico, os sentidos infiltrados na pele e estabelecidos, pela linguagem, em todos os sentidos. Ou seja, nos deparamos com o pensamento ratificador de Octavio Paz, quando afirma que

Os sentidos são e não são deste mundo. Por meio deles, a poesia ergue uma ponte entre o ver e o crer. Por essa ponte a imaginação ganha corpo e os corpos se convertem em imagens. A

relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. (PAZ, 1994, p. 12)

Eis, portanto, o que pudemos encontrar nos seus versos escritos na pele e inscritos na alma: a erótica do corpo transmutada em linguagem poética. *Em Nome da Pele* trata de uma questão de sensibilidade, de tato e trato com as palavras tão bem escolhidas para a confecção dos poemas, compondo uma espécie de colcha de retalhos, um cobertor formado de pele, amor e poesia.

REFERÊNCIAS

GOUVÊA, Terezinha Augusta. *Impressões sobre um território frágil*. Dissertação de mestrado. São Paulo: UNICAMP, 2007, 84p.

MOISÉS. Carlos Felipe. *Poesia & Utopia*. Sobre a função social da poesia e do poeta. São Paulo: Escrituras, 2007.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

SAILI, Ganesh. *Kama Sutra: no prazer feminino*. Tradução de Suzana Freire de Matos. São Paulo: Editora Escala, 2009.

TELES, Gilberto Mendonça. *Hora Aberta*. São Paulo: Vozes, 2002.

SANTANA. Ana de. *Em Nome da Pele*. João Pessoa: Ideia, 2008.

MARIA MARCELA FREIRE é poeta, escritora e pesquisadora. Professora da Rede Estadual de Ensino e ativista cultural na cidade de Currais Novos.

VALDENIDES CABRAL DE ARAÚJO DIAS é poeta, escritora e pesquisadora. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Autora de “O Retórico Silêncio”, “Pulsar” e outros livros.

UMA NOVA PERSPECTIVA PARA A HISTÓRIA: A TRILOGIA DE HONÓRIO DE MEDEIROS, CANGAÇO, PODER E CIÊNCIA

Gustavo Sobral

Este trabalho é uma tentativa de leitura da trilogia de Honório de Medeiros. Trilogia que nasce com a publicação de *Masilon*, em 2010, perpassa a publicação de *História de cangaceiros e coronéis*, 2015, e tem o seu desfecho com a publicação de *Jesuíno Brilhante*, 2020.

Honório de Medeiros propõe em sua obra um estudo histórico sobre o cangaço a partir das relações de poder, um estudo sobre as relações de poder e uma nova proposta para escrita da história ao considerar que a história deve ser entendida, escrita e explicada por uma perspectiva analítica e interpretativa.

Como condição necessária para o trabalho de pesquisa, o autor apresenta uma revisão da literatura preexistente acerca do cangaço, propondo uma classificação em fases, tipos de estudos e tipos de autores, procurando situar nesse contexto a sua proposta de abordagem.

As fases, que trata por ondas, são três: a fase da produção dos fatos, quando se passaram os acontecimentos; a fase da coleta dos fatos, quando os fatos passam a ser registrados; e uma terceira fase, que deve ser a elaboração de teorias.

Três também são os tipos de texto: os que fantasiam, os que narram e os que pensam. E considera também a presença de zonas de interseção: narrações que analisam; fantasias que narram etc.

Quanto aos autores, reconhece três grupos distintos: um grupo que reúne cantadores de viola, cordelistas, contadores de es-

tórias, xilografistas e poetas; um grupo que nomeia de pesquisadores do cangaço, que são aqueles que se debruçam sobre o tema; e o grupo que congrega os pesquisadores acadêmicos sediados nas universidades.

A par desse contexto, elege, por sua vez, um caminho próprio de investigação que, considera, deve partir de uma leitura crítica das fontes, aplicando uma metodologia adequada e suportes teóricos condizentes.

É essa a proposta que desenvolve na construção da sua trilogia, o que se pode albergar em cinco vertentes de abordagem distribuídas nos três volumes publicados.

A primeira vertente é o que se pode considerar estudos sobre os estudos, que seriam os trabalhos em que o autor expõe uma reflexão e uma visão crítica sobre os estudos existentes acerca do cangaço.

No primeiro volume, *Massilon*, é possível identificar os seguintes textos nessa vertente: “Aplicação do método da ciência”; “O cangaço em nova onda”; “A nova onda do cangaço”. No segundo volume, *História de Cangaceiros e Coronéis*, os capítulos “Epifênômeno do cangaço”, “Tipo de texto sobre o cangaço” e “Sobre história e conhecimento escolar”.

Um segundo viés compreende estudos críticos mais aprofundados sobre as teorias e abordagens sobre o cangaço, quais sejam, a teoria do escudo ético, do estudioso Frederico Pernambucano de Melo — ensaio que integra o segundo volume, *História de Cangaceiros e Coronéis* —; e um estudo crítico sobre Câmara Cascudo e o cangaço, adendo a *Jesuíno Brilhante*, terceiro volume da série.

O terceiro viés se volta para as biografias e os perfis de cangaceiros, coronéis e outras figuras históricas do contexto.

Uma quarta abordagem se detém aos episódios e a outros aspectos. Em episódios, o ataque de Lampião a Mossoró; em aspectos, podemos elencar o pacto dos governadores e o Rio Grande do Norte no tempo dos coronéis.

A quinta perspectiva, que perpassa todas as anteriores, é o arcabouço metodológico e teórico.

A metodologia adotada é plurimetodológica, voltada para uma diversidade de fontes de pesquisa, e envolve levantamento bibliográfico; pesquisa documental, que resulta do acesso a fontes documentais diversas; e pesquisa etnográfica, que é a pesquisa de campo, que alberga a coleta de depoimentos, realização de entrevistas e visita aos locais dos acontecimentos.

A pesquisa e o levantamento bibliográfico se concentram em livros: obras gerais de história do Rio Grande do Norte, trabalhos monográficos sobre cangaceiros, biografias, memória, genealogia e estudos teóricos no campo da ciência, filosofia, biologia, sociologia, direito, ciência política etc.; cordéis diversos, que contam a história de cangaceiros e seus feitos; e revistas e jornais de ontem e de hoje.

Documentos diversos, compreendendo certidões de batismo e de óbito, inventários; peças jurídicas, como processos, representações, denúncias, pareceres, relatórios; cartas pessoais e cartas abertas (publicadas em jornais). Todos são fontes exploradas e, em sua maioria, reproduzidas a título de citação, adendo ou anexo.

Depoimentos, entrevistas e o “Diário de Viagem” — quarta parte do volume *Massilon* —, que relata o percurso da pesquisa de campo.

Há também toda uma preocupação em documentar o trabalho de pesquisa em notas de referência, aditivas e explicativas, em rodapé e/ou ao final de cada volume, referendando as fontes pesquisadas, os depoimentos colhidos e as entrevistas realizadas.

A título de anexo, o autor cuida da reprodução de documentos, seja em fac-símile, seja transcrito. Também há a menção, ao final de cada volume, das fontes bibliográficas consultadas.

A par de todo esse suporte metodológico, Honório de Me-deiros desenvolve a sua teoria, o alicerce para observar e compreender o fenômeno do cangaço e o estudo das relações de poder, e o

faz ao apresentar os dados coletados, a análise e a interpretação, refutando hipóteses consagradas pela historiografia e propondo um novo olhar para a história.

A invasão de Lampião a Mossoró ganha uma nova proposta de análise que considera as relações de poder e interesse dos coronéis e refuta as premissas postas, construindo um novo paradigma para entender a história.

O mesmo acontece ao observar o pacto dos governadores como decorrência dessa relação de poder; e não é diferente quando se debruça sobre a dualidade “cangaceiro, herói ou bandido?”

Honório de Medeiros não se julga fiel da balança ou solucionador de questões históricas, mas apresenta prismas analíticos e interpretativos se fiando na base plurimetodológica que adota.

A sua tentativa de biografar Massilon esbarra em uma série de dificuldades oriundas dos desencontros e conflitos de informação que permeiam os textos sobre o cangaço e, também, na ausência de dados.

O nome é a primeira verdade a encontrar para contar Massilon. Com tantos nomes possíveis e pistas, Honório de Medeiros se encontra diante de um baralho embaralhado: Benevides, Massilon Leite, Massilon Diógenes, Antonio Leite?

Uma figura e tantos nomes, qual seria?

O pesquisador é aquele que sabe aonde deve ir. E Honório de Medeiros vai em busca dos registros de nascimento e batismo e nada encontra, até que uma pista o leva ao inventário do pai do cangaceiro e lá está o verdadeiro nome de Massilon: Macilon Leite de Oliveira.

Mas não se dá por satisfeito, pois sabe que pesquisar é entender as circunstâncias das fontes, e se faz a pergunta que deixa também para o leitor: como saber se o escrivão não se enganou?

Honório de Medeiros entende que encontrar uma possível resposta não é dirimir uma dúvida. Assim, o autor também revela

mais uma faceta do seu trabalho: um projeto de como se deve construir a história.

Honório de Medeiros é aquele que compreende que fazer história é não se contentar com o que está posto e, dessa forma, parte numa viagem em busca de novas fontes, que alimentam novas versões da história, ciente de que só a par de todas elas é possível analisar e interpretar.

O pesquisador é também, para Honório de Medeiros, aquele que reconhece a ausência de fontes de pesquisa e que desconfia, compara, checa e confronta todos os fatos.

A construção de *Massilon*, a biografia, obedece a uma forma de apresentação sistemática que nasce da divisão lógica do autor para a exposição do tema.

A primeira parte é dedicada ao motivo (capítulo “A busca por Massilon”) e ao contexto (capítulo “O Rio Grande do Norte e Sertão”).

A segunda parte se volta para a descoberta e a revelação do biografado: como se chamava, onde e quando nasceu, quais eram as suas feições — e nesse quesito há toda uma investigação para identificar e recuperar a presença de Massilon em uma fotografia, desvendando, assim, o único retrato possível do cangaceiro.

Além disso, o autor aborda temperamento, fatos da vida, registros outros e, por fim, o fim, a morte do biografado.

Outro não é o percurso que promove ao biografar Jesuíno Brilhante, tanto nos capítulos que lhe dedica na primeira parte de *História de Cangaceiros e de Coronéis*, quanto, cinco anos depois, no terceiro e último volume da trilogia, dedicado à história de Jesuíno Brilhante e ao aprofundamento da tese.

O ataque de Lampião a Mossoró também ganha contorno em *História de Cangaceiros e de Coronéis*, seguindo o mesmo caminho de explanação, passo a passo.

Honório de Medeiros introduz, apresenta e passa a considerar as hipóteses e os envolvidos, cangaceiros e coronéis, e chega ao campo de análise para, então, propor a sua própria tese para leitura e interpretação.

Para tanto, o autor trabalha a construção dos conceitos.

É pelo capítulo “Do conceito de cangaço”, na terceira parte do volume *Massilon*, que ele começa, contrapondo as definições de cangaço e de banditismo.

Importante nessa conceituação é a definição de Cascudo: “para o sertanejo [cangaço] é o preparo, carregado, aviamento, parafernália do cangaceiro, inseparável e característica, armas, munições, bornais, bisacos com suprimentos, balas, alimentos secos, mezinhas tradicionais, uma muda de roupa, etc.”

E também estabelece confrontos.

Honório de Medeiros refuta a concepção de bandido social proposta pelo historiador Eric Hobsbawm. E vai mais longe: é impossível conceituar e explicar o cangaço em razão das condições geográficas, sociais, econômicas etc.

Caldeirão que Honório de Medeiros resumirá como “hipóteses do ambiente social” no seu “Esboço de conclusão”, capítulo de *Jesuíno Brilhante*. Essa redução é simplista, considera, e não abarca toda a complexidade e singularidade do fenômeno.

Em *Jesuíno Brilhante*, o autor considera novos aportes para a construção do conceito de cangaceiro, levando em consideração que seriam figuras entre a santidade e o banditismo. E sustenta que a teoria do escudo ético, de Frederico Pernambucano de Mello, não é uma leitura que se aplica exclusivamente ao cangaço, e sim ao banditismo de forma geral.

Pernambucano teria partido, considera Honório de Medeiros, da noção de fator moral apresentada por Câmara Cascudo em *Vaqueiros e Cantadores*, que, por sua vez, teria bebido na fonte de Felipe Guerra, em *Ainda o Nordeste*.

Tanto a noção de escudo ético quanto a noção de fator moral consideram a justificativa moral do cangaceiro para aderir ao cangaço como fator determinante, hipótese que Honório de Medeiros propõe que possa ser substituída por uma teoria mais abrangente.

Já no estudo que empreende acerca de Câmara Cascudo e o cangaço — adendo do volume *Jesuíno Brilhante* —, investiga a construção e o molde do pensamento cascudiano acerca do tema.

A perspectiva da ânsia de grandeza e impulso à revolta pessoal, que serve para pensar o cangaço, lerá em Bertrand Russell; como colherá em Albert Camus a noção de homem revoltado, que é aquele que, inconformado, reage, para então propor a leitura da figura do cangaceiro a partir da noção de outsider proposta por Howard S. Becker e Norbert Elias.

O outsider é o transgressor, o desviante, o excêntrico que não espera viver com as regras estipuladas pelo grupo. Dessa maneira, Honório de Medeiros propõe entender a figura do cangaceiro pelo prisma do inconformismo.

Compreender, e não julgar, alerta o autor. E, assim, vai chegar ao conceito de cangaceirismo: é a história dos inconformados, revoltados, outsiders.

Outro conceito macro é o conceito de coronelismo, que está atrelado a uma compreensão da estrutura de poder feudal no Brasil monárquico e republicano. Honório de Medeiros se valerá do conceito de coronelismo traçado por Raymundo Faoro em *Os Donos do Poder*.

Seria o coronelismo aquela mesma estrutura de poder que se verifica na Europa feudal, um mundo de senhores arbitrários, cuja vontade era a lei, associados ao clero, proprietários de terras e do subjugo dos homens. O coronelismo é, portanto, uma forma de exercício do poder.

Outros aportes sustentam a construção do seu pensamento teórico. Honório de Medeiros parte da ciência por uma perspectiva ampla e transdisciplinar como caminho possível.

O autor considera o racionalismo crítico do filósofo britânico Karl Popper para construir uma abordagem científica e aplica as regras do método científico para propor uma lógica das informações como forma de validar ou não as hipóteses e, assim, escrever a história.

O autor também vai se valer da noção de campo social do sociólogo francês Pierre de Bourdieu, que compreende a realidade como uma malha aberta, cujos pontos de interseção, os atratores sociais, congregam fatos e ações semelhantes, formando uma malha social, ou seja, um campo.

Essa compreensão de campo social lhe permite observar cangaço e coronelismo como fenômenos do mesmo campo social, o campo social do poder.

Ao considerar o cangaço um fenômeno social, Honório de Medeiros parte do postulado do cientista político, sociólogo e antropólogo francês Émile Durkheim, em *As Regras do Método Sociológico*, e equipara fato social a fato natural, ou seja, considera os fatos sociais como passíveis de teste, comprovação e validação.

O fenômeno, portanto, pode ser comprovado pelas suas leis de recorrência, e as hipóteses levantadas podem ser testadas. Dessa forma, considera Honório de Medeiros, os fatos são passíveis de serem testados para serem comprovados ou não.

Outra contribuição importante no construto da sua proposta é a aplicação da teoria da evolução, do biólogo britânico Charles Darwin.

Honório de Medeiros se apropria do darwinismo ao compreender o comportamento humano como uma evolução constante, uma busca pela sobrevivência e adaptação ao meio, e se aproxima da corrente da bio-história.

No que tange ao estudo das relações de poder, o referencial é o cientista político, jurista e historiador italiano Gaetano Mosca e sua teoria de classe política.

Mosca entende que um fenômeno não deve ser apenas estudado em sua forma concreta ou apenas nas suas manifestações formais. É preciso compreender a dinâmica que se esconde e sustenta as relações de poder e interesse e, assim, compreender que os grupos funcionam a partir dos seus interesses de poder. O cangaço, nessa leitura, apresenta-se como uma manifestação de poder e revolta dos excluídos.

É a partir dessa perspectiva e da junção dessas partes que o autor conecta cangaceiros e coronéis e estabelece o cangaço como resultado das relações de poder, e é assim que também escreve uma história do poder.

Honório de Medeiros lança nos três volumes de sua trilogia, e em quase duas décadas de pensamento e reflexão, uma nova perspectiva teórica, metodológica e conceitual para a pesquisa e a escrita da história, abrindo as portas da história no Rio Grande do Norte, dos estudos sobre o cangaço e sobre as relações de poder, para uma nova perspectiva no século XXI.

GUSTAVO SOBRAL é jornalista e escritor. Publicou e organizou diversos livros, dentre os quais “As Memórias Alheias” e “Os Fundadores”.

NEI LEANDRO DE CASTRO:

80 ANOS

Chumbo Pinheiro

A história da literatura brasileira apresenta, em cada uma das suas distintas fases, uma crescente evolução que vai amoldando-se aos fenômenos e fatos da nossa vida cultural, social e política.

A nossa poesia, entra na história política com a mesma força e pujança com que marca a literatura, e os movimentos registrados são a expressão e as impressões do homem e sua contemporaneidade. A prosa e a poesia exprimem o entranhamento dos literatos na constante construção da brasilidade, alicerçada em um caldeirão cultural rico de contribuições de povos de múltiplas etnias que se juntam, misturam-se e renovam-se na edificação de uma identidade singular e multifacetada.

No Rio Grande do Norte esta contribuição tem sido muito significativa, embora permaneça ofuscada no quadro geral da literatura brasileira, não pelo fato de produzirmos pouco ou que nossas produções não tenham valor literário, mas devido às circunstâncias históricas, que colocam não somente nossa literatura, mas diversos setores do estado na retaguarda dos grandes movimentos nacionais.

Extrapolando as fronteiras do nosso pequeno Rio Grande do Norte, sem tirar os pés de sua terra, Luís da Câmara Cascudo, tornou-se uma referência brasileira, sendo seus trabalhos de consulta obrigatória nas pesquisas antropológicas ou folclóricas; Homero Homem, embora tenha ido morar no sul do país, tornou-se conhecido nacionalmente por sua obra literária, cuja inspiração nascia dos tempos em que viveu em sua terra natal.

Ainda nos anos sessenta, em meio aos movimentos culturais que mudavam a história da humanidade, com a juventude

participando efetivamente dos processos históricos que se desencadeavam mundo afora, fazendo-se ecoar, nos mais distantes rincões, o Rio Grande do Norte revela ao Brasil, um dos seus grandes escritores. Nei Leandro de Castro surge no cenário local com uma poesia comprometida com um tempo de transformações sociais, idealizando na sua criação poética um mundo novo, construído sob a égide da liberdade que se buscava, que se sonhava.

O poeta não se contentava em apenas divulgar a própria poesia, pois seu espírito inovador ultrapassa os limites do personalismo e da pessoalidade. E no seu engajamento literário reúne os contistas da terra numa antologia inédita.

O inquieto e curioso Nei debruça-se sobre a obra do grande escritor brasileiro Guimarães Rosa, e pela sua pesquisa sempre bem elaborada, profunda e séria é premiado pelo Instituto Nacional do Livro.

Nei vai revelando, na sua trajetória poética, duas grandes paixões: a primeira registra-se na sua poesia que ganha o viés do erotismo, transitando por um espaço pouco explorado na poesia nacional, fazendo-o, no entanto, com segurança e com domínio singular da palavra. A outra paixão é pelo seu Rio Grande do Norte.

Está presente não somente na poesia, mas, sobretudo na prosa, onde Nei surge como uma grande revelação entre os novos romancistas brasileiros.

O regionalismo *sui generis* de seus romances se agiganta e o leitor sente-se envolvido nas tramas que constroem a história, numa dimensão humana, que ultrapassa as fronteiras dos lugares onde são narrados os acontecimentos.

Tudo isso é pouco para expressar a importância da obra deste escritor, que revela a potencialidade dos filhos desta terra.

CHUMBO PINHEIRO é o pseudônimo de Luís Pereira da Silva. Licenciado e bacharel em História e bacharel em Ciências Sociais pela UFRN. Autor do livro “O silêncio que habita”, “Nei Leandro de Castro – 50 Anos de Atividades Literárias”, (como coautor), dentre outros.

CARTA A NELSON PATRIOTA

Andreia Braz

Meu caro amigo,

embora saiba que não lerás esta carta, eu a escrevo porque assim o mantenho perto de mim. Você partiu há dois dias e hoje senti falta de um tempo em que nos falávamos quase todas as noites. Passávamos horas e horas ao telefone conversando sobre literatura, cinema, música, mas também sobre amenidades. Afinal, a vida não é feita só de obrigações. E uma das muitas lições que aprendi contigo foi sobre a importância de ter momentos de lazer, o que você considerava fundamental para a qualidade do nosso trabalho (sempre me falava da importância das pausas, sobretudo naqueles trabalhos mais extenuantes). Aliás, o trabalho era sempre uma pausa de nossas conversas, fosse ao telefone, fosse em nossos encontros semanais com os amigos da confraria. E isso muitas vezes depois de alguma conversa nos intervalos do trabalho ou mesmo depois do expediente.

Sempre admirei sua paixão pelo trabalho e seu comprometimento com tudo que fazia. Profundo conhecedor da gramática, você também era flexível quando necessário, reconhecendo que a língua é um organismo vivo e está sempre sujeita a mudanças. Afinal, muitas vezes é preciso considerar o gênero em questão e o estilo do autor antes de sugerir certas mudanças em determinados textos. E quantas vezes eu não lhe escrevia para tirar dúvidas e você, gentilmente, respondia todas elas, uma por uma. Se você tivesse alguma dúvida sobre as Normas da Abnt, fazia o mesmo. Mas de repente você partiu e eu não tenho mais aquele parceiro e amigo a quem recorrer para falar de trabalho ou de qualquer outro assunto. Ainda não consigo acreditar que não receberei mais aquela sua mensagem ou ligação querendo confirmar nosso almoço se-

manal. Você não faz ideia do vazio que deixou por aqui. A alma chega a doer de tanta saudade.

E por falar em saudade, estava lembrando dos nossos “passeios peripatéticos”, como você costumava definir nossas andanças pela cidade. Quando trabalhávamos na Editora da UFRN, você costumava me convidar para jantar no shopping ou mesmo tomar um café e bater um papo descontraído depois do expediente. Horas intermináveis e cheias de aprendizado. Um dos seus lugares prediletos era uma pizzaria italiana de Ponta Negra. A pizza marguerita era sempre a escolhida, acompanhada de uma coca-cola com gelo e limão. Nessa época ainda existia a Potylivros no Praia Shopping e era sagrado você ir até lá para conferir as novidades e tomar um café. Lembro da sua tristeza quando a livraria fechou as portas (eram três lojas em Natal). Vez por outra, também íamos ao Natal Shopping, quase sempre a um restaurante chinês que não existe mais, ou ao Divino Fogão. Você sempre elogiava a comida do chinês e dizia: “não há nada melhor que uma comida quentinha”. No almoço, a preferência era o Camarões ou o Caicoense. Depois do almoço, o sagrado café na Kopenhagen, onde acabou sendo formada a nossa confraria anos depois. Se ficasse até mais tarde por lá, você gostava de tomar um café com uma fatia de bolo de laranja no Café da Praça. Uma amizade que foi além do ambiente de trabalho e só me trouxe alegrias e aprendizados.

Todas essas lembranças me remetem a uma crônica de Rubem Alves sobre a amizade. Depois de descrever de forma poética o valor de um amigo, ele nos diz: “A beleza da poesia, da música, da natureza, as delícias da boa comida e da bebida perdem o gosto e ficam meio tristes quando não temos um amigo com quem compartilhá-las”. Apesar do vazio que me consome, sou feliz por tudo que partilhamos juntos, meu amigo. Tantos momentos inesquecíveis, tantas conversas edificantes, abraços, sorrisos, olhares, confissões... Quando a saudade apertar, vou lembrar de cada um deles e da alegria que era estar na sua presença.

Voltando aos telefonemas noturnos. Com o tempo, essas ligações foram rareando e nossas conversas se resumiram aos encontros no café, que eram sempre muito estimulantes, embora nem sempre eu pudesse conversar exclusivamente contigo. Afinal, a nossa confraria tem uns doze membros, e alguns agregados também. De todo modo, era sempre muito bom estar contigo. Confesso que às vezes ficava meio perdida quando vocês conversavam sobre alguns temas de política e outros assuntos sobre os quais eu não entendia muito. Você, Hedilberto e Medeiros eram os mais empolgados com esses temas. Nesses momentos, procurava apenas escutar e aprender com vocês. Também gostava quando o papo tomava o rumo da filosofia, especialmente quando Bruno Goto estava presente. Uma das pautas eram as obras do filósofo Slavoj Žižek, um dos mais importantes pensadores da atualidade, admirado por vocês dois. Segundo o jornal britânico *The Guardian*: nada está fora do campo de ação de **Žižek**, “um pensador profundamente interessante e provocativo”. Atelmo, bibliófilo de carteirinha, de quem já falei em outra crônica, também é um brilhante orador e a conversa ficava ainda mais empolgante quando ele estava por lá, sobretudo quando o assunto era filosofia, religião, literatura. Além dos livros, ele sempre tem ótimas dicas de filmes e séries. Iuri e Hiliomar não ficavam de fora dessas conversas.

Não raro, depois do segundo café, você me convidava para ir à livraria. No meio do caminho, poderia haver um sorvete italiano. O nosso preferido era o de coco. Que saudade desses momentos, meu amigo! Na livraria, depois de ver as novidades, você seguia para a estante das promoções. Da última vez em que estivemos lá, antes da pandemia, você me presenteou com um livro de Eça de Queiroz, “O Mandarim”. Quase sempre havia um momento divertido nesse périplo livresco: analisar os títulos de alguns best-sellers, que ficavam logo na entrada da livraria, ou mesmo alguns trechos de certas obras que não nos agradavam. O riso era garantido.

Veja por outra, eu também o encontrava na livraria do campus, quase sempre por acaso, salvo nos dias de eventos musicais e/

ou feiras de livros, e o convite para um café era certo, mesmo que você estivesse apressado. Quando não havia espaço nas mesinhas, ficávamos ali mesmo no balcão. Era sempre uma alegria desfrutar de alguns minutos contigo. Sua presença era sinônimo de tranquilidade, afeto...

E por falar na UFRN, não posso deixar de lembrar das nossas idas à Escola de Música para assistir alguns concertos, muitos deles com artistas internacionais. Sua paixão pela música clássica era algo admirável. Gostava muito quando você me explicava alguma coisa sobre o concerto a que iríamos assistir. Nesses momentos você também lembrava os concertos assistidos na Sala São Paulo. Aliás, a pauliceia era outra de suas paixões. Ao menos uma vez por ano, você passava alguns dias lá, sempre no bairro da República, de onde saía para assistir filmes, concertos, ir a livrarias, teatros, sebos. Imagino que você tenha ficado muito triste por não ter viajado em 2020.

Agora vivemos uma época muito diferente, cheia de restrições, e há tempos não é possível assistir a um concerto presencial. Há quase um ano não temos esse tipo de evento em Natal por causa da pandemia. Vai ser difícil retornar sem você, amigo. Ontem mesmo vi o maestro da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte dando entrevista sobre o mais novo espetáculo da OSRN e imediatamente lembrei de você. Ele estava divulgando a ópera natalina “Amahl e os visitantes da noite”, de autoria de Gian Carlo Menotti, um italiano radicado nos EUA, e inspirada em sua própria história de vida e sua relação com o Natal. Foi gravada numa versão especial feita para a televisão. Enquanto assistia a essa matéria, lembrei, também, da nossa admiração por Linus Lerner, maestro e diretor musical da OSRN, e o quanto você amava o trabalho dele e a sua forma encantadora de atrair o público com explicações didáticas sobre a obra apresentada nos eventos realizados no Teatro Riachuelo (Quartas Clássicas). Você sempre elogiava sua forma de lidar com o público e admirava sua alegria, simplicidade e entusiasmo. Aliás, entusiasmo era o termo usado por você para defini-lo.

A primeira vez que assisti a um concerto da OSRN foi graças a você, que me doou um par de ingressos. Uma noite memorável. Fiquei tão maravilhada com o espetáculo “Uma noite na Espanha” que registrei aquele momento numa crônica, talvez uma tentativa de eternizá-lo. Quando me devolveu o texto revisado, você escreveu: “querida Andreia, parabéns por mais essa crônica exitosa enfocando a noite espanhola da OSRN. Certamente ela ajudará a eliminar preconceitos sobre a música clássica e ajudará a divulgar os concertos didáticos que realiza”. Que saudade dos seus e-mails!

Outra lembrança boa que tenho dos recitais é que algumas vezes fomos tomar uma cerveja e comer um petisco depois do espetáculo. Foi depois de um desses concertos na EMUFRN que você me apresentou o Real Botequim, um boteco muito charmoso inspirado nos bares cariocas que fica no Shopping Cidade Jardim, onde os garçons costumam ficar circulando no salão com as bandejas de petiscos. Uma tentação. Você sempre pedia ribaça e bolinho de bacalhau. Que saudade desses momentos!

Para encerrar esta carta, gostaria de partilhar contigo uma novidade. Hoje recebi um convite para uma entrevista no programa do jornalista Otávio Albuquerque, do Potiguar Notícias, portal onde agora sou colunista e publico às segundas-feiras (mas também continuo pulicando no Substantivo Plural). Ele tem um canal no youtube e está iniciando uma parceria com o jornal. Acho que você estaria orgulhoso de mim se estivesse aqui. Cada vez que eu lhe contava alguma novidade de trabalho, você sempre costumava brincar: “não há revisora mais conhecida que você em Natal, Andreia”. A gargalhada era certa. Que saudade das nossas conversas, amigo!

Você pode até não estar aqui fisicamente, mas as lembranças dos momentos partilhados e o conhecimento disseminado por você permanecerão vivos em meu coração. Isso é o que me conforta. Farei o que estiver ao meu alcance para continuar di-

vulgando sua obra e mostrando a importância do seu trabalho para a cultura do Rio Grande do Norte. Afinal, você foi múltiplo e atuou em tantas áreas distintas relativas ao jornalismo e ao fazer literário: edição, revisão, tradução... Aliás, já avisei a Otávio que gostaria de prestar uma homenagem ao meu amigo que partiu no Dia de Reis, pelo muito que ele fez pela literatura do nosso estado. Como diz o poeta de Itabira: “as coisas findas / muito mais que lindas, / essas ficarão”.

Tenho outras novidades relativas ao meio literário, mas deixarei para contá-las na próxima carta. Escrever é uma forma de amenizar a saudade e o vazio que você deixou em meu coração. Estaremos sempre juntos. Afinal, como disse Rubem Alves: “A experiência da amizade parece ter suas raízes fora do tempo, na eternidade”.

ANDREA BRAZ é escritora e revisora de textos. Cronica, escreve regularmente para blogs, revistas e portais culturais. Autora do livro “Gotas de Otimismo”, no prelo.

CAÇADORES DE MICRÓBIOS

Daladier Pessoa Cunha Lima

Este é o título do principal livro do norte-americano Paul de Kruif (1890-1971), no qual ele aborda a vida de figuras famosas que se devotaram ao estudo e à pesquisa de agentes causadores de doenças infecciosas nos seres humanos. Lançado em 1926, *The Microbe Hunters* tornou-se best-seller durante muito tempo. No lançamento, o editor esperava vender a tiragem de 2.800 exemplares, mas, em poucos anos, as vendas chegaram a 100.000, e, logo em seguida, a um milhão, em dezenas de novas edições. Em 1996, foi lançada uma edição especial, para celebrar o 70º ano da obra. Tenho um exemplar da Editora Livraria José Olympio, 1956, comprado em um Sebo no Rio de Janeiro. Agora, na vigência de uma das piores pandemias que o mundo já conheceu, tirei meu exemplar da estante, a fim de rever histórias de vidas que desbravaram o mundo dos micróbios e das doenças que eles causam.

O pai de Paul de Kruif queria vê-lo médico ou advogado, mas ele optou pela pesquisa em laboratório. Na Universidade de Michigan, em 1912, recebeu o grau de bacharel em ciências, e obteve o PhD, em 1916. Um dos segredos da grande procura pelo livro *The Microbe Hunters* é a linguagem usada pelo autor, capaz de desmistificar os perfis biográficos dos "caçadores de micróbios", apresentando-os nas condições de seres humanos comuns, com suas virtudes e com seus defeitos, longe da ideia que por vezes querem passar de semideuses da ciência. Em um dos capítulos sobre o célebre Pasteur, quando o cientista tentava provar a inexistência da "geração espontânea", o autor assim se expressa: "Um dos traços mais encantadores do caráter de Pasteur era, porém, a sua condição de fênix cientista, soerguendo-se triunfantemente das cinzas dos seus próprios erros". Paul de Kruif diz que Paul Ehrlich, o criador da droga contra a sífilis, era um homem alegre, fumava 25 charu-

tos todo dia, e gostava de beber um livro de cerveja com seu velho empregado de laboratório, além de vários litros com seus colegas de pesquisa.

São 12 capítulos, sendo dois voltados para o grande cientista francês Louis Pasteur, um sobre a fase inicial da descoberta dos micróbios, e o segundo sobre o controle da hidrofobia. O livro começa com Anton Leeuwenhoek (1632-1723), holandês, artesão de lentes, o primeiro homem a ver micro-organismos ao examinar em seu rústico microscópio — fruto das suas invenções — uma gota d'água do seu jardim. Além de Pasteur — 3º e 5º capítulos —, Leeuwenhoek e Paul Ehrlich seguem-se mais onze cientistas que desfilam pelas páginas dessa obra magistral, todos credores do eterno dever de gratidão da humanidade.

Entre esses nomes, distingo o do alemão Robert Koch (1843-1910), que identificou o bacilo causador da tuberculose, o qual recebeu o nome de Bacilo de Koch. Talvez essa minha distinção se faça por dois motivos: o primeiro pelo fato de que vários parentes meus, maternos e paternos, foram vítimas da Tísica, e segundo, porque essa doença continua a castigar os seres humanos, apesar dos avanços da terapia com antibióticos. O caçador de micróbios Robert Koch recebeu o Nobel de Fisiologia e Medicina, em 1905. Outro nome das distinções que fiz é o do alemão-polonês Emil von Behring (1854-1917), precursor dos estudos de imunologia, descobridor do soro para tratamento da Difteria, que precedeu o uso da vacina para essa doença terrível para as crianças. Ele é outro caçador de micróbios contemplado com o Nobel de Fisiologia e Medicina, em 1901. Com certeza, o nome de Behring me veio à mente pelas tristes imagens que guardo comigo das crianças com difteria que vi sofrendo ou morrendo no antigo Hospital Evandro Chagas, quando trabalhei ao lado da Professora Giselda Trigueiro, no início da década de 1970.

Paul de Kruif foi um promissor cientista em biociências, mas sua vocação era a literatura. Demitiu-se da Fundação Rocke-

feller, por atritos com um diretor, e dedicou-se à escrita. Seu livro *Our Medicine Men* recebeu elogios do médico Morris Fishbein, editor do famoso JAMA, e por ele foi apresentado ao já notável escritor Sinclair Lewis. De Kruif revelou que Lewis o ensinou a trocar a prosa enfadonha dos relatos científicos por um estilo de escrita livre, fluida e atraente. Por outro lado, Paul de Kruif ajudou Sinclair Lewis a criar o bem-sucedido romance do doutor-herói Arrowsmith, que fez o autor ganhar o prêmio Pulitzer. Sinclair Lewis (1885-1951) foi o primeiro norte-americano a receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1930.

Afora *Microbe Hunters*, campeão de vendas, Paul de Kruif escreveu *The Hungers Fighters, Seven Iron Men, Men Against Death* — outro best-seller na área médica —, para citar apenas os mais conhecidos. Foi também cronista, sempre sobre temas ligados à medicina. De toda sua produção literária, nada igualou *Caçadores de Micróbios*, mormente pela humanização com que apresentou seus heróis na luta infundável contra os agentes causadores das doenças infecciosas.

DALADIER PESSOA CUNHA LIMA é escritor, professor e médico. Ex-Reitor da UFRN, atual reitor da UNI-RN. Membro da Academia Nortor-grandense de Letras. Autor de “Retratos da Vida” e outros livros.

A MATURIDADE E O APURO DA ARTE DE FLÁVIO FREITAS

Manoel Onofre de Souza Neto

Precocemente envolto com o desenho, o menino Flávio Ferreira de Souza Freitas, antes mesmo de balbuciar suas primeiras palavras, expressava-se por intermédio dos rabiscos do lápis no papel. Desde então, tal “desenvoltura” passou a integrar sua personalidade como um traço indelével. Sua infância foi marcada pelo convívio inspirador com a atividade artística da sua avó Hemen-garda O’Grady de Paiva Ferreira de Souza. O cheiro da tinta a óleo e os apetrechos por ela usados na pintura, sempre carregada de imensa sensibilidade e apuro, forjaram em “Verdinho” uma relação de afeto e respeito com a profissão que abraçaria. Esse exercício de contemplação, repleto de sinestesia, foi decisivo para que ele conferisse importância e significado à pintura e à arte.

O desenho, sempre manejado como mecanismo de comunicação e afirmação das suas virtudes, trouxe, também, registros pitorescos ao percurso de Flávio Freitas. Agraciado pelo dom, ele era correntemente convocado pelos colegas para representar alguma cena ou personagem. Certa feita, foi flagrado em sala de aula por um professor, no Colégio Salesiano São José de Natal, providenciando uma composição pornográfica, o que resultou na sua expulsão. Em casa, o fato foi tido como uma incompreensão acerca das possibilidades e potencialidade artísticas do jovem, que prontamente entendido e perdoado, foi agraciado com estudos no Colégio Militar de Fortaleza/CE, onde foi interno.

De volta à Natal, ingressa em arquitetura, numa trajetória que lhe propiciou a ligação dos pontos rumo à pintura. Assim, ainda no curso, dando vazão ao interesse pela música, vai estudar trompete em Boston, no *New England Conservatory of Music*, nos

Estados Unidos. Entretanto, os pincéis se impuseram de forma mais contundente, levando Flávio Freitas ao *Massachusetts College of Art and Design*, onde elaborou em definitivo a decisão de ser, profissionalmente, um artista visual.

Aquele universo criativo permitiu alguns *insights* estruturantes e que permeiam a carreira do pintor. O desenho zen-budista, de observação e sobretudo contemplativo; e a introjeção da disciplina – que para ele “é a mãe de todas as coisas boas” –, cultivada desde a infância, constituem componentes basilares na construção do artista e da sua já vasta obra.

O ano de 1982 funda, profissionalmente, a trajetória de FF. Em seu retorno aos bancos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, participa, em 1983, de uma oficina de “arte carimbo” no Núcleo de Arte e Cultura, capitaneada pelos artistas Jota Medeiros e Paulo Bruscky, ocasião em que incorpora à sua criação, como uma assinatura visual, um símbolo que o identifica: uma lagartixa. A escolha do réptil é deliberada homenagem ao sertão e à persistência e luta pela sobrevivência, mesmo em condições das mais adversas. É provável que o prematuro e trágico falecimento do pai militar, em um acidente aéreo, tenha, imageticamente, aproximado-o à irascibilidade da lagartixa, que chega a se regenerar em determinadas situações, como uma fênix da vida real.

De 1988 a 1998 se estabelece na paradisíaca ilha de Fernando de Noronha, acompanhado da família e em estreita sintonia com a natureza, cultivando a espiritualidade, o que pode ter funcionado como uma necessária e inspiradora vivência sabática, resultando em refinado potencial criativo, que transborda quando Flávio Freitas retorna ao continente e se estabelece, em definitivo, em Natal, cidade que eleger e imortaliza em telas e painéis, numa verdadeira declaração de amor.

O processo criativo é “uma aventura essencialmente solitária e o desenho de observação se apresenta como importante parte de construção do saber visual, da sensibilidade e, sobretudo, do en-

contro do artista com ele mesmo e com o mundo, com o universo que o rodeia”, sentencia Flávio. Na criação, os mestres inspiram e devem ser festejados. Picasso, Matisse, Van Gogh e Hockney são expoentes ressaltados. Portinari, Brennand, José Cláudio e Flávio Tavares ilustram a plêiade brasileira que, em terras de Cascudo, tem representantes como Dorian Gray, Newton Navarro, Thomé Filgueira e Leopoldo Nelson.

Com pinceladas vigorosas, traço firme e uma paleta essencialmente tropical, resultando em composições luzidias e invariavelmente impactantes, a construção pictórica de Flávio Freitas já há muito atingiu a maturidade e o reconhecimento, encontrando-se em constante refinamento estético e estilístico, como consequência da persistência, disciplina e devoção monástica à arte e à pintura.

MANOEL ONOFRE DE SOUZA NETO frequentou cursos de formação livre em Desenho, Pintura, Curadoria, Arte Contemporânea e História da Arte na Escola de Artes Visuais do Parque Lage/RJ e em outras instituições. Incentiva e divulga artistas plásticos norte-rio-grandenses. É Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN. Exerceu, em dois mandatos, o Cargo de Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público Potiguar (2009-2013). É professor e autor de livros e artigos jurídicos e sobre arte.

UMA VISITA À CASA DE PEDRA DO PIUM

Carlos Roberto de Miranda Gomes

Com esse título publiquei no jornal Tribuna do Norte um artigo sobre a Casa de Pedra do Pium, aproveitando o tempo ocioso do veraneio em Cotovelo.

Recebi vários comentários favoráveis sobre o texto e telefonemas, o primeiro dos quais do nosso Presidente da Academia Nortero-grandense de Letras, Professor Diogenes da Cunha Lima, que sugeriu que ampliasse o estudo para possibilitar o interesse público em transformar aquele local histórico como ponto de turismo, razão pela qual agora renovo o ensaio com novos dados importantes.

Além dos pesquisadores que já havia consultado e ensinaram dois artigos meus – “A Casa de Pedra de Pium” e “Um certo cidadão João Lostão”, agora encontrei os esclarecimentos que precisava na tese de **Roberto Airon Silva, UMA ARQUEOLOGIA DAS CASAS FORTES: ORGANIZAÇÃO MILITAR, TERRITÓRIO E GUERRA NA CAPITANIA DO RIO GRANDE – SÉCULO XVII**, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Antropologia/Arqueologia, da Universidade Federal da Bahia. Orientador: Prof. Dr. Carlos, Alberto Etchevarne, Salvador 2010.

A Casa de Pedra de Pium ou do Pium é assim denominada em referência ao nome do rio. Alguns a chamam de Casa Forte de Pirangi.

Estudo de investigação, a microbacia do rio Pitimbu/RN, afluente da bacia do rio Pirangi, situado na costa leste do Rio Grande do Norte, o referido rio faz parte dos municípios de Natal, Parnamirim e Macaíba, ocupando uma área de 138,30 km², entre as coordenadas de localização 5°50'30" latitude sul e 35°10'35" longitude oeste (dados carentes de revisão).

A Casa em referência apresenta as características arqueológicas seguintes:

Os remanescentes arquitetônicos encontram-se localizados no alto de uma colina de onde se divisa o curso do rio Pium e mais ao longe, no horizonte, o oceano. O material construtivo empregado na edificação é constituído por blocos de arenito ferruginoso (beach rocks) de formas arredondadas ou ligeiramente irregulares. Os blocos maiores têm dimensões aproximadas de 40 a 58 centímetros e os menores de 6 a 10 centímetros. Os blocos maiores estão localizados diferencialmente nas paredes desde as partes mais baixas até as mais altas. Os blocos rochosos foram posicionados nas paredes e os espaços resultantes entre estes foram preenchidos com os blocos menores e com argamassa.

A utilização da técnica construtiva resultou em uma edificação com paredes e demais elementos da estrutura (vãos de portas e janelas) bastante regulares em termos de espessura e composição de blocos rochosos. A espessura das paredes tem a medida de 80 cm, e mantém essa espessura em toda a estrutura da edificação.

Quanto às informações históricas o equipamento teria sido construído pelos franceses para depósito de pau Brasil em 1570 (século XVI), nos tempos do primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza, em contraste com as informações da tese antes referida, que indica, pela análise de artefatos encontrados e sucessivas modificações na construção, tratar-se de “*ocupação num contexto luso-brasileiro de fins da primeira metade do século XVII, ao longo do século XVIII e XIX, o que indica uma reocupação do sítio que pode ser identificada em torno de uma continuidade de uso do contexto até fins do século XIX*”, depois incorporada ao acervo do francês João Lostão Navarro, já possuidor do “Porto de João Lostão”, correspondente ao Porto de Tabatinga, outrora também conhecido por Porto Seguro, com rico aquífero da região, com braços nos municípios de Parnamirim e Nisia Floresta, passando por Alcaçuz e Pium, casa esta que passou a ocupar com a expulsão

dos franceses, transformando-a em depósito de mercadorias, conforme Carta de Data nº 15, de 1º de março de 1601, concedida por João Rodrigues Colaço, acrescentada a outras sesmarias que o mesmo já possuía, onde teve morada de 1603 a 1645. Essa construção recebeu outras denominações como Porto de Búzios, Casa Forte de Pirangi e Casa da Praia do Porto Corado (ao tempo da Companhia das Índias Ocidentais – invasão dos holandeses), todas correspondendo à mesma construção.

A tese, ao mencionar “reocupação do sítio” permite concluir que já havia alguma construção anterior, ou começo desta, coincidente com o período da invasão francesa e que depois foi retomada pelos portugueses e findou sob o domínio de João Lostão Navarro, posseiro daquelas terras e somente proprietário no início do Século XVI.

Nos estudos do mapeamento das terras do Rio Grande mostram as áreas do domínio de João Lostão: O recorte geral do território da capitania já tinha sido descrito em detalhes por Gabriel Soares de Sousa, em 1589, em que o mesmo delinea os limites da capitania ou donataria de João de Barros.

O assunto não está posto em termos definitivos, embora não haja dúvida do seu valor arqueológico e histórico. O pesquisador autor da tese comentada recomenda, que *“sejam organizadas escavações em larga escala e de amplo prospecto no local, incluindo retirada de amostras de paredes, procedimentos que poderão elucidar melhor as ocupações do sítio, trazendo à tona informações de marcadores temporais de base arqueológica e um urgente cálculo estrutural e posterior intervenção para consolidação das estruturas de paredes para que se evite num futuro próximo o desmoronamento total dessas seções de paredes restantes no sítio.*

Esse monumento arquitetônico, com cerca de 338m² tem enorme importância histórica por ter sido das mais antigas construções em alvenaria do Brasil, utilizada como armazém e forte, onde Lostão dava proteção aos cristãos perseguidos por Jacob Rabi, ao tempo da invasão holandesa em decorrência do que foi

preso na Fortaleza dos Reis Magos e de lá levado para Uruaçu onde foi trucidado juntamente com outros cristãos católicos, sendo declarado mártir da Igreja.

João Felipe da Trindade, que mantém o Blog Hipotenusa, sobre o assunto expõe:

Jacob Rabbi era uma dessas pessoas que muitos governantes gostam, bajulador e ideal para serviços sujos. Fazia esse papel tanto para os líderes indígenas como para o alto poder dos holandeses no Brasil. Sua vida está irremediavelmente ligada à história do Rio Grande do Norte, principalmente, pelos massacres de Uruaçu e Cunhaú. O motivo do seu assassinato, não está ainda de todo esclarecido.

Neste artigo e nos próximos que tratam do assassinato de Jacob e do inquérito instalado contra Garstman, vamos apresentar trechos extraídos dos livros de Joan Nieuof, Pierre Moreau, Roulox Baro e de Alfredo Carvalho

Joan Nieuhof, que viveu mais de 8 anos no Brasil prestando serviços a Companhia das Índias Ocidentais, em seu Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil, escreveu: À meia noite de 5 de Abril de 1646, Jacob Rabbi foi traiçoeiramente assassinado com dois tiros, perto de Potengi, a cerca de três horas do Castelo Potengi por instigação do tenente-coronel Garstman, quando regressava da casa de uma tal Jan Muller (Dirck Muller), onde fora recebido essa noite em companhia daquele oficial. Conforme revelara a amigos seus, havia já tempo que Rabbi suspeitava da traição de Garstman e, justamente por esse motivo, estava de partida para o Rio Grande a fim de se refugiar entre os tapuias. O Conselho chocou-se profundamente com essa vilania, porque Jacob Rabbi era casado com uma brasileira (índia) e gozava de grande estima entre os tapuias, sendo, pois, de se recear que o crime fizesse com que tanto os tapuias como os brasileiros se revoltassem contra nós. Por causa disso, Garstman foi preso sob custódia, por ordem dos Altos Comissários da Justiça e Finanças aos 24 de abril e foi conduzido ao navio Hollanddia. (Joris Garstman e o assassinato de Jacob Rabbi (I)

João Felipe da Trindade (jffhipotenusa@gmail.com)

Professor de Matemática da UFRN e membro do INRG).

Há registros de amigos de Garstman, como no caso de Pierre Moreau, no sentido de que a morte de Rabi teria sido vingança daquele pelo fato de acusarem o judeu-holandez de haver assassinado o sogro de sua mulher [que seria Lostão]. Os escritos, no entanto, não fazem explícita referência ao sogro de Garstman. *Essa informação que João Lostão era sogro de Garstman, tanto é defendida por Hélio Galvão, em seu livro História da Fortaleza da Barra do Rio Grande, como por Olavo Medeiros Filho no livro No Rastro dos Flamengos.*

De lamentar o absurdo descaso do Município de Nísia Floresta por essa construção secular da engenharia luso-brasileira ou francesa, face o cidadão Lostão ser cidadão de Navarra (sob o domínio francês), pois o acesso é um risco - verdadeira aventura pela sua irregularidade e dimensão do acesso que comporta somente uma viatura – verdadeiro caminho só para animais.

Pela internet localizamos o tombamento da “Casa de Pedra” em Nísia Floresta, com a data de 17/02/1990, pelo Governo do Rio Grande do Norte e nenhum registro que o mesmo tenha ocorrido pelo IPHAN.

É preciso que os órgãos de turismo acrescentem a Casa de Pedra de Pium como uma de suas atrações turísticas da região, construindo um caminho que permita fácil acesso e atraia a população e visitantes para tão belo lugar, de onde se avista os limites marítimos entre a curva visual de Pirangi à de Ponta Negra – rota dos holandeses.

Este meu estudo não significa uma simples crônica, mas um Memorial para pedir o reconhecimento desse lugar extraordinário como de importância histórica singular, inclusive pelo IPHAN.

Conclamamos as populações de Nísia Floresta e Parnamirim, a PROMOVEC e outras entidades interessadas no resguardo da história, particularmente a Secretaria de Turismo do Estado do

Rio Grande do Norte, o Conselho Estadual de Cultura, o Instituto Histórico e Geográfico do RN, a Academia Norte-riograndense de Letras, e os Municípios de Nísia Floresta e Parnamirim para tomarem uma providência definitiva e urgente sobre essa histórica Construção.

Enquanto isso não acontece solicito a atenção dos moradores e veranistas de Cotovelo e Pium para visitarem esse monumento histórico.

CARLOS ROBERTO DE MIRANDA GOMES é escritor, advogado e professor aposentado da UFRN. Membro Honorário Vitalício da OAB/RN, Professor Emérito da UFRN, Membro da ANRL, ALEJUR, AML, IHGRN e UBE-RN.

FEITURA DE CERCAS NA FAZENDA ARACATI

Benedito Vasconcelos Mendes

Na Fazenda Aracati tinha um morador especialista em fazer cercas, currais e chiqueiros. O ano inteiro, o seu trabalho era tirar, na mata, estacas, mourões, varas e paus de porteira para depois construir as cercas, currais e chiqueiros da fazenda. As estacas e mourões eram guardados em pé, escorados nos troncos dos pés de juazeiros, existentes no terreiro da casa grande. Meu avô exigia que os mourões fossem de aroeira, baraúna, pau d'arco ou imburana. Os mourões de imburana, geralmente, enraizavam e originavam uma fila de árvores de imburana, ao longo da cerca.

A exigência era que as estacas fossem de litro (da espessura de uma garrafa de vidro de 1 litro) e a madeira fosse de sabiá, jurema preta ou mororó. O fazedor de cercas da Fazenda Aracati era filho do vaqueiro Sales e era conhecido como Tonho da Dona Lourdes. Rapaz forte, entroncado, trabalhador e conhecedor das plantas da caatinga. Sabia trabalhar muito bem com a alavanca, a foice, o machado e com o pé de bode. Para o remonte de cercas velhas e feitura de novas cercas e currais, meu avô só confiava no trabalho dele. Na Fazenda Aracati usava-se dois tipos de cerca: cerca de arame farpado e cerca de faxina. Lá não se usava cerca de pedras e o modelo de pau a pique só era utilizado na confecção de currais.

Para fazer cerca de arame farpado, primeiramente, ele marcava o chão, utilizando um carretel de linha zero e piquetes de pau-branco. Depois de colocar a linha, ele riscava o chão com a ponta de um piquete. A cerca era feita por pedaços, ou seja, cada lance de cerca tinha 50 metros de extensão. Ele e seu auxiliar Chico Peba (apelido dado devido ele ser um exímio cavador de buraco à semelhança do animal da caatinga tatu-peba) faziam a visada, colocavam a linha, riscavam o chão e depois marcavam os locais

dos mourões, que eram distanciados 10 metros um do outro. Cada buraco de mourão tinha 50 centímetros de profundidade. O estaqueamento era feito depois de fincados os mourões. Os buracos para os mourões e estacas eram cavados com uma grande e pesada alavanca de aço e a terra era retirada com o auxílio de uma quenga de coco da praia. A alavanca, o machado e a foice eram, periodicamente, batidos pelo Tião Ferreiro, para permanecerem sempre afiados. Tião Ferreiro tinha tenda em Santo Antônio do Aracatiçu (Distrito de Sobral) e era o único ferreiro daquela vasta região sertaneja. Os mourões e as estacas, depois de fincados e bem socados com um socador de madeira com ponta, eram aparados em uma mesma altura e depois recebiam os 7 fios de arame farpado (arame com rosetas), que eram esticados com o auxílio de um pé de bode e depois grampeados. Na Fazenda Aracati não se usava arame liso (arame 18) para fazer cerca, pois todas as estacas e mourões eram grampeados. Os grampos de cerca eram comprados em pacotes de 1 quilo, na bodega do Seu Raimundo Galdino, na Vila Caracará. Os grampos eram batidos com um martelo sobre o arame farpado, mantendo-o preso entre as duas pontas do grampo. As estacas e os mourões, antes de serem usados nas cercas, tinham a casca retirada, para evitar que a mesma, ao secar e se desprender da madeira, afrouxasse o arame farpado. Entre dois mourões situavam-se 8 estacas, pois as mesmas distanciavam-se um metro uma da outra. Os arames farpados eram esticados em cada lance de 50 metros de cerca e grampeados, primeiramente, nos mourões e depois nas estacas. A profundidade dos buracos das estacas era de 30 centímetros. As cercas eram bem alinhadas, os mourões e as estacas tinham a mesma altura e os arames bem esticados. As cabeças dos mourões e das estacas eram aparadas na forma de cone, com o auxílio de um machado, para facilitar a água da chuva escorrer e não se acumular na cabeça da estaca, evitando assim que ela apodrecesse. Depois de terminados os 50 metros de cerca, procedia-se a feitura de mais outro lance de 50 metros. Fazia-se nova visada, colocava-se a linha, riscava-se o chão, cavava-se os buracos dos mourões e das estacas, enterrava e socava bem os mourões e as estacas e, por fim, esticava-

-se os 7 fios de arame, pregando-os com grampos, primeiramente, nos mourões e depois nas estacas. Os mourões dos cantos da cerca eram escorados por estacas inclinadas, encaixadas neles, de modo a não ceder.

As porteiras dos cercados e dos currais eram do tipo “porteira de paus corridos”, de modo que os paus corriam nos buracos das laterais da porteira de aroeira e depois os mesmos eram colocados de volta, para fechar o espaço. Invariavelmente, os paus da porteira eram de pau-branco e a estrutura lateral e superior eram de miolo de aroeira. Meu avô colocava, em cada porteira, a caveira de um touro erado, de chifres grossos e longos, que os vaqueiros acreditavam que era para espantar os maus espíritos.

As cercas de faxina eram usadas para a confecção dos chiqueiros das cabras, das ovelhas e dos porcos e para o cercado dos bezerros, que se localizava vizinho ao curral, onde os mesmos eram enchiqueirados para a ordenha. O chiqueiro das galinhas era feito de varas de marmeleiro e coberto com palha de carnaúba. A cerca de faxina geralmente era feita de longas varas de pau-branco entrelaçadas, sustentadas por mourões de aroeira, fincados em forma de X. O encontro dos dois mourões se dava a um metro de altura, de modo que os dois mourões, fincados em X, serviam de sustentação aos paus horizontais entrelaçados. A cerca de faxina usada para a confecção de galinheiro e as cercas do quintal e do banheiro a céu aberto das casas de taipa eram feitas de varas de marmeleiro entrelaçadas.

Dos dois grandes currais da Fazenda Aracati, um era feito de carnaubeiras deitadas e o outro de pau a pique. Ambos tinham um grosso mourão de miolo de aroeira fincado no centro. O mourão tinha um metro e vinte centímetros enterrados. O mourão, depois de colocado no buraco, era calçado com pedras e preenchido com terra, socada com um socador de miolo de aroeira com ponta. A parte externa do mourão media cerca de 2 metros de altura e tinha diâmetro de, aproximadamente, 40 centímetros. Segurava touro de qualquer tamanho e peso. As carnaubeiras deitadas eram montadas entre dois mourões paralelos. As parselhas de mourões

se distanciavam 10 metros uma da outra. Nas extremidades dos dois mourões paralelos (parelha de mourões) era passado um arame grosso (arame 12), para que os mesmos prendessem melhor as carnaubeiras e não se abrissem.

O curral de pau a pique tinha um metro e oitenta centímetros de altura e 40 centímetros enterrados. O curral era confeccionado de madeira grossa (sabiá de litro), tendo, a cada intervalo de 10 metros, um grosso mourão de aroeira. A quatro dedos da extremidade de cada estaca, passava um arame grosso (arame

12) circundando a mesma, de modo a amarrar toda a estrutura do curral. Este arame era grampeado em cada estaca. O leite das vacas era tirado neste curral de pau a pique. Os dois currais da Fazenda Aracati eram bem feitos, bonitos e seguros. O mestre cerqueiro caprichava na sua construção. Meu avô ficava admirado com a beleza e robustez dos currais, especialmente, da perfeição de como o arame grosso era dobrado para segurar a madeira do curral.

Meu avô tinha orgulho em mostrar, para os fazendeiros amigos que lhe visitavam, os seus caprichados currais e as cercas da fazenda, quando ele chamava o Tonho da Dona Lourdes e o Chico Peba e fazia rasgados elogios aos seus trabalhos. Meu avô chamava o Tonho de Dona Lourdes de Mestre, pois ele admirava a habilidade e o capricho deste fazedor de cercas.

BENEDITO VASCONCELOS MENDES é engenheiro agrônomo, professor e escritor. Autor de “As artes na civilização da seca” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, da Academia Mossoroense de Letras, sócio do Instituto Cultural do Oeste e outras instituições.

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

MEMÓRIA ACADÊMICA

CURIOSIDADES QUE ANOTEI

Ricardo de Moura Sobral

A acadêmica e pesquisadora Leide Câmara publicou um livro que faz jus ao título: Memória Acadêmica.

Ao longo de suas 690 páginas o leitor encontra tudo sobre a ANL, seus patronos, acadêmicos e suas respectivas obras.

Ali o leitor encontra a base histórica da intelectualidade da terra de Poty.

É um livro destinado à mesa de cabeceira de quem se interessa por cultura.

A ANL, fundada em 1936 pelo genial Câmara Cascudo, moldada na Academia Brasileira de Letras, fundada por Machado de Assis (1896/7), inspirada na Academia Francesa, criação do Cardeal Richelieu (1635), tem como lema Ad Lucem Versus (Padre Luiz Gonzaga).

Anotei algumas curiosidades.

Em seus 84 anos de existência teve 11 Presidentes. O mais longo no cargo é o atual, Diógenes da Cunha Lima, que tomou posse há 36 anos. Antes dele, Manoel Rodrigues de Melo, passou 21 anos. Todos os outros tiveram mandatos curtos de poucos anos. Dom Nivaldo Monte foi quem teve o mandato mais curto: apenas 04 meses.

O acadêmico que mais tempo passou na instituição foi Otto Guerra: 60 anos. O segundo foi Raimundo Nonato Fernandes: 55. Empatados em terceiro lugar, com 53, estão Américo de Oliveira Costa e Manoel Rodrigues.

O de menor tempo acadêmico foi Humberto Bezerra Dantas: 02 meses.

O acadêmico que mais tempo levou para tomar posse foi Sanderson Negreiros: 10 anos.

Apenas um acadêmico renunciou (resignou-se) à imortabilidade: Antônio Pinto de Medeiros.

Que eu me lembre, 04 ex-governadores foram sócios da ANL: Juvenal Lamartine, José Augusto Bezerra de Medeiros, Silvío Pedrosa e Aluízio Alves.

Até hoje, a cadeira 22 - Patrono Cônego Leão Fernandes - só foi ocupada por padres: 03 Cônegos e 01 Bispo.

Na fundação foram abertas 25 cadeiras, com 03 mulheres no patronato e 02 acadêmicas. Em 1943, mais 05; e em 1957, mais 10, totalizando as 40, nesta data totalmente preenchidas.

O patronato da ANL é formado por 10 juristas, 06 padres, 06 médicos, 06 jornalistas, 04 poetas, 02 educadores,

01 compositor, 01 historiador, 01 aviador, 01 farmacêutico, 01 músico e 01 militar.

01 nasceu no século XVIII; 36, nasceram no século XIX e 03 na primeira década do século XX.

20 faleceram em Natal, 05 no RJ, 02 na França, 02 em Recife, 01 em Salvador, 01 em Caraúbas, 01 em Nísia Floresta, 01 em Fortaleza, 01 em Porto Alegre, 01 em Santo Antônio do Salto da Onça, 01 em Miguel Calmon (CE), 02 em Angicos, 01 em Manaus e um em Mossoró.

Quanto aos acadêmicos, ingressaram 143 no total, incluindo os recém eleitos e ainda não empossados.

São 62 juristas (43%), 16 médicos, 16 jornalistas, 14 educadores, 06 padres, e o restante tem profissões variadas.

As cadeiras 01 e 39 até hoje só foram ocupadas por juristas. A cadeira 06, só educadores. A 22, só por padres.

Com exceção das cadeiras 06, 14, 18, 22, 29 e 38, todas as outras - 34 - em algum momento foram ocupadas por juristas.

O livro reúne todo o acervo histórico da ANL, chegando a relacionar até os vultos norte-rio-grandenses que não ingressaram; os sócios honorários, de honra, beneméritos e correspondentes; e fala da sua biblioteca, publicações, revistas, tudo ilustrado com boas fotografias.

É a obra de referência, base para quem pretenda escrever sobre nossa imortabilidade acadêmica.

Estou escrevendo um ensaio sobre nossa formação bacharelesca e o livro de Leide tem ajudado muito na obtenção de dados e informações.

Leide fez um belo e exaustivo trabalho.

Nossas congratulações acadêmicas.

RICARDO DE MOURA SOBRAL é escritor e advogado, membro do IHGRN e da ACLA-PSN.

The background is a dark, monochromatic illustration. It depicts a landscape with rolling mountains in the distance, a body of water in the middle ground, and a small town or village with various buildings. In the foreground, there are several palm trees and a fence-like structure. The overall style is graphic and minimalist, using shades of gray and black.

ENTREVISTA COM O ESCRITOR
NELSON PATRIOTA

CONVERSA COM NELSON PATRIOTA

Lúcio Oliveira

“Read me, do not let me die!”

(“Leiam-me, não me deixem morrer!”)

Edna Saint Vincent Millay

Para a apreciação livre do público leitor desta especial publicação, segue abaixo a entrevista que tive a honra e a felicidade de fazer com o saudoso Nelson Patriota, um dos mais importantes intelectuais do Rio Grande do Norte, que nos deixou neste mês de janeiro de 2021.

A entrevista, feita exatamente em janeiro de 2011, completou agora dez anos. Tendo em vista as aguçadas visão e inteligência de Nelson, sempre à frente do seu tempo, acredito mesmo que há ainda um grande frescor nas palavras que todos poderão ler adiante.

Alguns anos depois, tornamo-nos confrades na Academia Norte-rio-grandense de Letras, o que ampliou a minha honra e as possibilidades de parcerias intelectuais, infelizmente encerradas com o falecimento precoce e muito lamentável do nosso querido Nelson.

Escritor, acadêmico da ANRL, crítico literário, poeta, tradutor (poliglota), editor, revisor, Nelson desenvolveu sempre as suas atividades intelectuais com seriedade, honestidade e com olho e a mão extremamente meticolosos. Tudo que produziu mantém a marca da qualidade e do esmero. Desde a época em que foi editor d’O Galo (onde publiquei textos, com a anuência e a aprovação luxuosa de Nelson e Luís Carlos Guimarães, pela primeira vez), tenho um respeito elevado por Nelson.

Nelson se dedicou também à literatura de ficção, com livros como “Colóquio com um Leitor Kafkiano”, de contos, o que

demonstra mais uma vertente que segue com primor. E Nelson já anunciava, na época da entrevista, que viria de sua lavra um romance, além de uma seleção de pequenos ensaios com fulcro na literatura norte-rio-grandense. Também ingressou, com qualidade indiscutível, na poesia (fiz as orelhas de um belo livro de odes publicado por Nelson).

Vieram aos leitores várias outras obras. Foi um luxo verificar que Nelson não se acomodara num único gênero dentro das suas amplas possibilidades do fazer literário. A palavra de Nelson foi até onde foram o seu olho sensível e a sua profundidade de alma. Confiram e confirmem a grandeza intelectual e humana de Nelson Patriota, lendo o nosso diálogo.

Vamos à conversa com Nelson Patriota, eterno mestre e confrade:

L.O. Nelson, em primeiro lugar quero expressar a minha especial curiosidade acerca da importância e da realização de uma vida pessoal dedicada às palavras literárias. Isso lhe satisfaz e/ou satisfaz? Isso lhe preencheu profissionalmente? Houve impasses nessa história?

N.P. Eu poderia dizer que tem sido uma forma de satisfação pessoal, haja vista que o convívio diário com os livros é uma escolha, dentre inúmeras outras que eu poderia eleger na vida. Optei por escrever e isso supõe a leitura como ponto de partida e de chegada: uma simbiose que se renova no próprio ato da leitura/escrita. Eu não diria que isso me satisfaz profissionalmente, até porque sendo jornalista e exercendo esse ofício, entre outros, me sinto profissionalmente dividido. Mas é uma opção pessoal inegociável, não importando satisfações profissionais que daí decorram. Quanto a impasses, enfrentei-os de diversos tipos, mas sempre soube o que quis.

L.O. Que estágio de sua trajetória intelectual você se considera vivendo atualmente?

N.P. Estou vivendo uma fase de estabilidade em que administro minha obra e encaminho-a para um determinado sentido. Para isso, faço opções e elejo prioridades, tanto de escritura quanto de leitura. Devo confessar, ao contrário de alguns escritores, que preciso da leitura, pois ela alimenta o que escrevo. Para dar um exemplo, planejo publicar nos próximos meses uma seleção de pequenos ensaios centrados na literatura norte-rio-grandense, fruto, aliás, de leituras que fiz nessa área.

L.O. Em que a experiência com a editoração de O Galo contribuiu, Nelson, para sua construção como intelectual?

N.P. A experiência à frente de O Galo foi importante para aprofundar minha convivência com escritores de minha geração, especialmente os nordestinos, mas também de outras regiões do país. Dirigir O Galo também me ajudou a me disciplinar profissionalmente e desenvolver um modo de ver e avaliar o que chamamos de literatura, sua função, seu valor, seu alcance etc. Posso dizer ainda que esse diálogo multiliterário me auxiliou a amadurecer conceitos e valores literários. Acrescentaria, porém, que minha relação com a literatura começou efetivamente no convívio doméstico, com meus pais e irmãos. Outro momento importante foi minha experiência profissional no jornal A República, duas décadas antes de O Galo, quando criei uma página literária dominical que deu origem ao suplemento cultural Contexto, na mesma “República”, do qual fui também editor.

L.O. Que transformações O Galo produziu no que concerne à Literatura Potiguar (e Nacional)?

N.P. Não creio que O Galo, em suas diversas fases, tenha produzido alguma transformação significativa na literatura potiguar, mas sem dúvida deu frutos diversos. Um deles foi a minha Antologia poética de tradutores norte-rio-grandenses (EDUFRN, 2008), cujo embrião foi O Galo. A fortuna crítica que ajuntei à edição crítica do livro *Corpo de Pedra*, de Bosco Lopes, editado também pela editora da UFRN em 2007, retirei-a integralmente da edição de O Galo que dediquei ao poeta Bosco Lopes. A reedição de 113 traições bem-intencionadas, de Luís Carlos Guimarães, que preparei para a Editora da UFRN, ganhou textos retirados de edições de O Galo. Essas três obras já permitem ver que não foi vão o trabalho feito em O Galo, sem falar que outras obras poderão ser retiradas, num futuro não distante, daí, como uma seleção de entrevistas com poetas e prosadores, por exemplo. Penso, porém, que o trabalho que desenvolvi n'O Galo não acabou. De certo modo, prossegue no trabalho que faço como editor da Revista do Conselho Estadual de Cultura e nas atividades que faço na Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

L.O. A Literatura produzida no RN tem autonomia e essencialidade? Em que patamar se encontra dentro do contexto nacional?

N.P. É difícil julgar coisas como alcance e essencialidade de uma literatura. Mas é evidente que a literatura potiguar tem suas características, limitações e contribuições próprias, e permanece sob o domínio do nome de Luís da Câmara Cascudo, embora menos do que no passado. De todo modo, Cascudo é ainda o nome que mais repercute para além das fronteiras estaduais. O maior paradoxo dessa situação é que, sem ter sido poeta nem ficcionista, Cascudo ofusca todos os demais nomes da nossa literatura. E aí cabe a teoria de Harold Bloom sobre a angústia da influência. Cascudo é uma influência que continua angustiando cada autor

norte-rio-grandense per se. É no convívio com essa influência que a nossa literatura terá de amadurecer para ganhar outras referências à altura dele. Não obstante, é inegável que a poesia norte-rio-grandense tem uma trajetória evolutiva, se a observarmos desde Auta de Souza e Otoniel Menezes, passando por Jorge Fernandes e Myriam Coeli, e chegando até Luís Carlos Guimarães, Zila Mamede e Nei Leandro de Castro. Da mesma forma, o conto potiguar vem ganhando autonomia crescente desde Antônio de Sousa, Otoniel Menezes, Myriam Coeli e Eulício Lacerda a Nilson Patriota, Tarcísio Gurgel e Bartolomeu Correia de Melo.

L.O. Em sua opinião, quais os melhores momentos da Literatura feita no Estado?

N.P. A década de 1920, com Otoniel Menezes, Ferreira Itajubá, Gotardo Neto, Henrique Castriçiano, Luís Patriota, o jovem Câmara Cascudo, entre outros, criou as bases da nossa literatura, definindo sua opção preferencial pela poesia, como ainda hoje acontece, embora em menor intensidade. Os anos de 1950 e seguintes, com a geração de Câmara Cascudo, Américo de Oliveira Costa, Otacílio Alecrim, Esmeraldo Siqueira, Otto de Brito Guerra, entre outros, foi um grande momento das nossas letras. A geração seguinte, com Jarbas Martins, Nei Leandro de Castro, Luís Carlos Guimarães, Zila Mamede, Sanderson Negreiros, Nilson Patriota, Jurandyr Navarro, Moacy Cirne, Diógenes da Cunha Lima, Anchieta Fernandes, Jaumir Andrade, Manoel Onofre Jr., Francisco Sobreira, Dorian Gray, Newton Navarro, Bosco Lopes, Tarcísio Gurgel, Dailor Varela, entre outros, explorou caminhos mais diversificados, como o romance, a poesia, o ensaio, a crítica literária etc. A geração atual, com Bartolomeu Correia de Melo, Pablo Capistrano, Paulo de Tarso Correia de Melo, Clauder Arcanjo, Carmen Vasconcelos, Lenilson Antunes, Leide Câmara, Francisco Ivan, Volonté, Dácio Galvão, Carlos de Sousa, Cláudio Galvão, Lima Neto, Lívio Oliveira, David Leite, Valério Mesquita, Inácio Magalhães de Sena, Elí-

sio Medeiros, Vicente Serejo, Ivan Maciel, Cláudio Emerenciano, Iracema Macedo, Marize Castro, Diva Cunha, entre outros nomes, se mostra não menos produtiva, expandindo os caminhos já explorados pela geração anterior e aprofundando temas como a tradução poética, a biografia, o ensaio histórico, a musicologia etc. Com isso, podemos ver que nossas letras seguem num processo de desenvolvimento, renovação e expansão.

L.O. Nelson, como conciliar os papéis de crítico literário e autor, sem afetar ambas as facetas do escritor e intelectual?

N.P. Como afirmei acima, minha escritura se alimenta de minhas leituras, na medida em que me sugerem ideias, me propõem desafios, me inspiram projetos e enriquecem minha experiência de vida. Assim, não posso ver qualquer tipo de conflito ou incompatibilidade entre as leituras literárias que faço, paralelamente às atividades de crítico, ensaísta e tradutor e, ainda, de ficcionista. Alguns contos do meu livro *Colóquio com um leitor kafkiano*, de 2009, seriam inimagináveis sem certas leituras literárias, e não só de Franz Kafka, como agudamente observou o crítico Tácito Costa, aliás um excelente leitor, da linhagem de Manoel Onofre Jr., Pedro Vicente Costa Sobrinho, Vicente Serejo e Paulo de Tarso Correia de Melo.

L.O. Fazer crítica literária é algo perturbador? Em que medida é vital para a Literatura?

N.P. A crítica literária sempre foi uma atividade vista como essencial para a renovação de qualquer literatura, pois é a crítica que determina, pouco a pouco, o que é transitório e o que é permanente numa dada literatura, suas nuances, suas inflexões, suas inovações etc. Se eventualmente isso pode ser algo perturbador não é uma questão essencial; a crítica pode ser prazerosa quando depara com uma descoberta que passara despercebida numa primeira

leitura e aflora numa segunda; pode ser enervante quando depara com um mau livro, um mau romance, pretensioso e fátuo; pode ser intrigante quando produz perplexidade e espanto à primeira leitura etc., mas sempre acrescenta e ilumina as veredas literárias.

L.O. Nelson, você teve publicado recentemente um livro de contos. E tem no prelo um romance. Em que medida o romance é a continuidade do conto? Ou são gêneros absolutamente autônomos?

N.P. Romance e conto às vezes se confundem, de tão próximos que são, já que se distinguem, em geral, pelo número de páginas. É evidente, porém, que o romance pode se distinguir por dispor de uma estrutura muito mais complexa do que o conto. No meu caso, posso dizer que o fato de escrever contos há muitos anos, me deu confiança para tentar o romance. Mas nada implica que não existam romancistas sem contos e contistas sem romance. O argentino Jorge Luis Borges é um contista que nunca escreveu romance. Entre nós, Tarcísio Gurgel e Bartolomeu Correia de Melo são dois contistas que não se aventuraram, até o presente, pelo romance. É mais raro que se dê o contrário.

L.O. A experiência como tradutor lhe agrada e lhe beneficia como escritor? Em que medida?

N.P. cheguei à tradução literária depois de ter trabalhado com traduções diversas de línguas como o francês, o inglês, o espanhol, entre outras. Traduzir poesia se tornou para mim um desdobramento de outras traduções, haja vista que a leitura da poesia em outros idiomas sempre traz consigo o desafio da tradução. Foi assim que comecei a traduzir Skakespeare, Goethe, Tennyson, Auden, Frost, Borges e, ultimamente, a argentina Maria Negroni cuja prosa poética deita raízes no Baudelaire do *Spleen de Paris* e dos Pequenos poemas e prosa e evoca o Pierre Michon de Vi-

das Minúsculas e o Haruki Murakami de “Blind Willow, Sleeping Woman”. Meu interesse por tradução poética cresceu devido ao diálogo permanente que mantenho com o poeta Jarbas Martins, leitor apaixonado de poesia. A amizade com o poeta Luís Carlos Guimarães foi outra influência fundamental para a ideia da “Antologia poética” que publiquei. Como traduzir é também uma forma de criação (ou recriação), sinto grande prazer intelectual em traduzir Tennyson, Auden e Goethe e outros poetas de minha eleição.

L.O. Que momento vive hoje a Literatura Brasileira? Temos um futuro alvissareiro?

N.P. É difícil avaliar a literatura contemporânea brasileira, são muitas regiões, cada uma com seus autores e que, muitas vezes, ficam restritos a ela e só após anos é que repercutem em outras. Sei que o Brasil tem hoje, como teve em outras épocas, bons, medianos e maus escritores. Já temos um presente alvissareiro em termos literários, haja vista a dinâmica que caracteriza o mercado editorial brasileiro e o movimento nas livrarias, nas feiras de livros etc. O nosso amor próprio, porém, só se dará por satisfeito quando tivermos um Nobel de literatura, como propõe o escritor Fernando Monteiro em seu livro *O Grau Graumann*, que imagina um Nobel brasileiro de origem germânica. Mas isso é outro departamento, como diria o poeta Bosco Lopes.

L.O. E a Literatura do RN? Como se situa no atual contexto das letras nacionais?

N.P. Se formos medir em termos de best-sellers, talvez não tenhamos muito o que comemorar. Mas se observarmos o vigor, a diversidade e a ousadia dos nossos poetas e ficcionistas, biógrafos e ensaístas, a literatura que se faz hoje no Rio Grande do Norte é dotada de grande riqueza e criatividade comparativamente ao que se faz em Estados vizinhos, como Paraíba, Ceará e Pernambuco.

L.O. Em sua opinião, as Academias de Letras detêm alguma finalidade importante no contexto atual?

N.P. As Academias de Letras e outras instituições públicas de cultura sempre tiveram um papel importante enquanto instâncias animadoras das letras, embora, às vezes, esse dinamismo seja alterado por períodos de acomodação. Lembremos que faltou à glória da Academia Francesa o nome de Molière; à brasileira, o grande poeta Mario Quintana e à norte-rio-grandense o grande vate Ottoniel Menezes. É que por trás das instituições estão os homens, com seus interesses, suas idiossincrasias, seus projetos pessoais que nem sempre traduzem os interesses maiores da cultura, embora possam, sim, se mostrar em sintonia com esses interesses. Encaradas de um ponto de vista pragmático, poderíamos afirmar que as academias de letras e afins são melhores na medida em que mais bem dialogam com os outros meios culturais, que se abrem à sociedade em que se inserem, e vice-versa.

L.O. Nelson, estabeleça, se possível e se quiser, um mínimo cânone de autores mundiais da atualidade.

N.P. Um cânone mundial contemporâneo é algo que foge ao meu alcance, até porque não me acho em condição de dar conta de tantos nomes, tantas geografias literárias. Mas tenho minhas preferências estrangeiras: Gabriel García Márquez e seu insuperável Cem anos de solidão, os tantos romances de Mario Vargas Llosa, de Adolfo Bioy Casares, dos uruguaios Juan Carlos Onetti e Horácio Quiroga, o tão presente Borges, o onipresente Saramago... Dos europeus em atividade, os portugueses Antônio Lobo Antunes, Agustina-Bessa Luís e Miguel Sousa Tavares, os franceses Michel Houellebecq, Jean-Claude Carrière, J. M. G. Le Clézio e Pierre Michon, e os ingleses Doris Lessing e Ian McEwan, o italiano Umberto Eco, os alemães Martin Walser e Günter Grass, o albanês Ismail Khadaré, o egípcio Naguib Mahfouz, a canadense Margaret Atwood, e, mundo afora, os americanos Philip Roth,

John Cheever, Raymond Carver, Norman Mailer, Paul Auster, o sul-africano J. M. Coetzee, os japoneses Yasunari Kawabata e Haruki Murakami e outros. Sem falar que nesse processo de leitura, que é, aliás, um processo livre, podemos recuar aos clássicos e, em seguida, contatarmos um novo escritor, que não precisa necessariamente ser nosso contemporâneo.

L.O. E nacionais? (Não pedirei, Nelson, para fazer o mesmo com a Literatura do RN. Afasto de você esse cálice).

N.P. Estes formam um conjunto muito variado: João Ubaldo Ribeiro, Gilberto Mendonça Teles, Fernando Monteiro, Raimundo Carrero, Carlos Trigueiro, Rubem Alves, Ronaldo Correia de Brito, Francisco Carvalho, Jorge Tufic, Ariano Suassuna, Marco Lucchesi, Maria Lúcia dal Farra, Claudio Aguiar, João de Jesus Paes Loureiro, Hildeberto Barbosa Filho, Ivo Barroso, Renard Perez, Francisco Dantas, Ruy Espinheira, Marcus Accioly, Jaci Bezerra Lima, Cristovam Tezza, Edson Nery da Fonseca, Carlos Heitor Cony, Milton Hatoum...

L.O. O que é que um leitor deseja? Como escolher autores e livros?

N.P. Como leitor, desejo um livro bem escrito e que conte uma história de vida, ou seja, um romance, um conto, uma novela, enfim, uma narrativa que fale de algo que amplie minha visão do humano. Os grandes livros se parecem nesse aspecto, mesmo quando enveredam pelo terreno do fantástico, das aventuras extraterrestres, das sagas e dos mitos porque, no fundo, como disse Lukács, toda literatura é, na essência, realista, isto é, humana.

L.O. O que um escritor almeja? Como conquistar o leitor?

N.P. Lançando mão de um velho truísmo, diria que todo escritor quer ser antes de tudo lido. A poetisa americana Edna Saint

Vincent Millay expressou essa ideia num verso famoso: “Read me, do not let me die!” (“Leiam-me, não me deixem morrer”), e Saramago pediu que o lessem em voz alta, a fim de preservar a oralidade que perpassa sua prosa. Mas é claro que, no fundo, cabe ao leitor a última palavra nessa questão, o que revela também a enorme fragilidade que cerca o ofício do escritor.

L.O. Que contribuições as novas mídias, internet, livros digitais podem dar às letras?

N.P. Estamos ainda engatinhando na era da internet. Mas o que temos visto até agora nos permite fazer algumas ilações sobre o potencial da rede mundial e suas conseqüências, comparáveis à revolução que Gutenberg promoveu com seus tipos móveis capazes de reproduzir indefinidamente um texto qualquer. A arte, a poesia, a ficção, já se beneficiam grandemente de invenções como o e-book, o e-reader, os leitores eletrônicos, as comunidades virtuais, a instantaneidade das mensagens, os e-texts, os infopoemas etc. Mas ainda é cedo para avaliar o impacto dessas invenções sobre o universo literário.

L.O. Em sua opinião, o livro, como suporte físico da palavra, vai desaparecer algum dia?

N.P. Não creio, embora admita que muitos internautas tentam vender essa ideia como uma vantagem. A rigor, acho que se a literatura migrasse totalmente para a rede mundial, perderia visibilidade e se refletiria num empobrecimento geral do homem. Não podemos correr o risco de restringirmos a leitura a uma máquina. Máquinas são falíveis, às vezes “rebeldes” entram em colapso, aturdem, confundem e respondem mal ao que se espera delas. Há uma questão ainda mais grave por trás disso: como haveremos de atrair as crianças para a literatura, senão lhes oferecendo belas edições, com ilustrações, letras atraentes, relevos (pop-ups), que

elas possam transportar para onde o desejarem, abrindo-as e folheando-as onde quiserem? Isso só poderá ser realizado por meio do objeto livro; uma máquina, por mais “inteligente” que seja, poderá cair e quebrar. E fechada, não constituirá qualquer atrativo para uma criança. E se a criança não for atraída para a leitura e, conseqüentemente, para a ficção, como formaremos novos leitores no futuro? Ou contamos com o fim da literatura nesse tempo? Aí haveria então de se cumprir a maldição de Fukuyama: seria o fim da história, ou seja, da humanidade. Acho que o livro provou que é um aliado dos homens e não merece (seria perigoso), portanto, esse degredo que alguns tantos apressados tentam oferecer como vantagem. Preferirei sempre o livro em papel, até por uma questão estética, “epicurista”, mesmo. E me dou conta cada dia mais que não sou uma voz minoritária.

L.O. Nelson, quais são suas perspectivas e metas quanto à produção literária pessoal?

N.P. Espero publicar alguns livros que já escrevi na área do conto, do romance, da crítica, do ensaio. Espero ainda escrever outros livros de ficção e, sobretudo, ler a ótima prosa literária, a excelente poesia, os grandes ensaios que, felizmente, existem em farta medida neste mundo. Gosto de pensar, como Borges, que alimento esse pecadilho da vaidade que é jactar-me dos livros que li e leio e, às vezes, releio. Os livros alheios nos permitem essa forma desculpável de vaidade.

HUMOR NOSSO DE CADA DIA



MEMÓRIA POPULAR VIII

Valério Mesquita

01) Joaquim Inácio de Carvalho Neto, descia por gravidade nas trilhas da política. Era um trem desgovernado ladeira abaixo. Numa campanha que Erivan França batizou-o de “Cavalo da Oposição”, Carvalho Neto devolvia em praça pública no calor do radicalismo: “Eu sou uma cobra caninana!!”. Interpelado sobre os fatos, o “majó” Theodorico Bezerra com a sabedoria sertaneja respondeu: “Meu filho, quem pensa que é tudo, não é nada. Afinal, lugar de cobra é no chão. O ditado já diz: “Se Deus tivesse dado asas a cobra, tinha tirado o veneno””

02) João Pereira, líder incontestado da região de Patu, duas ou três vezes prefeito do município, tinha uma filha lindíssima. Somando aos demais predicados, a moça era muito educada. Estudando em Mossoró, ela se apaixonou por um jovem e o levou para conhecer a família. “Papi”, disse a filha Graziella, “esse é Roberto, meu namorado. Eu pretendo casar com ele. É um bom rapaz. Não fuma, não bebe e não joga. É uma pessoa sem defeito. Aliás, o único defeito de Roberto é ser pobre e assalariado”. O velho prefeito coçou a barba e prelecionou do alto de sua nordestinidade: “Taí, minha ‘fia’. Ser pobre é um defeito que cobre todos os outros. Mas, se você quer sofrer, abra as “cancelas” e vá em frente”.

03) Uma fase de descontentamento e racha invadiu a política mossoroense décadas passadas. O grupo do deputado Vingt abria uma dissidência com os Maias tarcisistas e isso repercutiu até em Brasília. Vingt não aceitava as imposições de Tarcísio e surgiu aí o “voto camarão”. Fazendo campanha pelo nordeste, o presidente Figueiredo, disse em praça pública em Mossoró: “Vim ao Rio Grande do Norte comer camarão com cabeça e tudo!!”. Vingt, cercado por amigos, ouviu em sua residência a frase fluvial e rebateu

ao seu modo: “Conheço Brasília há muito tempo. Lá eu nunca vi um doido rasgar dinheiro. Agora, comer cabeça de camarão que é o mesmo que comer bosta, estou tendo agora a confirmação...”.

04) A política sempre foi desacreditada e cômica. Todo dia surge um figuraço. Até que um dia, apareceu Miguel Mossoró, prometendo uma ponte Natal-Fernando de Noronha. Em conversa informal, um amigo indagou ao senador Garibaldi Filho: “O que acha disso, Gari?”. Calmamente, ao seu jeito descontraído, respondeu: “Faço minhas as palavras da doutora Juliana Alcoforado: ‘Fascina-me o poder assustador da imaginação...’”.

05) Em Caicó, nos bons tempos em que Álvaro Dias e Vivaldo Costa eram correligionários, Renato Dias, irmão do então deputado estadual Álvaro Dias, discursava inflamado na praça pública elogiando o Papa. “Vivaldo”, proclamava Renato, “é um político que defende com unhas e dentes os interesses da nossa região. E quando se trata de defender Caicó ele tem vontade de mamar em onça!”. Ao seu lado, Vivaldo cochichou: “Menos Renato, menos. Em onça pequena sim, mas onça grande eu tenho é medo!”.

06) Numa sessão da Assembléia Legislativa a discussão da prorrogação da CPI ocupava todo o tempo. Com a palavra o deputado Leonardo Arruda, que estranhava o desaparecimento do presidente da comissão de licitação da Caern que, convidado a depor, apresentou justificativas diversas e, segundo o orador, “foi se refugiar numa casa de praia de Tamandaré, Pernambuco”. Nesse instante, o representante do PDT é aparteado pelo deputado Arnóbio Abreu que o corrige: “V.Exa. está distorcendo os fatos. Na reunião da CPI desta manhã, V.Exa. foi informado que ele se encontrava na casa de sua mãe!”. “Da minha?”, pergunta, atônito, o deputado Leonardo entre as risadas de todo o plenário.

07) Recebi do amigo Ney Lopes, através do jornalista Aluisio Lacerda, o seguinte caso. Em 1972, o Brasil comemorou o sesquicentenário de sua independência. Ney era chefe da Casa Civil no governo de Cortez Pereira e foi o organizador da festa no

Rio Grande do Norte. Os restos mortais de D Pedro I, foram trasladados estado a estado do país. O RN recebeu da Paraíba. Quem veio entregar foi Ernani Sátiro, então governador de lá. Ele bebia muito. E no Hotel dos Reis Magos, no almoço, após solenidade no Palácio, tomou uns uísques e se voltou para Cortez, com rosto avermelhado e gritou: “Cortez, quer saber a verdade? Dentro dessa urna não tem nenhuma ossada desse raparigueiro D Pedro I. Ele foi um devasso, sem futuro”. O general Teófilo, quatro estrelas, era da Presidência da República e ouviu tudo. Todos achamos muita graça. O general ficou sisudo, ante a irreverência de Sátiro.

08) Mossoró, década da luz na política do Rio Grande do Norte, onde ponteficou e reinou o líder Aluísio Alves. A Rádio Difusora local pertencia a Renato Costa. O jornalista David de Medeiros Leite que me repassou a história, contou-me que o vigia Mourão, aluizista de pé roxo, notabilizou-se pelo seu fanatismo na briga do vermelho e do verde. Com a notícia em 1966, de que Aluísio teve os direitos políticos cassados não se rendeu às evidências. Ao ouvir o comentário de que o filho do ex-governador, Henrique, ia suceder o pai na política, Mourão, saiu-se com essa: “Ora, se o pai era forte com dois “A”, imagine o filho “Anrique”? São três “A”, menino!!”.

09) Uma figura especial do folclore político de Mossoró foi D. Hilda de Medeiros Leite, doze filhos, considerada “senadora”, também do movimento político das mulheres mossoroenses pró-candidatura de Aluísio Alves, nos anos 60. Completou 90 anos em dezembro de 2020. Professora e comerciária, foi casada com Aldemar Duarte Leite, já falecido. Histórias, fotos e depoimentos sobre D. Hilda, no desempenho político em favor da “Cruzada da Esperança” constam do livro “Dona Hilda, Simples em Todos os Aspectos”, organizado pelas filhas Maria de Fátima, Maria Helena e Valdete Medeiros Leite. David Leite, na conversa do cafezinho, me falou que a fidelidade política de sua genitora (ele é o filho caçula), desde o tempo de Aluizio, era tanta, que até a posse do senador Garibaldi Filho em Brasília, ela estava lá, firme e forte, no testemunho da herdade política dos Alves. Na eleição de

Gari (Garibaldi) para governador, ela fez promessas publicamente que faria um farto e suculento café da manhã oferecido aos gari de Mossoró, caso ele ganhasse a eleição. Promessa feita, promessa cumprida. O que foi de gari na cidade empanturou-se no banquete. Ao final, ela escutou uma pergunta inocente de um deles: “Dona Hilda, quando é que vai ter outra “inleição”?”.

10) O saudoso prefeito Dix-Huit, certa vez, autorizou o secretário da pasta a viajar a São Paulo e lá pesquisar vários transportes que serviriam à frota da prefeitura. O vereador Expedito Bolão, ciente da história, prontificou-se a fazer companhia ao auxiliar municipal e assim, “conheceria “Sum Palo”. Os dois emissários iriam via Fortaleza e de lá, embarcariam de avião. Expedito, num misto de alegria – era o primeiro voo – e de medo, pensou por bem “encher a cara” antes do embarque. Depois de meia hora no ar, ele tanto roncava, como bufava. O colega de lado, pensou pregar-lhe uma peça. “Expedito, Expedito!”, disse o amigo. “Acorda, homem! O avião faltou gasolina!”. Bolãozinho, sem sequer abrir os olhos balbuciou cheio de “mé”: “Mande encostar aí num posto, que eu dou cinquenta contos pra ajudar no combustível”. E voltou ao seu sono.

11) Um caso inusitado aconteceu em Natal. Um guarda municipal, conhecido por fazer parte dos “amarelinhos”, encostou a moto (instrumento de trabalho), e foi dar uma informação a um motorista. Ao voltar, a surpresa: furtaram a moto! Comunicaram o acontecido à secretária do gabinete da prefeitura, que, por sinal, estava ao lado de Carlos Eduardo. Naquele momento o prefeito dava uma entrevista coletiva, porém não perdeu a calma. Pediu licença aos repórteres, sublinhou com seriedade que o caracteriza: “Quero abrir um parêntese em face de uma ocorrência agora mesmo e fazer um apelo: senhor ladrão! Por favor, devolva-nos essa moto, pois a situação da prefeitura é pior que a sua. Muito obrigado!”. E tocou pra frente a entrevista. O veículo foi encontrado, abandonado num matagal. Aconteceu, virou manchete...

VALÉRIO MESQUITA é escritor e advogado. Membro da Academia Nortério-grandense de Letras, ex-presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor de “Notas de Ofício” e vários outros livros

CONTOS E CRÔNICAS



ATÉ

Clauder Arcanjo

— Até agora, não tenho a resposta.

Ouviu aquilo e resolveu sair; nem sequer quis saber de mais nada. Aquilo lhe bastava.

Trouxera com ela a certeza do aceite dele. Fora uma proposta tentadora. Logo, julgara, ela receberia o “de acordo” sem mais delongas.

Ao pôr os pés na estrada, revisitou, no caminho de volta, as palavras que usara ontem. “Será que fui clara?” Ela sempre a colocar a dúvida em si, nunca no outro. Desde pequena, segundo sua parentada, era aquele o seu jeito de agir. Não seria diferente depois de velha e surrada pela vida.

Entre as passadas pequenas, a cena e o diálogo correram frente à sua vista, embaçada pelo início da catarata. “Não! Eu fui muito clara e direta. Era pegar ou largar! Mas, ele pedira um tempo. Até porque ele é homem já entrado nos trinta e, segundo soube, metido com as letras e as sabenças dos doutores. Não, não se tratava de ter colocado mal as palavras!”

Com pouco, uma nuvem encobriu o sol que se fazia forte. Com a mão direita em pala, ela visou o nascente; velha mania de ver se viria chuva. Resmungou uma rabugice de si para si. “Tome tento, mulher! Estamos ainda em outubro. Onde já se viu!?”

Na curva seguinte, a casa velha se apresentou. Teve a impressão de ver Mariquinha no alpendre, ansiosa pelo desfecho. A coitadinha, de mala pronta, já passara a noite em claro. “Comadre, ele vai aceitar, não vai!?”. Da boca seca, ela ainda conseguira fazer sair: “Durma, minha filha! Deus é grande, Deus é pai!”.

Parou, enxugou o porejado do suor na testa larga, ajeitou o grampo grande que prendia-lhe o cocó no cocuruto e abriu, decidida, a porteira.

A carreira desabalada de Mariquinha ao seu encontro espantou a criação que pastava no quintal. Quando ela estancou em sua frente, ouviu da boca da velha, como se em arte de ventríloqua:

— Até agora, não tenho...

E, crivando as unhas nas carnes das mãos secas, ela proferiu, entredentes:

— Até agora; mas, de amanhã, Mariquinha, isso não passa. Ah!, que não passa, não passa!

CLAUDER ARCANJO é poeta, escritor e editor, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, e da Academia de Letras do Brasil. Autor de “O Fantasma de Licânia”, “Lápis nas Veias” e vários outros livros.

INSUBMISSA

Josimey Costa da Silva

A campanha da escola soou anunciando o fim do recreio. O toque foi recebido com muitos gritos de decepção e protesto, que foram amainando à medida que a pequena multidão de alunas, de todas as idades, da puberdade à adolescência e com vestidos brancos pregueados, deixava o pátio e se encaminhava para as salas de aula. Uma delas se atrasou, o que acontecia com alguma frequência. Como em outras vezes, Maria Eugênia havia se isolado da balbúrdia para retirar um livro da biblioteca e, sentada em um canto do pátio, ler enquanto podia. Por sorte, o *bullying* ainda não era moda naqueles tempos. O silêncio era o que funcionava como sinal para ela, indicando que o ruído das colegas estava contido no disciplinamento das classes para moças de bom berço. Não que isso constasse do seu currículo, o berço bom, mas como o dinheiro não requer *pedigree* desde que baste, o da sua avó lhe garantia lugar entre as *new face* da *High Society* da época.

Tantos anos lendo livros de literatura clássica no recreio, lendo as revistas em quadrinhos do pai sobre machos super-heróicos em casa, lendo revistas femininas frívolas de consumo rápido no ônibus, lendo fascículos de enciclopédias de divulgação científica na espera pela consulta da assistência médica social, lendo romances açucarados no banheiro enquanto a família batia na porta reclamando cada um a sua vez... tanta leitura só podia dar nisso: um enorme, redondo e avassalador questionamento. Que veio mais ou menos assim para Maria Eugênia: “por que estou lendo aqui no recreio sobre o que acontece com meninas que brincam no pátio enquanto elas fazem acontecer aquilo sobre o que eu estou lendo?” Claramente, isso não se deu de um dia para o outro; foi num processo que teve, pelo meio, a leitura de uns quantos títulos pornográficos de Cassandra Rios, que a mãe dela escondia no fun-

do do guarda-roupa pensando que ninguém encontraria, muito menos a sua filha, tão jovenzinha, séria e compenetrada. Esse ato secreto de leitura não autorizada de Maria Eugênia permaneceu sem nenhuma atualização por muito tempo, fazendo com que ela confundisse o nome da autora e pensasse haver lido, às escondidas, os livros de Adelaide Carraro. Só adulta, descobriria que as duas escritoras eram vítimas do obscurantismo dos tempos da ditadura militar brasileira, com quase 50 obras censuradas no total entre ambas. Quando estudava naquela escola, ela nem sabia que havia ditadura e, muito menos, censura, a não ser a da mãe, muito fácil de burlar. A escola dava banquetes aos presidentes que visitavam a cidade; lhe parecia ser regra geral que generais presidissem um país, não que fossem a exceção que realmente encarnavam.

“Aí, eu me rebelei contra mim mesma”, Maria Eugênia me contou um dia. “Cansei de ficar lendo em retiro do mundo. Fui pra vida, fui acontecer também. Do meu jeito, claro”, explicou, rindo. Naquele período das nossas histórias, tínhamos começado a relembrar o passado porque o presente então desacelerava o seu ritmo oxidante; afinal, já nos tinha enchido de radicais livres. “Sabe como?”, ela continuou, “comecei a escrever. Nada de pensamentos edificantes, altas reflexões. Uma novelinha! Bem romântica, mas cheia de insinuações eróticas. Bom, eróticas para mim, né, que tinha uns 13 anos e era virgem”. Maria Eugênia foi escrevendo e narrando a sua novelinha em capítulos durante o recreio para as amigas mais chegadas, que se sentavam em círculo e ouviam a narrativa num silêncio expectante. Uma delas se empolgou, tanto que também narrou sua própria novela, muito melhor do que a da minha amiga, que humilhação! Só até a outra confessar que estava contando uma fotonovela recém-lida, que alívio! Depois de pronta, a novelinha de Maria Eugênia virou um livrinho de papel de caderno grampeado, que passou de mão em mão entre as alunas internas da escola até chegar às mãos da severa professora responsável pela disciplina do internato. Era uma mulher cheia de corpo, de cara redonda e pouca vaidade. Chamou Maria Eugênia

em particular, olhou bem para ela e perguntou se tinha escrito aquele manuscrito sem autor. Minha amiga não mentiu, não ia adiantar nada, todo mundo sabia, ela também já devia saber. Aí, a professora deu um sorrisinho maroto: tinha lido e gostado, ufa! De todo modo, nunca mais se viu o único e manuscrito exemplar de “Amor de ponta a ponta”.

Maria Eugênia, quando a conheci, era gordinha e usava óculos fundo-de-garrafa. Vivia antes no Piauí e tinha vindo estudar naquela escola para moças por causa de uma tragédia: o seu pai havia assassinado a sua mãe, sendo condenado e preso, já que não tinha bastante dinheiro para bons advogados. A sua avó materna, que vivia aqui e não tinha muito contato com ela, mandou buscá-la e a internou na escola, usando quase todos os seus recursos financeiros para isso. A mulher acreditava que, assim, estaria lhe proporcionando uma boa educação e o esquecimento. A educação foi útil, apesar de elitista e preconceituosa, Maria Eugênia me disse, mas o esquecimento nunca chegou e eu sou testemunha disso. Anos de psicanálise ajudaram a minha amiga a conviver, mas não a deslembrar o golpe profundo e a dor.

Esse era também um tema das nossas conversas, a psicanálise. Freudiana ortodoxa, lacaniana, junguiana, heterodoxa, presencial, pela internet... “Outra insurreição pessoal. Estava dado como certo que eu era o que era e não podia mudar? Morreria o mesmo pau torto que havia nascido e que a vida entortava ainda mais? Tinha um destino pré-determinado para mim? Me conte outra”, me dizia Maria Eugênia, com uma empolgação de vendedor de veneno de cobra em feira-livre. Antes que a indústria farmacêutica descobrisse a fórmula correta do veneno de cobra, claro. Para ela, tudo era uma questão de autoconhecimento, uma tarefa interminável que a psicanálise ajudava a dilatar. Era como escavar uma nascente: a cada escavação feita, mais água brotava da terra. “Quanto mais me conheço, mais sei o quão pouco me conheço. Só que, no processo, consigo perceber melhor meu papel nos acontecimentos da minha própria vida e posso compreender

mais os outros que fazem essa vida acontecer junto comigo”, argumentava ela. Ah, mas as insurreições nunca são fáceis! Antes de descobrir o tipo de psicanálise mais adequado e um psicanalista competente, ela havia batido em muitas portas. Pelo menos dois psicanalistas tinham dormido durante a sua sessão: “tá certo que minha vida podia ser desinteressante pra eles, mas nunca barata! O preço da sessão era bem salgadinho e o *cabra* cochilando, pode?”, debochava. A necessidade e a persistência, por fim, venceram e ela saiu ganhando, tanto no acerto do profissional quanto no preço da sessão, agora resultado de um acordo entre o psicanalista e ela.

O único tio paterno de Maria Eugenia que também morava em Teresina era mais velho que o pai dela. Um homem calado, havia sido militar na juventude e, depois, passou a trabalhar dirigindo o próprio caminhão no transporte de cargas pela cidade. Em casa, também falava pouco e era temido por todos da sua família. Não era um homem para brincadeiras. Até o seu cachorro, da raça pastor alemão, se encolhia todo quando o via, sempre surrado pelo dono, tanto que chegava a se urinar de agonia. Maria Eugênia tampouco falava com o tio. Só que, um dia, para sua surpresa, o tio ficou muito carinhoso. De repente. Sem falar nada. Ela tinha uns 11 anos, os seios crescendo, já menstruava, mas ainda brincava de casinha. Na primeira vez que recebeu o carinho do tio, estava com os primos na casa deles, conversando no quarto de uma das primas. Os primos saíram, ela ficou lendo um livro, “Bambi”, a história escrita do filme da Disney. O tio chegou de mansinho, sem dizer palavra e a abraçou. Abraço demorado, quente, sufocante, o tio era um homem grande e forte. Os primos voltaram, ruidosos e o abraço acabou antes que eles chegassem ao quarto. Maria Eugênia estranhou um pouco aquele carinho desconhecido, aquela demora no abraço, mas ficou calada. Não sabia o que pensar, muito menos o que dizer. E logo esqueceu. Até a segunda demonstração de carinho pelo tio. Ela estava saindo da casa da avó paterna, ele também saía junto com ela, só os dois. O resto da família estava na casa dos pais de Maria Eugênia, poucas casas depois daquela. Era noite. No

jardim cheio de plantas crescendo em desordem, a pouca luz dos postes na rua mal penetrava e a janela da sala da casa da avó, que dava para o jardim, estava fechada. O tio a segurou pelo braço e a abraçou. O mesmo abraço demorado, mais espremido que antes, mais quente, agora com uma mão que buscava seu seio e com algo duro, ainda mais quente que o resto do corpo do tio, na altura do seu umbigo. O tio respirava rápido e ela não entendia o que estava acontecendo. Achou desconfortável, agoniado, queria fugir do abraço, mas era o seu tio... Entendeu tudo assim que ouviu o barulho da porta da casa da avó se abrindo porque o tio a soltou e se afastou dela na mesma hora. Ela, então, saiu correndo dali.

“Sabe que nunca contei isso pra ninguém, fora da sala de psicanálise?”, me perguntou Maria Eugênia. “Acho que foi porque minha mãe me disse para não contar. Que minha tia se horrorizaria, meus primos ficariam com nojo do pai, meu pai iria brigar com o irmão e as duas famílias iriam se separar para sempre. E eu não podia ser responsável por aquilo, né? Aí, fugi do meu tio o resto da vida dele, uns 15 anos mais, só olhei de novo pra ele quando estava no caixão de defunto, morreu de repente. E eu fiquei calada até hoje. Que merda, né, jogar nas costas de uma menina essa responsabilidade toda pela união familiar e esse peso enorme de esconder um abuso...”, ela falou, uma cara inexpressiva, mas com aquele ar de quem ainda tem por dentro uma ferida que está ali, só não sangra mais. “Sempre escuto histórias assim das mulheres que conheço. Mas que bom que agora elas falam, né não? Uma das piores maneiras de subjugar alguém é proibir a sua fala ou não dar nenhum valor ao que diz. Isso, calado, entala na tua garganta e vai te envenenando por dentro e, aí, a única coisa que você pode fazer é gritar”, completou.

Antes de completar 15 anos, Maria Eugênia mudou de escola e entrou em um novo colégio para fazer o segundo grau. Era um colégio misto, com homens e mulheres nas mesmas salas de aula e, curiosamente, nenhum homossexual ou transexual reconhecido entre eles. Nem se falava nisso, a não ser para fazer piada. Esse

colégio também era uma instituição de elite, um pouco mais avançada nos costumes, já que permitia uniformes iguais para rapazes e moças, festas e viagens onde o controle da autoridade escolar afrouxava um pouco. Ainda assim, havia educação moral e cívica, ensino religioso, padrões de conduta valorizados e premiados, castigos para desvios e anomalias entre os estudantes. Junto a tudo isso, a principal forma de controle social já havia sido introjetada pelo alunato: a censura, o repúdio e seus consortes, a vergonha e o desejo de agradar, fazer parte do grupo dominante e ignorar ou menosprezar quem estivesse fora do padrão. Isso era um modelo quase obrigatório para todos os jovens em formação, com sua ânsia comum de serem iguais aos que se colocavam como superiores naquele ambiente. Ainda mais para Maria Eugênia, órfã de mãe, filha de presidiário e com o dinheiro justo para pagar o colégio, sem sobras para cabeleireiro, manicuras, roupas de marca ou viagens de férias. Ela deveria ter seguido como a maioria. Só que não: duas novas amigas, que ela conheceu naquele período, deformaram aquele modelo hegemônico de jovem em formação. Essas duas amigas tinham algo que ela nunca havia encontrado entre seus amigos de antes: inconformação. Ambas vinham de fora, do sul-maravilha, conheciam outras realidades, outros costumes. Ambas fumavam. Nenhuma tinha dificuldades financeiras e as duas gostavam de rir e de ler. Muito. Eram um pouco irônicas, um pouco estudiosas, um pouco desaplicadas, um pouco boêmias, bastante sexualizadas e questionadoras. Sobre tudo. Fugiam às vezes das aulas. Criticavam os valores dos seus pais. Desdenhavam da impostura do elitismo dos colegas de estudo. Debochavam do romantismo, da moralidade burguesa e da tacanhice do lugar-comum.

Nessa época, Maria Eugênia se permitiu experimentar acontecimentos, o que pensava fazer desde pequena. Aprendeu a fumar. Fumou por dois anos. Deixou de fumar. Experimentou bebidas alcólicas. Tomou um porre. Jurou nunca mais beber. Cometeu perjúrio. Leu um montão de livros. Arranjou um namorado. Levou um fora. Arranjou outros. Perdeu a virgindade. Não casou

com o namorado com quem fez sexo pela primeira vez. Foi roubada na rua. Levou mordida de cachorro. Entrou para um grupo de estudos sobre OVINI's, em que os membros falavam telepaticamente com alienígenas e ela, não. Para falar com eles como os outros membros o faziam, precisava ser hipnotizada, e, que sacol, ela não conseguia acreditar na hipnose. Daí, nunca conseguiu que alguém a hipnotizasse. Ah, mas ela, sim, conseguiu hipnotizar algumas pessoas, embora sem grandes consequências. “Parece que, na verdade, cada um hipnotiza a si mesmo”, me explicou ela em uma ocasião.

Todas essas experiências subverteram a forma como Maria Eugênia se portava diante do mundo, o que teve consequências para toda a sua vida partir dali. Quando começou a trabalhar, ela descobriu convenções não escritas que lhe diriam o que não podia fazer: perguntar demais, ter opinião demais, ter ideias diferentes demais; ou ser idiossincrática. No trabalho, qualquer uma dessas atitudes demais era garantia de um emprego de menos. Um dia, nós resolvemos listar as ordens e contraordens que tinham relação com isso: “1 - não te pago para ter ideias, senão, te pagaria muito mais; 2 - faça o que mandamos e deixe que nós nos preocupamos; 3 - essa sua decisão acaba com seu futuro; 4 - agora, qualquer menina de salto alto acha que pode fazer nosso trabalho; 5 - pensei que você só conhecia a prática; 6 - achávamos que você só sabia a teoria; 7 - a proposta é boa, mas tem que mudar muita coisa e o grupo vai resistir; 8 - seu trabalho está excelente, mas contraria alguns interesses lá do alto; 9 - sabemos que isso é um bem coletivo, mas agora os donos somos nós e nós é que mandamos; 10 - você já sabia que só podíamos te demitir, não é?”. É difícil não ser conforme.

Por sorte, Maria Eugênia sempre encontrou um jeito de trabalhar. Foi caixa em bares, deu aulas de inglês para crianças e adolescentes, fez artesanato, produziu espetáculos teatrais, fez concurso público e pediu demissão do cargo, virou executiva de uma multinacional, fundou uma ONG e cuidou da avó idosa, que

morreu e lhe deixou a casa em que morava e alguns quartinhos de aluguel, que lhe permitem viver agora dessa renda junto com sua aposentadoria. Em todos esses momentos de sua vida, Maria Eugênia nunca pôde deixar de escrever. Poucas vezes lhe pagaram por algum escrito, muita coisa é inédita e assim permanecerá. “Tem muita porcaria com alguma coisa de valor no meio”, brinca ela, “mas não escrevo só para publicar. Escrevo porque não posso não escrever, assim como, depois que aprendi a ler, não posso ver nenhuma palavra que não leia”. Ela ainda escreve, sempre furiosamente, obsessivamente, produzindo cada vez mais textos, alguns ainda manuscritos, outros em páginas datilografadas e a maioria agora em muitos *megabytes* na forma de arquivos de computador. Há muitos ensaios e muitas novelas, agora menos românticas e mais realistas, às vezes, surrealistas, futuristas, utópicas, distópicas. Entre esses gêneros, alguns textos inclassificáveis.

“Às vezes, começo a escrever sem nenhum tema, só com uma sensação nova, diferente do que me é comum e aí escrevo quando aparece uma palavra na minha cabeça”, me disse Maria Eugênia naquela noite, quase madrugada. Fazia quase duas décadas que não nos víamos, eu morava fora e vim à cidade para resolver questões de família. Fiquei na casa dela, tínhamos muita vida para atualizar. Maria Eugênia fez uma garrafa de café, que tomava aos baldes desde que tinha parado de fumar e conversamos horas a fio. O tema agora são as mulheres, um coletivo que neste momento é indistinguível. “O que é uma mulher? Difícil responder isso hoje. Quem responde rápido é porque não parou pra pensar”, ela afirmava, tomando mais um gole de café enquanto remexia uma pilha de papéis da sua escrivinha, de onde puxou um bloco grosso de folhas impressas. “Isto aqui é uma novela sobre mulheres espancadas que eu conheço. Conheço mesmo! Leia”. Antes que eu começasse a ler, ela explicou que a primeira das mulheres que ela conhecia e que tinham sido espancadas por seus maridos, era a sua própria mãe; terminou morta, como tantas na mesma situação. A segunda, amiga da mãe, acabou deixando o marido sem nunca se

divorciar, pois era o pai dos seus três filhos. A terceira era empregada doméstica da sua família e, como quase todas em sua condição, duplamente oprimida pelo sistema, uma mãe pobre criando os filhos de outra mulher com mais recursos. “Um dia, ela chegou lá em casa com a cara toda roxa e inchada, um olho fechado e morrendo de vergonha. Dizia que a culpa daquilo tinha sido dela, quem mandou teimar com o marido para que ele não pilotasse a moto bêbado? Quem mandou ela tomar a chave da mão dele?”. Com esse caso de vítima que se acredita culpada, Maria Eugênia parou de contar os números de mulheres agredidas e conhecidas suas, mas não de contar as suas histórias. Uma das mulheres da sua novela era uma alta executiva da indústria local com quem, por acaso, ela teve contato em sua ONG. A mulher tinha sido bestialmente surrada num final-de-semana em sua própria casa, depois de uma noite de vinhos com alguns amigos. O companheiro recente, que era o primeiro na vida dela depois do seu divórcio anos atrás, bateu com força sua cabeça contra a parede, arrancou chumaços de seu cabelo, socou seu rosto, tão violento estava que os vizinhos chamaram a polícia. O casal foi para a delegacia. Lá, ela prestou queixa, mas foi informada que teria que voltar a denunciá-lo na segunda-feira, a queixa estava no lugar impróprio, a Delegacia das Mulheres não funcionava no fim-de-semana, depois teria que fazer exame de corpo de delito, os técnicos do instituto de medicina legal eram todos homens, ela perderia vários dias nesta etapa e ainda haveria o processo judicial na sequência, quem sabe por quanto tempo... e ela desistiu de continuar o processo. Tinha que viajar naquela semana, seu trabalho era exigente e sua imagem pública seria profundamente desgastada. Decidiu expulsar o companheiro da sua casa e tentar apagar a toda a memória da agressão e, principalmente, daquele homem. “Boa sorte para ela”, desejou a minha amiga, não sem alguma ironia.

Antes que eu começasse a ler sua novela, Maria Eugênia pegou o bloco de páginas digitadas da minha mão. “Melhor esta novela ficar pra depois. Leia agora isto aqui, é curto e acho que

é mais importante. Estou escrevendo para uma jornada sobre o feminino, que organizamos para o ano que vem. Vai ter mulher cis, mulher bi, mulher homo, mulher não-binária, mulher trans... vem gente do país inteiro. Do mundo todo! Temos um coletivo que está fazendo ações pra não deixarmos Marielle Franco cair no esquecimento, sabe? Acho que estamos conseguindo. Faz mais de dois anos que foi assassinada e ainda se fala nela, muita gente exigindo justiça. Agora, vamos fazer essa jornada, ‘Somos todas Marias, somos todas Marielles’. Tem financiamento internacional e até Judith Butler e Paul B. Preciado vêm!”, ela falava, empolgadíssima, com uma folha de papel só metade impressa na mão. Tanto café estava fazendo efeito, ela não parava de gesticular, de se mexer no sofá, e eu já morrendo de sono depois de uma noite inteira insone. “Como é tão curto, vou ler em voz alta pra você. Escrevi de uma sentada só, me dê sua opinião, depois deixo você dormir, tá? Se ainda quiser”, pediu ela, dando uma risadinha. Decidi ficar um tempinho mais acordada, afinal, minha curiosidade já estava desperta mesmo. Então, ela leu, solenemente em pé sobre o sofá:

“Entoei um dia uma canção em que o mundo do feminino era composto por trovadores. Em redondilhas, eles diziam que a nossa vida era loucura, era beleza, era candura, era volúpia, era tristeza e desamparo... Aos quatro ventos ia meu canto, mas então veio o sol, o mar, o sal, as ondas e as rochas duras, a realidade desfazendo as palavras e a melodia. Calei meu canto, me vi tão nua que me doía o passo do tempo. Que voz etérea! Que canto inútil! Olhei o mundo, me dei mil voltas e não parei de me procurar para encontrar a minha voz, a minha música e os meus versos para o meu canto. E não foi pouco o que eu vi. Vi meus cabelos amotinados, a minha cara tão perturbada e o meu peito tumultuoso, minha barriga tão agitada, os pés em ângulo e eu, parada. Um mundo aqui e um mundo lá, onde eu estava, mas não cabia. Fechei os olhos, olhei-me dentro, me fiz silêncio, passou o tempo, compus um canto, que agora é meu. E é um canto que não me engole, que não me esconde e que não me basta. Aí está: um canto forte

e primitivo que é minha alma em estado puro; tão pleno que é a medida da minha incompletude; fértil porque se fertiliza de outras vozes. É um canto de revolta, que me devolve a minha própria arte perdida em outras eras, em que eu sou íntegra, raiz e broto, fêmea de todas as idades em espiral cíclica. Eu me levanto com esse canto de sedição, sou a filha legítima de todas as bruxas, sou a xamã que conjura os elementos, a ialorixá dos muitos segredos, sacerdotisa no templo da vida. Tenho uma deusa dentro de mim e meu ventre é profundo e subversivo, poder que se constitui nos subterrâneos da terra, mãe generosa e terrível de todos os seres vivos e por nascer. Que as que são como eu se reconheçam e se revelem neste canto! Cantemos juntas, irmãs! Nós somos todas e somos unas: nós somos legião!”.

Maria Eugênia terminou de ler, baixou o papel e se sentou junto a mim. Ficamos as duas em silêncio. Lá fora, o dia amanhecia. Era curioso como, mesmo na paisagem urbana, essa pele tão ressecada da cidade, o levante do sol é sempre anunciado por um coro de passarinhos.

JOSIMEY COSTA é poeta, ensaísta e contista. Pós-doutora em Comunicação e Cultura. Professora do Departamento de Comunicação Social, docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN.

MARIVI

Manoel Osofre Jr

Marivi era uma das mais desajustadas solteironas de Serra Nova, naquele tempo em que as mulheres, que não casavam, mantinham-se virgens.

Nascida e criada na cidadezinha, ela vivera o clímax de sua mocidade longe dali, no Recife, para onde a levava uma velha senhora, sua tia-avó, a quem servia como enfermeira improvisada e dama de companhia. Marivi morria de amores por Recife. A trepidante vida da metrópole deslumbrava-a. “Não há no mundo lugar melhor para a gente viver” – dizia.

Nas horas vagas gostava de ler a coluna social do Jornal do Comércio, e alimentava secretos sonhos de grandeza. Frequentadora habitual dos cinemas da capital, era fã de Clark Gable, cujos retratos recortava da revista “Cinelândia” e colava-os num álbum. Não poucas vezes sonhou que se casava com o seu ídolo.

Um belo dia, a velha senhora morreu. Marivi ficou só. Que fazer, se não tinha em Recife ninguém que a amparasse? De volta a Serra Nova e aos seus familiares, tinha uma birra constante com as pessoas e coisas do lugar. Nunca se readaptou ao modesto meio de origem. Fazia pouco de tudo, inticava com todos.

A cidade dava-lhe o troco:

- Caritó metida a besta.

Viu Carlos, pela primeira vez, uma noite, quando passeava com amigas no jardim da Pracinha. Foi amor à primeira vista – não se cansava de dizer. Apaixonou-se perdidamente pelo moço bonito de olhos e cabelos negros, recém-chegado da capital, e que viera exercer o cargo de Promotor Público. Dr. Carlos – para desconsolo de Marivi – nunca sequer dignou-se premiá-la com um

único olhar, e terminou indo embora de Serra Nova, sem que a pobre ousasse aproximar-se dele.

Foi a derradeira veleidade sentimental. Daí em diante viveu da sua casa para a igreja matriz, “barata de sacristia”, no dizer impiedoso de Lucena. Todos, na cidade, estranhavam mais ainda o proceder da balzaquiana – sempre austera, trancada em si mesma, seca e hirta que nem uma vara de marmeleiro.

Ontem, tive notícia de sua morte. Caiu fulminada por um infarto, em plena matriz, diante do altar de Santo Antônio, quando lhe levava umas flores. Disseram-me que, na queda, a imagem do casamenteiro também despencou, espatifando-se; os cacos de gesso ficaram espalhados no piso frio a perturbar a paz do templo, enquanto não foram para a carroça do lixo.

MANOEL ONOFRE JR. É escritor e desembargador aposentado. Autor de “Chão dos Simples”, “O Caçador de Jandaíras”, “Ficcionistas Potigüares” e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e de outras instituições culturais.

JILÓ

José Delfino

Escolher a maneira de dizer o que se pensa é um risco calculado. Escrever , então , um artesanato complicado. Quando alguém me indaga se sou feliz , e isso acontece vez ou outra , invariavelmente digo que sim; pois não vem muito a propósito a gente se declarar infeliz. Não é mesmo ? Só depois é que sinto a agudez da minha colocação precipitada; da falta de hesitação em me expor tão abertamente assim. E logo vêm aquelas batidas de nós de dedos imaginários na parede do cérebro. Mas ,já que foi dito , seguro a barra. Sabe por que ? Porque sempre, e principalmente num fim de ano que procura sentido, é preciso estar atento ; ter um pouquinho de talento e sorte na procura do sentido real da felicidade. Ou seja , subtrair da vida um pouco mais do que o prazer, junto com o risco dela acabar de uma hora pra outra.

Na intimidade da maioria das situações cotidianas , principalmente a dois , a gradação do entendimento às vezes afoga num mar de suposições. Afinal , somos todos nós receptáculos de surpresas e segredos insondáveis. E a tal da caixinha de pandora que existe em cada um de nós , se abre às vezes sem volta. Intermitentes paroxismos de bondade,candura e afeto acontecem , como os que surgem e rapidamente desaparecem todos os fins de ano nas sociedades ditas cristãs . Eles ajuízam intenções para o novo ano que se aproxima e sempre variam. Afinal , é difícil saber avaliar com precisão o que vai na cabeça do outro .

Eis um exemplo sutil da tal dificuldade. Como foi a tua noite , amiga ? Um desastre. Ele chegou em casa. Jantou ligeirinho. Fizemos sexo uns dois minutos. Logo após, ele roncava. Ah!, a minha foi fantástica ! Ele chegou e me levou pra jantar. Voltamos a pé, de mãozinhas dadas.Em casa , transamos durante bem uma hora e após, conversamos mais ainda.

Como foi o teu dia ontem ,cara ? Perfeito. O jantar já estava na mesa . Dei uma rapidinha e dormi feito pedra. Pois o meu ,irmão, foi uma catástrofe. Cheguei em casa e estava faltando luz. Tive que levá-la pra jantar fora. Alisei. Faltou grana pro táxi de volta. Tivemos que voltar andando. Ela nem sacou o lance. Pelo menos, caminhar facilitou a minha digestão. Quando voltamos a luz ainda não havia voltado. Ela acendeu umas velas . Fiquei tão estressado que levei uma hora pra ficar no ponto de dar uma. E pra chegar nos finalmente, quase uma outra hora a mais, meu caro. Fiquei tão irritado. Tanto é que perdi o sono e tive que aguentar mais uma hora de papo furado, até ela adormecer.

Vejam vocês como é complicado. Apesar de tudo , tenho a impressão que ser feliz é nos contentarmos com nossas pequenas felicidades. Sempre com a esperança que elas se repitam. Independentemente das interpretações em contrário. Elas nunca estarão sob controle.

JOSÉ DELFINO DA SILVA NETO é escritor e médico. Professor da UFRN, é autor de diversos livros, dentre eles, “Almas Nuas” e “A Estação de Ana e Outras Estações”.

CRÔNICAS DA FLORESTA NEGRA 03

Antonio Nahud

“Fôra a Itália que o chamara – a Itália de que ele tinha sempre nostalgia – quando quis reacender no espírito a flama mística que se extinguia”

A REVOADA dos ANJOS (1926)

MANUEL RIBEIRO

(Albernoa, Beja, Portugal. 1878 - 1941)

Durante três meses, em 2005, viajei de trem e carona, sem pouso certo. Semanas na Alemanha, Itália e Áustria, principalmente na Floresta Negra germânica e na Toscana.

Escrevi o que vi, senti e imaginei, resultando no livro inédito CRÔNICAS da FLORESTA NEGRA. Terminei por perdê-lo. Recentemente encontrei uma cópia em uma velha pasta. Uma belíssima surpresa.

São seis crônicas, uma dezena de poemas e um único ensaio: “Investigação de um Poeta Acima de Qualquer Suspeita: Rilke no Castelo de Duíno”. Pretendo publicá-los.

Confira a terceira narrativa.

03

O CHAPÉU MÁGICO

Há nuvens de pequenos dragões num voo hipnotizante. Em questão de segundos transformam-se na solidão das florestas, em um punhado de pétalas de flores vaporosas, em tantas outras coi-

sas reais ou imaginárias. Está visto que perdi o juízo! Sob a Lua Cheia, faias enfileiradas brilham exaltando o jardim de Baco. Um morcêgo ronda a clareira, beirando cardos de cor violácea, espinhosos, surpreendidos pela claridade lunar. A brisa dengosa desliza nas folhas secas. Deve ser bem tarde, mas não sei que horas são, nem mesmo se o amanhecer se aproxima. Aqui nunca sei as horas exatas, não há relógios e não aprendi a calcular o tempo através da natureza. Agora só me resta ficar onde estou, deitado na barraca, respirando lentamente, refrescado pelo luar, acariciado pelas suaves brisas dos bosques, à espera do sono.

Do outro lado do recanto sombreado por árvores, presto atenção no australiano Michael, um ragazzo magro, de bom coração. Ele deixa de lado a leitura de “Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei” (1994), de Paulo Coelho, dedilhando acordes clássicos na viola. Percorre o mundo, solitário, tendo como meta conhecer a beleza, as idéias e a cultura de diversos países, preparando-se para um dia fundar a sua própria comunidade alternativa. Ao encontrá-lo ontem, à beira do córrego, caminhamos de mãos dadas pela Floresta. O ar estava impregnado de um perfume de alfazema e frutos silvestres. Subimos numa faia, lentamente, galho a galho. Do alto, suspiramos, fascinados pela imensidão das montanhas da Toscana.

Ouvia-se o som de um instrumento de percussão, com batidas indolentes. Michael pensou durante um bom tempo, olhou para o céu, depois para a copa das árvores e acompanhou o voo de uma ave de rapina, antes de inesperadamente dizer-me: “Quando o Sol brilha, ilumina o mundo inteiro, apesar da cegueira dos humanos”. Ri, sentindo um bem-estar especial, e tendo a convicção de que cada dia é único e ponto final. Nunca haverá uma outra vez. Dizia a mim mesmo que não podia ser real estar na Itália, na copa de uma árvore, meio bicho-preguiça, nu, em uma montanha de 1200 metros de altura, quase tocando o céu, ouvindo uma frase sentida. Seria um capricho da fantasia? Do arcano A Lua?

Cheguei recentemente de Florença, passando alguns dias aos pés do Davi (1504) de Michelangelo. Dentro de mim, a tensão desagradável do confronto direto com a multidão típica do verão europeu: as atrocidades do turismo, monótonos hotéis, cidades repletas de estrangeiros que não sabem o que fazem e por que o fazem. Por que tiram tantas fotografias? Ah, entendo, senhora, passou uma semana no Brasil, mas o que conheceu em um resort na Bahia? Não se interessou pelo comportamento dos nativos ou a visão de uma árvore, na selva, com bromélias floridas derramando nos galhos e frutos da cor do ouro?

Ocorreu-me que uma viagem é uma espécie de resumo da própria passagem pela vida. Qualquer uma delas deveria ser um prazer bastante profundo e pessoal, e assim resultaria satisfatória. Sacudindo o incômodo, vaguei por ruas de iluminação amarelada, feito desorientado bicho sobrenatural. O poder da arte e da história resplandecendo em cada prédio, esquina, monumento, praça, ponte, arcada, pátio. Desperto parte das noites, deixava Viale Michelangelo, onde dormia, andando sem pensar em nada de concreto, sem mapa ou direção, envolvido em uma solitária simpatia e compreensão por aquela cidade de magnífica personalidade. Os jardins do Palazzo Pitti, o Duomo, Piazzas Santo Spirito e Santa Croce, com jovens dispostos a vender erva. A bela igreja-panteão, que contém as cinzas de Dante, e as capelas Bardi e Peruzzi enriquecidas com pinturas de Giotto.

Vi a cidade nua, desértica, e eu caminhando por ela com os mesmos olhos emocionados da Isabel Archer de “O Retrato de uma Senhora / The Portrait of a Lady” (1881), idealizando a liberdade, a felicidade e o conhecimento da Itália (a idéia de felicidade da protagonista de Henry James é viajar numa carruagem, numa noite escura, por estradas desconhecidas). Florença é descuidada, suja, caótica, mas estar nela é se deixar tomar por um movimento invisível, subterrâneo, glacial. “Que é que se passa comigo?”, perguntei-me desolado. Nunca conversava, salvo uma vez ou outra por uma questão de delicadeza. Todavia, na última noite entre os

fantasmas de Dante, Sandro Boticelli e Hannibal Lecter, conheci dois jovens marroquinos que lá vivem: Rachid e Ahmed. Sentamos na murada beirando o Rio Arno, de costas para a Piazza Mentana, com a visão privilegiada da Ponte Vecchio. Fumamos cigarros, dividimos uma cerveja e conversamos longamente sobre futebol, mulheres e culinária. Depois de uma pausa inusitada, imposta pela passagem de um assustado grupo japonês, eu disse: “O Marrocos é uma beleza. Voltaria lá com prazer muitas outras vezes”. Eles sorriram, orgulhosos. Nada melhor do que um elogio sincero para quebrar as barreiras da desconfiança.

Agora à Floresta, tendo visto o que se passa à frente e atrás, posso avançar, fazer com conhecimento de causa o que é conveniente face às circunstâncias. Durante um momento infinito olho dentro da noite. O sono demora a chegar. De vez em quando a Lua surge entre as folhas das árvores, cada vez mais pequena, cada vez mais longe, cada vez mais surreal. Pensamos que a vida é um poço inesgotável, mas a morte não se deixa enganar e a caminho. Quantas vezes mais sentirei a força da paixão? Talvez duas ou três. Talvez nem tanto. E, no entanto, tudo parece interminável. E não é, tudo se acaba.

Coleciono na memória imagens miraculosas que nunca mais voltarei a ver: os bondosos amigos portugueses em volta da fogueira; um neo-zelandez de olhos azuis interpretando uma canção de Leonard Cohen; o sorriso singelo de Farina, mãe da telúrica Naima; a flauta mágica do francês de longas madeixas negras; o corpo escultural da holandesa Freda num contorcionismo absoluto; a delicadeza das irmãs Pety e Sabina; as cartas de tarot jogadas pelo italiano Fúlvio; a voz aveludada de Josephina; os chás vibrantes do argentino Nestor; o interessante diálogo com o veneziano Gabrielli em torno de “A Divina Comédia / La Divina Commedia” (1304), de Dante; os olhos apaixonados de Alicia; Garrit e sua guitarra; as carícias alucinantes de Patrick; a massagem infalível de Helga; a carne voluptuosa do andrógino ariano “Peninha” e de um moreno israelense que nunca soube o nome, e a infinitude de

um azul profundo. Todos esses milagres ajudaram-me a passar por uma transformação.

Analiso o mal que fiz ou causei, embrutecido e estúpido. O mal que na cegueira aprovei. Nas florestas, os pássaros, animais selvagens e árvores nunca dizem nada desagradável e vivem juntos de um modo harmônico. O próprio Rainbow tem como sustentáculo a antiga lenda indígena norte-americana dos Hopi. Fala de um futuro superpovoado, rios poluídos, florestas destruídas, animais em extinção e guerra por todos os lados. Nessa tragédia, viveriam seres resistentes ao caos: os Guerreiros do Arco-Íris. Poderia passar como argumento de história em quadrinhos com consciência social, mas é uma bela crença, ideal para o absurdo dos dias de hoje.

Os milagres, inacreditáveis, quiçá surrealistas, existem vez ou outra. Basta estar aberto às múltiplas interpretações, deixando-se levar por aventuras sem fim. Um toque n'alma da fascinante viagem de Alice, a menina curiosa falando com o sorridente Gato de Cheshire, o estressado Coelho de colete, a infeliz Tartaruga, Cartas de baralho, um Chapeleiro louco, Lagarta fumando pipa, Grifo etc. A minha porção Lewis Carroll prontifica-se para "Onde místicas memórias se entrelaçam / Como coroas de flores raras, que um peregrino / Colhesse em longínqua Terra Prometida!".

Depois de muitos anos, encontrei "Tex" ao lado de uma fogueira, edição número 538, "Colorado Belle". Uma agradável magia. Tenho-o como o gibi mais amado por meu Pai, ele comprava-o semanalmente. Deitado no velho sofá, acendia um cigarro e lia-o do início ao fim. Admirava o bravo rápido no gatilho, contos desenhados do gênero western, caravanas, tiroteios, desertos, cactos, saloons, mercenários, abutres, cidades fantasmas, batalhas, funerais e um herói de bom coração. O musculoso Tex Willer, prisioneiro dos Navajos, casa-se com a filha do chefe e, com a morte deste, torna-se senhor das Terras Altas e Baixas, destacando-se por sua valentia e senso de justiça.

Criado por Gianluigi Bonelli na Milão dos anos 50 e realiza-

do graficamente por Aurelio Galleppini, Tex atravessou fronteiras. Ao lado do leal pistoleiro, seu filho Kit Willer e dos amigos Kit Carson e Tigre Jack. Com pouca fortuna, Giuliano Gemma, mais conhecido por “O Dólar Furado / Un Dollaro Bucato” (1965), deu vida no cinema ao mito. A popularidade de Tex na Itália – a pátria de Sergio Leone, do western-spaghetti e das trilhas-sonoras de Ennio Morricone – continua intacta, dando origem inclusive a uma conhecida pizza com seu nome. Tem linguiça, queijo e espinafre como ingredientes. Uma boa combinação. Provei mais de uma vez com um apetite feroz.

A doce canção é silenciada. Ciao, Tex! Buona notte, Michael! Uma estrela cadente corta o céu. Fecho a barraca e, logo a seguir, o saco-cama, sussurrando um dos hits do Rainbow italiano: “Magico, magico / Il capello è magico / Se non hai un soldo, donaci l’amore”. A Itália e o Amor. Que gente apaixonada e apaixonante! Nem mesmo a sombra fascista do bufo primeiro-ministro Silvio Berlusconi consegue abatê-los. De súbito, compreendo que fui presenteado com um chapéu mágico. Dele vem luz e sombra; as longas e proveitosas horas em silêncio diante do Sol e da Lua; o fortalecimento emocional na figura de Leonardo, na música de Giuseppe Verdi, nos bosques da Toscana ou nos aspectos mais verdadeiros, mais profundos de qualquer lugar. Por muito que envelheça, que fique fatigado e por vezes sem esperança, não deixarei de lado a alegria de viajar. Que aventura! Que Verão! Que Terra boa! Ouço nitidamente a voz da Lua.

Floresta Abetone, Toscana, Itália

agosto de 2005

ANTONIO NAHUD é jornalista e escritor. Autor

POEMAS



NOTURNO DAS ROCAS*

Nei Leandro de Castro

A Homero Homem

A alquimia da noite une
o rio as ruas o mar.
Levanta muros no rio
enche de peixes a areia
constrói pontes sobre o mar.

Acesas luzes de exílio
nos postes equilibrados
e pelas águas de sombra
brilham luzes de afogados.
Um barco apodrece o tempo
adormecido no rio
e a solidão desse barco
não a percebe o vazio
das coisas que continuam
além do mar ruas rio.
O naufrago e o seu desejo
vai (navega) pela rua.
Risca de verdes e da
côr de sol se pondo a sua
jangada. A vela , ele faz
do linho branco da lua.

Um sino rompe de súbito
sua condição de bronze
e prolonga-se pelo ar.
A liturgia da noite
une rio ruas mar.

*Poema transcrito da revista *Leitura*, Rio de Janeiro, 1960.

VOCATIONIS ITINERARUM

Diogenes da Cunha Lima

CAMINHANDO

O homem chega às margens do mar,
O homem chega à margem do mangue,
O homem chega à margem do rio,
O homem chega à margem do charco.
O homem chega à margem do Espaço.
O homem chega à margem do caos

CAMINHANDO

DOIS SONETOS DE JARBAS MARTINS

I

À musa Anne Guimarães Vinther

Flor indulgente – um pássaro, suas penas...
Pontuou o seu canto como não
fosse ele sua nobre servidão
-só de passagem pela vida apenas.

Como se fosse suave cantochão
ou um rascunho leve por demais.
Um fio que se tece em solidão,
quintais de meus sertões do nunca mais.

Um galo a enredar-se em outro galo,
entretidos até em desconsertos
com pássaros distantes mais que antigos.

Que esquecem a cor gris, a dor, seu halo,
a solidão. Quartetos e tercetos
abraçados em estrofes. Tão amigos...

II

A Vídia, amiga, onde estiver.

Feroz beleza que me assalta a hora
empoderada estridência acesa
que a fez num instante sua presa.
Como se fora ela o ontem e o agora.
Desfolhando de Nietzsche sua flora,
Vídia a desfolhou como a surpresa

Da heroína que zela, espera e reza
e o que em sua vida segue embora

Raio da lua, clara testemunha
a clarear no chão a sua unha
indicadora maior da esperança.

Nietzsche a falar de um Deus que dança.
De Vídia não esquecer o breve ensejo
em que tão puro lhe roubei um beijo.

JARBAS MARTINS é poeta, escritor e professor aposentado da UFRN. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de “Contracanto” e outros livros.

O PIANO

Elder Heronildes

(Khatia Buniatishvili)

Não é nome de deusa.

Poderia ser, mas não é.

Poderia ir até mais além! E foi.

É, contudo, nome de uma pianista, incomparável.

Poderia ser de qualquer parte do planeta,

Mas é georgiana de nascença, e do mundo,

Graças ao piano, que se transforma com o toque

De seus dedos, num elemento imaginativo,

Chegando à magnificência do irreal sonoro;

Tocando, mesmo vendo-se de longe, parece um ente

Incomum e irreal, diferente de tudo, inclusive de nós.

Não simplesmente por ela, mas por suas mãos,

Pelos seus dedos mágicos, que decifram o teclado,

Fazendo dele um instrumento de suas mãos,

e um sublime encantamento,

Enlevando as alturas sua beleza interior,

Com notas que atingem as culminâncias,

Que se aprofundam, intensamente,

Indo muito distante do universal conhecido,

Mas voltando ao coração.

As teclas tocadas de leve pelos seus dedos,

com uma ligeireza incomum, sem comparação,

Parecendo até irreal;

São por eles absorvidas, penetrando profundamente a alma.

Emerge, dentro do encantamento sublimado pela arte,

A junção de elementos sobrenaturais.
A melodia toma uma dimensão diferente, sem similar,
Num crescendo de beleza indescritível.
A melodia parece nascer dos seus dedos.
Tornando inebriante aquele momento.
Era a sinfonia 1 de Tchaikovsky
O maestro condutor era Mehtas,
Fazendo com que a Israel Filarmonica
Ganhasse as alturas, iluminando o céu
Com seus acordes magníficos e divinais.

A pianista Khatia, ia muito além dos sons,
Em gestos, em mímicas graciosas e interpretativas,
Fazendo as feições, com singelas canduras,
absorverem o próprio tom musical, fazendo dela própria
o sentido maior daquela sinfonia.
Era um alumbramento que se espraiava,
Num crescendo maravilhoso,
Indo buscar nos corações a beleza trazida
Ao mundo por Tchaikovsky, através do arrebatamento
Dos dedos ágeis e movidos por cordas invisíveis
De Khatia, a georgiana, pianista sublime;
Que tornava a sensibilidade em sua natureza magnífica,
Num elemento condutor dos mais belos sentimentos,
Através de acordes sonoros, solenes e maviosos,
movendo-se no teclado com um deslumbrante encantamento,
transformando numa magia eloquente e viva,
o oculto no claro, extraindo do ar uma beleza
que somente a arte pode explicar; pois nascida dos dedos mágicos,
De uma simples pianista, que pela intensa sensibilidade,
Conseguiu que o mundo viesse admirar a sua grandeza,
extraindo das teclas do piano, suavemente,

uma beleza artística incomparável;
não só brilhando, mas trazendo luz; transformando a melodia num
canto divinal.
Só o dom de Deus permite que alguém possa ir tão longe
Em beleza sonora e em arte melódica como Khatia,
a pianista georgiana.
Tudo isso eu senti de longe;
como que seria se perto estivesse...
parecia um sonho feericamente iluminado
pela beleza e encantamento de uma jovem pianista,
tão bela quanto a música que dos seus dedos
ganhava as alturas, fazendo do finito o infinito
em grandeza abstrata.

HELDER HERONILDES é poeta, escritor e advogado. Ex-reitor da UERN, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e atual presidente da Academia Mossoroense de Letras (AMOL).

TRÊS POEMAS DE PABLO CAPRISTANO

todo mundo sente alguma dor

no nervo
na coluna
no dente

todo mundo sente
(uma vez na vida)
a dor de abreviar
o tempo da mente

quem não tem dor
está dormente
inerte
sem leme

essa dor
ninguém consegue me tirar
ela é meu mais estranho guia
e meu melhor presente

manter-se na superfície
manter-se sobre a linha que divide o céu do mar
nunca afundar
nunca mergulhar no mais profundo
pois a flor do mais profundo
tem o cheiro das delícias de qualquer lugar.

a estrada
dança com estrelas
no horizonte

um ir e vir
um retornar
um fugir

o tempo
do que não pode ser
me assombra

queria ser dois
uma vida só
não cabe em mim.

PABLO CAPISTRANO é poeta, professor, escritor e filósofo.. Doutor em literatura pela UFRN. Autor de “Simples filosofia: a história da filosofia em 47 crônicas de jornal”, “Pequenas catástrofes” e vários outros livros.

NECROLÓGICO



Murillo da Cunha Mello Filho

[Murilo Melo Filho]

(Cadeira 19, ANRL. Cadeira 20, ABL)

Nascimento: 13 de outubro de 1928 (Natal/RN)

Falecimento: 27 de maio de 2020 (Rio de Janeiro/RJ)

– Saudação *in memoriam* na ANRL –

(por Lívio Oliveira, Cadeira 15)

Senhor Presidente, Professor Diógenes da Cunha Lima, a quem agradeço pelo honroso convite, que contém, por si, difícil e nobre missão,

Senhoras e Senhores Membros da Academia Norte-rio-grandense de Letras,

Senhoras e Senhores Membros do Conselho de Cultura do Rio Grande do Norte, através dos quais saúdo todas as instituições culturais do nosso Estado e agradeço pela adesão ao presente evento,

Demais autoridades políticas, religiosas, militares,

Senhoras e Senhores familiares e amigos do homenageado,

Senhoras e Senhores presentes a esta solenidade de saudade e de homenagem,

Na explicação que o saudoso Acadêmico Murilo Melo Filho apresenta no seu livro “Os Senhores da Palavra: Academia Brasileira de Letras humanas e bem-humoradas”, que publicou pela editora Topbooks, do Rio de Janeiro, no ano de 2014, o grande jornalista e escritor que nos deixou no dia 27 de maio deste doloroso ano de 2020, afirmava-nos:

“Os rituais da Academia Brasileira de Letras, pouco a pouco, estão sendo aliviados e até suprimidos, como, por exemplo, as visitas dos candidatos aos acadêmicos para pedir-lhes o voto e que até há pouco tempo eram obrigatórias.

As dificuldades de locomoção, o trânsito engarrafado, a pressa do dia a dia, outros deveres e compromissos mais compulsórios, tudo enfim está contribuindo para que as visitas sejam substituídas por cartas, e-mails ou telefonemas.”

Certamente, quando escreveu isso, nos idos de 2014, nesse livro que dedicou à esposa, Dona Norma Viana Melo; aos filhos, Nelson, Fátima e Sérgio; aos netos, Bernardo, Janaína e Gabriela; nem a perspicácia que, também o caracterizava, permitiria que ele viesse a profetizar uma realidade verdadeiramente distópica como a atual, em que, além de todas os fatores ocasionadores de um certo déficit de comunicabilidade e interpessoalidade descritos no seu livro, estivéssemos em meio a uma pandemia, fator que, por si só, dificulta a presença física de muitos outros admiradores do icônico Murilo Melo Filho a este evento.

Mesmo assim, adianta não acreditar que Murilo Melo Filho se dispusesse a cultivar aqui um tom de melancolia e dor. Saudades e amor serão certamente substitutas naturais dessas anteriores duas palavras.

Saudades da presença física de Murilo entre os natalenses, quando participava aqui de eventos literários, ou quando vinha comemorar a sua data natalícia (13 de outubro), que, não por coincidência, mas por sábia sugestão da nossa Secretária-Geral, Leide Câmara, e encampada pelo nosso Presidente Diógenes da Cunha Lima, foi o dia que escolhemos juntos para esta homenagem.

Saudades, sim. Amor, também. Muito amor que Murilo Melo Filho destinou aos seus familiares e amigos; o amor que Murilo Melo Filho dedicou ao jornalismo, nos jornais impressos e revistas, também na televisão brasileira (faço aqui uma ligeira pausa e aproveito este ensejo para homenagear o jornal potiguar Tribuna do Norte, pelos seus 70 anos, que teriam aqui comemoração, que foi impedida pela pandemia, bem como a todos os jornalistas desta Casa de Letras, aos quais certamente caberia melhor a dimensão, a magnitude deste tributo que humildemente prestamos).

E ainda, o amor grandioso que Murilo Melo Filho dedicou à literatura; enfim, o amor que Murilo Melo Filho dedicou à palavra, que é o fator maior de mobilização humana.

Para trazer algum brilho a esta minha modesta oração, leio agora os seguintes depoimentos, que pedi e recebi, tendo contado com a enorme generosidade de dois confrades e amigos de Murilo na Academia Brasileira de Letras.

Antônio Torres, o atual Primeiro-Secretário da ABL, ali ocupante da Cadeira nº 23, e que, de tanto querer bem, tratava o nosso homenageado carinhosamente como “Murilinho”, enviou-me texto que havia escrito por ocasião da passagem para os céus de Murilo Melo Filho.

O texto é o que agora retransmito, com o devido registro histórico neste discurso, aos confrades da nossa querida Academia Norte-rio-grandense de Letras, aos familiares e amigos, às senhoras, aos senhores:

“Prezado Lívio,
Segue o texto sobre o saudoso Murilinho.
Abraço.
Antônio.”

Eis o belo trecho:

“Relendo Murilo, que soube ler o seu tempo

(Antônio Torres)

O sinal terrível do nosso tempo é a ausência de grandeza. Todos se recusam a ser grandes. Não quero, porém, que meu país seja um mendigo ingrato, uma coisa insignificante, ou a pátria dos recalçados e dos raivosos, mas uma nação positiva e criadora, amante do seu grande destino.

Assim está escrito à página 63 de um livro de Murilo Melo Filho intitulado *Tempo Diferente*, publicado pela editora Topbooks em coedição com a Academia Brasileira de Letras, e no qual ele traça um painel admirável de escritores, líderes políticos e jornalistas que deixaram os seus nomes na história do país, entre eles o autor das linhas em epígrafe – o hoje quase esquecido Augusto Frederico Schmidt –, que não foram pinçadas ao acaso, mas pela sua notória atualidade.

Neste livro, relido agora, reencontro tanto o Murilo repórter, acadêmico, memorialista, biógrafo e crítico literário, quanto o sujeito cordial, sempre afável, de quem guardo esta dedicatória, de 8 de setembro de 2005:

“Deixo aqui este *Tempo Diferente*, tão diverso dos tempos atuais, de corrupção, ‘mensalões’ e tantos escândalos, com o abraço carinhoso deste amigo que muito se orgulha de ser seu conterrâneo”.

Naturalmente a nossa conterraneidade enraizava-se em um chão nordestino que tornava o seu Rio Grande do Norte e a minha Bahia um território afetivo indivisível, a nos fazer patrícios, ao mesmo tempo, do grapiúna Jorge Amado e do potiguar Café Filho, dois dos tipos inesquecíveis da galeria pintada por Murilo.

Em cores vivas, ele descreve Natal – onde nasceu aquele que sem ter concluído o curso primário veio a substituir Getúlio Vargas na presidência da República – como a cidade em que a divisão social atingia até os peixes: de um lado, os raros e caros xaréus; do outro, os abundantes e baratos cangulos. Não faltou empatia a Murilo Melo filho em relação aos apertos vividos pelo canguleiro João Café Filho antes, durante e depois de ter presidido o país

por um ano e poucos meses, até morrer “com humildade e discrição”.

Louvido das orelhas à contracapa pelos acadêmicos Arnaldo Niskier, Tarcísio Padilha e Cândido Mendes, *Tempo Diferente* reúne pequenas histórias de figuras importantes em diversas áreas.

(...)

Saudades eternas, querido Murilo.”

Antonio Carlos Secchin, da Cadeira nº 19 da Academia Brasileira de Letras, reenviou-nos a mesma mensagem que enviou à Academia Carioca de Letras, onde era também confrade de Murilo:

“A palavra mais adequada que me ocorre para caracterizar Murilo Melo Filho é “generosidade”. Era figura assídua nas sessões semanais da ABL. Fragilizado pela doença, ainda assim fazia questão de comparecer à Academia, no limite de suas forças. Nunca o ouvi elevar a voz ou tecer comentário deselegante sobre quem quer que fosse. Ao contrário, esmerava-se, com entusiasmo, em pedir a palavra para comentar as recentes publicações dos confrades. Cabe a nós, agora, *in memoriam*, manifestarmos gratidão e saudade a Murilo Melo Filho.”

Tanto quanto o seu Patrono na nossa Academia Norte-riograndense de Letras, o poeta Ferreira Itajubá – que em versos realizou viagens imaginárias – Murilo Melo Filho cultivou o exílio,

mas o exílio real, em que se dedicou fortemente ao trabalho, sua luta sagrada, sua grande paixão, sempre saudoso da sua terra.

Vale ilustrar o presente momento com o poema de Ferreira Itajubá, *Terra Mater*, o que certamente condiz com as saudades que Murilo pranteou no Rio de Janeiro, fora de sua terra de nascimento:

TERRA MATER

(Ferreira Itajubá)

Natal é um vale branco entre coqueiros:
Logo que desce a luz das alvoradas,
Vão barra a fora as velas das jangadas,
Cessam no rio as trovas dos barqueiros:

E à tarde, quando os rudes jangadeiros
Voltam da pesca às praias alongadas,
Começa à sombra fresca das latadas,
— A palestra amorosa dos solteiros.

Quantas belezas mil Natal encerra!
Deu-lhe a natura um mar esmeraldino,
Despiu-lhe o morro, aveludou-lhe a serra.

Terra de minha mãe, bendita sejas,
Orvalhada do pranto cristalino
Da saudade das moças sertanejas!

Percebam, minhas senhoras, meus senhores, nas duas passagens que se seguem, se a assertiva contida acima é ou não é verdadeira!

Em entrevista que lhe fiz, no ano de 2008, já por via eletrônica de e-mail, o homenageado me falou sobre a sua partida para o Rio de Janeiro, ainda na juventude:

“– Aos 12 anos de idade, ainda de calças curtas, entrei pela primeira vez na redação de um jornal “O Diário”, aqui em Natal, editado na Rua Frei Miguelinho. Aos 18 anos, fui para o Rio de Janeiro. Eu era então mais um personagem no extenso fabulário da minha geração de jovens nordestinos nômades, que fugiam de suas terras secas aqui no Nordeste para irem batalhar por um lugar ao sol, na selva das grandes cidades.

Hoje em dia, quando vejo a perplexidade e a indecisão de tantas pessoas sem saberem ao certo o que querem e para onde vão, eu me pergunto a mim mesmo o que se passava na cabeça daquele rapaz de Natal, que, menino ainda, e já naquele tempo, decidira ser jornalista no Rio de Janeiro.

Lá me ofereci em todos os 32 jornais diários que então ali se editavam. Nenhum quis nem sequer fazer uma experiência para ver se eu prestava ou não. Comi então o pão que o diabo amassou. Não gosto nem de me lembrar. O único que concordou em me dar uma chance foi o “Correio da Noite”, um jornal da Arquidiocese, na sua seção policial. Sucederam-se depois a “Tribuna da Imprensa”, o “Estado de São Paulo”, a Revista e a TV “Manchete”,

dezenas de viagens à Europa, aos Estados Unidos, quatro à Ásia e três à África.”

Ao indagar sobre **qual sentimento Murilo nutria, naquela ocasião da entrevista eletrônica, pelo seu lugar de nascimento, o Rio Grande do Norte**, o nosso querido e muito saudoso homenageado (que estaria completando 92 anos de idade exatamente nesta data) respondeu:

“– Um sentimento de profunda saudade dos tempos da minha infância na Rua Apody, onde, em 1938, fomos praticamente os pioneiros, com a Igreja de Santa Teresinha na frente e o Seminário de São Pedro ao fundo; saudades das peladas com bola de meia nos campos de areia e capim, com Marcelo Carvalho, Renato e Humberto Magalhães; saudades do bonde ronceiro; das regatas no Potengi, com Marito, Sólon e Alvamar; das bailes no Aero-Clube, com Boquinha, Carlos e Antônio Lamas; do papo no Grande Ponto, com Mussolini, Nei e Mozart; dos corsos no Carnaval, com Zé Herôncio, Zé Areias e o Dr. Bacorinha; das conversas na Cova da Onça e no Café Globo, com João Câmara, Aristófanes, Manezinho, Antônio Justino e João Bianor; dos acordos políticos no Grande Hotel, com Teodorico, Dinarte, Djalma e Jessé; dos espetáculos no Teatro Carlos Gomes, com Sandoval Wanderley, Carlos Siqueira, Meira Pires e Alcides Cicco; da boemia na Confeitaria Delícia, com Cascudo, Garcia e Roberto Freire; das madrugadas em “A

República”, com Waldemar Araújo, Luiz Maranhão e Rivaldo Pinheiro; das noites em “O Diário”, com Djalma Maranhão, Aderbal de França e Rui Paiva; dos encontros na Farmácia Natal, com Cloro Marques, Dr. Aldo e Duó; das aulas no Atheneu, com Vêscio, Cônego Monte, Edgar Barbosa, Gentil Ferreira, Celestino Pimentel, Clementino Câmara e Chammirranha; dos julgamentos no Tribunal do Júri, com Manoel Varela, João Medeiros e Claudionor.

Aqui em Natal, ficaram as minhas raízes, as minhas origens, a minha família: pai e mãe, tios e tias, irmãos e irmãs, primos e primas, sobrinhos e sobrinhas, pessoas muito queridas ao meu coração, das quais até hoje sinto muita falta e saudades imensas.

Saudades de um tempo inesquecível, que infelizmente não volta mais.”

No espaço virtual da Academia Carioca de Letras há uma farta homenagem a Murilo, a partir de vários textos. Dentre eles, destaquei o seguinte trecho, de **Cícero Sandroni** (Cadeira 13 naquela Academia; Cadeira 6, na ABL):

“Murilo Melo Filho presenciou nas ruas de Natal, cidade onde nascera, um momento decisivo para a História do Brasil: a reunião do presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt com Getú-

lio Vargas, durante a qual ficou acertada a cessão de bases militares americanas no Rio Grande do Norte. A Conferência do Potengi, por ter sido realizada às margens do rio Potengi, foi um lance estratégico fundamental para os aliados, cujos aviões, ainda sem capacidade transatlântica, encontravam um ponto de escala no nordeste do Brasil para alcançar o litoral africano já ocupado por ingleses e americanos e daí para Europa. Esta foi a primeira vez que Murilo viu a história passando diante dos seus olhos, e ele correu ao Diário de Natal para colaborar com informações para a reportagem que seria escrita pelos veteranos da redação. Tomou gosto pela profissão, e do Diário veio para o Rio e aqui prosseguiu na carreira no Correio da Noite. Carreira que deste jornal, hoje extinto, o levou aos quatro cantos do mundo, da visita do presidente João Goulart ao presidente Kennedy em Washington à guerra no Camboja e a entrevistas com meia centena de líderes mundiais. Lista extensa, que ocupou quase uma página do discurso com que o acadêmico Arnaldo Niskier o saudou, ao recebê-lo na Academia Brasileira de Letras. Lamentamos hoje a perda de um jornalista com quem convivi, eu então estagiário, na Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda, mais tarde na Manchete, de Adolfo Bloch. Murilo foi um autodidata. Na segunda metade da década dos anos 50 do século passado, quando as redações dos jornais do Rio

adotavam o estilo do jornalismo direto, sem o “nariz de cera” ele já escrevia na Manchete duas páginas sobre política isenta da gordura do adjetivo, da subliteratura, do fraseado comuns em jornalistas que se julgavam escritores. Foi um excelente colega, católico caridoso e profissional que jamais aderiu ao poder, político ou econômico. Me precedeu na Academia Brasileira, e tive a honra de receber seu voto, quando fui eleito; dirigiu a biblioteca Rodolfo Garcia e contribuía, nas reuniões, com textos sobre literatura no seu estilo, direto, mas informativo. Com sua falta, perde o Brasil perde o jornalismo, perde a Academia Brasileira de Letras, a Academia Carioca de Letras, o Pen Clube e a Associação Brasileira de Imprensa, onde esteve sempre na barricada da luta contra a censura e pelo estado de direito. Fica a nossa saudade”.

E eu acrescento, *last but not least*: **Perde, perde muito, a Academia Norte-rio-grandense de Letras** e todas as instituições de Cultura do nosso Estado!

Esta entidade, especialmente, Murilo a amou e a respeitou, saudado no seu ingresso pelo elegante Alvamar Furtado – sob a Presidência de Diógenes da Cunha Lima (conforme descrito nas anotações à página 350 do livro “Memória Acadêmica”, de autoria da nossa Leide Câmara, Secretária-Geral da Academia). A sua posse se deu no **dia 17 de fevereiro de 1993**, no nosso belo Teatro Alberto Maranhão. A data não ficou muito distante da sua eleição, que ocorrera em 05 de agosto de 1992.

Portanto, quero destacar, Murilo foi antes integrante da nossa querida e histórica instituição potiguar e depois buscou e obteve merecidos lugares em outras grandes e dignas (*como esta é! Afirmo e reafirmo!*) *casas de Cultura pelo país afora, acolhido e festejado que foi em todas elas.*

E Murilo não esqueceu da nossa Casa no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, saudado por Arnaldo Niskier, em 07 de junho de 1999. Está registrado no discurso de Murilo:

“Certa noite, lá em Natal, quando eu me encaminhava para tomar posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras, da qual sou também, com muito orgulho, membro titular, seu presidente, o Acadêmico Diógenes da Cunha Lima, e seu vice-presidente, o Acadêmico Paulo Macedo, bateram carinhosamente no meu ombro e disseram o seguinte: ‘– Vá, Murilo, vá colher os frutos do que você semeou durante todos esses anos.’”

Saliento que a mesma afirmação, sempre elevando a nossa querida Academia Norte-rio-grandense de Letras, Murilo já a havia feito em sua posse no *Pen Club do Brasil*, em 1994.

Murilo Melo Filho era de uma humanidade colossal, daí o conforto e o prazer de o homenagearmos neste momento. Murilo era um homem de grande estatura moral e intelectual, mas que mantinha a simplicidade, o bom humor e o altruísmo intactos. Murilo não permitia, jamais, em si próprio, ego inflado ou empáfia sem freio e controle.

Murilo era ainda um homem de coragem e grande paixão pelo nosso país, um desenvolvimentista, **sem extremismos equivocados**, conforme se depreende do que escreveu no prólogo do seu “*O Progresso Brasileiro*”, obra publicada pela Biblioteca do Exército em 1974 (págs. 20/21):

“Nosso desenvolvimento é também muito especial, porque não tenciona inventar coisa alguma. Seus responsáveis sabem que neste terreno nada existe de novo sobre a face da Terra. Cuidaram então de aplicar remédios simples, terapêutica adequada, soluções funcionais e adaptações sensatas.

Não temos a ilusão de achar que já somos fabulosos, grandiosos, absolutos, completos e acabados.

Pelo contrário. Temos sido suficientemente lúcidos para não alimentarmos os sonhos de megalomania. Nosso realismo impõe-nos uma política de pé no chão e cabeça no lugar.

Possuímos bastante humildade, autocrítica e bom senso para não sermos arrastados a afirmações mirabolantes. Comemoramos a vitória de cada etapa, mas advertindo sempre que ela ainda é modesta em relação às vitórias que teremos de conquistar cada mês.

A consciência de que não estamos em delírio ou sonhando é fator de equilíbrio psicológico e de ordenação mental, que nos poupa ao exagero dos arroubos e das patriotas.”

Passo às conclusões, Senhoras e Senhores. E concluo com palavras e autores que se encontram acima de qualquer suspeita.

No prefácio a um dos livros já acima citados, “*Os Senhores da Palavra: Academia Brasileira de Letras humanas e bem-humoradas*”, o grande Ivan Junqueira, também mais um confrade-contemporâneo de Murilo Melo Filho na Academia Brasileira de Letras, traz, ao meu ver, boa síntese do presente momento:

“Como nos alerta Murilo Melo Filho, muitas das práticas e dos rituais acadêmicos já desapareceram, tragados pela azáfama dos dias que hoje vivemos, como, entre outras, as visitas protocolares que os candidatos faziam aos acadêmicos no afã de lhes arrancar o voto. Escassearam também as cartas endereçadas aos imortais, que agora são atormentados pelo e-mail. E o enxoval das posses foi reduzido a um mínimo de solenidade. Mas ficaram essas estórias e episódios, como a nos lembrar que nem sempre as coisas devem ser narradas com a ‘tinta da melancolia’, e sim com a ‘pena do humor’”.

O Presidente da Academia, Marco Lucchesi, entabulou, por ocasião do falecimento de Murilo, as palavras mais certas:

“Murilo Melo Filho foi um dos grandes jornalistas brasileiros da segunda metade do século XX. Acompanhou de perto a política nacional, a construção de Brasília e a guerra do Vietnã. Conheceu inúmeros chefes de Estado, a quem dedicou páginas antológicas, dos mais variados espectros políticos. Foi também um acadêmico

exemplar, assíduo, com a disposição de emprestar seu talento aos mais diversos cargos e serviços na Academia. Guardo a imagem de um homem bom, de uma alta sensibilidade humana, voltada sobretudo para os mais vulneráveis e desprovidos. Um momento de tristeza.”.

Eu não podia deixar de fora a fala do seu grande amigo, que o saudou nas posses da ABL e do Pen Club do Brasil, o Acadêmico Arnaldo Niskier, Cadeira nº 18 da ABL:

“Murilo sempre foi aquele homem de caráter primoroso, amigo de seus amigos. Chamava aqueles que trabalhavam com eles de “coleguinhas”, e assim ele era correspondido, sempre com muita admiração e sempre com muito carinho. Ele entrou para a Academia Brasileira de Letras na Cadeira nº20 e eu tive o privilégio de saudá-lo. Isso foi para mim uma das honras maiores da minha vida acadêmica. Murilo partiu, mas deixou uma obra extraordinária; na minha opinião foi o maior repórter político do Brasil durante todos os anos em que trabalhou ativamente na imprensa. Ele deixou um estilo cristalino, um estilo direto, formidável. Esse é o Murilo que nós saudamos.”.

Senhoras e senhores, certa vez, o nosso homenageado revelou, em depoimento à jornalista Maria Cláudia de Mesquita Bomfim, colhido no Petit Trianon da Academia Brasileira de Letras, que a sua maior qualidade era a GRATIDÃO. Por isso, caríssimos Senhoras e Senhores, siga os passos do mestre saudoso e expresse a minha gratidão pelos olhares e a audição atenciosa desta tarde que já ingressou na noite natalense, hoje mais silenciosa e vazia;

antes expressando, com a máxima convicção: **MURILO MELO FILHO vive e sempre viverá, em sua obra perene e elevada, em nossas memórias e corações!!!**

Natal/RN, prédio-sede da Academia Norte-rio-grandense de Letras, em 13 de outubro de 2020.

Lívio Alves Araújo de Oliveira

[Lívio Oliveira]

Cadeira nº 14 ANRL

ARTISTA DA CAPA

Flávio Freitas é um dos nomes mais prestigiosos no atual cenário das artes plásticas do Rio Grande do Norte. Nascido no Rio de Janeiro, em 1961, considera-se natalense por adoção. Desde 1982 atua como artista, sendo, principalmente, pintor. O seu ateliê está instalado no bairro histórico da Ribeira, Natal.

Para maiores informações sobre sua vida e obra, veja-se artigo de autoria do colecionador e estudioso de arte Manoel Onofre Neto, à página.... desta revista.

QUADRO DE ACADEMICOS

Cadeira	Patrono	Primeiro Ocupante	Sucessores
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano.
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado, Humberto Herme-negildo de Araújo.
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira, Daladier Pessoa Cunha Lima.
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves, Cassiano Arruda Câmara.
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral.
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas, Roberto Lima.
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra.
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto. Eulália Duarte Barros.
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negrinhos.

15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto, Lívio Oliveira.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade.
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho.
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho, Jarbas Martins.
21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Menezes, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Faustino.
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo.
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeraldo Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquiades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara.
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine, Carlos de Miranda Gomes.
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte, Woden Madruga.(eleito)
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.

37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes.
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	

